

<b>FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2</b>	
<b>Nome da Pasta</b>	BISCHOFÉ_101.5
<b>Autor/Instituição</b>	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
<b>Número de Documentos</b>	1
<b>Quantidade e tipo de documentação</b>	1 caderno que contém recortes de jornais, páginas e notas sobre Bispos no Brasil. Total de páginas: 106
<b>Dia/ Mês/Ano</b>	1986-1987
<b>Formato</b>	Ofício
<b>Resumo</b>	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira, entre os anos 1986-1987, sobre os Bispos no Brasil e a comunidade eclesial da Igreja Católica. Este conjunto documental também contempla algumas declarações sobre a Conferência Nacional de Bispos do Brasil.
<b>Palavras-Chave</b>	Igreja; Bispos; Brasil; Comunidade; Política.
<b>Notas explicativas</b>	A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU**  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



	Lista das páginas em língua estrangeira: 34, 35, 36, 37, 38, 75, 76 e 77.
--	---

Bibliothek

BISCHÖFFE

1986-87

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 101.5

Bibliothek

03 10 10

Bibliothek  
Institut für Brasilienkunde  
METTINGEN

CE

IM

## “Armai-vos uns contra os outros”

1-7-86 FII  
Brasil Central

Apesar da formação reconhecidamente conservadora, o arcebispo de Goiânia, d. Antonio Ribeiro de Oliveira, aprofundou-se na violência gerada pelos conflitos no campo, na última sexta-feira, durante o culto ecumênico de instalação do novo Tribunal de Justiça de Goiás. No sermão, ele afirmou que o evangelho está sendo interpretado ao inverso na região do “Bico do Papagaio”, onde a ordem passou a ser “armai-vos uns contra os outros”. Enfim, a reforma agrária já opera milagres no seio da própria Igreja, por culpa exclusiva da União Democrática Ruralista, que insiste em ocupar o papel de Judas, traindo a essência da proposta de assentamento de um milhão de famílias até o final do mandato do presidente José Sarney. A UDR, na verdade, prefere fazer injustiça com as próprias mãos, crendo que será bem-aventurada por ter sede de mais propriedades no mal distribuído reino de Deus. Com os pés na terra, mesmo de natureza especulativa e improdutiva, organiza-se entidades radicais como se forma consórcios para a aquisição de automóveis com 1.800 associados.

O governador Onofre Quinan denunciou — e não conseguiu provar, até agora — que os milhões arrecadados nos leilões de bois estariam sendo usados na compra de armas, quando se sabe que elas já existem em grande quantidade. Acredito até que o representante dos goianos tem exagerado em suas atribuições, pois este seria o papel de um parlamentar mais afoito e nunca de um chefe do Executivo. Aliás, o governo federal possui meios eficazes para detectar a existência de qualquer arsenal suspeito. Tanto é verdade que inventou a história do desarmamento apenas para desarmar os espíritos, uma vez que a operação teve efeito apenas psicológico. O dinheiro da UDR, pelo menos

parte dele, vai ser empregado na grande imprensa nacional, nos próximos dias, para lapidar a imagem do monstro que os jornais criaram. A primeira fase, segundo o falante Ronaldo Caiado, não vai atingir a mídia televisiva por uma questão de estratégia, ou seja, primeiro é preciso domar o boi para depois colocá-lo no curral. É o esforço claro de colocar raízes em todas as unidades da federação, para chegar ao esboço de um grande partido político, com base na elite rural. A direita sempre foi organizada, enquanto a esquerda nunca teve competência para se impor, justamente por lhe faltar experiência de poder.

Em Goiás, a UDR vai ter mais influência na sucessão estadual do que o Plano de Estabilização Econômica. O PMDB tenta tirar proveito da ação contrária à reforma agrária escudada na tendência da maioria da entidade pela candidatura de Mauro Borges, enquanto o PT canaliza os dividendos da canonização popular do padre Josimo Tavares. O PDC, por seu turno, faz ouvidos moucos para a acusação de que o candidato a vice-governador, o latifundiário Joaquim Quinta, esteja envolvido em confrontos pela posse da terra (a fazenda Pontal, de sua propriedade, foi desapropriada na semana passada), objetivando garantir respaldo do poder econômico para a eleição de constituintes. Nesta primeira quinzena de julho, a UDR realiza sua convenção apartidária para tomar partido na disputa. Tenho a certeza de que ela não vai ficar do lado do governador Onofre Quinan. Afinal, ele não foi excomungado pela Igreja dos pobres.

Ivan Mendonça

## Igreja quer apoiar re

Da Sucursal de Brasília

Em um discurso de oito laudas que demorou trinta minutos para ser lido, o cardeal-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela, 74, disse ontem que "a Igreja do Brasil está disposta a dar apoio ao plano de reforma agrária do governo do doutor José Sarney". Ao lado do ministro da Justiça, Paulo Brossard, 61, d. Avelar falou no Ministério da Justiça, durante a primeira reunião do grupo de trabalho encarregado de elaborar propostas para conter a violência no país.

Lendo passagens bíblicas que condenam a violência, d. Avelar disse que existem duas causas mais próximas da violência no Brasil, "o ano de eleições, envolvendo a perspectiva de assembléia constituinte e de novos

governadores e o projeto de reforma agrária do governo, colocado entre blocos de pressão discordantes entre si".

### Eleições e reforma

"Em tempo de eleição, os ânimos ficam exaltados" disse o cardeal, acrescentando que "o ambiente torna-se propício aos desentendimentos, aos conluios, à corrupção, aos ataques desabridos, às aleivosias. Temendo-se a perda do poder, tudo é lícito, tudo é permitido".

Em seguida, falando sobre a reforma agrária do governo, d. Avelar disse que a "destinação universal dos bens é uma tese bíblico-teológica e ético-social" e que "o direito legítimo da propriedade é de ordem natural e se coaduna com os mais elementares anseios da pessoa humana". Ele

## forma, diz d. Avelar

pediu uma reforma agrária "realista" e com uma ação governamental "prudente, segura e eficaz". Afirmando que deve-se dar prioridade para a aplicação da justiça quando ocorrerem crimes no campo, ele criticou a invasão de terras e a violência.

Em seguida, o primaz afirmou que "a Igreja do Brasil está empenhada em defender a causa dos pobres, em linha preferencial", fazendo ainda um apelo a todos os proprietários de terra para aceitarem a proposta de uma reforma agrária abrangente". Ele ressaltou que a "Igreja do Brasil admite, às vezes, que uma ou outra pessoa ou pequeno grupo de seu vasto rebanho, arrastado pela impaciência de esperar ou quase desiludidos pela insegurança do projeto, possam ter cometido alguma imprudência". Fi-

nalmente, dom Avelar disse que "a Igreja do Brasil adverte a todos que a simples pregação da paz sem a justiça poderia esclerosar as legítimas aspirações do Povo de Deus, em marcha pelos caminhos da História".

### "Muita objetividade"

Após a reunião do grupo de trabalho contra a violência, o cardeal-arcebispo de Salvador recomendou aos jornalistas: "Leiam (o discurso) com cuidado. Aqui tem muita coisa dita com suavidade, mas com muita objetividade". D. Avelar teve dificuldade para conseguir viajar, esperando até 1h de ontem no aeroporto de Salvador, sem conseguir lugar nos vãos. Ele embarcou às 10h30, chegando em Brasília às 13h. Sua presença na reunião estava programada para 8h30.



Dom Ivo Lorscheiter e dom Luciano, da CNBB: no comando da ofensiva dos bispos sobre os assuntos do Estado

Brasil

## O cerco da Igreja

*Incomodado com a crescente ingerência da cúpula dos bispos brasileiros nos assuntos de seu governo, Sarney vai queixar-se ao papa*

Quando o Boeing 707 da Presidência da República, um obsoleto quadricóptero que a Força Aérea Brasileira comprou da Varig há alguns meses, aterrisar no Aeroporto Leonardo da Vinci, em Roma, nesta terça-feira, o presidente José Sarney estará a um passo de concretizar um velho sonho de católico devoto: ver e conversar com o papa. Ao mesmo tempo Sarney estará transformando numa delicada missão política a mais simbólica e espiritualizada das viagens que um chefe de Estado católico, na Presidência de uma nação que conta o maior número de católicos do mundo, pode fazer ao exterior. O presidente pretende dizer a João Paulo II que está aborrecido com os constantes movimentos de intimidação que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o órgão de cúpula

da Igreja Católica brasileira, faz sobre o governo, pressionando-o a agir como ela quer em campos que vão da reforma agrária à Constituinte. Sarney dirá ainda que chama sua atenção, e o preocupa, não apenas a intromissão da Igreja em um número cada vez maior de organizações e atividades, mas também o movimento exatamente inverso — a infiltração de grupos políticos na Igreja, sobretudo o PT.

O presidente também gostaria de expor ao papa uma outra questão que o tem preocupado — a crescente politização do ensino religioso. Sarney tem conhecimento, da mesma forma que dezenas de milhares de pais brasileiros, de que nas escolas dirigidas por padres se faz, cada vez mais, uma pregação ideológica freqüentemente sectária. Um assunto, a reforma agrária, deverá, no

entanto, predominar sobre os demais. Na sua bagagem, o presidente leva um documento preparado com a ajuda do Serviço Nacional de Informações (SNI), do Ministério da Justiça e do Itamaraty, que dá a versão do governo para a violência que vem imperando nos conflitos de terra no país. Trata-se de um antídoto contra outro dossiê, levado há três semanas a Roma pelo secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida. O documento dos religiosos tem o título de Assassinatos no Campo. Não se sabe ainda a relação completa de assuntos que constarão da pauta de conversações entre Sarney e o papa. Mas ela poderá ser tão ampla e variada quanto está sendo a intervenção da Igreja nos assuntos do Estado no país. Os bispos têm posições e teses sobre quase tudo na vida brasileira — da lei dos

CEED

estrangeiros à questão indígena, do ensino privado à radiofonia —, e o governo entende que os limites do bom senso foram transpostos em algumas questões.

**SANTA INQUISIÇÃO** — Sarney, no momento, gere uma das maiores fronteiras de litígios entre a Igreja e um governo no Ocidente. Ele havia programado a viagem a Roma para setembro, mas decidiu antecipar o encontro para este início de mês no instante preciso em que a voltagem começa a ameaçar a capacidade do fusível que mantém estáveis as relações entre seu governo e a cúpula da Igreja. Recentemente o presidente da CNBB, dom Ivo Lorscheiter, que exerce o papel de consultor supremo da ofensiva da Igreja sobre os negócios do Estado e sobre a conduta dos cidadãos brasileiros, brindou Sarney com adjetivos tão duros quanto os que costumava empregar no combate que empreendeu contra o regime militar. Lorscheiter chegou, por exemplo, a acusar o presidente de reviver “o velho sistema fascista”. Com retórica própria mas inspirado por Sarney, o ministro da Justiça, Paulo Brossard, devolveu o ataque de maneira destemida — algo raro entre políticos brasileiros que se vêem às turras com o clero. “A CNBB está desempenhando um papel, em relação ao Estado e às pessoas, que era dotado pela Santa Inquisição”, disparou o ministro, na semana passada a um parlamentar. “Ela eleciona pessoas, separa-as entre boas e más e aplica rótulos a quem presta e quem não presta”, disse Brossard.

Há, naturalmente, o aspecto religioso da visita de Sarney, um homem que frequenta a Igreja, recebe os sacramentos, busca-se de imagens religiosas e em Nossa Senhora Aparecida como uma de suas devoções. Depois da conversa que terá com o papa em português, sem intérpretes ou testemunhas, o presidente assistirá a uma missa celebrada pelo Pontífice em sua capela privada.

Pelos planos em vigor na semana passada, o presidente brasileiro será tratado com distinção pelo papa. João Paulo II o receberá em audiência durante 1 hora — a 25 de janeiro do ano

passado, o presidente eleito Tancredo Neves permaneceu apenas 45 minutos na sala. A rainha Elizabeth, da Inglaterra, em 1980, teve 3 minutos a menos que Tancredo. E mesmo o presidente da Polônia, Henryk Jablonski, com quem o polonês João Paulo II tem um contencioso muito maior e mais explosivo a debater, mereceu somente 36 minutos de audiência. Assistir a uma missa em sua capela privada, constitui privilégio que

só esporadicamente é conferido a reis, príncipes e altos dignitários eclesiásticos. Além das recordações desses momentos, Sarney deverá armazenar saldos políticos proveitosos para seu governo.

“O papa não ficará insensível a um relato do presidente sobre a ingerência da Igreja”, interpreta um bispo conservador do Nordeste. “O problema, hoje em dia, é a existência de bispos que desejam não apenas patrocinar, mas ditar o ritmo e o modo de agir do governo.” Na outra ponta do espectro desenhado pela Igreja Católica no Brasil, se torce pelo contrário. “Se o presidente pretende ir ao papa para dobrar a CNBB, ele vai entrar pelo cano. Nas questões sociais e políticas em todo o mundo, o papa fecha sempre com o episcopado local”, acredita o sociólogo carioca Pedro Ribeiro de Oliveira, secretário executivo do Instituto de Estudos de Religião, órgão ligado aos bispos de esquerda. Com certeza não passa pela cabeça de Sarney a idéia de pedir ao papa uma intervenção vigorosa na CNBB. A questão, no entanto, vem se encaminhando para um ponto de atrito e é difícil imaginar que o problema se resolva sem alguma providência decidida a ser tomada por alguém. O fato de Sarney dirigir-se ao papa é sintomático, já que para um político com sua habilidade e cautela todos os caminhos levariam não a Roma, mas em primeiro lugar a uma tentativa de acerto com os bispos da CNBB. Pelo que se observa, é lícito supor que as pontes para esse entendimento estão no momento dinamitadas.

**SEM MARXISMO** — Faz parte dos planos de Sarney deixar Roma com um canal direto de conversa com o papa. Ao acertar sua viagem, por exemplo, o presidente atropelou a CNBB — dom Ivo e seus pares ficaram sabendo da peregrinação pelos jornais. Decididamente, Sarney queria evitar a participação da CNBB na elaboração do roteiro da viagem — desvinculando a cúpula da Igreja brasileira, assim, da iniciativa presidencial. O gesto do presidente, na verdade, está cheio de significados, e o primeiro deles é mostrar ao Vaticano que o Estado brasileiro não



Sarney em Aparecida: devoto, mas aborrecido com os bispos



O papa na Colômbia: Teologia da Libertação sem marxismo

tem querela com a religião, com os católicos ou mesmo com o clero — e sim com um grupo de indivíduos, embora numeroso, que no momento controla a conduta geral da Igreja no Brasil, interferindo na ordem constitucional do país e agredindo seguidamente o governo. "Sarney não é adversário da Igreja, mas de seus setores políticos", diz dom Boaventura Kloppenburg, bispo auxiliar de Salvador e opositor da cúpula da CNBB.

Na vizinha Colômbia, onde permaneceria em visita até 7 de julho, o papa fez declarações claras e dignas de aplauso, no entender de Sarney. Em três oportunidades João Paulo II reconheceu a validade da Teologia da Libertação, mas reafirmou que só a admite expurgada de seu conteúdo marxista. Da mesma forma, defendeu as reformas sociais, políticas e econômicas, mas recomen-



A CNBB de dom Hélder em 1952, no Rio: filantropia



A CNBB sob dom Ivo em Itaici: braço político

dou que sejam implementadas sem que se recorra à violência ou a métodos revolucionários. "A Teologia da Libertação deve desenvolver-se em sintonia e sem rupturas com a tradição teológica da Igreja e de acordo com sua doutrina social", disse João Paulo II em Bogotá.

**ASSUNTO TÉCNICO** — A pendência atual que divide governo e os bispos da cúpula da CNBB nada tem em comum com o fosso que, alguns anos atrás, separava a Igreja do

regime militar. A CNBB sabia bem o que fazer para resolver a principal distorção que ela própria apontava no governo: o desrespeito aos direitos humanos. Bastava, então, parar de torturar presos políticos, uma solução que os bispos teriam adotado caso amanechessem um dia encastelados no governo. No caso atual, a questão se torna mais complexa. Tome-se, por exemplo, a reforma agrária. A CNBB dá palpites sem parar sobre esse assunto, embora não se tenha conhecimento de que a entidade saiba como realizar uma correta divisão de terras, como entregar os pedaços às pessoas certas e, finalmente, como fazer para que essas pessoas, de posse do seu quinhão, tenham sucesso como pequenos empreendedores rurais. Ocorre que este é um assunto técnico, econômico e político, ao contrário da questão dos direitos humanos, aos quais se aplicam critérios éticos e morais na hora de fazê-los valer. A reforma agrária continua sendo fácil de fazer nas terras dos outros — e dessa máxima nem a CNBB escapa. O bispo de Guajará-Mirim, em Rondônia, Luís Gomes Arruda, por exemplo, está em luta contra a Funai, disputando uma área de 3 700 hectares de terra onde estão instalados, como posseiros, 300 índios. "Dá para entender?", pergunta o indigenista Apoena Meirelles, ex-presidente da Funai. "Os padres defendem a reforma agrária, mas não abrem mão desse pedaço de terra em favor dos índios."

"Temos de evitar esse clericalismo de a Igreja dizer uma palavra sobre tudo na sociedade", diz Kloppenburg. Sob a ética católica, é errado fomentar ou defender a invasão de terras. Por esses cânones, os bispos e padres devem consolar religiosamente um grande proprietário que teve sua terra invadida por meios violentos ou que recebeu por ela uma indenização vil. A mesma compaixão mereceria o posseiro que, depois de anos de trabalho, tornasse fértil um pedaço árido de terreno e estivesse ameaçado de expulsão por grileiros. "Mesmo que se sentisse na obrigação de produzir teses sobre todos os aspectos da vida nacional, a Igreja não se desobrigaria de cumprir suas finalidades mais primárias", diz dom Kloppenburg.

Como justificar, por exemplo, à luz do Evangelho, a recusa do bispo Patrício José Hanrahan, de Conceição do Araguaia, no

## Como a CNBB faz valer os seus interesses

■ **CENSURA** — A cúpula da CNBB lha vários caminhos quando decide rancar do governo a proibição de uma obra de arte. No episódio da censura ao filme *Je Vous Salue, Marie*, de Jean-Luc Godard, a tática foi o bate direto: os bispos foram ao Palácio do Planalto e pediram ao presidente Sarney a interdição da fita. Quando quiseram mudar o final da novela *que Santeiro* de modo a impedir que o padre Albano se casasse com Tereza, recorreram a um expediente duplo: bombardearam Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, com telefonemas e novamente fizeram ber ao Departamento de Censura deral de suas posições. Há uma terra arma, a mais utilizada e, talvez, mais eficiente: bispos e padres pedem aos fiéis, nas missas, que se manifestem. Periodicamente, o Palácio do Planalto, o Ministério da Justiça e a própria Censura são abarrotados pelo correio por toneladas de cartas, telegramas e telex de protesto. São mensagens contra determinados livros, filmes até comerciais de televisão. Com o comando é centralizado, as mensagens costumam ter o mesmo teor. Muitas vezes, por desinformação, remetentes enviam as próprias inscrições recebidas, inclusive o modelo de texto sugerido pelo padre ou bispo região.

■ **REFORMA AGRÁRIA** — Até a queda do ministro Nelson Ribeiro, um drinhado dos bispos, há pouco mais de um mês, o ministério que se pava da redistribuição de terras país era considerado um território influência da CNBB. O novo ministro, Dante de Oliveira, apesar de o seu rico currículo de militante da esquerda, já vem recebendo pressões dos bispos para acelerar o processo de desapropriações. O maior pecado da CNBB, nesse caso, é não fazer distinção entre invasões ilegais de propriedades, equivalentes no campo à de malfetores nas cidades, e a re-

graria, a legítima reorganização do mapa fundiário do país. Incentivando qualquer tipo de invasão, alguns religiosos acabam atrapalhando. Ao exigir do governo que acelere o processo a qualquer custo, fazem o

mesmo que o maquinista de um trem que acelera a locomotiva mesmo sabendo que os trilhos podem terminar num precipício. O ministro Dante de Oliveira, no caso, quer conduzir o comboio no ritmo e na direção que julgar acertados. Para ele, a palavra da Igreja não tem peso preponderante especial. "A CNBB pode opinar, mas a mesma forma que todas as entidades ligadas à sociedade podem opinar", diz Dante. "O que não pode é comandar o processo."

■ **LEI DOS ESTRANGEIROS** — A CNBB quer mudar as regras que regulam o entrada-e-sai das pessoas no país. Nesse capítulo, os bispos acusam o governo de retardar o processo de concessão de vistos aos missionários estrangeiros. Trata-se, de fato, de uma questão crucial para eles. Segundo um levantamento da CNBB, 10% do clero no Brasil é formado por estrangeiros. A entidade quer que o governo apresse a concessão de vistos não apenas dos religiosos que precisam entrar, como também dos que devem renová-los. Uma das razões da demora é a dificuldade de comprovação da formação religiosa dos candidatos, muito difícil no caso dos missionários leigos. A CNBB, então, pede uma alteração na lei que trata da matéria. Sugere que, em vez da comprovação documental, seja aceita uma simples declaração sua atestando a formação religiosa de missionários ordenados ou leigos. Enquanto o governo estuda o problema, os bispos atacam. No final de maio, a propósito da questão dos vistos, dom Ivo Lorscheiter sou dois pesados artigos para criticar o governo: "Totalitário fascista". Responde pelo primeiro filtro de entrada de estrangeiros no país, o Itamaraty informou, de 1981 a 1985, foram apresentados 706 pedidos de visto pela CNBB, apenas 97 dos quais negados num primeiro exame. Mesmo assim, o governo reconderou esse breque, autorizando a entrada de 71 dos vetados — ou seja, apenas

1,5% dos pedidos, no fim das contas, foi negado. O ministro Paulo Brossard, da Justiça, ofendido com as críticas de dom Ivo, deu o troco: "O visto é um ato discricionário do Estado, do qual ele não precisa dar explicação. Se eu pedir um visto a um país qualquer e não for atendido, não tenho a quem reclamar. Só posso me queixar ao bispo".

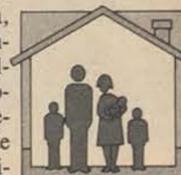
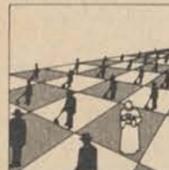
■ **CONSTITUINTE** — Se dependesse da CNBB, a Constituinte a ser convocada este ano seria uma assembléia bem diferente da planejada pelo governo. A Igreja considera fundamental que os constituintes sejam eleitos exclusivamente para redigir a Constituição. Pela fórmula posta em andamento na prática, ao eleger um constituinte os cidadãos lhe conferem também um cargo de deputado ou senador. Também briga com a concepção dos projetistas políticos do governo a tese da CNBB de que os eleitores devem privilegiar o nome do candidato e não a sigla a que ele pertence no instante de dar-lhe o voto. O governo acredita que o sistema que escolheu é melhor, pois fortalece os partidos e o sistema representativo. Entre as recomendações da CNBB para as eleições, expostas num documento dirigido a todo o clero do país, consta a de não confiar "em promessas e propósitos generosos de candidatos falsamente bem-intencionados". Só não esclarece como distinguir uns dos outros.

■ **RÁDIOS** — A lei brasileira estabelece que, além da União, Estados, territórios e municípios, das universidades e das fundações, só os partidos políticos e sociedades nacionais por ações nominativas ou por cotas podem executar serviços de radiodifusão. As pessoas jurídicas e os estrangeiros estão proibidos de ser sócios ou de participar de sociedade que se dedique a essa atividade. Como explicar que a Igreja, uma instituição na qual a lei reconhece personalidade jurídica, possua 124 emissoras de rádio, enquanto a União, através do Sistema Radiobrás, tenha apenas 81? Isso acontece porque bispos e padres, quando querem conseguir uma rádio, pressionam o governo em nome dos interesses da Igreja como um todo, mas na hora de se ha-

bilitarem nas concorrências abertas pelo Ministério das Comunicações formam sociedades de indivíduos, adaptadas às exigências legais. Graças a esse jogo de cintura, os religiosos católicos conseguiram formar sua gigantesca rede de radiodifusão do país, quando a legislação só permite que cada entidade possua no máximo três emissoras de ondas médias e três de ondas tropicais de alcance nacional.

■ **PLANEJAMENTO FAMILIAR** — O governo gostaria de incentivar o controle da natalidade, facilitando o acesso das pessoas aos anticoncepcionais. A Igreja bloqueia totalmente a idéia, na prática, e levanta-se contra qualquer ação do governo nesse terreno. Ela não admite o emprego de anticoncepcionais não naturais em todas as suas formas, das pílulas aos dispositivos intra-uterinos. O método admitido pela Igreja, por excelência, o Billings, é considerado inaplicável pelo governo devido à baixa taxa de segurança que oferece. A julgar pelo próprio casal Billings, que descobriu o método batizado com seu nome, o governo tem razão. Os Billings tiveram nove filhos.

■ **ESCOLAS CATÓLICAS** — Em maio passado, dom Ivo Lorscheiter e dom Luciano Mendes de Almeida foram ao Palácio do Planalto pedir a liberação de um crédito extra de 600 milhões de cruzados para as quinze instituições de ensino superior do país que são vinculadas à Igreja Católica. Essa quantia equivaleria a 30% de seus orçamentos para este ano. O governo atendeu apenas em parte à reivindicação. Segundo a ótica governamental, se as escolas católicas recebem ajuda federal, devem em contrapartida submeter seus currículos a um exame do Ministério da Educação, tão rigoroso quanto o utilizado na avaliação do leque de disciplinas das escolas federais. Os religiosos, porém, querem o dinheiro junto com um grau maior de liberdade na confecção dos seus currículos.





O convento dos franciscanos em Petrópolis: pilar da guinada à esquerda

Pará, uma região onde os padres recebem ameaças de morte por ajudar posseiros, de rezar uma missa para um capataz assassinado há cerca de um mês? Se já se arvoram em substituir o INCRA, a Funai e outros organismos leigos, os bispos que, como dom Hanrahan, adotam atitudes seletivas no campo religioso não apenas antecipam o dia do Juízo Final como se colocam na divina posição de árbitros do destino das almas.

**NAS TRINCHEIRAS** — É no Bico do Papagaio, na fronteira do Maranhão, Pará e Goiás, que tais contradições se aguçam de forma mais visível no tocante à reforma agrária. Desde que o padre Josimo Moraes, da cidade maranhense de Imperatriz, foi morto a tiros, há três meses, a mando de um vereador do PMDB, os fazendeiros foram

praticamente banidos dos cultos religiosos. Com a exceção conhecida do padre Estanislau Swiderski, da paróquia de Axiá, no norte de Goiás, que usa batina à moda antiga e cumpre à risca os rituais na celebração dos sacramentos, os padres da região negam-se a intermediar as preces e os pedidos que os donos de terra querem fazer a Deus. Em Xinguara, no Pará, por exemplo, o padre Ney Ribeiro, 45 anos, impediu o advogado Lazir Soares de Castro, 42 anos, de participar dos sacramentos.

“Fui cursilista e carola dos mais fanáticos”, espanta-se Castro, “mas agora estou proibido de rezar.” Padre Ney se justifica com a invocação das injustiças sociais que ocorrem na região e do clima de violência que domina o panorama local. “Os fazendeiros têm armas e as escondem muito bem.



A sede da CNBB, em Brasília: 4,4 milhões de cruzados para gastar

Aqui o capitalismo é cada vez mais escarante e a Justiça é ultravenal”, diz Ney, quem os fazendeiros acusam de ensinar os posseiros a cavar trincheiras para se defender em eventuais tiroteios. O padre deve marcar todas as providências que julgar necessárias para proteger seus paroquianos de todos de terra e fortuna. Não se entende, porém, que negue sacramentos a um inteiro de homens, como os fazendeiros por suspeitar de que eles carreguem intenções malévolas, quando nas penitenciárias até bandidos condenados podem ir à missa, se assim o desejarem.

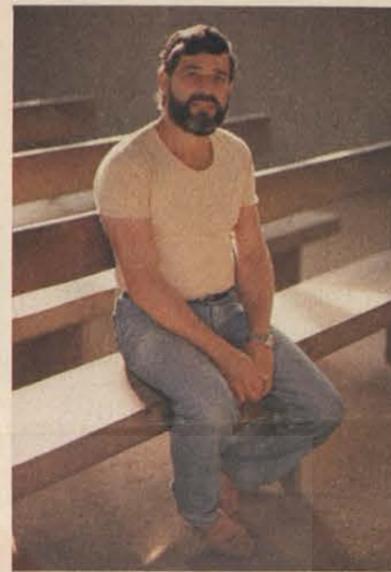
**PLANO CRUZADO** — “Hoje, o que vemos é uma Igreja opinativa, com posições polcas”, diz Brossard. “Usam uma linguagem que deixa Marx muito para trás.” Os padres da Igreja nem sempre foram assim, embora tenham surgido ao longo da História Brasil clérigos para todos os gostos, que a política invadiu as igrejas (veja o livro *dro à pág. 26*). Nos últimos tempos, a autoridade dos religiosos ganhou contornos de motor acelerado fora dos templos. Atuam nos gabinetes do poder civil e atuam deles para pedir concessões de emissoras de rádio. Exigem mais verbas para seus estabelecimentos de ensino, embora defendam a liberdade dos currículos. Reivindicam censura, como no caso do filme *Je vous salue, Marie*. Utilizam-se de todos os meios para intimidar o governo na implantação de programas de incentivo, de programas de planejamento familiar. Promovem greves, apoiam ou combatem ativamente diretores de sindicatos e militam na política partidária, sobretudo dentro do PT.

A lista pode crescer para englobar questões como a catequese dos índios ou as reverberações do Plano Cruzado no bolsão de alguma entidade religiosa. No primeiro caso, os bispos pressionam a Funai para ampliar o ensino religioso aos índios nas reservas — territórios já ocupados, como se sabe, por cultos próprios. Quanto à questão do Plano Cruzado, colheu-se na semana passada uma prova de que ele, pelo menos neste caso, se tornou incômodo e se transformou em tema para mais uma reivindicação. Através de uma carta da DDA Imóveis Empreendimentos Imobiliários Ltda., empresa que administra imóveis para a CNBB, os bispos pediram ao IBGE, ocupante do prédio de dezessete andares de propriedade dos religiosos em Brasília, que aceitasse uma majoração de 90% no preço atual de aluguel. Desejavam os donos do prédio que o aluguel passasse de 13 166 cruzados por mês para 25 000 cruzados. O IBGE, que tem a obrigação de calcular os índices de inflação, negou-se a entrar nesse jogo ao Plano Cruzado.

A Igreja, um corpo articulado com

ares espalhados por todos os cantos do país, com como cabeça a CNBB e seu rosto é o do presidente dessa entidade, dom Ivo Lorscheider, que há dezoito anos se reveza no comando desse mecanismo com seu primo Aloísio Lorscheider, cardeal-arcebispo de Fortaleza. Com exceção de sindicatos onde elegos se encastelaram no comando por mais de duas décadas, seria difícil encontrar outra instituição no país submetida por tanto tempo ao controle de um único grupo. Aos 9 anos, dom Ivo, que é bispo da diocese de Santa Maria, próspera cidade no centro do Rio Grande do Sul, tem a fama de vestir uma personalidade quando está em seu Estado natal e outra quando chega à sede da CNBB em Brasília. Numa maledicência que corre entre seus adversários no clero, ele sofreu a súbita transformação por que passa, ganhou o apelido de “Capitão Marvel”.

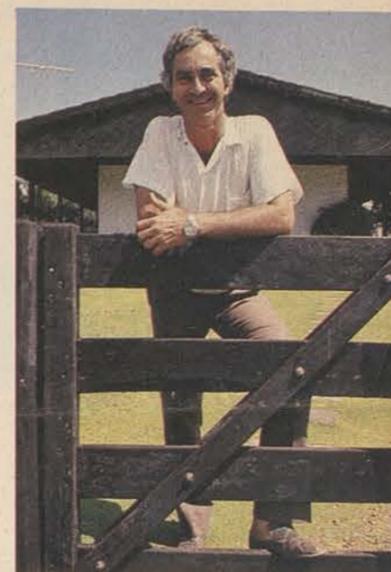
**MOMENTO DOS MILITARES** — Em Santa Maria e nas peregrinações que faz pelas paróquias da diocese, dom Ivo mostra-se grande, autor de frases apaziguadoras e pouco severo nas críticas. “Ele é um pastor preocupado com seu rebanho e não interfere na linha que cada vigário empreende à frente de sua paróquia, seja ele conservador, seja ele progressista”, diz o padre Ezio Bertotti, líder do Movimento de Direitos Humanos em Santa Maria e um dos pontos-de-lança da ala esquerda da Igreja. “Se alguém o visita no bispado ele é muito gentil, logo oferece um traguinho e sempre muito paterno com os padres”, diz Bertotti. Quando assume o comando da CNBB, uma máquina administrativa



Padre Ney: “Capitalismo escravizante”

que este ano vai gastar 4,4 milhões de cruzados — que sairão em boa parte (32%) da renda de títulos financeiros e de doações à Campanha da Fraternidade (20%) —, dom Ivo se transfigura.

“Deixe os cachorros ladrarem”, disse certa vez ao espantado Bertotti, depois que o padre foi aos jornais defendê-lo da acusação de “comunista” feita pela Associação Rural de Santa Maria. Filho de imigrantes alemães do Vale do Rio dos Sinos, dom Ivo nasceu conservador e iniciou-se na alta política da Igreja pelas mãos do conservador



O advogado Castro: proibido de rezar

dom Vicente Scherer, de Porto Alegre. Hoje, os dois estão em lados opostos. Alguns bispos de esquerda imputam ao trabalho de dom Scherer o fato de dom Ivo até hoje não ser cardeal — o que, entre outras coisas, o tiraria de Santa Maria, livrando-o das constantes viagens que faz, ora ao volante de seu Corcel, ora de ônibus, para vencer os 324 quilômetros até Porto Alegre, de onde rumo de avião para Brasília. O controle da CNBB pelos Lorscheider(t)er começou em 1968 quando seu primo dom Aloísio, hoje cardeal de Fortaleza, elegeu-se secretário-geral du-

## Independência é o segredo da Editora Vozes

Se quisesse intervir na linha de publicação da Editora Vozes, de Petrópolis, dirigida pelos franciscanos, a grande caixa de ressonância da Teologia da Libertação no continente, o papa não teria autoridade. Há vários anos, a casa editorial foi transferida para o nome de cinco frades e deixou de ter uma ligação direta com a ordem religiosa. “Não somos uma editora profissional”, proclama frei Ludovico, 77 anos, um dos sócios da Editora Vozes e seu diretor-gerente desde 1961. Graças a esse recurso logístico, a editora consegue publicar desde a obra completa de seu confrade franciscano Leonardo Boff e dos demais teólo-

gos da libertação até obras laicas como *Conversando sobre Sexo*, da sexóloga Marta Suplicy, e *História da Burguesia Brasileira*, do comunista Nelson Werneck Sodré. A autonomia e a agilidade empresarial permitiram à Vozes se transformar na maior editora do gênero na América Latina, com uma tiragem de 6,5 milhões de exemplares anuais.

O forte da casa são os títulos religiosos como *O Catecismo da Doutrina Cristã*, na 127.ª edição, que chega a vender 1,3 milhão de exemplares por ano, e cinco revistas eclesiológicas — a *REB*, para os religiosos, *Puebla*, para as comunidades de base, *Grande Sinal*, de espiritualidade, *Vozes*, de cultura, e *Sedoc*, de documentação. São, nas suas



Frei Ludovico: autonomia

respectivas áreas, as únicas do gênero existentes no Brasil e seguem com estrita fidelidade a linha da Teologia da Libertação. Leonardo Boff é o presidente do conselho editorial religioso da Editora Vozes. “Aqui realizamos a História”, proclama o advogado Edgard Orth, responsável pelo planejamento editorial da casa, contemplando o complexo de três andares onde funcionam a Editora Vozes, o convento dos frades e seu instituto filosófico e teológico, que no silêncio da serra de Petrópolis materializam uma espécie de *bunker* franciscano no país. “A Teologia da Libertação não teria caminhado da mesma forma se não fosse esta editora.”



Dom Aloísio: sempre candidato



Dom Serafim: o nome para tentar mudar o jogo

rante a presidência de dom Agnelo Rossi, o conservador cardeal-arcebispo de São Paulo, hoje neutralizado num cargo na administração do Vaticano em Roma.

As posições de dom Aloísio, então, nada tinham a ver com as que defende hoje. Em 1969, o marechal Artur da Costa e Silva foi afastado da Presidência da República por razões de saúde e o país passou a ser governado por uma junta militar. Dom Aloísio, na condição de secretário-geral da CNBB, declarou que a Igreja não devia se pronunciar sobre o afastamento do presidente, pois "o momento pertencia aos militares, aos políticos, os responsáveis pela tranquilidade do país". A proximidade de dom Ivo foi a mola mestra da transformação de dom Aloísio. Descontentes com a radicalização do regime, progressivamente transformado numa ditadura, os bispos da CNBB passaram a

prestigiar nas votações os prelados mais à esquerda. Em 1971, dom Aloísio assumiu a presidência da entidade e tendo dom Ivo como secretário-geral. E este, em 1979, chegou à presidência.

**A POSSE DO RIO** — Segundo bispos conservadores, os primos já teriam preparado o próximo lance a ser jogado em abril do próximo ano, quando ocorrerá uma nova eleição no órgão de cúpula da Igreja. Dom Ivo teria manifestado sua preferência por dom Cláudio Hummes, bispo de Santo André, na Grande São Paulo, como candidato à presidência da CNBB, um nome que dificilmente ganharia uma eleição — é excessivamente à esquerda e não tiraria votos entre os bispos da ala moderada. Com isso, conforme a análise dos conservadores, inibiria as pretensões do atual secretário-geral, dom Lu-

ciano Mendes de Almeida — o candidato natural, mas que é considerado muito "místico" por dom Ivo. Ivo viu aos altares como o grande apóstolo Luciano, lembra-se a esse respeito a pobreza, ela infunde nos seus se-capaz de interromper uma reunião de trabalho apenas para dar confissão a uma freira. Suspeita-se de que o deiro candidato de dom Ivo é seu peixe e ensinar a pescar. Queremos ra resolver um eventual impasse, diz torno de nomes — e, assim, recebi Neylor Jonin, professor de espiritualidade volta do primo o cargo que passou ao Instituto Filosófico e Teológico de Pelele em 1979. Dom Aloísio pode ser o mais importante centro de difusão das idéias ma dizer o cardeal-arcebispo de ordem no país.

**OBJETIVO ELEITORAL** — É compreensível, portanto, que a Teologia da Libertação tenha recebido dos discípulos brasileiros de Francisco de Assis uma acolhida entusiástica e tenha fornecido sua maior estrela a Teologia da Libertação, mas possui uma especialidade: frei Leonardo Boff. Há no Brasil 2 000 sacerdotes franciscanos, que representam 15% de todos os 13 000 padres existentes no Brasil — e pelo menos 90% dos franciscanos são de esquerda. O bispo Kloppenburg, um dos poucos fora dessa linha, define e sente o peso de ser ovelha desgarrada do rebanho.

Fincada firmemente na esquerda, a cúpula da CNBB, ao longo dos últimos dois anos, consolidando seu poder à esquerda. A entidade é um mecanismo lento de optar bispos moderados e calcitrantes para suas posições. Trata-se do Curso de Formação de Bispos, financiado por uma agência católica sediada na Bélgica e pelo Comitê Católico contra a Fome e pelo Desenvolvimento, instalado na França. O curso visa a dar aulas de Teologia da Libertação aos religiosos. "Reciclamos o conhecimento que o senhor nos deu", explica dom José Maria, arcebispo de João Pessoa e um dos organizadores do curso. Quem primeiro definiu os objetivos eleitorais do curso foi o bispo de Aracaju, o conservador dom Luciano Cabral Duarte. Ele estranhou o fato de as aulas serem dadas a portas fechadas e suas apostilas serem secretas. "Isso é uma comunidade que se diz de irmãos, mas não se trata de irmãos", indagou dom Luciano numa reunião da CNBB.

empenhava decisivamente na defesa dos direitos humanos. Exemplar foi a posição adotada pelo bispo dom João Newton de Almeida Baptista. Arcebispo de Brasília desde a fundação da cidade, em 1960, permanecendo no cargo até 1984, quando foi aposentado por atingir a idade limite de 70 anos, ele festejou todos os governos que se sucederam no país, de Juscelino a Collor — e com o governo Collor acabou perdendo, tanto com o governo quanto com a Igreja, parte de sua autoridade como interlocutor. Dom João Newton pagou caro pelo seu comportamento. Em 1965, ele foi indiciado em IPM por ter defendido o governo João Goulart no dia 1.º de abril de 1964.



Frei Caneca: fuzilado

republicano, frei Caneca foi fuzilado por soldados imperiais. Parte do clero local estava a seu lado, mas o frade chegou ao patíbulo acompanhado por uma procissão.

A ambigüidade do comportamento político dos religiosos atravessa os séculos, produzindo clérigos de perfis ideológicos contraditórios. Durante o Estado Novo, as relações entre dom Sebastião Leme, cardeal do Rio de Janeiro, e a ditadura de Getúlio Vargas eram as melhores possíveis. Em Porto Alegre, o arcebispo dom João Becker afirmava que o ditador italiano Benito Mussolini "ressuscitou a alma romana". Durante o regime militar, foram inúmeros os casos de religiosos envolvidos com movimentos de esquerda, enquanto a alta hierarquia católica se



Dom José: quer mudar lei da reforma



Sede do IBGE em Brasília: a CNBB pediu aumento do aluguel



Dom Angélico: ameaçando invadir

portas fechadas e apostilas secretas. A última eleição ganha pelos conservadores foi a de 1979, quando da escolha dos delegados para a Conferência Episcopal de Puebla, no México. Desde então, a situação reverteu em favor dos bispos da ala esquerda. "O curso ajudou-nos a conhecer o que é mesmo de Marx no marxismo e o que é dos seus discípulos", escreveu dom Antonio Frago, bispo de Crateús, depois de participar de um encontro, no livro *O Rosto da Igreja* (Edições Loyola, 1982). "Ajudou-nos a ler, à luz da fé, o projeto marxista: o instrumental científico de análise, a concepção materialista da História."

Os bispos convidados são geralmente aqueles que vivem em pequenas dioceses, isoladas nas vastidões do interior do Brasil, e que recebem com alegria e alívio a oportunidade de reciclagem com todas as despesas pagas. "Conheço casos de bispos que fizeram o curso e mudaram de posição de um ano para outro", afirma outro crítico do encontro. O fenômeno ocorreu, por exemplo, com dom Alcimar Caldas Magalhães, de Carolina, no Maranhão. De um prelado moderado, que aparecia nas assembleias da CNBB vestido de *clergyman* e falava pouco, dom Alcimar adotou a camiseta como uniforme e aderiu à Teologia da Libertação. O próprio dom José Maranhão passou pelo "combate ideológico" do curso da CNBB, uma autêntica escola de militantes.

Mesmo com seus planos incoerentes de vento em popa, a cúpula esquerdista da CNBB enfrenta a oposição interna de uma fração que a considera, ainda, muito moderada. Dom Mauro Moreli, bispo de Caxias, na Baixada Fluminense, por exemplo, diz que a CNBB está sempre tentando ficar "bem com as autoridades". Segundo ele, "a CNBB está perdendo tempo com Sarney". E dom José Gomes, bispo de Chapeco, Santa Catarina, e presidente da CPT, acha que a CNBB tem de fazer de tudo para forçar o governo a mudar a lei agrária. "Com essa que está aí é quase impossível pensar em reforma", diz ele. Dom Angélico Sândalo Bernardino, 53 anos, bispo da região de São Miguel Paulista, na diocese de São Paulo, encontra-se ainda alguns passos adiante. "Se a Igreja quisesse", diz, "esse país seria invadido numa questão de dias. Somos responsáveis pelo movimento popular mais vigoroso dos tempos atuais." É uma escalada que Sarney, após sua visita desta semana a João Paulo II, gostaria de poder enfrentar com mais segurança.

## Um clérigo para cada gosto ao longo da História

Se há um assunto em torno do qual não se consegue uma unanimidade entre os religiosos, esse assunto é a política. Não é de hoje que o tema divide a Igreja, transformando-se num motivo de desorientação para os fiéis. Em 1792, os padres José Lopes e Manuel Rodrigues, juntamente com o vigário Correia de Toledo, pagaram com o degredo por haverem participado da Inconfidência Mineira. Na mesma ocasião, dom José Joaquim Castelo Branco, bispo do Rio de Janeiro, mandou celebrar um *Te Deum* — liturgia de ação de graças — pela execução de Tiradentes. Em 1825, depois de liderar a malograda Confederação do Equador, um movimento

## D. Lucas não toma como crítica palavras do Papa sobre o campo

17/186/79  
Araújo Neto

Roma — Na qualidade de alguém que conhece o Papa há muito tempo — desde os tempos em que João Paulo II era somente o cardeal Karol Wojtyła e com ele trabalhava no Conselho para os Leigos —, Dom Lucas Moreira Neves aceitou o convite do JORNAL DO BRASIL para comentar a frase e o verdadeiro significado do apoio que o pontífice manifestou à reforma agrária no Brasil, durante a recente audiência concedida ao presidente José Sarney.

Frase e apoio inusitados, considerados sem precedentes na história deste e de outros pontificados, e que por isso mesmo continuam sendo comentados entre os mais experientes vaticanistas de Roma.

Deixando claro que não falaria como secretário de congregação nem como membro da cúria, Dom Lucas Moreira Neves, apontado por todos como o brasileiro que melhor conhece João Paulo II e mais acesso tem a ele, disse:

— Como idéia prévia, gostaria de sublinhar — até porque me foi perguntado por vários jornalistas — que o Santo Padre nunca diz uma frase pelo efeito retórico que ela possa ter. Que nas frases que pronuncia, breve ou longas, poucas ou muitas, há sempre um conteúdo que é altamente positivo. Os jornalistas perguntaram: "Aquele veemência não era de uma acusação ou de uma censura, de uma denúncia profética?"

Se tivesse tido presença de espírito — prossegue Dom Lucas Moreira Neves — teria respondido imediatamente que a veemência do Santo Padre é sempre positiva. Pode conter uma advertência, mas nunca é uma advertência para fechar a conversa, mas para estimular novas conquistas, para novos elementos altamente positivos da matéria que ele está tratando. De modo que não deveríamos nos impressionar com a veemência que ele usa, porque essa não quer dizer acusação nem condenação: quer dizer estímulo.

Baseando-se na versão que lhe foi dada pelos jornalistas e pela leitura dos jornais, sobre a já célebre frase de João Paulo II, depois da audiência ao presidente Sarney ("A reforma agrária no Brasil não pode fracassar, porque ela é, ao mesmo tempo, uma questão de paz e justiça social e garantia da democracia") — dom Lucas Moreira Neves prossegue sua análise:

— Eu me detenho, antes de tudo, na primeira frase: "A reforma agrária no Brasil não pode fracassar". Tenho a impressão que, nesse momento, o Santo Padre tinha na mente casos de fracassos da reforma agrária. Se ele diz que no Brasil não pode fracassar, é porque sabe que em outros lugares a reforma agrária fracassou — e fracassou gravemente. Diria que houve duas formas de fracasso da reforma agrária: um moral e

outro técnico. E muitas vezes os dois tipos de fracasso estiveram ligados. Chamo fracasso moral o que consiste numa reforma agrária que custou milhões de vidas. Nós sabemos que, em determinadas situações, em determinada região da terra, reforma agrária custou milhões de vidas. E essa mesma reforma agrária, que custou milhões de vidas, hoje não se revela eficaz, mesmo do ponto-de-vista técnico. Em outros países da Europa e da América Latina, o fracasso foi, digamos, prático. Reforma agrária foi feita de tal modo que não produziu os efeitos desejados: regrediu, retrocedeu, e nesses países estamos praticamente no ponto inicial. É nesse sentido que o Papa diz: "No Brasil não pode fracassar". Porque, no Brasil, se fracassar, compromete a paz e a justiça social, que são a maior ambição, o maior desejo do povo brasileiro. Eu diria, característica do povo brasileiro,

e pode pôr em risco a jovem democracia que n'os estamos vivendo historicamente neste momento. Interpreto assim a palavra do Santo Padre. E não preciso dizer que estou unido profundamente a esse sentimento. Modestamente desejo, rezo, faço votos de que não fracasse essa reforma agrária.

Outra impressão que tenho — continua D. Lucas — é a de que a palavra do Santo Padre contém estímulo e contém advertência. O estímulo é para os responsáveis pela reforma agrária — e responsáveis em todos os níveis: governamental, mas também nos níveis da opinião pública, das pessoas envolvidas na questão. É preciso que todos estejam muito convencidos de que essa reforma não pode fracassar e que atuem, de tal modo, que no Brasil a reforma agrária venha a ser um grande sucesso. Neste ponto, há necessidade de muita firmeza, coragem e, ao mesmo tempo, muita sabedoria. Tal como o Santo Padre disse na homilia da missa que celebrou para o presidente Sarney e sua comitiva. Eu diria, por isso, que o grande estímulo é para essas pessoas envolvidas e mais responsáveis.

— A advertência — insiste D. Lucas Moreira Neves — é para pessoas que, de um modo ou de outro, poderiam fazer fracassar a reforma agrária no Brasil. E há vários tipos de pessoas que poderiam contribuir para esse fracasso. Em primeiro lugar, aqueles que, preocupados com seus interesses pessoais e despreocupados do bem-comum, com medo de que a reforma venha a tocar em seu bem-estar, em suas riquezas e em seus interesses pessoais fazem de tudo para que ela não se realize. E infelizmente, como está demonstrado, recorrem à própria força e à própria violência. Em segundo lugar, creio que podem fazer fracassar a reforma agrária aqueles que fazem dela uma questão mais de ideologia do que de justiça social — e, de alguma forma, querem instrumentalizar a reforma

agrária em função ideológica, seja de partidos, correntes ou grupos mais ou menos vastos. Há muito perigo de que a reforma agrária venha a ser uma projeção de ideologias políticas de pessoas ou de grupos. Uma reforma agrária impregnada de ideologia, que não vise o bem-comum, a dignidade das pessoas, a justiça e a paz, fracassará certamente.

A terceira ameaça que D. Lucas Moreira Neves identifica para a reforma agrária no Brasil é representada pelos que pretendem transformá-la numa simples distribuição de terras.

— Porque uma reforma agrária que fosse somente dar metros ou hectares de terra a pessoas que não têm, corre o risco de encontrar essas pessoas despreparadas, que essas mesmas pessoas, amanhã, venham a vender ou devolver as terras ao antigo patrão, justamente porque não estavam preparadas para recebê-las e tratá-las.

Outros tipos de inimigos potenciais do sucesso da reforma agrária no Brasil, D. Lucas Moreira Neves aponta nos que a desejam de maneira muito veleidária ou nos que a quiserem de afogadilho. Reforma veleidária, em sua opinião, seria aquela sem tempo marcado, sem programa, sem projetos. Como a reforma de afogadilho, seria a feita a toque de caixa, despreparada e confusa.

A importância que D. Lucas atribui a uma sábia preparação da reforma agrária, leva-o a afirmar: "Penso que será certamente destinada ao fracasso a reforma agrária que não for acompanhada de alguns pressupostos ou de algumas providências colaterais. Para que não seja mera distribuição de terras, entre os pressupostos e providências mais importantes citaria três ou quatro. A questão da cultura: É neces-

sário que o camponês que venha a ser proprietário de seu pedaço de terra — o que pode ser considerado um direito de sua pessoa e de sua família humana — tenha um mínimo de cultura, que não é erudição, mas uma cultura referente à sua condição e ao trabalho que vai executar. Cultura de agricultor para um novo desafio. Infelizmente, nós sabemos que isso falta no Brasil. Há uma urgente necessidade de preparação não só de projetos de reforma, mas do homem que vai ser sujeito da reforma agrária. Essa é, para mim, a primeira condição. E por essa necessidade de cultura, entendo ainda a necessidade de alfabetização, de higiene, o preparo do homem para saber o que ele vai fazer com a terra. Para que não venha a vendê-la, devolvê-la ou torná-la mais improdutiva do que era.

— A questão dos implementos. Não acredito numa reforma agrária que, depois de distribuir a terra, não tenha pensado também em distribuir implementos agrários. Instrumentos que não podem e não devem ser os do Brasil dos tempos da escravidão — mas instrumentos modernos, aptos para uma verdadeira cultura da terra.

Ele destaca a questão dos subsídios: "diria que, ao menos por um certo tempo, a reforma agrária deve prever uma assistência social aos camponeses que vierem a tornar-se proprietários. Uma reforma social no sentido da saúde, da instrução, da continuada preparação do homem para a sua nova condição e para que o camponês, até hoje pobre, ignorante, escravo, que venha a ser possuidor de uma terra, não caia novamente no defeito do qual a reforma agrária quer nos tirar. O defeito da terra como propriedade única do seu possuidor e não como benefício social. Se não quisermos cair nisso, é preciso que haja uma assistência, ao menos por um longo tempo, até que novas gerações venham a utilizar perfeitamente essa terra.

Uma última convicção de D. Lucas Moreira Neves é a de que a reforma agrária, como tudo no Brasil, não pode ser feita contra a ordem e a paz social. Deve-se fazer segundo um programa que tenha o consenso de todos. Para ser eficaz e benéfica, particularmente no contexto brasileiro, a Reforma agrária tem que ser pacífica.

Despedindo-se dos dois jornalistas brasileiros que o ouviram, D. Lucas Moreira Neves recorda que não pretendeu falar como um técnico ou como um grande conhecedor do problema da terra. "Como bispo, entendo que não cabe a mim e não cabe à Igreja definir quais são as questões técnicas, os modos técnicos da atuação de uma reforma agrária. Tudo isso depende de outras instâncias. Falei até agora na minha posição de bispo, referindo-me unicamente ao aspecto ético, ao aspecto social da reforma agrária, com desejo de que ela, para responderá doutrina social da Igreja, seja despreendida de tudo aquilo que possa ser fermento ou germe de fracasso.

Uma última certeza que D. Lucas Moreira Neves exprime é a de que suas palavras não se afastam minimamente do pensamento do Santo Padre:

— Não tive ocasião de falar com ele, mas, conhecendo seus pronunciamentos em outras ocasiões, quero conservar a certeza de que meus sentimentos correspondem perfeitamente àqueles que ele sempre manifestou — termina D. Lucas Moreira Neves, mineiro de São João Del Rey, velho amigo e admirador de Tancredo Neves, e que há menos de 10 dias, em Roma, pôde conhecer e incluir no elenco de suas amizades o presidente José Sarney, maranhense que tem muito de mineiro.

Maranhão



DIOCESE DE BACABAL — ESTADO DO MARANHÃO

NOTA OFICIAL

DOM PASCÁSIO RETTLER, Bispo da Diocese de Bacabal, Estado do Maranhão, tendo em vista a nota mentirosa e infamante da malsinada União Democrática Ruralista - UDR, lida durante o "PROGRAMA RODA VIVA", da emissora local "RÁDIO JAYNARA", do dia 13 de agosto do corrente ano, vem declarar o seguinte, a bem da verdade e em desagravo à Igreja Particular da Diocese de Bacabal, cujos membros - Bispo, Padres, Religiosos e leigos - estão comprometidos com a justiça social e a paz no campo, onde humildes e indefesas famílias de lavradores e posseiros sofrem a mais cruel perseguição de latifundiários e fazendeiros da região:

1º) Não tem nenhuma procedência a afirmação de que o Bispo de Bacabal incentiva invasões de propriedades de quem quer que seja, sendo certo que todos os conflitos pela posse da terra na circunscrição da Diocese de Bacabal estão ligados a um povoado, mais antigo do que os títulos de propriedades daqueles que, agora, querem expulsar os habitantes desse mesmo povoado;

2º) No caso específico de São Manoel, referido na caluniosa nota da UDR, repetiu-se, ali, o mesmo deprimente episódio do lugar "PAU SANTO" do mesmo município de Lago do Junco, onde a Polícia Militar do Estado, a pretexto de garantir o cumprimento de uma liminar possessória também a favor de um sócio da famigerada UDR, matou um velho e doente lavrador. Felizmente o imóvel denominado Pau Santo, mercê dos pedidos de verificação feitos ao Presidente da República por Dom Pascásio, acaba de ser desapropriado para o assentamento definitivo das 93 famílias de lavradores ali existentes, pelo Decreto Presidencial nº 93.037 - de 27/07/86;

3º) Nunca houve sequer intenção de Dom Pascásio de obstacular o cumprimento de qualquer decisão judicial, tanto que, nesse particular, a Diocese mantém uma Assessoria Jurídica competente para cuidar dos casos de lavradores e posseiros ameaçados de expulsão e vítimas de prisões ilegais;

4º) A presença de Dom Pascásio e seus colaboradores no lugar São Manoel, na manhã do dia 7 do corrente mês, por volta das 11 horas, deu-se em razão da notícia de que a Polícia Militar do Estado, juntamente com o fazendeiro Adelino Pereira Lima e "jagunços" deste, estavam derrubando as casas e benfeitorias dos lavradores do dito povoado, excedendo a própria decisão judicial de que se diziam executores;

5º) 19 das 25 casas dos lavradores já tinham sido criminosamente derrubadas com a utilização de cabos de aço que eram amarrados em suas cumieiras e puxados por um caminhão dirigido por um filho do mencionado fazendeiro Adelino Pereira Lima: Tanto o Bispo e seus colaboradores não foram ali para impedir semelhante fúria contra pobres e indefesos lavradores, que, ostensivamente e como que num desacato e desafio, foi derrubada mais uma casa sob suas vistas, inclusive a capela local. E a Polícia já se encontrava ali desde o dia anterior;

6º) Afinal, quem é mafiosa é essa tal de UDR, que é contra o Plano de Reforma Agrária do Governo Federal e, inclusive, está procurando desestabilizar o Governo do Presidente Sarney, a quem Dom Pascásio, em companhia de 7 Bispos, entregou pessoalmente, no dia 8 do corrente mês, em São Luis, um dossiê dos acontecimentos ocorridos em São Manoel, obtendo a garantia do mesmo Presidente de que o Ministro da Reforma Agrária iria se comunicar com Dom Pascásio, buscando uma imediata solução para essa grave situação, o que já fez por telefone, no dia 12 do corrente, às 22 horas.

A VERDADE VENCERÁ

Bacabal - Ma., 13 de Agosto de 1986

+ Frei Pascásio Rettler ofm  
Bispo de Bacabal - Ma.

## Proprietários afirmam que o bispo de Bacabal é agitador

Diversos proprietários de terras situadas na área de atuação do bispo de Bacabal, Dom Pas-cácio Rettler, encaminharam-nos documento em que fazem severas críticas ao prelado e à sua maneira de atuação, quando utiliza-se de inocentes lavradores para pregar a agitação no meio rural, tendo como escudo o bom e o sacrossanto nome da Igreja Católica, numa total afronta ao direito de propriedade e aos preceitos mais elementares do cristianismo.

Os latifundiários criticam acerbamente o modo como o bispo bacabalense dirige os chamados grupos de catequese que, no entender deles, nada mais são que inocentes úteis para pregações estranhas aos dogmas da Igreja, tais como insuflar a população rural contra os proprietários de terras, inclusive induzindo-a a invasões de propriedades legitimadas judicialmente.

### EXEMPLOS

Não está muito distante o episódio de Alto Alegre, em que as terras do cidadão Waldir Jorge Melo foram invadidas e os lavradores insuflados derrubaram cercas, mataram gado e praticaram outras arbitrariedades, até que ganharam, através do Incra, cerca de 400 hectares daquela propriedade dos quais restam, em mãos dos beneficiados cerca de apenas 50 por cento daquele total, enquanto que o restante foi comercializado.

Aliás, denunciam os missivistas, é voz corrente que o bispo está pretendendo se apossar do

restante para a prelazia com a argumentação da criação de uma cooperativa, idéia que está sendo combatida pela maioria dos camponeses. Ainda recentemente, a Igreja, por intermédio do bispo, no povoado Pau-Santo (município de Bacabal), comandou a invasão da propriedade do senhor Manoel Bezerra, na qual mais de seis quilômetros de cerca foram derrubados pelos invasores que, ainda lá se encontram, muito embora seja uma área que legalmente lhe pertence.

Outros exemplos também são citados, como é o caso do povoado Lagoa Grande, no município de Lagoa da Pedra, no qual diversos proprietários estão ameaçados de invasão. Também comentam-se que na Vila de Arame existem até relação de proprietários que terão suas terras invadidas e que, a exemplo dos demais, temem, inclusive pelas suas seguranças e de suas famílias.

Finalmente, os latifundiários esclarecem que a recente reunião que promoveram tinha como única e exclusiva finalidade, formar uma comissão para se dirigir em audiência ao governador Luiz Rocha e solicitar providências cabíveis para tão lamentáveis incidentes que somente trazem a intranquilidade aos moradores da região. Ao serem recebidos pelo governador, esclarecem, estes lhes garantiu que jamais permitirá semelhantes abusos e que, no seu governo, o direito à propriedade será inviolável.

# Violência proibida por cardeal

KL  
 (C)

## D. Avelar fica no grupo antiviolença

Salvador — O arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, cardeal Avelar Brandão Vilela, que receberá hoje em audiência no Palácio Arquiepiscopal do Campo Grande o ministro da Justiça, Paulo Brossard, comunicou ontem sua decisão de continuar colaborando com a comissão antiviolença, por considerar que o grupo de alto nível formado pelo Ministério da Justiça "está se conduzindo com seriedade e trabalhando devidamente, não só na teoria como na prática".

Segundo D Avelar, o grupo que vem se reunindo periodicamente na capital federal (ele participou de duas das três reuniões realizadas até agora) está examinando medidas que podem ser sugeridas para aplicação a curto, médio e longo

prazo, além de ações de emergência para enfrentar o problema. A curto prazo, o primaz do Brasil informou que, entre outras medidas, será feito um trabalho de conscientização nas escolas das redes estaduais de ensino de todo o país, "visando despertar os jovens para a urgência e a importância de preservar a paz e conter a violência".

O cardeal primaz do Brasil confirmou a visita ao Palácio do Campo Grande, às 9h30min de hoje, do ministro Paulo Brossard, que veio à Bahia participar das comemorações pela passagem do centenário de nascimento de Octavio Mangabeira. A arquidiocese não revelou, entretanto, se a questão da violência está

entre os temas que serão discutidos entre o ministro e o cardeal.

D Avelar Brandão Vilela disse que algumas medidas emergenciais de combate à violência podem ser levadas a efeito de imediato, sem previsão orçamentária, a exemplo da conscientização dos jovens nas escolas, que em princípio exige apenas um trabalho integrado com o Ministério da Educação.

A médio prazo, porém, o arcebispo primaz do Brasil voltou a insistir na necessidade de se enfrentar o problema do menor abandonado: "É necessário que haja uma reformulação completa de todos os organismos, pois a criança carente merece uma atenção especial do governo", sugeriu D Avelar.

18-6-81  
18-6-81  
18-6-81

### Bispo considera injusta condenação de padre por atentado ao pudor

Do correspondente em Franca

Dom Diógenes Silva Matthes, 55, bispo da diocese de Franca (399 km a nordeste de São Paulo), classificou ontem de "injusta" a sentença do Terceiro Grupo de Câmaras Criminais do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que anteontem condenou o padre Gerônimo Francisco de Souza, 34, da paróquia de São Benedito, de Franca, a dois anos e quatro meses de reclusão, em regime de prisão albergue, pela "prática de crime de atentado violento ao pudor". Gerônimo foi acusado de tentar induzir três menores a praticar com ele atos sexuais em 1982.

"Desde o início acreditamos na inocência do padre Gerônimo. Tanto que não houve interrupção de suas atividades", afirmou o bispo.

## Lição de força

Dom Avelar avisa aos fiéis que está com câncer

O cardeal dom Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, ganhou fama de ser um prelado de decisões morosas, sobretudo quando colocado diante de problemas delicados. Na segunda-feira da semana passada, ele mostrou que essa fama se devia apenas a uma característica de seu estilo político e que, quando necessário, vai direto ao alvo. Dom Avelar expediu um comunicado oficial de pouco mais de 100 palavras em que informava estar sofrendo de câncer no estômago. "Quanto a meu estado de saúde, cumprio o doloroso dever de anunciar aos baianos e aos brasileiros que (...) o processo inflamatório infiltrativo (...) de que sou portador, segundo biópsia já consumada, não é de natureza benigna", disse o cardeal. Os católicos de Salvador, que o têm à frente da arquidiocese local desde 1971 e ficaram bastante consternados com a notícia, fazem duas associações históricas ao gesto de coragem e de franqueza demonstrado por dom Avelar.

A primeira é com o papa João XXIII, que também teve câncer no estômago e revelou a natureza de sua doença assim que ela foi diagnosticada, meses antes de morrer. A outra, com um irmão do cardeal, o falecido senador alagoano Teotônio Vilela. Em 1983, Teotônio convocou a cúpula de seu partido, o PMDB, para informar seus companheiros sobre o motivo que o levara a desistir de tentar a reeleição para o Senado. "Meus amigos, estou com um bichinho danado no pulmão", disse ele referindo-se ao câncer, que logo se alastrou para o cérebro e o fígado, matando-o um ano e meio mais tarde.

**CASO CLÁSSICO** — Entre as doenças dos dois irmãos, porém, há uma diferença crucial. Enquanto o mal de Teotônio pôde ser diagnosticado numa etapa em que ele ainda tinha forças para prosseguir na sua peregrinação pela redemocratização do país, Avelar só descobriu a natureza de sua doença quando ela já se achava avançada. Exatamente por isso o câncer do estômago é considerado uma das modalidades



Dom Avelar, antes de embarcar para São Paulo: "Vivo momentos decisivos"

mais traiçoeiras dessa doença: avança de modo veloz e no começo pode passar despercebido ao paciente. Mesmo quando diagnosticado no início, sua taxa de mortalidade é alta: de 80% a 90%.

Dom Avelar protagoniza um caso clássico da doença. Há seis meses ele vinha se queixando aos assessores de desânimo e falta de apetite, mas não conseguia definir com precisão o que sentia. Quando começou a sentir dor é que foi procurar o médico. Na última semana de setembro, internou-se no Hospital Monte Tabor, de Salvador, e foi submetido a exames de ultra-sonografia, tomografia computadorizada do abdômen, radiografia do tórax, endoscopia digestiva, além de coleta de material para biópsia. Diagnóstico: o tumor havia se alastrado para os gânglios linfáticos locais e órgãos vizinhos, além de atingir o pulmão.

O tratamento ideal no câncer do estô-

mago é a extirpação cirúrgica parcial ou total do órgão, mas na quarta-feira da semana passada, quando o cardeal deu entrada no Instituto do Coração, de São Paulo, a fim de ser submetido a novos exames pela equipe do cirurgião Silvano Raia, a medicina tinha pouca coisa a fazer por ele — além de submetê-lo a sessões de quimioterapia destinadas a assegurar-lhe uma sobrevida maior. "Estou muito cansado", declarou dom Avelar, com voz fraca, na missa celebrada pela manhã na sua casa, em Salvador, antes de viajar para São Paulo. "Vivo momentos decisivos."

Dom Avelar Brandão Vilela, que está com 74 anos e perdeu 15 quilos em apenas um mês, também afirmou sua disposição de aceitar "com esperança e confiança mas também com extrema humildade a vontade de Deus". Palavras como essas ele repetiu inúmeras vezes nos últimos dias para confortar auxiliares, parentes, amigos e fiéis que o visitavam. Quando perguntado de onde tirava tanta serenidade para enfrentar o câncer, ele respondia: "Tenho aplicado a mim mesmo aquilo que sempre procurei aplicar às pessoas que passaram pela mesma situação — a coragem interior". Antes de embarcar para São Paulo, o cardeal se despediu dos fiéis com uma lição de vida: "A vida vale a pena ser vivida, apesar de tantos obstáculos e provações".



João XXIII: deu o exemplo Teotônio: também revelou

## Para dom Luciano, 'o problema somos nós'

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, afirmou ontem que o maior problema do menor no país "não é o menor, mas o país". Segundo ele, no momento em que no Brasil falta seguro trabalho, casa, atendimento de saúde e transporte aos pais de criança, ela não ficará abandonada ou não estará sujeita a condições humanas de alimentação e saúde. Depois de participar, em São Paulo, do 6º Encontro Ecumênico do menor, organizado por membros de igrejas cristãs (católica, metodista, luterana e presbiteriana) e realizado ontem, dom Luciano disse que um dos objetivos desta reunião, que corre há sete anos, foi obter contribuições e propostas para a futura Constituição que se referem ao menor.

"O menor não é problema. O problema somos nós", afirmou ele, acrescentando que a solução para o problema não está na redução do número de crianças, "mas em reduzir o individualismo e o egoísmo da sociedade". Segundo ele, ninguém pode negar que o Brasil tem condições de alimentar os brasileiros e que o país há dinheiro suficiente. "Só o dinheiro é mal investido e mal aplicado, enquanto até hoje a criança não se transformou em prioridade."

Para garantir os direitos do menor na nova Constituição, segundo dom Luciano, o assunto será tema da Campanha da Fraternidade do próximo ano. "Em 1987, a experiência dos anos passados e a série de propostas apresentadas terão como destinação não só a letra e a elaboração da Constituição, mas também uma renovação no atendi-

### Funabem só atenderá os casos de "alto risco"

A presidenta da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), Marina Bandeira, 61, disse ontem em Brasília que o órgão sofrerá mudanças em sua política de atendimento ao menor, concentrando sua atuação no atendimento de crianças e adolescentes em "situação de alto risco". As mudanças anunciadas pela presidenta da Funabem fazem parte do conjunto de medidas que o presidente José Sarney vai divulgar amanhã. Os estabelecimentos fechados serão reduzidos ao número suficiente para atender menores que praticaram infração grave (assalto, estupro, homicídio) e os demais serão mantidos em regime de semiliberdade.

As crianças abandonadas, em situação de orfandade, que até então

eram atendidas pela Funabem, passarão agora para a responsabilidade da LBA. Essa transferência, segundo Marina Bandeira, "será negociada, conversada, para que a criança não sofra com as decisões burocráticas".

Dos 550 mil menores que recebem a assistência da Funabem, apenas 27,5 mil (5%) são infratores e destes 4.950 (18%) cometeram delitos graves. Faz parte das mudanças nos rumos políticos da Funabem a avaliação por parte dos órgãos executores (fundações estaduais e municipais de assistência ao menor) "do que foi feito com o dinheiro da instituição até agora", disse Marina. Será mantido o objetivo de municipalizar o atendimento ao menor, "não como uma solução mágica, mas como apoio para que os municípios assumam esse compromisso".

entanto, gostaríamos de ver um programa integrado de atendimento à criança, para que não tivéssemos que constatar a mortalidade infantil, a desnutrição, a doença e o problema da evasão ou da não entrada na escola."

Para o secretário-geral da CNBB, é indispensável que as medidas do governo sejam capazes de despertar a atenção e a colaboração da própria sociedade. É positivo que o Brasil abra, de fato, lugar para a criança e procure lhe dar uma precedência e prioridade nos planos governamentais. "Mas não deve ficar em palavras; deve chegar à efetivação de medidas."

11110186 D d P

## Acusado câncer em d. Avelar

SÃO PAULO - O cardeal primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela autorizou o Instituto do Coração do Hospital das Clínicas a divulgar o relatório da equipe médica que o assiste há dez dias. O relatório indica a existência de câncer no estômago e é assinado pelo dr. Silvano Raia.

"São os seguintes os resultados dos exames realizados no Instituto do Coração do Hospital das Clínicas:

1 - O seu diagnóstico principal - é o de um adenocarcinoma em células de sinete localizado no corpo do estômago.

2 - Já existe disseminação metastática comprovada nos glânglios aórticos, ilíacos e no peritônio parietal.

3 - A imagem radiológica de comprometimento pulmonar não foi confirmada por planigrafia ou biópsia transbrônquica.

4 - Faltam sinais de comprometimento em outros órgãos.

5 - A perda de peso determinada pela doença não é concomitante com alterações laboratoriais de importância devendo-se destacar a normalidade do quadro hematológico.

Assim acreditamos que a conduta terapêutica deva ter início por tratamento, quimioterápico que poderá, eventualmente ser completado com tratamento cirúrgico seja pelos resultados da quimioterapia seja pelo tipo de evolução que a doença venha a apresentar".

## Bispos paulistas divulgarão documento sobre as eleições

O cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, e mais 46 bispos do Estado de São Paulo divulgarão, dia 8 de novembro próximo, um documento sobre as eleições, orientando os eleitores católicos para uma votação de acordo com os princípios defendidos pela Igreja no campo sócio-político. As arquidioceses e dioceses farão intensa divulgação do texto, em São Paulo e no interior paulista, na última semana antes das eleições, tentando orientar pastoralmente o eleitorado católico. O documento não indicará, nem vetará, nenhum nome de candidatos e apenas indicará princípios com base no documento "Por uma nova ordem constitucional", aprovado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em sua assembléia de abril último, em Itaiçi, município de Indaiatuba, a 99 km a noroeste de São Paulo.

O documento sobre as eleições será aprovado no dia 7 de novembro, quando os bispos estarão reunidos em assembléia, das 12 às 18h, em Itaiçi. A pauta da reunião inclui, também, a escolha das prioridades pastorais da Igreja em São Paulo para 1987, situação do culto católico nos últimos 21 anos, além de reforma estatutária no secretariado regional Sul-1 da CNBB (que abrange o Estado de São Paulo). Após essa reunião, começará a assembléia das dioceses paulistas, cujo tema será "A situação dos leigos na Igreja e no mundo", o mesmo do Sínodo Mundial dos Bispos, de outubro de 1987, no Vaticano.

## D. Avelar Brandão é enterrado em Salvador

Da Sucursal de Salvador

O corpo do cardeal-arcebispo de Salvador (BA) e primaz do Brasil, d. Avelar Brandão Vilela, foi sepultado ontem às 19h após ter percorrido, num carro do Corpo de Bombeiros, as principais ruas do centro histórico da capital baiana. D. Avelar faleceu aos 74 anos na noite de sexta-feira, em decorrência de um tumor cancerígeno no estômago. As cerimônias religiosas começaram às 16h05 com uma missa de corpo presente, logo que o presidente José Sarney chegou à Basílica de Salvador.

Sarney assistiu as cerimônias acompanhado dos ministros Paulo Brossard, da Justiça, Dante de Oliveira, da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, Roberto Santos, da Saúde, Ivan de Souza Mendes, do Serviço Nacional de Informações (SNI), e Rubem Bayma Denys, do Gabinete Militar. O sermão da missa de corpo presente foi feito pelo cardeal-arcebispo do Rio, d. Eugênio Salles, que disse ter feito "há dezoito anos o mesmo pelo antecessor de d. Avelar, d. Augusto Álvares da Silva".

Com a igreja totalmente tomada apenas por religiosos e autoridades, milhares de pessoas permaneceram nas ruas do centro histórico de Salvador, nos três quilômetros percorridos pelo cortejo, para se despedirem de d. Avelar. De volta à Basílica, o corpo foi sepultado numa cripta sob o altar de São José. A cerimônia do sepultamento não foi aberta ao público. O presidente da Confederação Nacional dos Bispos do



O presidente Sarney e o governador João Durval (dir.) no velório de d. Avelar

Brasil (CNBB), d. Ivo Lorscheiter, e o cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns também estiveram presentes.

D. Paulo disse que "a América Latina deve a d. Avelar o fato de contar, hoje, com uma Igreja de vanguarda". Para d. Ivo, d. Avelar era "um grande conciliador, que aceitou sua dor com fé, meditando de forma exemplar sobre a vida e a morte". O bispo auxiliar de Salvador, d. Tomás Guilherme Murphy, informou ter recebido mensagem do papa João Paulo 2º, em que expressa seu "vivíssimo pesar".

Sarney

O presidente Sarney e sua comiti-

va, que também incluía representantes da Igreja, foram recebidos às 15h30 no aeroporto de Salvador pelo governador João Durval Carneiro e pelo prefeito local, Mário Kertész. O ministro Paulo Brossard disse sentir "um profundo pesar pela perda de um homem de marcantes verdades e estimado pelo país inteiro", acrescentando que "não foi apenas um brasileiro que desapareceu, mas um homem da Igreja universal".

O ministro Dante de Oliveira disse que d. Avelar o acompanhou no primeiro assentamento de famílias na implantação da reforma agrária do atual governo, afirmando que o cardeal sempre foi um "fervoroso defensor de tais medidas".

22 - 10 - 1979

## D. Avelar encontra-se na UTI em estado grave

Da Reportagem Local

O cardeal-primaz do Brasil e arcebispo de Salvador (BA), d. Avelar Brandão Vilela, 74, está agonizante na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Instituto do Coração (Incor), em São Paulo, vítima de um câncer no estômago em fase de metástase (quadro clínico que indica a expansão da doença no organismo). D. Paulo Evaristo Arns e outros bispos que o têm visitado, antes que entrasse na atual etapa de sua doença, afirmam que d. Avelar mantém o mesmo estado de espírito manifestado há cerca de um mês, quando anunciou em Salvador que estava com câncer, repetindo o que já fizera seu irmão, o senador Teotônio Vilela.

D. Avelar mantém moral elevado e resiste às dores, fazendo o possível para que o ambiente ao seu redor

—entre médicos, enfermeiras e amigos— seja marcado pela serenidade e pela consciência de que “a vida não acaba quando termina”, segundo dizem os que o visitam.

No Vaticano, o papa João Paulo 2º é diariamente informado, através da Nunciatura Apostólica e da CNBB, em Brasília, sobre a evolução do estado de d. Avelar. Em março passado, quando 21 cardeais, arcebispos e bispos brasileiros foram ao encontro do papa para um diálogo sobre o relacionamento entre o Vaticano e os representantes no Brasil, d. Avelar foi o escolhido pela delegação brasileira para fazer o discurso de saudação ao papa. Como sempre fez em toda a sua vida de padre, bispo, arcebispo e cardeal, enfatizou a busca da unidade e a superação das diferenças, em nome do “bem da Igreja”.

## Carta de D. Fernando denunciando calúnia

Recebemos a seguinte carta circular do Bispo Diocesano de Limeira, SP, D. Fernando Legal:

Como pastores responsáveis por esta Igreja de Limeira, Bispo, Vigário Geral, Vigários Episcopais, Coordenador do Conselho de Presbíteros e Membros de nosso Presbitério, nesta hora em que a Igreja de Limeira, mais uma vez se vê envolvida em acontecimentos que desfiguram sua imagem por causa de sua opção pastoral, fazemos a seguinte reflexão de esclarecimento com os fiéis:

1. Fundamentada nos documentos atuais da Igreja, a Diocese de Limeira "assume a defesa dos Direitos Humanos e se solidariza com os que lutam por eles" (Puebla 146), vindo reafirmar sua opção de caminhar ao lado dos que não têm vez e voz, na luta pela construção de uma sociedade justa e fraterna, onde a verdade esteja acima de quaisquer interesses particulares e portanto não seja ocultada.

2. Desde 1.º de maio de 1984, a Igreja na cidade de Limeira vem sofrendo, em membros do clero e leigos cristãos, calúnias, perseguições, pressões e prisões,

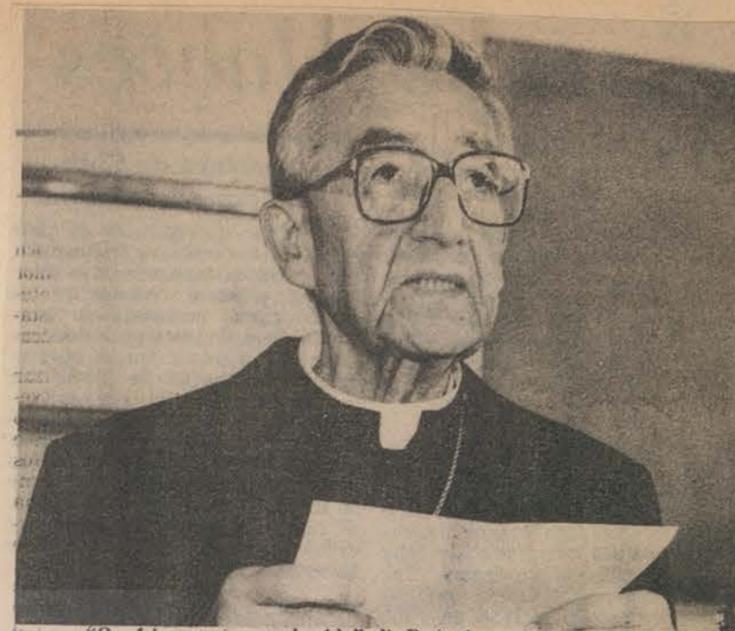
culminando com os lamentáveis acontecimentos do último dia 4, quando num show-comício político do PMDB, no Parque Novo Mundo e CECAP, o seminarista Jonas Beltrão de Oliveira foi agredido fisicamente em cima do palanque pelo prefeito da cidade, injustamente acusado de agitador e depredador, sendo detido pela guarda municipal e conduzido preso à delegacia de polícia local.

3. Portanto, comprometidos com a prática libertadora de Jesus Cristo, fiéis às opções pastorais de nossa Igreja, não podemos concordar com as inverdades levantadas sobre a pessoa do seminarista, que sabemos ser de muito boa índole e perfeitamente fiel às diretrizes pastorais da Igreja no Brasil.

4. Tendo em vista este lamentável fato e os anteriores, convocamos nossos fiéis a repudiar toda sorte de violência, calúnia e perseguições, jamais permitindo que a mentira prevaleça sobre a verdade.

Limeira, 7 de outubro de 1986.

D. Fernando Legal, Bispo Diocesano e Vigários Episcopais e Coordenador do Conselho de Presbíteros.



"O sofrimento é parte da vida", diz D. Avelar ao deixar o hospital

## D. Avelar deixa o Incor e muda-se para convento

25-10-86

Da Reportagem Local

O cardeal primaz do Brasil e arcebispo de Salvador (BA), d. Avelar Brandão Vilela, 74, recebeu alta ontem do Instituto do Coração (Incor), do Hospital das Clínicas de São Paulo, e mudou-se para o convento das Pias Discípulas do Divino Mestre, localizado no quilômetro 18 da rodovia Raposo Tavares. Em entrevista coletiva às 16h30, no auditório do Incor, pouco depois de receber alta, d. Avelar disse que "não é fácil sofrer, mas o mais difícil é saber sofrer".

Sempre sereno e sorridente, vestindo "clergyman" preto e apoiado numa bengala, ele leu, no início da entrevista, uma nota de despedida —com o título "Até breve, se Deus quiser"— e uma comunicação "ao povo da Bahia e do Brasil". Na nota, reafirma que tem câncer no estômago e agradece aos médicos e funcionários do Incor. Na comunicação, diz que está conseguindo assimilar o tratamento quimioterápico a que é submetido pela equipe do médico Silvano Raia, "apesar de alguns pequenos incômodos que, vez por outra, aparecem dentro do quadro geral".

D. Avelar afirma, depois, que "o futuro do tratamento é, humanamente falando, incerto, pois é longo o caminho a percorrer" e que só depois da terceira aplicação de medicamentos, no início de novembro próximo, é que terá "informações objetivas" quanto aos resultados da medicação. Destaca que continua "a precisar do apoio espiritual do povo brasileiro, generoso e perseverante", e afirma que "a experiência do sofrimento e de fé que estou a viver, com tranqüila objetividade, é um dom de Deus, uma graça inefável, um período de cres-

cimento espiritual, de contemplação da altura, largura, comprimento e profundidade do amor de Jesus Cristo" (citando trecho da carta do apóstolo Paulo aos efésios).

### Mensagens

O cardeal da Bahia ofereceu, em seguida, seus sofrimentos "pela Igreja e pela pátria, pela santificação do clero, seminaristas e noviços, pela integridade moral e pela estabilidade da família brasileira". Pediu que haja paz no Brasil e desejou que "os esforços do papa João Paulo 2º, promovendo reflexões sobre a paz e a justiça, no mundo inteiro, sejam coroados de êxito".

Pouco depois, d. Avelar disse que "o sofrimento faz parte da vida, é um elemento integrante da nossa realidade humana", acrescentando que "os que sofrem não desesperem nem desanimem, porque tanto o desânimo quanto o desespero aumentam a gravidade do sofrimento". Lembrou que "há outros que sofrem por fome ou por falta de trabalho", enfatizando que "isto é mais triste e lamentável". D. Avelar afirmou que deseja voltar a Salvador e informou que, na próxima segunda-feira, às 10h, na capela do convento em que está hospedado, concelebrará missa com todos os bispos do Estado de São Paulo.

Falando das próximas etapas de seu tratamento, d. Avelar disse que "é preciso fazer humanamente tudo quanto for possível, sabendo sempre que a decisão final caberá a Deus". Lembrando que, na próxima segunda-feira, completará quarenta anos de ordenação episcopal, ele fez uma oração em voz alta, agradecendo a Deus "por ter sido sempre fiel" à sua vocação.



Acompanhado de d. Paulo (esq.), D. Avelar celebra a missa no convento

28/10/1968

## D. Avelar celebra com missa os quarenta anos como bispo

Da Reportagem Local

O cardeal primaz do Brasil e arcebispo de Salvador (BA), d. Avelar Brandão Vilela, 74, presidiu ontem, às 10h, na capela do convento das Pias Discípulas do Divino Mestre, km 18 da rodovia Raposo Tavares, na Grande São Paulo, a missa em comemoração aos seus quarenta anos de ordenação episcopal e 51 de sacerdócio. Participaram da celebração o cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, seu secretário particular, padre Tadeu Xavier, o secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida (que chorou ao falar depois do sermão), os demais bispos auxiliares da Arquidiocese paulistana e a irmã de d. Avelar, Gisella Vilela Marinho. Da Bahia, vieram para a cerimônia os padres Luiz Moreira Simões de Oliveira —ordenado por ele— e José Abel Carvalho Pinheiro, de Feira de Santana.

D. Avelar vestia paramentos brancos e, aparentando sentir fortes dores em decorrência do câncer que o vem atingindo, mantendo-se sentado quase todo o tempo, fez questão de

ajoelhar-se, amparado por d. Paulo, depois da consagração. Antes da missa, o cardeal Arns afirmou que "Deus reserva a algumas pessoas a graça e a responsabilidade de fazer história e d. Avelar foi escolhido pelo Senhor para essa difícil missão", lembrando o exemplo do falecido senador Teotônio Vilela, irmão de d. Avelar. D. Avelar afirmou, em seguida, que não se arrependeu "um só dia" de ser padre. Na homilia, d. Paulo disse ter sido escolhido cardeal juntamente com d. Avelar e observou que "nesta hora, até os espíritos mais incrédulos se perguntam como um homem pode resistir com tanta alegria diante do sofrimento".

Na bênção final da missa, d. Avelar lembrou o Dia Nacional da Paz, celebrado ontem em Assis (Itália) por João Paulo 2º e líderes das principais religiões do mundo, e pediu a todos que "saissem em paz, na alegria e na esperança". Na sacristia, foi recebido com a música "Parabéns pra você", cantada pelas religiosas e, pacientemente, apesar das dores que aparentava sentir, abraçou e atendeu a todos que o procuraram.

## Reforma agrária define o rumo da "Nova República", afirma d. Paulo

O cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, 65, disse anteontem, às 20h30, durante as manifestações pelo Dia Nacional da Paz, na praça da Sé (centro paulista), que os rumos da "Nova República" serão definidos pela "realização ou não da reforma agrária". Segundo ele, "a questão da terra dirá, no futuro, se o atual regime teve ou não influência decisiva na história do Brasil".

Na opinião de d. Paulo, o Plano Cruzado "é apenas um meio que não é o mais importante no país, já que a terra tornou-se uma finalidade em si mesma, porque dela vivemos, para ela voltaremos, ela é nossa mãe e sua distribuição justa é indispensável para a paz social". Em seguida, ele defendeu a "mudança urgente" na legislação brasileira para agilizar a reforma agrária, afirmando que, "se a atual legislação não mudar, para facilitar a tramitação da reforma agrária, esse processo fatalmente terminará em fracasso".

O presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), d. Ivo Lorscheiter, 59, disse, também na praça da Sé, que a reforma agrária tem que ser feita com "decisão e agilidade porque, do contrário, os

conflitos sociais só aumentarão no país". Qualificando como "vergonhosa" a situação da fazenda Annoni, em Sarandi (RS), ele disse que "não é por falta de dinheiro que a reforma agrária não se realiza".

### Proposta

O secretário-geral da CNBB e bispo auxiliar de São Paulo, d. Luciano Mendes de Almeida, 56, disse ontem, às 11h45, no convento das Pias Discípulas do Divino Mestre, km 18 da rodovia Raposo Tavares (sudoeste da Grande São Paulo), pouco depois de concelebrar missa com o cardeal Avelar Brandão Vilela, que a reforma agrária no Brasil "está sendo executada num ritmo menor do que a expectativa nacional" e que "os acampados deveriam receber melhor atendimento, com o imediato assentamento dos mais necessitados, que estão sem as mínimas condições de vida".

D. Luciano propôs que as principais instituições da sociedade civil brasileira "unam-se para rever os motivos da atual lentidão da reforma agrária e para exigir respostas eficazes para essa aspiração inadiável de toda a nação".

## Dom Mauro alerta 12-12-86 contra "acordo"

O bispo da Diocese de Cascas — RJ, Dom Mauro Morelli, costuma referir-se aos constituintes eleitos em 15 de novembro — em sua grande maioria formada por empresários, fazendeiros e banqueiros — como "cavaleiros". Por isso teme que a nova Constituição a ser elaborada por eles possa transformar-se num mero "acordo de cavalheiros".

Uma Constituição realmente representativa, para Dom Mauro, é fruto de um pacto social, que por sua vez implica na probabilidade equânime de todos os setores da sociedade se manifestarem. Ou seja, "como um grupo de homens do mesmo nível poderá escrever um pacto social?" — indaga o religioso. Dom Mauro entende que os problemas do Brasil não serão solucionados se as suas desigualdades não forem encaradas de frente, daí o seu temor de que a nova Constituição não reflita verdadeiramente a atual face do país.

A esmagadora, vitória do PMDB, em sua opinião, acarreta uma grande responsabilidade no sentido de que o partido necessita, agora, viabilizar as reformas a que se propôs, durante a campanha eleitoral. Essas reformas, no entender de Dom Mauro, são fundamentais para se evitar o caos do Estado brasileiro", apesar de as propostas acenadas pelo PMDB constituírem propostas tímidas, enquanto a população exige condições dignas de vida.

A reforma agrária, por exemplo, para Dom Mauro, tem sido conduzida até o momento de forma "irresponsável e demagógica". Citando o sociólogo Hélio Jaguaribe, o bispo acredita que o presidente Sarney tem, talvez, em suas mãos, a última possibilidade de viabilizar as reformas sociais necessárias ao País. "Ou as reformas sociais são viabilizadas, ou não se pode prever a grave crise que o Brasil poderá enfrentar".

## Papa nomeia d. Agnelo Rossi decano do Colégio dos Cardeais

Da Reportagem Local

O papa João Paulo 2º nomeou ontem o cardeal brasileiro d. Agnelo Rossi, 73, ex-arcebispo de São Paulo, para as funções de decano do Colégio dos Cardeais da Igreja Católica, em substituição ao cardeal italiano Carlo Confalonieri, que morreu em agosto deste ano. A função é meramente protocolar, mas um porta-voz do cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, que pediu para que seu nome não fosse citado, disse às 15h de ontem que a nomeação era uma grande honra e deixava a Igreja brasileira satisfeita.

Como decano do Colégio dos Cardeais —Sacro Colégio, segundo a designação do Código Canônico, que seria a Constituição da Igreja—, d. Agnelo passa a ser considerado como o primeiro entre os seus colegas de cardinalato, com precedência sobre os demais. Cabe-lhe a tarefa de ordenar (conferir as funções de sacerdote) o novo papa, se o conclave elege um que não seja padre. Não substitui o papa, quando este morrer, função reservada ao camerlengo da Igreja, atualmente o cardeal italiano Silvio Oddi.

21/12/86  
FAP

# D. Avelar Brandão morre em Salvador

21/12/86 FSP

## Quem foi d. Avelar Brandão Vilela

Da Reportagem Local e do Banco de Dados

Márcia Zoet — 24.Out.86

Alagoano de Viçosa, nascido em 13 de junho de 1912, d. Avelar ordenou-se em Aracaju (SE) em 27 de outubro de 1935, onde também recebeu a sagração episcopal em 27 de outubro de 1946. Tornou-se cardeal em 5 de março de 1973 por escolha do papa Paulo 6º. Antes de ser bispo, foi secretário do bispado de Aracaju, diretor espiritual e professor do seminário local, professor do Ateneu Sergipense, além de assistente eclesiástico do Centro D. Vital e da Ação Católica Brasileira, da qual foi um dos pioneiros. Criou nos anos 50, para uma atuação específica junto às empregadas domésticas, a Associação Santa Zita, que funciona até hoje, sobretudo no Nordeste.

Bispo de Petrolina-PE (1946-55), criou centros sociais nas periferias. Transferido para Teresina (PI), fundou a Faculdade de Filosofia e instalou a Rádio Pioneira. Como arcebispo de Salvador, organizou as comemorações do tricentenário da Arquidiocese. Na CNBB, foi vice-presidente em dois períodos e coordenou as comissões de Ação Social, Opinião Pública, Clero e de recepção aos missionários que vêm trabalhar no Brasil. Representou também a CNBB junto ao Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano), onde foi vice-presidente e presidente, em dois mandatos. Foi ele que presidiu a assembléia de Medellín, Colômbia,



D. Avelar Brandão Vilela

em 1968, um marco na história da Igreja latino-americana, sob a influência da Teologia da Libertação.

Participante do Concílio Vaticano 2º (1959-65), d. Avelar foi um homem de diálogo, aberto para a literatura (membro de várias academias de letras), para o entendimento entre Igreja e Maçonaria, e para os padres casados. No plano político, apoiou o "Projeto Brasil", de seu irmão Teotônio Vilela. Dentro do episcopado, manteve sempre uma posição de apoio crítico ao governo da "Nova República", condicionando-o à realização de reformas, sobretudo a agrária.

Da Sucursal de Salvador e da Reportagem Local

O cardeal-arcebispo de Salvador (BA) e primaz do Brasil, d. Avelar Brandão Vilela, 74, morreu às 23h55 de sexta-feira, 47 dias após ter sido diagnosticado um tumor cancerígeno em seu estômago. D. Avelar havia retornado há quatro dias a Salvador, depois de abandonar o tratamento quimioterápico a que vinha se submetendo no Instituto do Coração (Incor), em São Paulo. O cardeal-arcebispo desembarcou já em estado grave e foi imediatamente internado no Hospital Português de Salvador, onde veio a morrer, no quarto 506, 85 minutos depois de ter entrado em coma por insuficiência respiratória aguda.

O corpo de d. Avelar foi embalsamado e está sendo velado desde as 10h da manhã de ontem na Basílica de Salvador. Hoje, às 16h, será celebrada missa de corpo presente, seguida de cortejo pelas principais ruas do centro histórico de Salvador. O corpo de d. Avelar será sepultado numa cripta da Basílica, sob o altar de São José, à direita da nave da catedral.

"Ele estava lúcido e entregou tranquilamente sua alma a Deus", afirmou o monsenhor Gaspar Sadoc, que esteve com d. Avelar até o momento de sua morte, em companhia dos monsenhores José Gilberto

Luna e Manoel Pithon. Na madrugada de ontem, o bispo auxiliar de Salvador, d. Tomás Guilherme Murphy, expediu nota oficial comunicando a morte de d. Avelar ao papa João Paulo 2º, ao Sacro Colégio dos Cardeais, em Roma, ao presidente José Sarney, ao Congresso Nacional e a todas as autoridades eclesiásticas do país.

D. Avelar é o quarto membro da família Vilela a morrer de câncer. Em 1983, morreram o ex-senador Teotônio Vilela (irmão de d. Avelar), doente desde 1981, sua mulher, da. Helena Brandão Vilela, e uma das noras do ex-senador, Maria das Graças Cajueiro Vilela, mulher do ex-presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool José Aprígio Vilela.

### D. Paulo

A propósito da morte de d. Avelar, o cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, divulgou ontem nota oficial em que afirma que, "ainda sob o impacto da notícia, queremos agradecer ao Senhor da Vida a graça de ele ter dado a maior prova de fé e coragem diante da morte que se anunciava. D. Avelar, sempre eloquente por palavras e gestos, pregou seu maior sermão nos meses finais da doença: confortou os doentes em sua dor e solidão; transmitiu esperança e força a todos os que o viam e ouviam; despertou a fé na vida que jamais termina".

A nota afirma ainda que "o Brasil se sente órfão de um homem público sempre prudente em seus conselhos e pronto a dar o melhor de si, e a América Latina agradece a Deus por ter tido em d. Avelar o arquiteto da Conferência Episcopal de Medellín e o inolvidável presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano. Que nosso grande irmão Avelar interceda pelos filhos desta pátria que ele tanto amou! Prometemos, em troca, jamais esquecê-lo".

## Bispo vira refém em seque.

Da Reportagem Local

Um funcionário do Banco do Brasil, José Bartolomeu Andrade de Souza, sua mulher e dois filhos e mais o bispo de Juazeiro (município localizado no norte da Bahia), dom José Rodrigues, 60, foram mantidos como reféns por dois sequestradores — conhecidos por André e Raimundo — sobre a ponte que liga Juazeiro à cidade de Petrolina (a 769 km de Recife, PE). Até as 15h de ontem, a polícia não conseguira chegar a um acordo com os sequestradores (o comandante da PM de Petrolina, Jomar Braulino da Conceição, não admite a fuga dos sequestradores com as vítimas), que exigiam gasolina para o carro que ocupavam e desobstrução da saída para Petrolina.

Se não fossem atendidos, ameaçavam matar cada um dos reféns e atirá-los sobre o rio São Francisco, que divide os dois Estados. Há informações de que os sequestradores seriam fugitivos do Centro Penitenciário de Brasília.

O drama começou às 23h de anteontem, quando os dois homens decidiram roubar o carro de José Bartolomeu Andrade de Souza (chefe da Carteira Agrícola do Banco do Brasil), residente no centro de Juazeiro. A presença dos dois homens chamou a atenção de um guarda-noturno, que acionou a Polícia Militar. Quando a PM chegou, os ladrões haviam invadido a casa de Andrade e tomado a família como refém — além do casal, havia três filhos (de seis, quatro e dois anos) e um cunhado.

Todos foram colocados dentro de um Chevette. A preocupação dos dois sequestradores era abastecer o carro, cujo tanque já estava na reserva.

Na tentativa de encontrar um posto, os dois homens foram até Petrolina, não acharam nada e voltaram para Juazeiro. A gasolina acabou exatamente sobre a ponte Presidente Dutra. A PM já cercava o local e os sequestradores exigiram a presença de uma autoridade civil para negociar. Chegou, então, o bispo de Juazeiro, d. José Rodrigues, conhecido por combater a política dos "coronéis" da região. Ele levava um galão de gasolina, mas acabou permanecendo como refém. Durante quarenta minutos, um dos sequestradores obrigou o religioso a permane-

E. S. PAULO

## stro de família em Juazeiro

cer deitado no asfalto sob a mira de um revólver. Depois, fizeram-no tirar a batina, que foi transformada em uma "tereza" (corda feita de panos) para apanhar água no rio. Os sequestradores não permitiam que fosse entregue água ou alimentação aos reféns.

No final da manhã, o cunhado de José Bartolomeu foi liberado, juntamente com o filho mais novo do bancário. Até as 15h, a polícia permanecia a cinquenta metros do carro e havia a notícia de que pelotões de elite das PMs de Recife e Salvador foram enviados ao local. Dos dois lados da ponte, o congestionamento adquiria dimensões quilométricas. Diariamente circulam sobre a ponte cerca de vinte mil veículos.

## Bispo seqüestrado é conduzido a Fortaleza

28/12/85  
P110

Recife — Dois homens armados mantêm como reféns desde a noite de sexta-feira o bispo de Juazeiro, (BA), Dom José Rodrigues, e toda a família do chefe da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, José Andrade de Souza, enquanto policiais da Bahia e de Pernambuco impediam que os seqüestradores atravessassem a ponte que liga Pernambuco à Bahia. O seqüestro começou com uma tentativa de assalto, às 22 horas da última sexta-feira. Descobertos por policiais alertados por um telefonema do bancário, os seqüestradores invadiram a casa, imobilizaram a todos com a ameaça de armas e tomaram o carro da família — Chevette placa PV-6831 — tentando fugir em direção a Pernambuco.

A fuga foi interrompida em cima da ponte porque faltou gasolina no carro. As três guarnições de rádio patrulha da 1ª Companhia do Batalhão da PM de Juazeiro foram mantidas à distância pelos seqüestradores, que ameaçavam executar os reféns. Além do bancário, estavam dominados os dois filhos do casal — Ricardo, de 6 anos, e Katia, de 4 — e a mulher, Sonia, grávida.

Passava da meia noite quando os seqüestradores exigiram a presença de pessoas influentes na comunidade para negociar a liberação dos reféns. Mas como o prefeito, Jorge Koury, e a juíza, Ruth Santa Barbara, estavam fora da cidade, foi na casa do bispo, Dom José Rodrigues, que os policiais foram procurar ajuda. O bispo aceitou a missão e, levando um galão de gasolina para reabastecer o veículo, dirigiu-se ao local onde o carro estava parado. Foi então dominado e também tornado refém.

A partir daí, os seqüestradores passaram a impedir a aproximação de quem quer que fosse. Muita gente, entre os quais o bispo de Petrolina, Dom Paulo Cardoso, se ofereceu para intermediar a liberação dos reféns. Dom Paulo chegou a se oferecer para ficar como refém em lugar das crianças. "Nem se o senhor fosse o Papa" — respondeu, de longe, um dos seqüestradores, um homem de pele clara que se identificou como "André".

O outro seqüestrador, que se diz chamar "Manoel", mantinha armas apontadas para a cabeça dos reféns e fez com que eles ficassem deitados no chão. A batina do bispo foi rasgada e transformada em corda para içar em um balde água do rio para o consumo do grupo, que ficou o dia inteiro exposto ao sol no meio da ponte. Uma freira, a irmã Yliria, da ordem das irmãs Missionárias Médicas — preparou uma refeição, mas não conseguiu

chegar até os seqüestradores que, sempre que se sentiam ameaçados, disparavam tiros para o alto.

Policiais isolaram as duas cabeceiras da ponte e não permitiram que ninguém se aproximasse. Apesar disso, multidões se comprimiam de cada lado do rio acompanhando nervosamente os acontecimentos. O Comando da Operação Policial ficou a cargo do major Jomar Braulino da Conceição, sub-comandante do Batalhão da PM baiana de Juazeiro. Ele tentou negociar com os seqüestradores e, em companhia do delegado pernambucano Humberto Barreto, chegou a oferecer aos seqüestradores um helicóptero para que se evadissem. A condição de só entregar a nave se os reféns ficassem encerrou a negociação.

Juazeiro e Petrolina pararam a espera do desfecho do episódio. As emissoras de rádio das duas cidades passaram a transmitir direto do local, interrompendo suas programações habituais. As igrejas abriram para orações dos religiosos.

O secretário-geral da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, tentou ontem obter dos governos da Bahia e de Pernambuco a suspensão do cerco policial aos seqüestradores do bispo Dom José Rodrigues e da família do bancário José Andrade de Souza, argumentando que prolongar aquela agonia significava "contribuir para que o incidente se transformasse em uma carnificina". Mas até o final da tarde suas gestões não tinham dado qualquer resultado prático.

De São Paulo, onde estava, ele se manteve informado sobre os acontecimentos e manteve entendimentos com autoridades do governo baiano e pernambucano. Por telefone, ele conversou com o coronel Inaldo Alves, comandante da Polícia Militar de Pernambuco, e fez um apelo dramático no sentido de que a fuga dos seqüestradores fosse facilitada. "São homens desesperados e capazes de tudo" — disse Dom Luciano ao comandante da PM. Inaldo Alves disse entender o ponto de vista do arcebispo e concordar com ele. Mas argumentou: "quem está comandando a operação são policiais da Bahia".

O coronel Inaldo Alves, por determinação do governador Gustavo Krause, passou o dia acompanhando os acontecimentos. Logo pela manhã, ele designou uma equipe de oficiais do alto comando para ir a Petrolina acompanhar de perto os fatos. Em um avião do Governo do Estado, viajaram o comandante do policiamento do interior, coronel Hilton Rezende, e mais três tenentes coroneis.

# Multidão recebe em Petrolina

segunda-feira, 29/12/86 □ 1º caderno □ 5

Celia: 1

Dick: M

## o bispo seqüestrado

Jailton Batista

Nascer de novo

**Juazeiro (BA)** — Com os braços erguidos acenando para a multidão e um largo sorriso no rosto, o bispo dom José Rodrigues, de Juazeiro, chegou ontem às 17h45min ao Aeroporto de Petrolina, onde uma multidão de mais de 10 mil pessoas o esperava ao lado da família do agrônomo José Andrade Souza, funcionário do Banco do Brasil em Juazeiro, seqüestrados desde a noite de sexta-feira. Desde então, as populações das cidades de Petrolina (PE) e Juazeiro passaram a viver um clima de tensão e angústia diante da incerteza do destino dos reféns tomados pelos assaltantes identificados apenas como Raimundo e André.

Assim que desceu de um avião do Governo de Pernambuco, que foi apanhar os seqüestrados na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, o bispo não se conteve em emoção ao ver o aeroporto tomado de muita gente que batia palmas e gritava o seu nome: "Sinto a emoção da plena liberdade depois de passar duas noites e um dia sob a mira de revólver. A todo instante nos ameaçavam estourar os miolos", disse dom José, contando que no momento em que os seqüestradores os libertaram, deu-lhes a bênção e pediu que: "fossem felizes ao começar uma vida nova". Dos assaltantes, ouviu um pedido de desculpas.

### Alegria

Ocorreram vários diálogos entre os reféns e os dois assaltantes, que disseram não ter a intenção de matá-los, a não ser que fossem atacados pela polícia. Com bom humor e emocionado com os abraços e as manifestações de solidariedade das pessoas que se comprimiam no aeroporto, dom José lembrou que durante todo o tempo em que permaneceu como refém, ocorreram momentos de "extrema tensão e outros de descontração", embora os dois assaltantes só tivessem deixado de apontar-lhes as armas na madrugada de ontem, quando se encontravam no município de Ouricuri, em Pernambuco.

— Eu senti muito medo, mas em nenhum momento imaginei que eles pudessem nos matar, até porque não era um seqüestro político. Só nos apanharam para conseguir a fuga — relatou o bispo, informando que, por pouco, o bispo de Petrolina, Dom Paulo Cardoso, também não foi tomado como refém. "Se eu não peço para ele se afastar, também seria colocado no carro ainda na ponte", explicou. Acrescentou que nos momentos em que não eram acudados pela polícia ou por cerco de civis, os seqüestradores se tornavam "bastante cordiais e até falavam que gostariam de sair daquela arapuca", mas quando eram perseguidos, "eles pareciam endemoniados e sempre pronunciavam palavrões contra a polícia e falavam mal da cadeia".

De todos os libertados, a mais abatida era Sônia Andrade, mulher do bancário. Chorando copiosamente e rouca de tanto gritar para a polícia para não atacá-los, ela mal conseguia esboçar algumas palavras, mas disse que se sentia "nascendo de novo". As lágrimas aumentaram quando ela avistou os pais e parentes ainda na parte que separa a pista de pouso do salão de recepção do aeroporto. Aí, todos se abraçaram e começaram a chorar.

A saída do aeroporto demorou quase meia hora, porque uma viatura do Corpo de Bombeiros de Petrolina teve de ser chamada, tamanha era a multidão que se aglomerou no percurso de cinco quilômetros entre Juazeiro e o aeroporto. Milhares de pessoas, desde às 15h, foram esperá-los na ponte que separa as duas cidades. "Recepção assim aqui nunca houve nem para presidente de República", diziam alguns, assustados com o barulho de buzinas, fogos de artifício e gritos de "viva".

Na saída do aeroporto, o bispo foi colocado sobre os ombros e levado para uma caminhoneta do Corpo de Bombeiros. Logo adiante, foi transferido para uma viatura maior, sempre diante dos aplausos e gritos. No meio da multidão, alguns cartazes diziam: "Deus é testemunha de nossa dor e da nossa esfuziante alegria com a volta de vocês" ou ainda "Nossas boas-vindas a Dom José e à família, com o poder da oração".

O cortejo, puxado por um carro da Polícia Rodoviária e por um pelotão de motociclistas, demorou duas horas para chegar à cidade. O bispo e a família do engenheiro não paravam de acenar para a multidão que se postou ao lado da estrada e na passarela da Ponte Presidente Dutra. Até mesmo a garotinha Kátia, com os olhos vermelhos, levantava as mãos para o alto e, quando lhe perguntavam alguma coisa nos intervalos em que o carro era obrigado a parar por causa do engarrafamento, ela dizia: "Eu estou feliz. Quero ver meu irmão", referindo-se a José Francisco, de dois anos, que foi seqüestrado e libertado no sábado, juntamente com o bancário Bartolomeu Andrade, irmão do agrônomo.

No aeroporto, contaram que os momentos de maior tensão ocorreram no distrito de Dormentes, em Petrolina, quando houve um cerco da polícia, e em Ouricuri, quando novamente eles foram cercados e perseguidos. Contudo, no amanhecer de ontem, eles chegaram a dormir por 15 minutos, recolhendo as armas, mas o bispo achou mais prudente não tentar uma fuga ou tomar os revólveres que foram deixados nos bancos do veículo.

As cinco pessoas foram libertadas logo após a cidade de Barbalha, no Ceará. Os assaltantes entregaram a chave da Belina a José Andrade e saíram a pé, tomando uma carona logo adiante. Até à noite de ontem, as polícias de Pernambuco e do Ceará não sabiam informar se haviam sido presos. O chefe do Comando de Policiamento do Interior de Pernambuco, coronel Hailton Resende, disse que a responsabilidade pela captura dos dois criminosos está agora a cargo da polícia cearense. Ele contou que vai assumir o cargo do comandante do CPI hoje, oficialmente, mas resolveu antecipar o seu trabalho no comando por causa deste episódio.

## O mais longo dia de d. José

Recife — "Não escondo que tive medo, mas, para ser franco, mesmo nos momentos em que era maior a tensão, eu tinha como que a certeza íntima de que eles não iam atirar na gente como ameaçavam. Ao menos não tinham esta intenção", disse o bispo de Juazeiro (BA), dom José Rodrigues Pessoa, de 60 anos, sobre as mais de 30 horas em que esteve em poder dos seqüestradores. Segundo ele, os seqüestradores não pareciam "câpazes de atirar em alguém friamente".

Tranquilo e sorridente ("como quem desperta de um pesadelo"), ele prestou depoimento ao delegado pernambucano José Edson Barbosa, na residência do pároco da cidade cearense do Crato (perto da divisa de Pernambuco), Clairton Alexandrino. Os seqüestradores, segundo ele, eram dois homens jovens (cerca de 30 anos), um mulato, aparentemente inexperiente, que atendia por André, e um de pele clara, que era chamado às vezes de Raimundo, outras vezes de Galego.

Dom José Rodrigues contou ao delegado e aos jornalistas que o procuraram que foi despertado na madrugada do sábado por um telefonema da polícia de Juazeiro. "Queriam que eu fosse intermediar as negociações entre os seqüestradores de uma família e a polícia", contou ele, acrescentando que aceitou a missão e chegou a ter quatro conversas com os seqüestradores e os policiais antes que amanhecesse. "Na última conversa, eles, que até ali vinham tentando obter gasolina para seguir viagem, me informaram que eu passara a ser refém".

O dia passado sobre a ponte, quando passou horas deitado sobre o asfalto quente, pareceu a dom José Rodrigues o mais longo de sua vida. No final, a negociação bem-sucedida com a polícia, que permitiu o levantamento do cerco na cabeceira pernambucana da ponte, deu a impressão de que a agonia estava acabando.

— Mas a polícia várias vezes descumpriu o trato. Primeiro, eles iam nos deixar perto de Dormentes, na divisa com o Piauí, mas encontraram veículos da polícia no caminho e desistiram. Depois, prometeram nos liberar de madrugada em Ouricuri, mas também não foi possível — contava dom

José Rodrigues, lembrando que nesta cidade pernambucana a situação quase se complicou de vez, quando o carro em que vinham — o Chevette placa BB-6831 — depois de abastecido apresentou defeito e eles acharam que havia sido sabotagem da polícia.

— Quem pôs gasolina no carro foi o bispo de Petrolina, dom Paulo Cardoso, que por acaso estava no posto e eu o cumprimentei. Ele quase ficou como refém também, mas escapou a tempo, deixando o carro dele, a Belina de placa AI-3414.

### Marcados

Foi com este automóvel que os seqüestradores tentaram fugir em direção ao Ceará. Segundo dom José Rodrigues, os seqüestradores davam a impressão de que pensavam estar fugindo apenas da polícia de Pernambuco até que, ao cruzar a divisa com o Ceará, viram veículos da polícia. "Eu os convenci de que aquele carro estava irremediavelmente marcado e que com ele não poderíamos ir mais longe."

O bispo foi tão convincente que os seqüestradores, antes de chegarem a Barbalha, no caminho de Juazeiro do Norte, abandonaram o automóvel e ordenaram ao outro refém, José Andrade de Souza, que guiasse velozmente em sentido contrário e sem olhar para trás. "E quem era louco para desobedecer?", perguntava o bispo. As vítimas do seqüestro se apresentaram num posto da Polícia Rodoviária que, por rádio, deu a boa nova aos demais policiais que trabalhavam no caso.

Dom José Rodrigues recorda que, quando todos se sentiram livres das armas ("eu estava quase me acostumando com elas enfiadas no meu ouvido") começaram a rir e a contar piadas. A mulher do bancário, Sônia, que era a mais nervosa durante todo o seqüestro, riu e chorou.

Dom José Rodrigues não se esqueceu de contar também que um dos seqüestradores, o André, que parecia mais inexperiente, chegou a lamentar mais de uma vez "a enrascada" em que se metera. Sem culpar o colega, ele jurava, nestas ocasiões, "que nunca mais entraria em outra dessa".



Dom José contou que já estava acostumado com a arma no ouvido

## O seqüestro acabou no Ceará

Juazeiro (BA) — Após 37 horas retidos como reféns pelos assaltantes identificados como Raimundo e André, o bispo de Juazeiro, D José Rodrigues, e mais quatro pessoas foram libertados às 13h30min de ontem na cidade de Barbalha, no Ceará. Todos os seqüestrados foram deixados ileso no carro cedido pelo bispo de Petrolina, Pernambuco, D Paulo Cardoso, uma Belina, devolvida pelos seqüestradores, que prosseguiram a fuga em outro veículo não identificado.

O anúncio da libertação dos reféns encheu a cidade de alegria. Na periferia, muitos fiéis soltaram fogos saudando o "final feliz". Às 14h, o bispo dom José telefonou da cidade de Crato para a sede do bispado, onde todos os padres da diocese e mais o bispo de Petrolina aguardavam ansiosos a comunicação. Assim que foi reconhecida a voz de dom José, houve uma explosão de alegria, com muitas palmas e cantos. Pelo telefone, dom José pôde ouvir o barulho da festa.

### A volta

Ele informou que estava hospedado na casa do padre Clairton Alexandrino, de Crato, juntamente com o engenheiro agrônomo José Andrade Souza, funcionário do Banco do Brasil em Juazeiro, sua mulher, Sônia, e os filhos Kátia Virginia, de seis anos, e Ricardo, de quatro. Dom José disse que se sentia muito bem e que apenas iria tomar um banho e comer alguma coisa para seguir viagem. Depois de falar com a agente pastoral Maria Salete Pereira, ele conversou com o bispo dom Paulo Cardoso e com o monsenhor Nestor Dias Lima, vigário da paróquia de Cosme e Damião, de Juazeiro.

### Orações

Na residência da família do bancário José Andrade, na Rua Amazonas, em Juazeiro, a notícia da libertação foi recebida com muito choro. Toda a família, inclusive o irmão Bartolomeu Souza, que foi seqüestrado e depois libertado no sábado com o sobrinho José Francisco, de dois anos, permaneceu acordado e rezando pela vida dos reféns. As pessoas que chegavam para manifestar solidariedade eram levadas para os quartos e para uma das salas para verem vários buracos nas paredes feitos pelas balas dos assaltantes.

Cada vez que o telefone tocava havia um corre-corre e uma disputa entre as irmãs e primas para atendê-lo. Pela manhã, houve pouca informação concreta, a não ser as fornecidas pelas emissoras de rádio da região. Um pouco antes das 14 h., a família ouviu a confirmação da libertação pelas rádios. As pessoas que estavam em casa se abraçaram e choraram. Algumas delas sentiram-se mal por causa da emoção. O pai de José Andrade, Benjamin de Souza, que no sábado havia sido hospitalizado com problemas de hipertensão, estava em casa quando soube que o filho estava bem.

O cerco da polícia e de voluntários que resolveram perseguir os seqüestradores do bispo de Juazeiro, dom José Rodrigues, e mais quatro reféns capturados na noite de sexta-feira, impediu que o caso fosse resolvido mais rápido. Desde as 18h30min de sábado, quando os assaltantes André e Raimundo conseguiram sair da ponte sobre o rio São Francisco, que liga Juazeiro a Petrolina, em Pernambuco, a fuga foi complicada porque vários cercos foram formados.

No distrito de Dormentes, em Petrolina, os seqüestradores, sentindo-se acuados, fizeram vários disparos para o ar e ficaram parados por mais de uma hora aguardando que o policiamento se afastasse. O clima de tensão só diminuiu um pouco aí porque o governador de Pernambuco, Gustavo Krause, se empenhou pessoalmente para que o pelotão de choque da PM desobstruísse a estrada.

Suspensão do cerco, eles seguiram para o município de Ouricuri, passando por um desvio, onde novamente foram cercados. Os seqüestradores, durante todo o tempo, mantiveram sob a mira de revólveres o bispo de Juazeiro, o engenheiro agrônomo José Andrade de Souza, sua mulher, Sônia, e os filhos Kátia, de seis anos, e Ricardo, de quatro. Em Ouricuri, eles exigiram um carro mais possante que o Chevette do bancário e abastecido. O bispo de Petrolina, dom Paulo Cardoso, enviou a sua Belina (ano 85, placa IA-3414) e o Chevette foi abandonado.

### Suspeitas

Muito nervosos, os seqüestradores ameaçaram matar o bispo e os demais reféns e ficaram irritados quando desconfiaram que a gasolina de reserva colocada numa vasilha poderia conter água. Eles a derramaram e exigiram um novo carregamento, no que foram atendidos pela prefeitura local, que ainda providenciou alimentação e água mineral. Enquanto isso, o coronel Falcão, comandante do pelotão de choque da PM pernambucana, tentou negociar para que fossem libertadas as duas crianças.

Depois de Ouricuri, eles seguiram para a cidade de Exu, tomando o destino do Ceará. Dois veículos da diocese de Juazeiro seguiram a distância para apanhar os reféns assim que fossem libertados.

O bispo dom José Rodrigues de Souza tem sua vida marcada por militância nos movimentos de organização dos trabalhadores rurais na região, destacando-se a luta que liderou pelo pagamento das indenizações e pelo reassentamento dos camponeses prejudicados com a construção da barragem de Sobradinho.

Ele tem 60 anos e nasceu na cidade de Paraíba do Sul (RJ). Pertence à congregação dos redentoristas e foi ordenado padre em 1950, em São Paulo. Esteve em Aparecida do Norte (SP) e foi missionário em Goiás.

Janet:

Celia:

Dick:

Celia:

Dick:

Celia:

Dick:

Writ

Writ

If

they allow  
tant: all  
r relation-

d from the

ools is  
rom home as  
lidays.  
the world,

aren't

nd they

fuller

things.

people.

ple.

owadays.

of society.

o be free.

art of

si

ol or no?

## Polícia ainda não tem pista dos sequestradores do bispo

31-12-86  
Das Sucursais

As polícias de Pernambuco, Ceará e Bahia continuam ainda sem pista dos sequestradores do bispo de Juazeiro (BA), dom José Cardoso Rodrigues, do engenheiro-agrônomo do Banco do Brasil, José Andrade Souza, de sua mulher e de dois filhos. O sequestro teve início na noite de sexta-feira em Juazeiro (495 km a noroeste de Salvador, BA) e terminou no domingo à tarde, quando os reféns foram libertados no município cearense de Barbalho. As polícias dos três Estados não confirmam os nomes de Argemiro Antonio da Silva, 24, o "Trin", e José Nogueira Bezerra, 24, fuggitivos do Centro de Internamento e Reeducação (conhecido como Papuda), em Brasília, como o dos sequestradores.

A polícia cearense está na busca de

um assaltante conhecido em Juazeiro do Norte como "Teba", que poderia ser o homem que teria esperado os dois assaltantes em uma estrada perto do município de Barbalho. A suspeita é de que os dois sequestradores (se identificaram a seus reféns como "Raimundo" e "André") encontram-se ainda nas redondezas de Juazeiro do Norte.

A polícia de Brasília enviou ontem à Secretaria de Segurança Pública da Bahia fotos e fichas carcerárias dos cinco fuggitivos do Centro de Internamento e Reeducação para que dois deles possam ser identificados pelas vítimas do sequestro. Até agora, a única evidência que a polícia tem de que os sequestradores sejam fuggitivos da Papuda são depoimentos de presos e agentes penitenciários que conheciam os dois e os reconheceram pela televisão.

## Cabe aos teólogos católicos corrigir desvios e anunciar a verdade da fé

DOM EUGENIO SALES

Vivemos tempos difíceis. Conseqüentemente, adquire impressionante atualidade a exortação paulina: "Pois virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, segundo os seus próprios desejos, como que sentindo prurido nos ouvidos, se rodearão de mestres. Desviarão os ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas" (2Tm 4,3). A sociedade humana parece enferma com a perda dos valores mais fundamentais, com a desagregação do homem, que, sem um rumo certo, entrega-se aos desvarios. Os meios de comunicação social refletem os hábitos daqueles que os manipulam e parte dos destinatários, concorrendo fortemente para a consolidação dessa mentalidade.

A gravidade da crise preocupa ainda mais quando penetra o próprio corpo eclesial. E a confusão teológica insere-se em tal contexto. O relativismo e subjetivismo manifestam-se também no nobre exercício do estudo racional da doutrina cristã. Lançam-se dúvidas avulsas, destroem-se certezas afirmadas pela Revelação, conquistadas com o martírio de gerações de cristãos e que suscitaram tantos santos. E tudo isso em nome de uma liberdade individual, mal interpretada que não considera devidamente o direito fundamental dos fiéis católicos de ver proclamada a doutrina autêntica e defendida a própria fé.

Ainda há pouco e em muito boa hora, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou a "Instrução sobre a vocação do teólogo na Igreja", recordando a importância desse serviço eclesial a ser exercido em sincera comunhão com a Igreja e nunca em paralelo a esta. Urge que os teólogos católicos, no desempenho da sua missão, sob todos os aspectos meritória e necessária, acolham tais diretrizes e as traduzam em adesão concreta, leal e efetiva.

Entretanto, é necessário também lembrar a urgência da correção dos desvios doutrinários na apresentação e promoção da doutrina. O Pontífice Romano, em seu magistério universal, e cada Bispo em sua Igreja particular são chamados a anunciar a verdade da Fé, prevenir o erro, corrigir as distorções. É o que ensinava o mesmo apóstolo Paulo dirigindo-se a Timóteo: "Tu, porém, proclama a palavra, insiste, no tempo oportuno e no inoportuno, refuta, ameaça, exorta com toda paciência e doutrina" (2Tm 4,2).

do pluralismo moderno, qualquer competência sobre os limites da fé católica, equivale a derrubar por terra a constituição da Igreja assim como ela é, no mistério da revelação" ("O complexo anti-romano", cap. 1).

O novo Código de Direito Canônico, retomando a doutrina de sempre, recomenda ao Pastor diocesano: "Defenda com firmeza a integridade e unidade da fé, empregando os meios que parecerem mais adequados, reconhecendo, porém, a justa liberdade na investigação mais profunda da verdade" (cân. 386,2). O que nem sempre é fácil, seja pelos múltiplos afazeres que recaem sobre seus ombros, atarefado por tantas urgências pastorais, seja porque lhe falta às vezes maior tempo para estudo e aprofundamento teológico.

Nesta linha, como serviço, a Arquidiocese do Rio de Janeiro está patrocinando nesta última semana de julho um curso de atualização teológica para os Bispos, sobre o tema: "O múnus petrino no final do milênio diante dos problemas da Igreja". Fizera sua inscrição, 102 Bispos brasileiros e a confirmaram 96. Entre estes, alguns Cardeais, o Núncio Apostólico no Brasil, o Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ainda convalescente de grave acidente automobilístico.

Como o próprio tema indica, é a busca de uma crescente união com a Cabeça, o Romano Pontífice. Por isso, nada mais oportuno que confiar ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o encargo de dirigir o curso. O Papa se serve desse Dicastério para orientar a Igreja em matéria doutrinária. O Cardeal Joseph Ratzinger aceitou essa missão e aqui permanecerá esta semana, ajudando-nos fraternalmente. Ele abordará em suas palestras: "Origem e natureza da Igreja"; "Pedro e a unidade da Igreja"; "O Bispo na Igreja universal e na particular". De permeio, serão tratados temas afins, por conferencistas de nosso Episcopado, especialistas nos assuntos e um representante do Celam, sobre os aspectos bíblicos, patológicos, a situação eclesial latino-americana nos últimos 20 anos, o ensinamento do atual Pontífice e perspectivas ecumênicas.

Essas apresentações serão feitas em torno da figura do Papa, em sua função específica de Sucessor de Pedro e cabeça do Colégio Episcopal.

Um regime de internato e tempo integral possibilitará o incremento de clima fraterno, comuns nas reuniões de nosso Episcopado.

Esse curso não tem em mira, exclusivamente, os Pastores das Dioceses. Estas, em sua globalidade, serão beneficiadas pela irradiação de um tema tão atual: "O múnus petrino no final do mi-

O teólogo contemporâneo, recentemente falecido, Hans Urs von Balthasar, escrevia: "Nenhuma pluralidade há que se temer no seio da fé eclesial. Tampouco deve-se temer os resultados das investigações extraeclesiais. O inquietante e terrível é a atitude de certos investigadores e outros cristãos que estão com um pé na fé da Igreja e outro em uma fé individual auto-justificada e em uma neutralidade nada eclesial, que fomenta um pluralismo existencial que beira a esquizofrenia. (...) é algo que o magistério pastoral deve indicar como extravio. Assim fizeram os apóstolos de fato e por escrito, sem medo de ferir a caridade cristã. (...) Baste notar que recusar ao ministério eclesial, sob pretexto de liberdade de investigação e em nome

lênio diante dos problemas da Igreja". Através dos participantes, será valioso estímulo em favor de todo o povo de Deus.

Além disso, o Cardeal Joseph Ratzinger dará uma entrevista coletiva à imprensa, divulgando assim o seu pensamento. Também fará, na quinta-feira, 26 de julho, à noite, uma conferência pública dedicada aos sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos, principalmente das diversas comissões de pastoral, sobre o tema "A Igreja, sua origem e natureza".

Adirão frutos de uma fé robustecida, que supera dúvidas ou perplexidades. Assim o espero, será fortalecida a verdadeira unidade, consequência natural de uma comunhão em torno de ensinamentos básicos, como os propostos nesses dias.

## Dom Tomás Balduino

*O lema de Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás (GO), é "pescador de homens". E é isso que ele vem fazendo ao longo dos anos, em sua região desde 1967 e como presidente do Cimi, entre 1975 e 1979. Em entrevista a O SÃO PAULO, Dom Tomás considerou "desigual" a luta que a entidade vem travando com os grandes meios de comunicação e contra o Congresso Nacional, vítima de calúnias por sua defesa da causa indígena. "Coitado do Cimi, três gatos pingados nesse país imenso", disse ele ao afirmar que a atual Constituinte está sendo mais danosa aos índios brasileiros do que toda a história de colonização do país. "Mas, com Constituinte ou sem Constituinte, a caminhada se dará".*



### Venceu o bezerro de ouro

**O São Paulo:** Dom Tomás, a campanha difamatória movida contra o Cimi abalou a entidade?

**Dom Tomás Balduino:** Essa é uma luta desigual com os grandes meios de comunicação aqui implantados, com os próprios meios do Congresso, reunido numa Comissão Parlamentar de Inquérito que, antes de ser do Cimi, é contra o Cimi. Ocupou-se um espaço como nunca ocupou-se com outras causas e contra outros inimigos. O Cimi foi escolhido por essa gana, essa ojeriza desses meios de comunicação, tomando um lugar extremo em suas páginas.

**O SP:** Mas todas essas acusações são falsas...

**Dom Tomás:** As três acusações maiores dessa "conspiração" do Cimi, que são o atentado à soberania do país, a internacionalização de 14% da Amazônia, a articulação com as empresas mineradoras são fruto de uma imaginação muito fértil. Tudo isso é mentira. Tudo isso é muito mentiroso e coitado do Cimi, três gatos pingados nesse país imenso. Entre os documentos apresentados estava até a participação do

Cimi no Simpósio de Barbados, de antropólogos, em 1971... e o Cimi nasceu em 1972.

**O SP:** Mas os resultados dessa campanha podem ser vistos na Constituinte?

**Dom Tomás:** Ontem (29 de outubro) a Comissão de Sistematização votou o que o "Estadão" queria, por trás do "Estadão" estão as mineradoras. Agora, as áreas indígenas vão ser lavradas, vão ser fuçadas por qualquer mineradora. Nessa história, ganhou o bezerro de ouro contra os índios.

**O SP:** Como o senhor se sente diante disso?

**Dom Tomás:** Pouco importa que o Cimi seja assim atacado. O que nós não podemos admitir é esse massacre dos povos indígenas. Também é curioso que o "Estadão", que no tempo da ditadura teve sua língua cortada pela censura, seja agora porta-voz daquilo que ele cortou com a língua.

**O SP:** Como o senhor avalia o papel da Constituinte?

**Dom Tomás:** Essa Constituição está sendo o instrumento mais danoso em

relação aos índios em toda a história do Brasil. A Lei nº 6.001, do tempo de Médici, foi uma lei que defendeu os índios. Já essa lei, essa Constituinte e essa Constituição, caem em cima da terra dos índios, pois reduzem a terra onde ele está, um conceito capitalista de terra. As mineradoras vão poder entrar nas terras indígenas e os índios aculturados vão perder automaticamente seus direitos de índios. E muda até o conceito de capacidade, de relativamente incapazes eles passam agora a totalmente incapazes.

**O SP:** Então, se perdeu tudo?

**Dom Tomás:** Essa é uma ação criminosa de nossos legisladores. Porque eles não assumem o desafio de conter o militarismo, de fazê-lo voltar às casernas?

**O SP:** Como o senhor vê o futuro?

**Dom Tomás:** Com Constituinte ou sem Constituinte, a caminhada dos povos indígenas se dará. Essa é a luta dos fracos contra os gigantes, que serão derrubados. Eles são adoradores do dinheiro, do ouro, que querem arrancar os índios de cima das terras. Essa Constituinte é um estatuto da elite, mas não sobreviverá.

"O Brasil não foi descoberto, foi invadido". A frase de Ângelo Kretã, da nação Kaingang, foi uma das que emolduraram o ato de solidariedade aos povos indígenas e ao Conselho Indigenista Missionário, realizado na sexta-feira dia 30 de outubro na Câmara Municipal de São Paulo. Por iniciativa do vereador Jucelino Silva Neto, do Partido dos Trabalhadores, foi entregue a Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás Velho e ex-presidente do Cimi, a Medalha Anchieta e um diploma, recebido em nome de Dom Erwin Klauter, bispo do Xingu e atual presidente da entidade, recentemente acidentado.

Pela primeira vez em muitos anos, o Plenário da Câmara Municipal de São Paulo perdeu a

costumeira rigidez e recebeu cerca de 300 pessoas, que desprezando o feriado prolongado compareceram ao ato de solidariedade aos povos indígenas. Entre os presentes estavam, além de Dom Tomás Balduino, o bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, o bispo da Região Sê e representante da Arquidiocese de São Paulo, Dom Décio Pereira, o coordenador da UNI (União das Nações Indígenas), Ailton Krenak, além de representantes da Comissão Pastoral da Terra, Agência Ecumênica de Notícias, Central Única dos Trabalhadores, Associação Brasileira de Antropologia, Comissão Pró Índio, Centro Ecumênico de Documentação e Informação e Centro de

Paulista, montassem uma cruz com fotografias de mártires latino-americanos. Dom Pedro Casaldáliga ocupou o microfone para declamar seu poema "Memória Penitencial", do livro "Missa da Terra Sem Males", onde relata a esperança de um mundo mais humano, com terra e direitos para os índios.

"As pessoas indígenas têm pago preço da injúria, da difamação, dos assassinatos, do terrorismo dos fazendeiros, dos pequenos canalhas que controlam os pequenos poderes desse país", disse Ailton Krenak, da Nação das Nações Indígenas. "Se nos arrancarem a terra mas se não conseguirem arrancar a coragem, nós vamos lutar sempre. Temos que resgatar o que é

nosso. Eu acredito que essa homenagem conseguirá clarear os vãos escuros da burrice que reina no Brasil. A ação da Constituinte não vai conseguir vingar e a coragem do nosso povo sobreviverá pelos séculos", declarou.

Também dom Pedro Casaldáliga lembrou a coragem necessária para enfrentar o poder em favor dos índios, afirmando que "se eu pudesse, diria aos meus irmãos bispos: 'Vamos a Brasília, vamos tumultuar evangelicamente Brasília'. E o mesmo diria aos trabalhadores, operários, mulheres. Pelo amor de nossos pais, vamos ser dignos dessa hora histórica que estamos vivendo, que está na eminência de instituir legalmente o genocídio e o etnocídio", falou.

Já o vereador Jucelino Silva Neto afirmou que as nações indígenas estão condenadas à morte se permanecer o artigo que relata o maior exemplo vivo de sociedade, de que os homens são capazes de viver livremente, se houver exploração de classes, de desigualdade, de opressão, de sociedade que vivem em plena harmonia com a natureza". Dom Tomás Balduino, antes de receber a Medalha, afirmou que Cimi sofreu uma campanha desigual, "mas pouco importa. O que nós não admitimos é esse massacre dos povos indígenas". Logo após o ato foi assinado um abaixo-assinado, intitulado "Proclamação de solidariedade", que será entregue ao relator da Constituinte, Bernardo Cabral

Direitos Humanos da América Latina.

Segundo João Carlos Alves, presidente da sessão, o ato significou a homenagem mais importante que a Câmara Municipal prestou. "Esse povo mostra luta pela sobrevivência e é mais justo que a Câmara lembre essa gente", disse ele, quebrando o protocolo da Casa que prevê chamada dos convidados, por um: Dom Tomás foi o único que foi apresentado à galeria sob calorosos aplausos.

Não caminharei por caminhos de injustiça. Não aceitarei a opressão com os mais pobres. Um verso do poeta nicaraguense, neste Cardenal serviu de pano de fundo para que dez pessoas, vindas de São Paulo

26/02/87. Falava da minha problemática pessoal como cristão, católico praticante, de viver e de levar a mensagem evangélica, nos nossos cotidianos, nos nossos locais de trabalho.

Observei muito bem que muitos católicos, por batismo e tradição, parecem às vezes esquecer que Jesus de Nazaré é Filho de Deus, o Messias Prometido, o Salvador do Mundo e que, sendo assim, o valor espiritual de sua mensagem tem o aval de Deus Todo Poderoso.

A problemática vivencial mencionada pelo sr. Marcos Coelho é para mim, de um realismo mais palpável que campanhas sociais idealistas, que estão fora de meu alcance imediato ou da minha compreensão e, algumas vezes alheias à minha maneira de sentir e pensar.

O cristianismo de simples amor ao próximo mais imediato, qualquer que seja; de propagação da mensagem por ato, comportamento, exemplo ou palavra, está sempre ao meu alcance e é uma importante ferramenta para meu desenvolvimento pessoal.

Este assunto está por merecer mais destaque e mais empenho neste jornal. Parabéns pela campanha da AIDS.

Thomas Corbett Jr. - São Paulo - SP



Dom José Brandão de Castro denuncia ameaças de morte em Propriá (SE)

A Diocese de Propriá (SE) vem a público denunciar e chamar a atenção das autoridades do Estado e do povo sergipano para as ameaças de morte contra agentes de pastoral desta instituição e contra trabalhadores rurais, por parte de latifundiários e grileiros.

## NOTA DA DIOCESE DE PROPRIÁ

1. O Senhor José Roberto Barros, proprietário da Fazenda Cadoz, no município de Neópolis, está pressionando posseiros que residem em terras de propriedade do Codevasf, localidade conhecida como Mundéu da Onça, a abandonarem suas plantações de arroz na área fronteira com a sua propriedade, a ponto de tentar cercar toda essa área de terra, que é de apenas oito hectares. Como os posseiros arrancaram as estacas, as ameaças e intimidações passaram a ser constantes.

Os funcionários do Codevasf, que trabalham no Perímetro de Betume, asseguram que a área em conflito pertence à empresa e constitui posse da Associação dos Posseiros de Mundéu da Onça. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) desta Diocese, constatou a veracidade desta informação no cartório de Registro de Imóveis de Neópolis.

O referido proprietário, com o intuito de grilar esta terra a qualquer custo, está planejando juntamente com o sr. Francisco Coelho de Melo, conhecido por "Tito", o assassinato do agente de pastoral Genivaldo Alves dos Santos, conforme conversa escutada por trabalhadores da Associação dos Posseiros de Mundéu da Onça.

2 - No município de Canhoba, onde estão acampadas 56 famílias, na Fazenda Borda da Mata, já oficialmente desapropriada pelo presidente José Sarney, correm boatos de que após a saída do atual governo do Estado (N.R. - o novo governo tomou posse no último dia 15), seriam assassinados dois lavradores pertencentes às lideranças daqueles trabalhadores. Ameaças semelhantes vêm sofrendo Frei Enoque Salvador, Vigário Geral da Diocese e dos municípios de Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé do São Francisco. Estas ameaças partem de grandes latifundiários e políticos da região, inconformados com a presença profética e evangelizadora da Igreja.

Pedimos às autoridades competentes a apuração dos fatos e garantia de vida para os agentes de pastoral desta Diocese, bem como dos trabalhadores rurais envolvidos em conflitos de terras.

Dom José Brandão de Castro - Bispo de Propriá (SE)

## MENSAGEM AOS CRISTÃOS

Foi com grande satisfação e um sentimento real de fraternidade que li a carta do sr. Marcos Coelho em O São Paulo de 20 a

Denunciamos o quadro de violência planejada, seletiva e impune com o claro objetivo de desmontar, desarticular e amedrontar pessoas e movimentos que lutam pela Justiça e Paz no Brasil. Esta violência ocorre com a omissão, conivência ou participação direta do Estado. Alguns fatos chamam a atenção e comprovam nossas afirmações anteriores:

- mais de 10 lavradores foram brutalmente assassinados na Fazenda Mirassolzinho, em Jauru (MT), em dezembro de 1986;
- despejo violento de 700 famílias acampadas na Fazenda Corimbatã, Chopinzinho (PR) em janeiro de 1987. Este despejo foi efetuado pela Polícia Militar do Estado do Paraná;
- comportamento violentíssimo do aparelho repressivo no dia 12/12/86, dia da greve geral convocada pelas centrais sindicais;
- violentos despejos de favelados em grandes cidades, principalmente na cidade de São Paulo.

A violência que desaba sobre a classe empobrecida da sociedade é global e generalizada como podemos ver nos dados da revista Senhor nº 306, de 29/01/87: 261 mortos em 1986, na chamada Guerra no Campo. Não bastasse isso, já circulam listas dos "marcados para morrer" em 1987. O que fazer diante desta situação? Continuar omissos e cúmplices de tantas mortes e violências?

Algumas sugestões sobre o que fazer:

- envie telegramas ao ministro da Justiça exigindo proteção à vida dos marcados para morrer;
- divulgue ao máximo os nomes das pessoas marcadas para morrer e denuncie o quadro de violências existentes no País;
- leve o assunto ao conhecimento das autoridades locais do seu município e estado (vereadores, prefeitos, juizes, deputados, dirigentes sindicais, etc.), solicitando deles um posicionamento público diante dos fatos.

Serviço Franciscano de Justiça e Paz - São Paulo - SP.

## "MARCADOS PARA MORRER"

Nós, do Serviço Franciscano de Justiça e Paz, reunidos em Campo Grande (MS), de 14 a 17 de fevereiro de 1987, após analisar o quadro de violência reinante no País, queremos manifestar à opinião pública nacional e internacional, em especial aos nossos confrades, nossa preocupação e indignação.

Manuel do Fetal Silva - Av. José Lopes Raposo, 330 Arsenal - São Gonçalo - RJ - CEP 24.400.

## CORRESPONDÊNCIA

"Senhor católico praticante deseja-se corresponder com pessoas diversas para amizade sincera".

Manuel do Fetal Silva - Av. José Lopes Raposo, 330 Arsenal - São Gonçalo - RJ - CEP 24.400.

## "MARCADOS PARA MORRER"

Nós, do Serviço Franciscano de Justiça e Paz, reunidos em Campo Grande (MS), de 14 a 17 de fevereiro de 1987, após analisar o quadro de violência reinante no País, queremos manifestar à opinião pública nacional e internacional, em especial aos nossos confrades, nossa preocupação e indignação.

Manuel do Fetal Silva - Av. José Lopes Raposo, 330 Arsenal - São Gonçalo - RJ - CEP 24.400.

## CORRESPONDÊNCIA

"Senhor católico praticante deseja-se corresponder com pessoas diversas para amizade sincera".

Manuel do Fetal Silva - Av. José Lopes Raposo, 330 Arsenal - São Gonçalo - RJ - CEP 24.400.

allen  
inim  
en  
hr-  
eiden  
en  
Nicht  
kümmern  
27%  
14%  
85%  
24%  
12%  
52%  
6%  
1%  
2%  
64%  
1%  
14%  
6%  
6%  
10%

## Nachkonziliare Wirrnisse

Josef Pieper hat in der Folge seiner Autobiographie jetzt seine „Autobiographischen Aufzeichnungen seit 1964 – Eine Geschichte wie ein Strahl“ (Kösel – ISBN 3-466-40170-4) herausgegeben. Aus dem II. Abschnitt „Nachkonziliare Wirrnisse“ der sehr lesenswerten Erinnerungen sei das folgende Stück zitiert. Pieper war – wie er berichtet – zur Mitarbeit bei der Übersetzung der neuen Altar-Meßbücher von Joseph Pascher in ein kleines Übersetzer-Team eingeladen worden. Was er an Ärgerlichem, ja Bestürzendem dort und anderswo erlebt hat, steht auf den Seiten 44–68 (Bkm).

Ein anderes, meinen gleichfalls erfolglos gebliebenen Protest besonders herausforderndes Beispiel war und ist die Übersetzung des im „Ersten Hochgebet“ unmittelbar auf die Konsekration folgenden Textes, der mit den Worten *Unde et memores* beginnt. Josef Andreas Jungmann hat ihn das „zentrale Opfergebet der ganzen Meßliturgie“ genannt. Aber eben diese Eigentümlichkeit auch nur wahrzunehmen, wird dem unbefangenen Hörer und Leser durch die jetzt gültige Verdeutschung nahezu unmöglich gemacht. Überhaupt kann sie, noch aus einem anderen Grunde, als *Modellfall einer sinnverfälschenden Übersetzung* bezeichnet werden. Es sind vor allem zwei Einwände, die ich gegen sie vorgebracht habe, von denen jedoch, wie gesagt, keiner akzeptiert worden ist.

– Erstens wirkt sich hier besonders verhängnisvoll die der Übersetzung insgesamt zugrundeliegende Meinung aus, dem einfachen Christenmenschen könnten einzig nebeneinander gestellte Hauptsätze zugemutet werden, nicht aber ein irgend anspruchsvolleres Satzgefüge. Diese zunächst rein sprachpsychologisch scheinende Annahme ist in Wirklichkeit, wie gerade dieses Beispiel erweist, eine höchst konsequenzenreiche Sache. In der jetzigen Verdeutschung beginnt das Gebet mit den Worten: „Darum feiern wir das Gedächtnis...“ In Wahrheit bezieht sich das „darum“ (*unde*) auf etwas ganz anderes, nämlich auf die Darbringung der Opfergabe, welche Christus selber ist; ebendies ist das „Tun“, das der Herr seinen Aposteln aufgetragen hat. Die Übersetzung aber erzwingt fast den, wie man weiß, durchaus verbreiteten Irrtum, die Messe sei wesentlich eine Gedächtnisfeier, nicht aber die Vergegenwärtigung des Kreuzesopfers Jesu Christi.

– Zweiter Einwand: Der Ur-Text, übrigens auch der neu hinzugekommenen Hochgebete, spricht mit keiner Silbe vom „Feiern“ des Gedächtnisses, sondern völlig schlicht und nüchtern vom *Eingedenksein*. Die dem Verständnis des einfachen Menschen angeblich nicht zumutbare, in Wirklichkeit völlig klare Sinnstruktur des Gebetes ist also diese: „Darum, Herr, indem wir Deines Sohnes... gedenken... bringen wir Dir dar... das heilige Brot des ewigen Lebens und den Kelch immerwährenden Heiles.“ Diese letzte Formulierung kommt, wie jeder nachlesen kann, in der heutigen Übersetzung nicht vor. Die Festlichkeit der Sprache tritt überhaupt gerade da zurück, wo der Urtext sie offenbar allein für sinnvoll hält. Von dem in Wahrheit zu feiernden Opfer Jesu Christi wird gesprochen mit allem der sakralen Sprache eigenen hymnischen Überschwang, wozu auch die Wiederholung gehört („das reine Opfer, das heilige Opfer, das makellose Opfer“). All das aber ist ausgelassen oder abgekürzt, wohl weil man den Überschwang rationalistisch mit dem Überflüssigen verwechselt hat und ihn für leeren Wortschwall hält.

Wie das *unde* („darum“) in Wahrheit gemeint ist und worauf allein es sich bezieht, hat Thomas von Aquin in einem einzigen bewegenden Wort ausgesprochen, über das man freilich, wie es zunächst auch mir selbst ergangen ist, allzu leicht hinweglesen kann. Indem sich der Priester mit diesem „Darum“ auf den Auftrag des Herrn berufe, so heißt es in der Summa theologiae, entschuldige er sich, *excusat praesumptionem*, etwas so Ungeheuerliches zu tun wie in der Mysterienfeier der Messe

den Opfertod Christi vergegenwärtigend nachzuvollziehen. (S. 51 f.)

Eine besonders krasse Übersetzungswillkür, gleichfalls erklärbar nur aus der fast schon krankhaft zu nennenden Scheu, das Heilige bei seinem wahren Namen zu nennen, ist mir erst vor den Blick gekommen, als die Diskussion über die Verdeutschung des *Ordo Missae* längst abgeschlossen und das deutsche Altar-Meßbuch schon gedruckt und also die Fruchtlosigkeit eines nachträglichen Protestes evident war. Dennoch kann ich diesen Protest nicht unausgesprochen lassen.

– Es handelt sich um die Verdeutschung des Wortes *consecratio*, wodurch bereits im vorchristlichen Rom, wie das *Oxford Classical Dictionary* sagt, der Akt bezeichnet worden ist, durch den etwas in eine *res sacra*, in etwas Heiliges, verwandelt wird. Der ehemals gebräuchliche Name „Wandlung“ trifft also sehr genau das Geschehen, das in der Messe den Höhepunkt der heiligen Handlung ausmacht.

– Wie aber ist *consecratio* in der *Institutio Generalis* des neuen Altar-Meßbuchs verdeutscht? Unglaublicherweise durch das Wort „Einsetzungsbericht“, das, wie niemand bestreiten wird, nichts anderes ist als die neutrale Bezeichnung für einen historischen Vorgang. Mir erscheint diese, das ursprüngliche *Gemeinte völlig unkenntlich machende*, „Übersetzung“ einfach hin als Skandal – worin sich aber die noch immer ungebrochene Virulenz des Giftstoffes „Entsakralisierung“ erweist. Sie reicht von der auf Kirchenbau-Tagungen schon fast selbstverständlich gewordenen Behauptung, natürlich sei die Kirche „kein sakraler Raum“, bis zur Bezweiflung der dem Priester im Weihe-Sakrament zuteilgewordenen konsekratorischen Vollmacht und Gewalt. (S. 54)

BISCHOF DOM BONAVENTURA KLOPPENBURG, OFM

## Gerechtigkeit

Unsere Generation ist entscheidend von dem Wunsch nach einer Welt geprägt, in der Gerechtigkeit herrscht – und das ist sehr gut so. Häufig jedoch wird das Bemühen um Gerechtigkeit gleichgesetzt mit der eigentlichen Aufgabe der Kirche. Eine solche Vorstellung gründet sich auf die bekannten Worte Jesu: „Selig, die hungern und dürsten nach der Gerechtigkeit, denn sie werden satt werden.“ (Mt 5, 6); „Selig, die um der Gerechtigkeit willen verfolgt werden; denn ihnen gehört das Himmelreich.“ (Mt 5, 10); „Euch aber muß es zuerst um sein Reich und um seine Gerechtigkeit gehen; dann wird euch alles andere dazugegeben.“ (Mt 6, 33).

Der heilige Matthäus versichert uns, daß dies wirklich Worte des göttlichen Meisters sind, und in diesen Sätzen Jesu nimmt die Gerechtigkeit unbestreitbar einen zentralen Platz ein. Auch in den Schriften des Alten Testaments kann man ohne Schwierigkeiten eine Reihe von Äußerungen finden, in denen die „Gerechtigkeit“ als grundlegendes Anliegen erscheint. Im Neuen Testament, speziell in den Briefen des heiligen Paulus, wird das Wort „Gerechtigkeit“ (mit seinen Derivaten „gerecht“, „rechtfertigen“ und „Rechtfertigung“) gebraucht, um den Kern der christlichen Botschaft auszudrücken.

In der heutigen Zeit ist der Ausdruck jedoch zweideutig, sein Gebrauch polyvalent. Nicht selten scheint er ein leeres Wort zu sein, ohne festen Inhalt, nur zur Legitimation der eigenen Interessen nütze und sogar ideologisch besetzt. Normalerweise aber wird der Begriff heute im Sinne von „Übereinstimmung mit dem Gesetz“ gebraucht.

In der Bibel finden wir andere Vorstellungen. Im Alten Testament verstand man unter „Gerechtigkeit“ im Grundsatz

ein Leben nach dem Willen Gottes – in allen Bereichen, einschließlich der zwischenmenschlichen Beziehungen. Die Unterscheidung zwischen „Gerechten“ (= die Frommen, besonders in Bezug auf Gott) und „Frevlern“ (= die Gottlosen) war allgemein üblich. Jesus ändert den Begriff im Neuen Testament nicht (vgl. Mt 5, 17), er radikalisiert ihn nur (Mt 5, 20) und versucht, ihn von seiner Gesetzmäßigkeit zu befreien.

• Das neue Element in der Botschaft Jesu besteht darin, daß er mit seinem Kommen den Beginn der „Heilszeit“ bestätigt. Er selbst ist bereits die Erfüllung des Wunsches nach Gerechtigkeit, die Gott seinem Volk versprochen hatte. Verwirklicht wird sie als freie Gabe („Gnade“, wie die Christen später sagen würden) Gottes an die Menschen, die an Jesus glauben. Die Evangelisten bezeichnen dieses Heil nicht als „Gerechtigkeit Gottes“ (wie es später der heilige Paulus tat), sondern mit Ausdrücken wie „Reich Gottes“, „Herrschaft Gottes“ oder „Erlösung“ (niemals aber mit dem Wort „Befreiung“). Dieses Heil besteht nicht in der Errichtung einer neuen politischen und weltlichen Ordnung mit Jesus als König, sondern in der gnädigen Wiederherstellung der Beziehung des Menschen zu Gott, die durch die Sünde gestört war; und sie besteht in der daraus folgenden Überwindung der Feindschaften zwischen den Menschen durch die Liebe. „Gerecht“ wird so zum Synonym von „heilig“; und „Gerechtigkeit“ entspricht der Heiligkeit. Das Gegenteil des Gerechten ist der Sünder. Der heilige Paulus erklärt: „Wie durch den Ungehorsam des einen Menschen (Adam) die vielen zu Sündern wurden, so werden auch durch den Gehorsam des einen (Jesus) die vielen zu Gerechten gemacht werden“ (Rö 5, 19).

• Übrigens, der heilige Paulus ist der große Verkünder der als „Rechtfertigung vor Gott“ verstandenen Gerechtigkeit. Nach diesem Apostel ist die Absicht der Juden, die „Gerechtigkeit“ (oder Rechtfertigung oder Heiligung) durch die Erfüllung der mosaischen Gesetze zu erreichen, genauso zum Scheitern verurteilt, wie der Anspruch der Heiden, ohne dieses Gesetz gerecht zu werden: sie alle müssen durch Gott in Jesus Christus gerechtfertigt werden und können die göttliche Rechtfertigung nur durch den Glauben erlangen. Der heilige Paulus lehrt, daß Gott seine Gerechtigkeit nicht zeigt, indem er die Menschen nach „gerechten“ Kriterien richtet, sondern indem er sie aus Gnade gerecht macht. Das ist die „Rechtfertigung“, ein Begriff, der später in die Theologie aufgenommen wurde. Der paulinische Begriff „Gerechtigkeit Gottes“ (vgl. Rö 1, 17) bezeichnet einfach den gesamten Prozeß der Rettung, Erlösung und Heiligung, auch „heiligende Gnade“ genannt. Gott zeigte seine „Gerechtigkeit“ (= Treue zu seinen Versprechen), indem er seinen Sohn gesandt hat, und er nimmt jeden als gerecht an, der an Jesus Christus glaubt (Rö 3, 21–26). Eine solche Zusage und ein solches Angebot der „Gerechtigkeit Gottes“ hat universalen Wert, für die ganze Menschheit und sogar für die gesamte Schöpfung (Rö 8, 18–25; 9–11).

• Im Evangelium des Matthäus bezeichnet „Gerechtigkeit“ die Gesamtheit der Forderungen Gottes an die Menschen, die Bedingung sind für das Heil und den Zugang zum Reich Gottes. „Wenn eure Gerechtigkeit nicht weit größer ist als die der Schriftgelehrten und der Pharisäer, werdet ihr nicht in das Himmelreich kommen“ (Mt 5, 20). Die ganze Bedeutung dieser „Gerechtigkeit“ ist in der Bergpredigt enthalten. Der Ausdruck „Reich Gottes“ nimmt im Matthäusevangelium systematisch gesehen den gleichen Platz ein wie die „Gerechtigkeit Gottes“ in den Paulusbriefen. Beides weist hin auf die gnädigen Taten Gottes und auf die Bezeugung seiner Güte, nach der die Menschen „hungern und dürsten“ sollen; und sie werden gesättigt werden.

Allein in diesem biblischen Sinn bezeichnet die Gerechtigkeit tatsächlich eine Mission der Kirche und bestimmte wesentlichen Inhalt der Evangelisation. Von daher ist leicht unsere erste Pflicht zu verstehen: Gottes Reich und Gerechtigkeit zu suchen (Mt 6, 33). So leuchtet vor uns Urteil des Herrn auf: „Selig, die um der Gerechtigkeit willen verfolgt werden, denn ihnen gehört das Himmelreich“ (Mt 10). So sind die wahren Bekenner und Märtyrer immer gewesen, die die Kirche heilig gesprochen und uns Modelle authentischen christlichen Lebens angeboten hat. Sie sind nicht, wegen der Agrarreform oder einer anderen sozialen Reform verfolgt zu werden, um heilig gesprochen zu werden. Die von Jesus geforderte und von Paulus gepredigte Gerechtigkeit will vor allem ein offenes Herz für Gott und Annehmen des Wortes, das Mensch geworden ist und in uns gewohnt hat, im Glauben. Die Rechtfertigung oder Heiligung wird also ausschließlich Werk oder Gnade Gottes sein. Und die weltlichen Güter werden uns als Zugabe gegeben (vgl. Mt 6, 33b).

### Buchhinweis

Das von uns bereits angekündigte Buch über die Theologie von Hans Urs von Balthasar ist inzwischen erschienen. Das Vorwort von Prof. Walter Hoeres brachte „Theologisches“ November-Heft 1988 (Sp. 628–630: Kritisches zur Theologie von Hans Urs von Balthasar).

Mit gründlicher Sorgfalt werden im vorliegenden Werk von Balthasars Thesen über das Glaubensfundament, das Wesen und die Dreifaltigkeit Gottes, die Erlösung durch Christus, die Kirche, das Papsttum und schließlich die Letzt-Dinge (Endgericht, Hölle, Fegfeuer, Himmel) untersucht. Dabei fast durchgehend schwerwiegende Widersprüche der definierten Glaubenslehre konstatiert. Zugleich wird jeweils die philosophische und theologische Haltlosigkeit dieser Sätze und Meinungen aufgezeigt.

Unsere Leser mögen sich des u. a. Bestellscheins bedienen.

----- Bitte abtrennen -----

### Bestellschein

Verlag Pro Fide Catholice  
Anton Schmid  
Postfach 22  
D-8968 Durach

Hiermit bestelle ich

\_\_\_\_\_ Exemplar(e)

„Die Kardinalfehler des Hans Urs von Balthasar“, von Johannes Rothkranz, mit einem Vorwort von Prof. Walter Hoeres, 527 Seiten, zum Preis von 45,- DM; 320,- öS; 40,- plus Versandkosten

gegen Rechnung     per Nachnahme plus NN-gebühren

Vorname, Name

Straße

PLZ, Ort

Datum, Unterschrift

Bestellschein kann im offenen Briefumschlag als Briefdrucksache eingeschickt werden.

## ABSTIMMUNGEN UND LETZTE ÄNDERUNGEN DER KONSTITUTION

BOAVENTURA KLOPPENBURG OFM

Zum richtigen Verständnis des Konzilstextes, der Gegenstand dieser Abhandlungen ist, ist es von unleugbarer Wichtigkeit, die Entwicklung zu kennen, die der Text erfahren hat. Eine vollständige Geschichte wird erst geschrieben werden können, wenn die diesbezüglichen Dokumente den interessierten Kreisen zugänglich gemacht werden.

### I. Allgemeine Chronik der Abstimmungen

Während der Diskussionen (in der zweiten Sitzungsperiode) über die vier Kapitel (die jetzt die sechs ersten sind) des Schemas »De Ecclesia« wurden etwa 4000 Änderungsvorschläge (mündlich und schriftlich) vorgelegt. Der Text mußte deshalb von der Theologischen Kommission tiefgreifend überprüft und vervollständigt werden. Nach der Geschäftsordnung mußte jede Änderung, die von der Kommission angenommen wurde, in der Aula vom Generalsekretär vorgelesen und durch Abstimmung von den Konzilsvätern genehmigt werden. Diese Vorschrift hatte schon während der zweiten Sitzungsperiode zahlreiche Abstimmungen erforderlich gemacht, als es um die Konstitution über die heilige Liturgie ging. Aber der geänderte Text des Schemas »De Ecclesia« hätte Hunderte von Abstimmungen erforderlich gemacht, wenn die gleiche Methode angewandt worden wäre. Man sah also ein, daß die Methode einer Änderung bedurfte. Deshalb wurde schon am 15.9.1964, am Tage der ersten Generalversammlung der dritten Sitzungsperiode, der achtzigsten des Konzils, den Vätern ein »quaesitum circa modum suffragandi schema Constitutionis de Ecclesia« vorgelegt. Es wurde folgende Methode angeregt: Das ganze I. Kapitel (das Mysterium der Kirche) sollte nur einem Wahlgang unterworfen werden. Das II. Kapitel (das Volk Gottes) sollte fünf Abstimmungen haben: die erste über die Artikel 9-12, die zweite über den Artikel 13, die dritte über die Artikel 14-16, die vierte über den Artikel 17 und die fünfte über das ganze Kapitel, wobei diese letzte Abstimmung auch die Modalität des »placet iuxta modum« zulassen sollte. Die Abstimmung über das III. Kapitel (die hierarchische Konstitution der Kirche), sicherlich der zentrale Teil des ganzen II. Vatikanischen Konzils, sollte sich in 39 Unterabteilungen vollziehen, wobei ein Gegenstand nach dem andern zur Abstimmung kommen sollte, mit einer weiteren globalen Abstimmung über das ganze Kapitel, d.h. es sollte die Modalität des »placet iuxta modum« gestattet sein. Das IV. Kapitel (die Laien) sollte nur eine Abstimmung

haben. Das gleiche wird für das V. Kapitel vorgeschlagen (allgemeine Berufung zur Heiligkeit). Das Kapitel über die Ordensleute, einstmals VI. Kapitel benannt, sollte zwei Abstimmungen unterworfen werden: einer, um zu erfahren, ob es ein Sonderkapitel sein sollte; der anderen über den Text. Was die beiden letzten Kapitel betrifft, die in der Aula noch nicht diskutiert waren, so sollten die Moderatoren gelegentlich den zu befolgenden Weg aufzeigen.

Diese neue Methode wurde am 15.9.1964 vorgeschlagen. Am folgenden Tag, in der 81. Generalversammlung, sollten die Konzilsväter, jeder für sich, zu folgender Frage Stellung nehmen: »Quaeritur an placet Venerabilibus Patribus, ut circa Schema Constitutionis de Ecclesia suffragatio fiat iuxta rationem quae subinde proponitur«. Auf 2204 Abstimmende kamen 2170 Ja-Stimmen, 32 stimmten mit Nein, ungültige Stimmen 2. Nachdem so die Methode gutgeheißen war, ging man unverzüglich zur Abstimmung über das I. Kapitel mit dem geänderten Text.

### I. Kapitel. Das Mysterium der Kirche

Die Geschäftsordnung verlangte, daß der geänderte Text von einem offiziellen Relator der zuständigen Kommission vorgelegt werde. Msgr. Charue, Bischof von Namur, Belgien, und Vizepräsident der Theologischen Kommission, verlas in der 81. Generalversammlung am 16.9.1964 den amtlichen Bericht über das I. Kapitel. Er sagte, daß der Bericht schon im November des vergangenen Jahres ausgearbeitet worden war, mit der Absicht, noch in der zweiten Sitzungsperiode die Stimmenabgabe der Väter über das I. Kapitel zu erbitten, was aber dann nicht mehr möglich war. Da alle den Bericht gedruckt zur Hand gehabt hätten (sei es über jeden Artikel, sei es über das Kapitel im allgemeinen), schein es ihm überflüssig, alles zu verlesen. Er könne garantieren, daß die Kommission sorgfältig jeden einzelnen der Hunderte von Änderungsvorschlägen in Betracht gezogen habe, die von den Konzilsvätern vorgetragen wurden. Der Wortlaut dürfe nach so vielen vorgeschlagenen Korrekturen sicher einleuchtender, gedrängter und organischer geworden sein. Ja, man kann sagen, fügte er hinzu, daß auf diese Weise der Wortlaut der Kommission im wahren Sinne des Wortes »konziliar« geworden ist. Er erbat deshalb von den Vätern die einfache Gutheißung (»placet«) für das ganze erste Kapitel und daß die Änderungen mit der Modalität von »placet iuxta modum« erfolgten.

Was den genauen Sinn des Wortes »Mysterium« betrifft, das schon in der Überschrift enthalten ist, so gibt der amtliche Bericht folgende Erklärung: »Vox »mysterium« non simpliciter indicat aliquid incognoscibile aut abstrusum, sed, uti hodie iam apud plurimos agnoscitur, designat realitatem divinam transcendentem et salvificam, quae aliquo modo visibile revelatur et manifestatur. Unde vocabulum, quod omnino biblicum est, ut valde aptum apparat ad designandam Ecclesiam.«

Verglichen mit dem vorausgehenden Wortlaut, der in der zweiten Sitzungsperiode erörtert wurde, weist die neue Fassung bedeutsame Erweiterungen auf, besonders was 5 (über das Reich Gottes, ganz neu), 6 (mit neuer Gliederung der biblischen Bilder der Kirche), 7 (neue Darlegung der Lehre über den mystischen Leib) und 8 (mit einem neuen Abschnitt über die Kirche der Armen) betrifft. Trotz einer gewissen Gegnerschaft wurden die Worte »Ecclesia veluti sacramentum« (Nr. 1) beibehalten, »quia traditionale est et doctrinam aptam et abundantem exprimit«. Der Bericht erklärt, daß der Abschnitt über das Reich Gottes (Nr. 5) auf Wunsch zahlreicher Väter eingefügt wurde, da er zugleich den sichtbaren und geistigen Charakter der Kirche, ihre geschichtliche und eschatologische Erscheinungsform zum Ausdruck bringt. In der früheren Formulierung (Nr. 8) hieß es, daß die Kirche Christi »est Ecclesia catholica«, was in »*ubstitutit in Ecclesia catholica*« geändert wurde. Der Bericht erklärt, daß auf diese Weise der Wortlaut besser mit der andern Aussageweise übereinstimme, die von den kirchlichen Elementen spricht, »*quae alibi adsunt*«. Im Schlußteil der gleichen Nummer 8 wird hinzugefügt, daß die Kirche »*sancta simul et semper purificanda*« ist, ein Ausdruck, der von der Ansprache Pauls VI. am 22.9.1963 inspiriert wurde.

Um 11.45 Uhr desselben Tages stimmten die Väter in einzelner und schriftlicher Abstimmung über das ganze erste Kapitel ab, mit folgendem Resultat: Abstimmende 2189; placet 2114; placet iuxta modum 63; non placet 11; unguiltige Stimme 1.

## II. Kapitel. Das Volk Gottes

Im Namen der Theologischen Kommission wurde der Wortlaut dieses Kapitels am 17.9.1964, in der 82. Sitzung, den Konzilsvätern von Msgr. Gabriel Garrone, Erzbischof von Toulouse, Frankreich, vorgelegt. Er erinnerte, daß der im Vorjahr erörterte Wortlaut kein besonderes Kapitel über das Volk Gottes enthalten habe, die Elemente seien in anderen Kapiteln zerstreut gewesen. Es entsprach dem Wunsche zahlreicher Väter, daß die Kommission den Wortlaut zusammenstellte, der jetzt zur Abstimmung stand, mit einigen vollständig neuen Stellen. Die Gründe, weshalb die Väter dieses Kapitel erbaten, waren mit folgenden Worten zusammengefaßt:

1. Durch die der Heiligen Schrift entnommene Bezeichnung »Volk Gottes« wird die Kirche besser in ihrem geschichtlichen Zustand in der Zeit dargestellt, auf der Suche nach ihrer glücklichen Vollendung.

2. Unter diesem Gesichtspunkt gesehen erscheint die Kirche mehr in ihrer Ganzheit, besonders in den Dingen, die alle Gläubigen betrifft. Auf diese Weise wird deutlicher, daß Hirten und Gläubige zu einem Volk gehören, wenn auch in gewisser Hinsicht die Hierarchie den andern Gläubigen vorangeht, sozusagen als Vermittler zu diesem Ziel. Denn das Volk Gottes als solches und sein Heil befinden sich, nach dem Plan Gottes, auf der gleichen

Linie der Finalität, wobei die Hierarchie auch nur ein Mittel ist, das auf dieses Ziel hingeeordnet ist.

3. Von hier aus wird ersichtlich, was die Wirksamkeit der Hirten betrifft, die den Gläubigen die Mittel des Heils aufzeigen, und was die Berufung der Gläubigen betrifft, die persönlich bei der Verbreitung und Heiligung der ganzen Kirche mitarbeiten sollen. Die Hierarchie, dem Volke entgegen, wirkt zum Wohl des Volkes, womit sich der Gedanke des Dienstes (der Diakonie) nahelegt, der so oft eindrucksvoll in der Konzilsaula hervorgehoben wurde.

4. Gleichfalls tritt die Einheit der Kirche, in der katholischen Vielfalt der Dienste, noch mehr in Erscheinung, ohne daß dabei die besonderen Grundzüge einzelner Kirchen, was Überlieferungen und Kulturen betrifft, ausgeschaltet würden.

5. Was nun für das ökumenische Konzil von besonderer Wichtigkeit ist: es wird die Perspektive genauer aufgezeigt, in der die Frage nach der Kirchengliedschaft zu behandeln ist, eine Sache, die sich mit der Terminologie der »Glieder« sehr schwierig erweisen würde.

6. Endlich sieht man besser, wie die Kirche in der Zeit weiterlebt und wie das Werk und das Leben Christi in der Welt gedeiht und wächst, was die Perspektiven des Sendungsbewußtseins der Kirche vor Augen führt.

In dieser 82. Generalversammlung (17.9.1964) wurde der Wortlaut vier einzelnen und einer globalen Abstimmung unterworfen:

Erste Abstimmung über die Artikel 9–12: Neuer Bund und neues Volk (9); das allgemeine Priestertum (10); die Ausübung dieses allgemeinen Priestertums in den Sakramenten (11); der »sensus fidei« und die Charismen im Volk Gottes (12). Bei 2210 Stimmabgaben entfielen 2173 Stimmen mit placet, 30 mit non placet, 7 gaben unguiltige Stimmen ab. Zweite Abstimmung über 13, mit vollständig neuem Wortlaut über die Universalität oder Katholizität des einzigen Volkes Gottes. Auf 2202 Stimmen kamen 2186 mit placet, 12 mit non placet und 4 unguiltige Stimmen.

Dritte Abstimmung über die Artikel 14–16; die katholischen Gläubigen (14); die Beziehungen zwischen der Kirche und den Nichtkatholiken (15); mit den Nichtchristen (16). Auf 2099 Stimmen entfielen 2048 mit placet, 48 mit non placet und 3 unguiltige Stimmen.

Vierte Abstimmung über Artikel 17, auch mit ganz neuem Wortlaut, über den missionarischen Charakter der Kirche. Auf 2174 Stimmen entfielen 2106 mit placet, 67 mit non placet und 1 unguiltige Stimme.

Am folgenden Tag, in der 83. Generalversammlung, wurde über das ganze Kapitel abgestimmt, mit folgendem Resultat: Abstimmende 2190, placet 1615, 553 placet iuxta modum, 19 non placet, 3 unguiltige Stimmen.

### III. Kapitel.

Der hierarchische Aufbau der Kirche, insbesondere das Bischofsamt

Wegen der offen zutage tretenden Wichtigkeit erfuhr das schon charakterisierte III. Kapitel eine äußerst sorgfältige Behandlung bei der Darstellung (Relatio) und bei der Abstimmung. Schon am 18. 9. 1964, in der 83. Generalversammlung, wurde ein gedruckter Text vorgelegt: »relatio prior quae argumenta in textu proposita illustrat« (unterteilt in drei Teile, vorgelegt jeweils von Kardinal König, Msgr. Parente und Msgr. Jiménez L. Henriquez) und eine: »relatio altera quae difficultates movet« (unterzeichnet von Msgr. F. Franié). Die Texte kamen am 21. 9. 1964, in der 84. Generalversammlung, zur Verlesung. Zuerst wurde die »relatio altera« von Msgr. Franié verlesen. Als bald danach das Wort Kardinal König erteilt wurde, ließ dieser gleich zu Beginn im Namen der ganzen Theologischen Kommission wissen, daß die drei zur Verlesung gekommenen Berichte (König, Parente, Henriquez) keine Berichte der Mehrheit seien, sondern Berichte, die von der ganzen Theologischen Kommission gutgeheißen wurden. Deshalb, fuhr er fort, seien nach der Meinung dieser Kommission keine Berichte vorhanden von Seiten der Mehrheit und der Minderheit. Auch die sogenannte »relatio altera«, die soeben von Msgr. Franié verlesen wurde, sei kein Bericht der Minderheit, noch sei er als solcher von ihm vorgelegt worden. – Mit dieser Erklärung wollte sich die Theologische Kommission jeder Verantwortung, was den Wortlaut von Msgr. Franié betrifft, entledigen. Dieser seinerseits erklärte, daß er die Schwierigkeiten dargelegt habe auf Anordnung des Präsidialrates, der Koordinierungskommission und der Moderatoren.

Der Bericht von Franié drehte sich um drei Punkte: die Sakramentalität des Episkopats, die Kollegialität der Bischöfe und die Wiederherstellung des ständigen Diakonates.

Bezüglich des sakramentalen Charakters der Bischofsweihe erklärte er, daß das Schema eine Frage zur Entscheidung bringen wolle, die geschichtlich gesehen, verwickelt und dunkel sei und wörtlich bis heute unter Theologen disputiert wurde. Eine Angelegenheit, die nicht klug genannt werden könne.

Er hielt sich hauptsächlich bei der Frage der Kollegialität der Bischöfe auf. Er betonte, daß es sich um eine Lehre handle, die vollständig neu sei, die noch vor wenigen Jahren von nur wenigen Theologen verteidigt wurde. Sie habe kein Fundament in der Heiligen Schrift, noch ein Fundament in der Tradition, sie stehe außerdem in flagrantem Widerspruch zu den Lehren der letzten Päpste, vor allem: »salvare non videtur doctrinam dogmaticam Concilii Vaticani I de Primatu Romani Pontificis«.

Im dritten Teil wird der Wiederherstellung des ständigen Diakonates Widerstand entgegengesetzt, wobei die Gründe dagegen, die schon im vorhergehenden Jahr in der Aula zu hören waren, wiederholt wurden.

Was die drei amtlichen Berichte betrifft, so scheint es mir nützlicher zu sein, auf die wichtigsten Erklärungen Bezug zu nehmen (Erklärungen, die den Gedanken der Kommission und zugleich den »Geist des Konzils« zum Ausdruck bringen; sie sind überaus wichtig), und zwar nach Maßgabe, wie die verschiedenen Abschnitte des III. Kapitels zur Abstimmung kamen. Nur über den Bericht von Msgr. Parente möchte ich einiges vorausschicken. Er erklärte, daß die Theologische Kommission durch seine Vermittlung den Wortlaut »tuta conscientia« den Konzilsvätern aushändig, damit er beurteilt und gutgeheißen werde. Um auf eine Entscheidung zu antworten, die in der 83. Generalversammlung gemacht worden war, wonach das Konzil auch in der Frage des Bischofsamtes keine Entscheidungen treffen sollte, solange etwas von Theologen erörtert werde, verlas er die Stelle der Ansprache Pauls VI., die er bei Eröffnung der dritten Sitzungsperiode gehalten hatte: »In dieser Weise ist die Lehre zu vollenden, die das I. Vatikanische Ökumenische Konzil sich anfangs zur Verkündigung vorgenommen hatte, die es aber wegen plötzlichlicher äußerer Behinderung nicht mehr definieren konnte, es sei denn nur ihren ersten Teil... Auch über die vielen anderen Dinge wird das Konzil zu sprechen haben, aber die Entscheidung, die in dieser Sache ansteht, scheint vor allen anderen das größte Gewicht zu haben und die größte Klugheit zu erfordern. Diese Frage wird im Gedächtnis der Nachwelt zweifellos dieser feierlichen Synode den besonderen historischen Wert verleihen. Darüber sind einige schwierige Kontroversen zu bereinigen. Es ist zu bestimmen das Wesen und das heilige Amt der Hirten der Kirche, es sind zu unterscheiden die Vorrechte, die sich legitim aus dem Bischofsamt ergeben, und es ist mit Hilfe des Heiligen Geistes über sie ein sicheres Urteil zu fällen. Ferner sind die Beziehungen zwischen diesem Apostolischen Stuhl und den Bischöfen zu umschreiben...«

Nach den amtlichen Berichten ging man unverzüglich zur Abstimmung über. Für die 84. Generalversammlung waren sechs Abstimmungen vorgesehen. Wegen Zeitmangel konnten aber nur vier durchgeführt werden.

*Erste Abstimmung* über Artikel 18, der die Einleitung ist. In ihm wird gelehrt, daß Christus verschiedene Ämter in der Kirche eingesetzt hat, damit das Volk Gottes geleitet werde und wachse; daß die Diener, versehen mit heiliger Vollmacht, die Aufgabe haben, ihren Brüdern zu dienen, damit alle, die zum Volk Gottes gehören, zur Seligkeit gelangen. Sodann wird erklärt, daß dieses Konzil annimmt und erneuert, was im I. Vatikanischen Konzil über die Stiftung der Kirche, den Primat und die Unfehlbarkeit des Papstes gelehrt wurde; daß man jetzt in jenen Darlegungen fortzufahren wünscht in bezug auf die Bischöfe. Es liegt also bezüglich dieser Erklärung nichts Besonderes vor. Auf 2220 Abstimmende kamen 2166 mit placet, 53 mit non placet (!) und eine ungültige Stimme.

*Zweite Abstimmung*, über den ersten Absatz des Artikels 19, wo über die Einsetzung der zwölf Apostel »ad modum collegii« gesprochen wird. Hier begegnen wir zum ersten Male dem Worte »collegium«. Der Bericht besagt,

# Episcopado influencia decisões do Vaticano

Superior ao norte-americano e vindo logo após o da Itália, o episcopado católico brasileiro é o segundo do mundo, com 358 bispos, dos quais seis cardeais. Esta é uma das estatísticas do Anuário Pontifício, do Vaticano, indicando o peso pastoral e político da Igreja Católica do Brasil no Terceiro Mundo e nas decisões do Vaticano. Qualquer tendência hegemônica na Santa Sé — progressista ou conservadora — deve considerar necessariamente a influência do Brasil. Mesmo porque, como afirma Leonardo Boff, o futuro do Cristianismo — em termos de segundo milênio — está sendo jogado no mundo em desenvolvimento e, particularmente, na Igreja Católica brasileira.

A ação pastoral da Igreja no Brasil tem um objetivo geral definido pela CNBB: "Evangelizar o povo brasileiro, em processo de transformação sócio-econômica e cultural, a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, à luz da opção preferencial pelos pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando à construção de uma sociedade mais justa e fraterna, anunciando assim o Reino definitivo".

## Linhas de trabalho

Para concretizar esta meta, a Igreja atua com base em planos bienais, desde 1962, com o chamado Plano de Emergência. O sétimo plano, em vigor, define seis linhas de trabalho, nas dimensões "comunitária e participativa, missionária, catequética, litúrgica, ecumênica e de diálogo religioso, profética e transformadora".

Até 1986, estas linhas serão enfatizadas em seis áreas consideradas prioritárias pelos bispos: juventude, comunidade de base, vocações e ministérios, família, leigos e mundo do trabalho. Em cada uma destas áreas, atuam os agentes pastorais da Igreja, desde os bispos e os 2.042 padres, em 6.588 paróquias, até os aproximadamente 100 mil comunitários de base.

## Organismos

As instâncias de poder na Igreja do Brasil são bastante diversificadas: a CNBB organiza-se na presidência, Comissão Episcopal de Pastoral e Conselho Permanente, além de secretariados regionais no Norte, Nordeste, Leste, Sul, Centro-Oeste e Extremo-Oeste.

Os organismos ligados à Conferência são, por assim dizer, seus "ministérios": os subsidiários são as Comissões Nacionais do Clero e de Pastoral; os anexos são as Caritas Brasileiras, o Centro de Formação Intercultural (que prepara os missionários estrangeiros que vêm trabalhar no Brasil), o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, o Cimi (Conselho Indigenista Missionário), o Conselho Missionário Nacional, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento, o Instituto Nacional de Pastoral, o MEB (Movimento de Educação na Base), a Organização dos Seminários e Institutos Brasileiros.

Os organismos relacionados com a CNBB são as Comissões Pastoral da Terra (CPT), Pastoral Operária (CPO), Justiça e Paz e as Pontifícias Obras Missionárias. E os conexos são as Conferências Nacionais dos Religiosos do Brasil, dos Institutos Seculares, o Conselho Nacional dos Leigos, a Associação de Educadores Católicos e a Comissão Nacional de Diáconos.

## Obras sociais

São poucas as estatísticas sobre os "ministérios" da Igreja no Brasil, mas os dados disponíveis são significativos: 11% da população brasileira recebem atendimento em 10.236 obras sociais da Igreja, com uma clientela formada por crianças, idosos, prostitutas, favelados, presidiários e desempregados, entre outros setores marginalizados. Segundo o jesuíta Hilário Dick, ex-responsável pelo setor Juventude da CNBB, a pastoral juvenil da Igreja representa a maior força jovem organizada no País.

Por outra parte, estatísticas levantadas para a CNBB pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) — e que serão publicadas no início de 1985 — indicam aumento no número de ordenações sacerdotais e de vocações religiosas masculinas e femininas. Está também diminuindo o número de padres que resolveram deixar o ministério: em 1970 foram 162 e no ano passado, 49 no clero secular. Já no clero religioso ligado às congregações, esse número passou de 127 em 1970 para 24 em 1982.

## Catedral superlota na festa dos Reis Negros

Ó, que coisa bonita/ Ó que coisa bonita/  
acolher negro-irmão, sem discriminação/  
Ó, que coisa bonita.

Nada melhor que uma estrofe desse canto, que foi o inicial, para expressar a alegria e beleza que foi a ordenação sacerdotal de AILTON IZAIAS DA SILVA, negro, 33 anos, e pertencente a Congregação dos Missionários do Sagrado Coração. O acontecimento realizado na Catedral de Santo Antônio, Nova Iguaçu, no dia 20 de novembro — Dia Nacional da Consciência Negra — atraiu cerca de duas mil pessoas que se emocionaram com o desenrolar da festa que teve vários destaques: dezenas de grupos de cultura afro-brasileiras, padres de várias regiões do país, o Bispo Diocesano Dom Adriano Hipólito e o Bispo Ordenante Dom José Maria Pires, antes conhecido por "Dom Pelé" e agora carinhosamente apelidado "Dom Zumbi", numa alusão ao fato de dedicar sua vida à luta dos negros, como ele.

Desde o início se percebia que esta ordenação, geralmente uma coisa cheia de formalidades, seria diferente. À medida em que se desenvolvia a celebração o povo ia se contagiando com o ritmo, a alegria, o calor humano que se irradiava pelos ares gerando um clima de verdadeira KIZOMBA, palavra africana que significa confraternização.

### "DEUS OUVIU O CLAMOR DE SEU POVO"

Obertal Xavier, seminarista e membro do Grupo de Agentes de Pastoral Negros da Baixada, afirmou que "ganhar um padre é motivo de festa para a Igreja; ganhar um padre negro é motivo de festa duas vezes, para uma Igreja que quer e precisa tanto assumir o clamor do povo negro". Com relação as dificuldades que o Movimento Negro vem enfrentando na Arquidiocese do RJ — onde inclusive não se adotará o lema oficial da Campanha da Fraternidade-88, que abordará a questão do negro — Obertal respondeu: — "A ordenação de Ailton, no Dia de Zumbi, e com a presença de Dom José Maria Pires, não representa um ato de desagravo, mas estamos com isso dando uma lição na Arquidiocese do Rio de como se viver um clima de fraternidade, de partilha, com todos, vivendo a dimensão da fé como irmãos".

Na homilia, Dom Zumbi lembrou que "para o negro, ontem era a escravidão, hoje é a discriminação. O preconceito, que não é uma coisa provocada pelo negro, está enraizado na sociedade em que vivemos, voltada para o lucro e o prazer. Uma situação iníqua, presente também na Igreja. Na verdade, a escravidão não foi abolida em 1888. Ela persiste ainda hoje. Ou não são escravos os que sobrevivem com um salário-mínimo?" Finalizando, o Arcebispo da Paraíba fez:

vibrar toda a assistência quando afirmou: — "Deus ouviu sempre o clamor de seu povo. No passado, escolheu Moisés para livrar os Hebreus da escravidão do Egito. Hoje, ouvindo o clamor do povo negro, Deus escolheu Ailton, para lutar pela libertação de seu povo".

### FRATERNIDADE QUE SUPERA INJUSTIÇAS

"Tá caindo fulô/ Tá caindo fulô/ lá no céu, cá na terra/ é, tá caindo fulô... Cantava a multidão, no ritmo forte dos atabaques, enquanto o novo padre, dançando, era cumprimentado pelos colegas mais antigos. Muitos destes não resistiam e, embora um tanto desajeitados, ensaiavam uns passinhos, o que levava a multidão ao delírio. No final da celebração, de forma apoteótica, Ailton recebeu emocionado a maior ovação de sua vida, com as duas mil pessoas gritando freneticamente Ailton, Ailton...

Na recepção que se seguiu os comentários eram unânimes: a Igreja de um modo geral e, a de Nova Iguaçu particularmente, nunca mais será a mesma após esta festa. Além de ganhar mais um padre, ela recuperou a alegria da vida no canto e na ginga do povo negro. O Deus da libertação mostrou que a fraternidade supera as injustiças e que, como irmãos, estamos na mesma luta: a construção de seu Reino, a partir do amor ao próximo e da igualdade.



**Sequestradores do  
bispo de Juazeiro  
serão transferidos**

31187  
Da Sucursal de Salvador 7/7

Os assaltantes Argemiro Antonio da Silva, 24, e José Nogueira Bezerra, 24, que sequestraram no último dia 27 o bispo de Juazeiro, dom José Rodrigues e a família do bancário José Andrade, devem ser transferidos a qualquer momento para Salvador (BA). Eles se encontram detidos em Juazeiro (504 km ao sul de Salvador), para onde foram conduzidos após serem presos, na última quarta-feira, na cidade de Cariri Açu, no Ceará. Em Juazeiro, um grupo de cerca de quatrocentas pessoas se acercaram da delegacia e chegou-se a temer uma tentativa de linchamento, o que não ocorreu. Silva e Bezerra são fugitivos da penitenciária da Papuda, em Brasília.



## D. Avelar, lição de vida e esperança

O Cardeal Primaz do Brasil e Arcebispo de Salvador, na Bahia, Dom Avelar Brandão Vilela, faleceu dia 19 do mês passado de câncer no estômago. Foram meses de luta contra a doença, que ele aceitou com resignação e coragem. Dom Avelar, no entanto, deixou transparecer,

em seus últimos dias, a fé e a coragem que o moveram por toda a vida. Entre suas mensagens, duas se destacam: o poema que fez ao "velho amigo", o estômago, e a oração aos enfermos, onde afirma que "Deus é o médico dos médicos". Página 10.

# Dom Avelar Brandão, uma lição da vida que não termina nunca

Na noite do dia 19 para 20 do mês passado, o Brasil recebeu a notícia do falecimento, em Salvador, na Bahia, do Cardeal Primaz do Brasil e arcebispo de Salvador, Dom Avelar Brandão Vilela, aos 74 anos de idade, vítima de um câncer no estômago. Uma notícia dura, sem dúvida, mas que na opinião de Dom Paulo Evaristo Arns, deve ser encarada sob o aspecto da "vida que jamais termina", pois Dom Avelar, mesmo sabendo de sua incurável enfermidade, "pregou seu maior sermão nos meses finais da doença, confortou os doentes em sua dor e solidão e transmitiu esperança e força a todos que o viam e ouviam".

Dom Avelar, alguns dias antes, presidira na capela do Convento das Pias Discípulas, em São Paulo, a missa em comemoração aos seus 40 anos de ordenação episcopal e 51 de sacerdócio. Da missa participaram Dom Paulo Evaristo Arns, o secretário-geral da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, os demais bispos auxiliares de São Paulo e a irmã do Cardeal, Gisela Vilela Marinho.

Irmão do senador Tetônio Vilela, que também faleceu vítima de câncer, Dom Avelar foi sepultado sob forte comoção popular numa urna ao pé do altar de São José, na Catedral de Salvador, numa cerimônia em que estiveram presentes os Arcebispos de Brasília, Teresina, Aracaju, Maceió, Olinda, Recife, Porto Alegre e mais de 30 bispos, acompanhados por aproximadamente 200 sacerdotes. A cerimônia, reservada e assistida também por familiares e jornalistas, foi celebrada pelo bispo auxiliar de Salvador, Dom Thomas Guilherme Murphy.

## UMA AÇÃO MODERADA, MAS FIRME

Nascido a 13 de junho de 1912, em Viçosa, Alagoas, Dom Avelar Brandão Vilela ordenou-se sacerdote em

Aracaju, Sergipe, em 1935, e depois Bispo, 11 anos depois. Como bispo de Petrolina, de 1946 a 1955, criou centros sociais nas comunidades das periferias, construiu a Praça D. Malan e realizou um Congresso Eucarístico. Como bispo de Teresina, no Piauí, entre 1955 e 1970, criou a Ação Social Arquidiocesana, a Faculdade de Filosofia e instalou a Rádio Pioneira de Teresina.

Já como Arcebispo de Salvador e Cardeal — de 1971 a 1986 — Dom Avelar realizou a comemoração do tricentenário da Arquidiocese de Salvador e organizou o Congresso Eucarístico Nacional. Foi também vice-presidente da CNBB durante dois períodos, presidente das comissões Ação Social, Opinião Pública, do Clero e do SCAI. Dom Avelar Brandão tomou posse como 23.º Arcebispo de Salvador e primaz do Brasil em 30 de maio de 1971, sendo reeleito ainda nesse ano vice-presidente da CNBB para um novo mandato de quatro anos. Em 1973 foi feito Cardeal pelo Papa Paulo VI, no consistório de 5 de março, com os títulos de São Bonifácio e Santo Aleixo.

Na década de 70, diversos acontecimentos políticos no Brasil, envolvendo religiosos, suscitaram manifestação pública de autoridades da Igreja. Por desenvolverem um trabalho pastoral cujo conteúdo de crítica social se apresentava mais explícito ou por adotarem um posicionamento claro de apoio aos movimentos de reivindicação populares, muitos religiosos foram alvo de acusações e de repressão. Dom Avelar procurou adotar sempre uma atitude moderada, ainda que crítica, com relação ao Governo. Mas, como lembra o presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, "Dom Avelar sempre foi um homem avesso a qualquer extremismo e posições radicais, sem que isso refletisse em qualquer indecisão nos momentos em que foi chamado a atuar de forma incisiva".

## “Um diuturno ser

**Papa João Paulo II —** “Ao saber, com vivíssimo pesar, do falecimento do amado Dom Avelar Brandão Vilela, que, no seu diuturno serviço de pastor como Bispo e Arcebispo, se demonstrou dedicado e fiel servidor da Igreja e zeloso pelo bem de suas sucessivas comunidades diocesanas em Petrolina, Teresina e São Salvador da Bahia, como também disponível e generoso na colaboração com a Conferência Episcopal e com o CELAM, com grata memória de seu laborioso em-

penho e, ultimamente, cristã resignação no sofrimento, elevo a Deus preces de sufrágio pelo seu eterno descanso”.

**Dom Carlo Furno, Núncio Apostólico:** “Dom Avelar Brandão nos deu uma lição de fé durante toda a sua vida, na doença e agora em sua morte. A Igreja católica está sentindo muito o falecimento de um homem muito importante para a Igreja brasileira, latino-americana e universal”.

**Dom Paulo Evaristo Arns,**

## “viço de pastor”

**Cardeal Arcebispo de São Paulo:** “Ainda sob o impacto da notícia, queremos agradecer ao Senhor da Vida a graça de ele ter dado a maior prova de fé e coragem diante da morte que se anunciava. Dom Avelar, sempre eloquente por palavras e gestos, pregou seu maior sermão nos meses finais da doença: confortou os doentes em sua dor e solidão; transmitiu esperança e força a todos que o viam e ouviam, despertou a fé na vida que jamais termina”.

**Dom Ivo Lorscheiter, pre-**

**sidente da CNBB:** “Dom Avelar sempre foi um homem avesso a qualquer extremismo e posições radicais, sem que isso refletisse em qualquer indecisão nos momentos em que foi chamado a atuar de forma incisiva”.

**Dom Benedito Uihôa Vieira, vice-presidente da CNBB:** “Dom Avelar foi um homem sem extremos, prudente, que nunca esteve na retaguarda dos movimentos de seu tempo, mas nunca se atirou em precipitações levianas”.



## Vaticano apóia o Bispo de Campos contra padres da linha tradicionalista

O Vaticano acaba de adotar sua primeira medida oficial em relação à ala tradicionalista da Igreja Católica, confirmando o decreto do Bispo de Campos, Dom Carlos Alberto Navarro, que afastou das capelas e paróquias os sacerdotes que declararam publicamente não aceitar o novo Ordo Missae.

A decisão do Vaticano se deu em relação a quatro recursos interpostos pelos padres tradicionalistas Geraldo Gualandi (Itaperuna), Gervásio Gotabato (Laje do Muriaé), Antônio Paulo da Silva (Italva) e Davi Francisquini (Cardoso Moreira), afastados de suas funções e que aguardavam a resposta do Vaticano.

O decreto, assinado pelo Prefeito da Sagrada Congregação para o Clero, Cardeal Antônio Inocenti, e pelo Secretário Dom Maximino Romero, diz que a documentação disponível "demonstra, ilustra e prova suficientemente tudo aquilo que

prescrevem os cânones 1740 e 1741 do Código de Direito Canônicos".

O Vaticano, ao mesmo tempo, intimou os sacerdotes removidos a se absterem de exercer a função paroquial e a deixar livre, o quanto antes, a Casa Paroquial e entregar todo os bens da paróquia a quem o Bispo colocar à frente.

Todos os decretos chegaram à Campos em dezembro, mas Dom Carlos Alberto disse ter preferido deixar passar o período de Natal para depois torná-los públicos, o Bispo acrescentou que ao entregar-lhes o decreto exortou a todos entrarem em plena comunhão com o Papa João Paulo II e com o Bispo Diocesano.

— Acima de qualquer sentimento de vitória ou derrota, todos os católicos são convidados a elevar suas preces, implorando à Deus a unidade e santidade da igreja — concluiu o Bispo.

# Reajuste ameaça sobrevivência de escolas, dizem bispo

F8P  
12-1-87

DERMI AZEVEDO  
Da Reportagem Local

O reajuste concedido pelo governo federal para as semestralidades nas escolas particulares (35% fixos e mais 15% negociados com as entidades de pais e professores) "ameaça a sobrevivência dessas escolas, podendo levar muitas delas ao fechamento", na opinião do vice-presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e arcebispo de Uberaba (MG), d. Benedito Ulhoa Vieira, 66 e do bispo auxiliar de Porto Alegre (RS), d. Antônio do Carmo Cheuiche, 59. Ambos têm experiência de atuação no ensino particular católico.

D. Benedito —que foi vice-reitor da PUC de São Paulo quando era bispo auxiliar paulistano— disse anteontem às 14h à Folha, por telefone, que "o aumento dado é inaceitável" porque as escolas particulares "já se encontram em situação difícil, sofrendo os efeitos do agio e dos constantes aumentos em todos os setores". Já d. Antônio do Carmo Cheuiche, ex-professor da PUC de Porto Alegre, disse ontem, às 17h, por telefone, que "a



O bispo d. Benedito Ulhoa Vieira

sobrevivência das escolas particulares no Brasil, particularmente as cristãs, é um verdadeiro milagre", destacando que "é iminente o fechamento de muitas delas, diante da falta de apoio e da insuficiência deste

aumento, sem que o governo tenha condições de suprir essa lacuna".

## Constituinte

"Minha impressão —disse d. Antônio— é a de que a escola particular no Brasil oferece uma grande contribuição à cultura nacional e exerce uma função de subsidiariedade, diante daquilo que o governo tem oferecido nessa área. Além disso, ela atende a um direito humano fundamental que é o de os pais escolherem as escolas em que os seus filhos serão educados".

D. Antônio disse, depois, que o Brasil "é um dos países latino-americanos que menos apóiam a escola particular", citando, como "exemplos de apoio efetivo", os governos da Argentina e da Colômbia, além do Chile, onde "mesmo no tempo do presidente Salvador Allende, em que a esquerda era hegemônica no país, o Estado garantia 85% do orçamento anual das escolas particulares". Em sua opinião, "a sobrevivência das escolas particulares no Brasil deve-se, unicamente, à teimosia dos seus responsáveis e ao esforço dos pais dos alunos que colaboram com os educandários que escolheram para os filhos".

Os bispos declararam, também, que, a partir do próximo mês, a Igreja lutará, junto ao Congresso constituinte, para que a nova Constituição modifique esse quadro. Entre os pontos a serem defendidos, no lobby da Igreja junto ao Congresso, estarão o da prioridade na aplicação de recursos "para a efetiva universalização da educação fundamental e para a oferta de uma educação de qualidade em todos os níveis", a obrigatoriedade e gratuidade do ensino fundamental para todos —com o compromisso estatal de fornecer meios para isso— e que o acesso às escolas particulares seja garantido pelo Estado "nas mesmas condições que o acesso às escolas públicas".

A articulação da Igreja, na área da educação escolar, é feita pela AEC (Associação de Educação Católica), organismo ligado à CNBB, com sede em Brasília e representações estaduais. Apesar de defender a reformulação do tratamento oficial às escolas particulares, a Igreja e a AEC defenderão, junto ao Congresso constituinte, que as escolas só recebam recursos oficiais se tiverem níveis de qualidade "comprovados pelo Estado e pela comunidade" e se não tiverem somente fins lucrativos.

## Estudantes prometem novas manifestações na Espanha

Da "Reuter"  
e da Redação do Folha

As entidades estudantis da Espanha, que no mês passado realizaram manifestações contra as reformas universitárias propostas pelo governo, prometem continuar os protestos. Enquanto o Sindicato dos Estudantes quer promover quatro dias de greve geral a partir do próximo dia 20, a outra facção estudantil, a Coordenação Nacional dos Estudantes, planeja uma manifestação nacional na sexta-feira, seguida por uma greve geral por tempo indeterminado.

### Livre acesso

Cerca de dois milhões de estudantes espanhóis realizaram uma série de manifestações no mês passado a favor do livre acesso às universidades. Como os seus colegas franceses,

eles também pretendem que todos os secundaristas graduados possam frequentar os cursos universitários de sua escolha. O governo socialista espanhol afirma que as universidades não podem arcar com a demanda dos alunos pelos cursos mais populares.

### França

No início do mês passado, os estudantes franceses realizaram uma série de manifestações contra a reforma universitária proposta pelo governo conservador do primeiro-ministro Jacques Chirac. O protesto contra a reforma, que pretendia criar um processo de seleção nos cursos superiores, foi tão grande que o governo teve que voltar atrás e adiar as reformas. Na mesma época, os estudantes espanhóis fizeram as suas manifestações, que foram dissolvidas pela polícia.

## Pesquisa compara o ensino de seis países

Das Agências Internacionais

Uma pesquisa comparativa do sistema educacional básico de seis países — Estados Unidos, Japão, França, Grã-Bretanha, União Soviética e Alemanha Ocidental —, divulgada anteriormente pela revista norte-americana "US News & World Report", mostrou que o Japão é o país onde se ensina melhor Ciências e Matemática, a Alemanha Ocidental possui o melhor ensino em Estudos Sociais e Língua Estrangeira e a França tem o melhor estudo de Língua Nacional. Comparativamente, o ensino na Grã-Bretanha foi considerado um dos menos eficientes.

De acordo com a revista, a pesquisa foi realizada com 22 especialistas em Educação Comparada dos Estados Unidos, Europa e Japão, incluindo as matérias básicas Matemática, Ciências, Estudos Sociais, Língua Nacional e Língua Estrangeira. Os especialistas deram notas de zero a dez para o ensino de cada matéria nos seis países.

No caso da Língua Nacional, a França possui o melhor desempenho, seguida pela União Soviética, Alemanha Ocidental, Japão, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Em Língua Estrangeira, a Alemanha Ocidental obteve o melhor desempenho, seguido pela União Soviética, França, Estados Unidos, Japão e Grã-Bretanha. A Alemanha Ocidental também tem o melhor ensino de Estudos Sociais, seguido pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética, Japão e França.

### Matemática e Ciências

O jornal "The Washington Post" divulgou um estudo ontem em que

afirma que o desempenho dos estudantes norte-americanos em Matemática e Ciências é baixo devido à atitude das famílias em relação às escolas. O ensino de Matemática e Ciências nos Estados Unidos só não é pior do que na Grã-Bretanha.

Segundo a reportagem, enquanto as mães norte-americanas acreditam que o desempenho de seus filhos é determinado mais pela habilidade do que pelo esforço, as mães japonesas e chinesas dão prioridade ao esforço. Por causa disso, elas exigem mais de seus filhos e passam mais tempo junto deles, ajudando nas lições de casa.

As pesquisas comparativas sobre o sistema escolar mostram a preocupação dos Estados Unidos com sua capacidade de competição no mercado internacional. O assunto tem despertado polêmica nos círculos governamentais, empresariais e, sobretudo, nos meios acadêmicos. O professor Harold Stevenson, da Universidade de Michigan (nordeste dos EUA), afirmou: "os Estados Unidos formam gênios fantásticos, este não é o problema. Mas estamos falando da média da população. Em outros países, esta média é mais efetivamente educada do que aqui".

O estudo comparativo mostrou também que nas escolas asiáticas, os estudantes permanecem mais tempo em classe, têm mais aulas de Matemática e mais lição de casa do que nos Estados Unidos. Além disso, apontou a falta de coerência didática: enquanto nos Estados Unidos, a aula de Matemática apresenta diversos itens sem ligação, no Japão, ela é mais bem preparada. Nos Estados Unidos, os professores também dão preferência à rapidez. No Japão, os

professores mostram que é preferível resolver o problema com certeza, não importando o tempo que demorem para fazê-lo. Para completar, o ensino de Matemática, nos Estados Unidos, repassa várias vezes os mesmos conceitos em cada série, antes de passar para questões mais difíceis.

### Débitos dos universitários

Os sucessivos cortes nos programas governamentais dos Estados Unidos para as universidades têm levado a um aumento no número de estudantes que terminam os estudos em débito com as instituições em que se formaram. Um estudo realizado por uma comissão do Senado norte-americano mostrou que os estudantes devem em empréstimos cinco vezes mais do que há dez anos. Além dos cortes propostos pelo governo, as universidades, segundo o estudo, elevaram seus preços além do estipulado pela inflação norte-americana nos últimos seis anos.

Estes dois fatores combinados estão tendo efeitos prejudiciais nas famílias de classe média e baixa norte-americana. Os estudantes com menor poder aquisitivo, diante da perspectiva de sucessivos empréstimos para financiar os seus estudos, preferem não fazer cursos superiores ou desistem depois de alguns anos.

Uma pesquisa realizada no ano passado entre estudantes do primeiro ano da Universidade da Califórnia mostrou que 63,4% deles vinha de famílias com renda anual superior a US\$ 30 mil. Em 1980, durante o governo Carter, 68% dos entrevistados eram de famílias com renda anual inferior a US\$ 30 mil.

# Dom Avelar Brandão, uma lição da vida que não termina nunca

1571184  
OSP

Na noite do dia 19 para 20 do mês passado, o Brasil recebeu a notícia do falecimento, em Salvador, na Bahia, do Cardeal Primaz do Brasil e arcebispo de Salvador, Dom Avelar Brandão Vilela, aos 74 anos de idade, vítima de um câncer no estômago. Uma notícia dura, sem dúvida, mas que na opinião de Dom Paulo Evaristo Arns, deve ser encarada sob o aspecto da "vida que jamais termina", pois Dom Avelar, mesmo sabendo de sua incurável enfermidade, "pregou seu maior sermão nos meses finais da doença, confortou os doentes em sua dor e solidão e transmitiu esperança e força a todos que o viam e ouviam".

Dom Avelar, alguns dias antes, presidira na capela do Convento das Pias Discípulas, em São Paulo, a missa em comemoração aos seus 40 anos de ordenação episcopal e 51 de sacerdócio. Da missa participaram Dom Paulo Evaristo Arns, o secretário-geral da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, os demais bispos auxiliares de São Paulo e a irmã do Cardeal, Gisela Vilela Marinho.

Irmão do senador Tetônio Vilela, que também faleceu vítima de câncer, Dom Avelar foi sepultado sob forte comoção popular numa urna ao pé do altar de São José, na Catedral de Salvador, numa cerimônia em que estiveram presentes os Arcebispos de Brasília, Teresina, Aracaju, Maceió, Olinda, Recife, Porto Alegre e mais de 30 bispos, acompanhados por aproximadamente 200 sacerdotes. A cerimônia, reservada e assistida também por familiares e jornalistas, foi celebrada pelo bispo auxiliar de Salvador, Dom Tomás Guilherme Murphy.

### UMA AÇÃO MODERADA, MAS FIRME

Nascido a 13 de junho de 1912, em Viçosa, Alagoas, Dom Avelar Brandão Vilela ordenou-se sacerdote em Aracaju, Sergipe, em 1935, e depois Bispo, 11 anos depois. Como bispo de Petrolina, de 1946 a 1955, criou centros sociais nas comunidades das periferias, construiu a Praça D. Malan e realizou um Congresso Eucarístico. Como bispo de Teresina, no Piauí, entre 1955 e 1970, criou a Ação Social Arquidiocesana, a Faculdade de Filosofia e instalou a Rádio Pioneira de Teresina.

Já como Arcebispo de Salvador e Cardeal — de 1971 a 1986 — Dom Avelar realizou a comemoração do tricentenário da Arquidiocese de Salvador e organizou o Congresso Eucarístico Nacional. Foi também vice-presidente da CNBB durante dois períodos, presidente das comissões Ação Social, Opinião Pública, do Clero e do SCAI, Dom Avelar Brandão tomou posse como 23.º Arcebispo de Salvador e primaz do Brasil em 30 de maio de 1971, sendo reeleito ainda nesse ano vice-presidente da CNBB para um novo mandato de quatro anos. Em 1973 foi feito Cardeal pelo Papa Paulo VI, no consistório de 5 de março, com os títulos de São Bonifácio e Santo Aleixo.

Na década de 70, diversos acontecimentos políticos no Brasil, envolvendo religiosos, suscitaram manifestação pública de autoridades da Igreja. Por desenvolverem um trabalho pastoral cujo conteúdo de crítica social se apresentava mais explícito ou por adotarem um posicionamento claro de apoio aos

movimentos de reivindicação populares, muitos religiosos foram alvo de acusações e de repressão. Dom Avelar procurou adotar sempre uma atitude moderada, ainda que crítica, com relação ao Governo. Mas, como lembra o presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, "Dom Avelar sempre foi um homem avesso a qualquer extremismo e posições radicais, sem que isso refletisse em qualquer indecisão nos momentos em que foi chamado a atuar de forma incisiva".

# “Um diuturno serviço de pastor”

**Papa João Paulo II** — “Ao saber, com vivíssimo pesar, do falecimento do amado Dom Avelar Brandão Vilela, que, no seu diuturno serviço de pastor como Bispo e Arcebispo, se demonstrou dedicado e fiel servidor da Igreja e zeloso pelo bem de suas sucessivas comunidades diocesanas em Petrolina, Teresina e São Salvador da Bahia, como também disponível e generoso na colaboração com a Conferência Episcopal e com o CELAM, com grata memória de seu laborioso empenho e, ultimamente, cristã resignação no sofrimento, elevo a Deus preces de sufrágio pelo seu eterno descanso”.

**Dom Carlo Furno, Núncio Apostólico:** “Dom Avelar Brandão nos deu uma lição de fé durante toda a sua vida, na doença e agora em sua morte. A Igreja católica está sentindo muito o falecimento de um homem muito importante para a Igreja brasileira, latino-americana e universal”.

**Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo:** “Ainda sob o impacto da notícia, queremos agradecer ao Senhor da Vida a graça de ele ter dado a maior prova de fé e coragem diante da morte que se anunciava. Dom Avelar, sempre eloqüente por palavras e gestos, pregou seu maior sermão nos meses finais da doença: confortou os doentes em sua dor e solidão; transmitiu esperança e força a todos que o viam e ouviam, despertou a fé na vida que jamais termina”.

**Dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB:** “Dom Avelar sempre foi um homem avesso a qualquer extremismo e posições radicais, sem que isso refletisse em qualquer indecisão nos momentos em que foi chamado a atuar de forma incisiva”.

**Dom Benedito Ulhôa Vieira, vice-presidente da CNBB:** “Dom Avelar foi um homem sem extremos, prudente, que nunca esteve na retaguarda dos movimentos de seu tempo, mas nunca se atirou em precipitações levianas”.

## “Meu irmão estômago”

Pobre irmão estômago!	Que estivesse enfermo e solitário.
Estavas doente e eu não sabia	Foi quando o corpo todo, lentamente, começou a dar provas de cansaço
Há quanto tempo se instalara	E também de magrez, solidário
O mal no teu regaço?	Com teu sofrer silente.
— Seis meses, doze meses?	Um dia chegou inesperada revelação:
Ah! Eu não sabia!	O estômago traz consigo grande ulceração.
Por isso, meu irmão estômago,	E a biópsia, mais tarde, com lisura
Nenhuma assistência te podia dar	Descobriria que o câncer lá estava
São Revezes da vida! Quem diria?	Encravado na pequena curvatura.
E tu, pobre estômago, passaste, então,	Perdão, meu velho amigo de 74 anos!
A ser vítima de anômala situação:	Perdão!
Todos queriam que fosses pródigo	Eu te agradeço, na esperança,
No receber e digerir os alimentos.	A tua santa paciência, meu irmão.
E tu, constrangido, te recusavas	
A fazê-lo, dando sinais até De desagrado e desalentos!	
No entanto, jamais, jamais se pensou	

Dom Avelar, Cardeal Brandão Vilela

## A Oração aos Enfermos

“Não percamos o sentido da presença de Deus, que é o médico dos médicos”

“Estamos aqui, no Instituto do Coração, provindos das mais diversas regiões do Brasil.

Meu olhar, no entanto, se estende a todos os enfermos de todos os hospitais, casas de saúde e demais instituições públicas e particulares que lidam com doentes de todas as categorias sociais e culturais do País.

Nós estamos bem situados e assistidos, somos realmente enfermos privilegiados.

“E os outros irmãos nossos que adormecem nas filhas e lutam bravamente para conseguirem um tratamento oportuno?”

“E aqueles que se encontram no total abandono nos casebres distantes ou solitários, no meio das multidões?”

“Pensemos nessa realidade e procuremos sentir-nos solidários com todos eles.

“Mas eu quero, nessa mensagem, dirigir-me a todos, sem exceção, que sofrem na alma e no corpo.

“Muitos de vocês desconhecem o sentido redentor do sofrimento, suportado com paciência e confiança, em união com Jesus Cristo pendente da cruz.

“Cabe-nos, segundo São Paulo, completar o que falta à paixão do Senhor Jesus, oferecer a nossa quota pela salvação do mundo.

“Se você é rico e pode contar com todos os recursos médicos, lembre-se de que a ciência médica é portentosa e abençoada por Deus, mas lembre-se de que há momentos na vida em que se dependemos dos homens, muito mais, indefinidamente mais, passamos a depender do Deus altíssimo.

“Valorizemos, pois, a medicina ao máximo.

Não percamos jamais o sentido da presença de Deus em nós, ele que é o médico dos médicos, o Senhor da vida.

“Meu amigo, não caia no desânimo nem tampouco no desespero.

“Confie no poder da oração, na ação misericordiosa da divina providência. Não há contradição entre ciência e fé. Do abraço de uma e da outra, a esperança renasce, na primavera do amor.

“E quando todas as luzes quiserem se apagar, quando as energias todas desfalecerem, e chegar mesmo a hora da partida para a casa do Pai, tenhamos a coragem cristã e a humildade evangélica de proclamar: bendito seja o nome do Senhor!

“Receba, meu irmão enfermo, o meu abraço e a bênção de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Amém”.



## CNBB convoca os Bispos para a 25.ª Assembléia

Na qualidade de presidente e secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), D. Ivo Lorscheiter e D. Luciano Mendes de Almeida estão enviando a todos os Bispos do Brasil carta convocando-os "de acordo com nosso Estatuto e Regimento, para a 25.ª Assembléia Geral Ordinária da CNBB, que obedecerá à seguinte programação: data, de 22 de abril de 1987, às 8,30 horas, até 1.º de maio às 17 horas, na Vila Kostka, Itaipaci, município de Indaiatuba".

O TEMA CENTRAL desta importante Assembléia será "a avaliação global da caminhada

da CNBB e definição de Diretrizes Pastorais para o próximo quadriênio", com destaque aos temas: Assembléia Nacional Constituinte, Leigos, Educação, Seitas e Ecumenismo".

Ao mesmo tempo, oito outros temas estão sendo propostos para a aprovação da pauta, no início da Assembléia: "Relatório da Presidência da CNBB"; "Relatório econômico-financeiro da CNBB"; "Eleições para a presidência da CNBB, Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, Comissão Pastoral de Doutrina da CNBB, Conselho Fiscal, Delegado da CNBB junto ao CELAM, delegados do Brasil ao Sinodo dos Bispos,

Conselho Nacional para o Santuário de Aparecida"; "Atualização de Regimento da CNBB e do Estatuto Civil".

Foram selecionadas, também, as seguintes COMUNICAÇÕES: "Relatório do Delegado da CNBB junto ao CELAM; Comunicação sobre a situação da Teologia; Comunicação sobre a situação sócio-político-cultural".

O Dia de Espiritualidade será orientado por Dom João Rezende Costa, Arcebispo Emérito de Belo Horizonte e terá como tema: "O Espírito Santo na vida do Bispo e da Igreja". e vbg

## O exemplo civil de São Sebastião

Dom Eugênio de Araújo Sales

CADA vez que vou a Roma, visito a Basílica e a Catacumba de São Sebastião. Faço-o em nome da Arquidiocese do Rio de Janeiro que, felizmente, o tem por padroeiro. Busco a indispensável ajuda para o cumprimento de meus deveres de Pastor. Aliás, é de grande utilidade pastoral e consolo espiritual percorrer esses lugares onde eram depositados os restos mortais dos cristãos da Igreja primitiva. O exemplo de fidelidade ao Senhor, a coragem de enfrentar todos os obstáculos na defesa da Fé nos fortalecem em meio a dificuldades reinantes hoje.

A primeira notícia sobre esse mártir é encontrada no calendário da Igreja Romana, em princípios do século IV. Santo Ambrósio, no final do mesmo século, a ele se refere, ao comentar o Salmo 118. Outros fatos chegaram até nós através da *Passio Sancti Sebastiani*, do século V. Já nessa época, tal devoção estava muito difundida, inclusive na Espanha e na África. Sua popularidade cresceu, entre os fiéis, na oportunidade da peste que assolou Roma, no ano de 680. A ele foi atribuída prodigiosa intervenção salvadora, nessa ocasião.

Aqui no Brasil e, em particular, no Rio de Janeiro, a memória deste Santo se confunde com nossas origens. Ela constitui um dos elementos da formação cultural, além da estritamente religiosa. Penetrando no passado, a presença espiritual do mártir e a devoção popular ao mesmo tempo se unem aos acontecimentos que formam a nossa tessitura cívica e religiosa. Por isso, digo que integra nossa cultura.

Durante todos esses séculos, a figura desse soldado romano que derramou o sangue em testemunho da Fé cristã vem acompanhando o crescimento do primitivo núcleo de colonização e de uma Diocese que se estendia do sul da Bahia ao estuário do Prata e, ao oeste, por terras desconhecidas, como rezavam os documentos de então.

Ao iniciar, com a concentração *Queremos Deus*, no Maracanã, a celebração do 5º Centenário da Evangelização das Américas, a figura de nosso patrono merece um destaque especial. Como foi no passado, deve ser no presente o grande inspirador de virtudes, inclusive cívicas.

Por ocasião de sua festa anual, alguns aspectos da personalidade de São Sebastião e de seu culto no Rio de Janeiro são de utilidade, também no ambiente civil.

Quando se respira um ar poluído, a aragem pura é altamente benéfica. Nossa atmosfera moral é profundamente marcada por fatores negativos à vida cristã e desagregadores no campo social. Convivemos com a violência, o desrespeito à lei dos homens e, em particular, às de Deus. O caráter do cidadão se enfraquece e aumenta o egoísmo dos indivíduos. A prática religiosa sofre impactos prejudiciais ou se desvia da pureza evangélica. Vemos a multiplicação de certas seitas que mercadejam com o nome de Cristo a troca de favores materiais; a utilização, em lugares alheios à Fé católica, dos símbolos que a caracterizam; a deturpação do ensinamento do Mestre, em

favor de objetivos estranhos à Mensagem cristã; o acovardamento dos bons, que estimula a audácia dos maus, ou ainda os que se esmeram em apresentar fórmulas salvíficas para o Bispo ou outros executarem, em vez de eles mesmos cumprirem seus deveres de leigos.

Nessas circunstâncias, a figura de São Sebastião fulge com brilho particularmente fecundo, em nosso cenário, mesmo civil.

Trata-se de alguém que soube colocar um grande ideal bem acima de outros interesses. E por ele imolou a própria vida. As ameaças dos homens não conseguiram abafar os anseios de um nobre coração. A decisão de ser fiel ao Imperador não conflitava com o firme propósito de preservar os direitos de Deus. Por ser autêntico, foi sacrificado. Este exemplo é de grande atualidade dentro da Igreja e no contexto dos compromissos cívicos. Pensemos no ambiente em que vivemos, tendo diante dos olhos a atitude de nosso patrono, examinemos nosso comportamento. O nosso e não o dos outros.

Buscou a glória do Senhor e o bem de seus irmãos. Tanto assim que de Milão se dirigiu a Roma, onde era mais dura a perseguição religiosa. Arriscava, evidentemente, tudo que lhe era mais precioso, humanamente falando, mas servia à causa do Evangelho.

Esta atitude merece profunda reflexão em nossa época. Muitos fogem das responsabilidades de sua Fé e, amedrontados diante das exigências de uma opção cristã, capitulam frente à opinião pública adversa, ou silenciam quando deveriam clamar. A crise de nossos dias tem, em parte, sua explicação na covardia dos bons e daqueles que têm o dever de orientar e corrigir. Por isso, a coragem deve ser enumerada entre as principais virtudes, para que alguém possa exercer condignamente os deveres de Estado inclusive dentro da Igreja.

São Sebastião se coloca, entre nós, como um modelo que conservou toda sua atualidade em nossos dias. Ele está diante de nós, como patrono. Diz-nos o Concílio Vaticano II, referindo-se aos que já se encontram no paraíso: "A nossa fraqueza é, assim, grandemente ajudada pela sua solicitude de irmãos" (*Lumen Gentium*, nº 49). Nossa Fé nos ensina que a união dos que estão na terra com os que descansam no Senhor não se interrompe com a morte; ao contrário, "vé-se fortalecida pela comunicação dos bens espirituais". (idem)

A veneração dos Santos, de suas relíquias autênticas, das imagens, vem de antiquíssima tradição. As festas, como a de São Sebastião, proclamam as obras de Cristo nos seus servos, e oferecem os bons exemplos a imitar. Esta doutrina conciliar (*Sacrosanctum Concilium*, nº 108) vem corroborar o antigo e constante costume de enaltecer, a 20 de janeiro, as grandezas e benemerências de Jesus Cristo em seu servo, que soube manter, à custa do próprio sangue, a fidelidade à doutrina recebida dos Apóstolos.

A melhor maneira de cultivar a memória de São Sebastião é imitar sua vida e pautar nosso procedimento segundo seus exemplos. Aí está um roteiro e preciosa ajuda.

Dom Eugênio de Araújo Sales é cardeal arcebispo do Rio de Janeiro

# O exemplo civil de São Sebastião

Dom Eugênio de Araújo Sales

CADA vez que vou a Roma, visito a Basílica e a Catacumba de São Sebastião. Faço-o em nome da Arquidiocese do Rio de Janeiro que, felizmente, o tem por padroeiro. Busco a indispensável ajuda para o cumprimento de meus deveres de Pastor. Aliás, é de grande utilidade pastoral e consolo espiritual percorrer esses lugares onde eram depositados os restos mortais dos cristãos da Igreja primitiva. O exemplo de fidelidade ao Senhor, a coragem de enfrentar todos os obstáculos na defesa da Fé nos fortalecem em meio a dificuldades reinantes hoje.

A primeira notícia sobre esse mártir é encontrada no calendário da Igreja Romana, em princípios do século IV. Santo Ambrósio, no final do mesmo século, a ele se refere, ao comentar o Salmo 118. Outros fatos chegaram até nós através da *Passio Sancti Sebastiani*, do século V. Já nessa época, tal devoção estava muito difundida, inclusive na Espanha e na África. Sua popularidade cresceu, entre os fiéis, na oportunidade da peste que assolou Roma, no ano de 680. A ele foi atribuída prodigiosa intervenção salvadora, nessa ocasião.

Aqui no Brasil e, em particular, no Rio de Janeiro, a memória deste Santo se confunde com nossas origens. Ela constitui um dos elementos da formação cultural, além da estritamente religiosa. Penetrando no passado, a presença espiritual do mártir e a devoção popular ao mesmo tempo se unem aos acontecimentos que formam a nossa tessitura cívica e religiosa. Por isso, digo que integra nossa cultura.

Durante todos esses séculos, a figura desse soldado romano que derramou o sangue em testemunho da Fé cristã vem acompanhando o crescimento do primitivo núcleo de colonização e de uma Diocese que se estendia do sul da Bahia ao estuário do Prata e, ao oeste, por terras desconhecidas, como rezavam os documentos de então.

Ao iniciar, com a concentração *Queremos Deus*, no Maracanã, a celebração do 5º Centenário da Evangelização das Américas, a figura de nosso patrono merece um destaque especial. Como foi no passado, deve ser no presente o grande inspirador de virtudes, inclusive cívicas.

Por ocasião de sua festa anual, alguns aspectos da personalidade de São Sebastião e de seu culto no Rio de Janeiro são de utilidade, também no ambiente civil.

Quando se respira um ar poluído, a aragem pura é altamente benéfica. Nossa atmosfera moral é profundamente marcada por fatores negativos à vida cristã e desagregadores no campo social. Convivemos com a violência, o desrespeito à lei dos homens e, em particular, às de Deus. O caráter do cidadão se enfraquece e aumenta o egoísmo dos indivíduos. A prática religiosa sofre impactos prejudiciais ou se desvia da pureza evangélica. Vemos a multiplicação de certas seitas que mercadejam com o nome de Cristo a troco de favores materiais; a utilização, em lugares alheios à Fé católica, dos símbolos que a caracterizam; a deturpação do ensinamento do Mestre, em

favor de objetivos estranhos à Mensagem cristã; o acovardamento dos bons, que estimula a audácia dos maus, ou ainda os que se esmeram em apresentar fórmulas salvíficas para o Bispo ou outros executarem, em vez de eles mesmos cumprirem seus deveres de leigos.

Nessas circunstâncias, a figura de São Sebastião fulge com brilho particularmente fecundo, em nosso cenário, mesmo civil.

Trata-se de alguém que soube colocar um grande ideal bem acima de outros interesses. E por ele imolou a própria vida. As ameaças dos homens não conseguiram abafar os anseios de um nobre coração. A decisão de ser fiel ao Imperador não conflitava com o firme propósito de preservar os direitos de Deus. Por ser autêntico, foi sacrificado. Este exemplo é de grande atualidade dentro da Igreja e no contexto dos compromissos cívicos. Pensemos no ambiente em que vivemos, tendo diante dos olhos a atitude de nosso patrono, examinemos nosso comportamento. O nosso e não o dos outros.

Buscou a glória do Senhor e o bem de seus irmãos. Tanto assim que de Milão se dirigiu a Roma, onde era mais dura a perseguição religiosa. Arriscava, evidentemente, tudo que lhe era mais precioso, humanamente falando, mas servia à causa do Evangelho.

Esta atitude merece profunda reflexão em nossa época. Muitos fogem das responsabilidades de sua Fé e, amedrontados diante das exigências de uma opção cristã, capitulam frente à opinião pública adversa, ou silenciam quando deveriam clamar. A crise de nossos dias tem, em parte, sua explicação na covardia dos bons e daqueles que têm o dever de orientar e corrigir. Por isso, a coragem deve ser enumerada entre as principais virtudes, para que alguém possa exercer condignamente os deveres de Estado inclusive dentro da Igreja.

São Sebastião se coloca, entre nós, como um modelo que conservou toda sua atualidade em nossos dias. Ele está diante de nós, como patrono. Diz-nos o Concílio Vaticano II, referindo-se aos que já se encontram no paraíso: "A nossa fraqueza é, assim, grandemente ajudada pela sua solicitude de irmãos" (*Lumen Gentium*, n° 49). Nossa Fé nos ensina que a união dos que estão na terra com os que descansam no Senhor não se interrompe com a morte; ao contrário, "vé-se fortalecida pela comunicação dos bens espirituais". (idem)

A veneração dos Santos, de suas relíquias autênticas, das imagens, vem de antiquíssima tradição. As festas, como a de São Sebastião, proclamam as obras de Cristo nos seus servos, e oferecem os bons exemplos a imitar. Esta doutrina conciliar (*Sacrosanctum Concilium*, n° 108) vem corroborar o antigo e constante costume de enaltecer, a 20 de janeiro, as grandezas e benemerências de Jesus Cristo em seu servo, que soube manter, à custa do próprio sangue, a fidelidade à doutrina recebida dos Apóstolos.

A melhor maneira de cultuar a memória de São Sebastião é imitar sua vida e pautar nosso procedimento segundo seus exemplos. Aí está um roteiro e preciosa ajuda.

Dom Eugênio de Araújo Sales é cardeal arcebispo do Rio de Janeiro

22/11/71

### *Dupla que seqüestrou bispo na Bahia volta à prisão em Brasília*

Salvador — "Já mandei dar um banho neles para mandá-los para o aeroporto", anunciou no final da tarde de ontem o delegado Francisco Neto, confirmando o embarque, às 19h, em voo da Vasp com destino a Brasília, dos assaltantes Argemiro Antônio da Silva e José Nogueira Bezerra, que no dia 26 de dezembro seqüestraram o bispo de Juazeiro, dom José Rodrigues, o funcionário do Banco do Brasil José Andrade Souza e sua mulher e dois filhos menores do casal, que foram mantidos como reféns durante 37 horas.

Argemiro e José Nogueira viajaram escoltados pelo agente policial Laurentino Rodrigues Neto e pelo agente de presídio Paulo Mariano, designados pelo diretor da Polícia Civil do Distrito Federal, delegado Evaldo Carneiro, para buscá-los em Salvador. Argemiro, condenado a 15 anos por latrocínio, cumpriu até agora quatro anos, mesmo tempo cumprido por José Nogueira, condenado a 8 anos e quatro meses por assalto e estupro, crimes dos quais se diz inocente. Eles fugiram da Penitenciária da Papuda no dia 17 de setembro, com mais 12 presos.

Momentos antes de se dirigirem ao Aeroporto Dois de Julho, Argemiro e José Nogueira confirmaram o que disseram à polícia baiana, isto é, que não pretendiam seqüestrar nem o bispo de Juazeiro nem o bancário e sua família. "Estávamos fazendo apenas um assalto comum. O seqüestro foi um conseqüência da perseguição policial", insistiu Argemiro.

## Dom Avelar passou ao sucessor as ações que dão controle de rádio

22/1/82  
M

Salvador — O cardeal dom Avelar Brandão Vilela, que morreu há um mês vitimado por um câncer no estômago, deixou como legado para o seu "efetivo e legítimo sucessor" mais de 29 milhões de ações da Rádio Excelsior da Bahia adquiridas em seu nome pessoal. As ações garantem ao seu sucessor, futuro arcebispo primaz do Brasil — ainda não nomeado pelo Papa João Paulo II —, o controle da rádio, emissora católica AM de grande audiência no estado.

Essa é a revelação mais importante contida no testamento público deixado pelo cardeal, falecido dia 19 de dezembro, e divulgado, na capital baiana, pelo advogado Gabino Kruschewsky. O administrador arquidiocesano e bispo auxiliar de Salvador, Dom Thomas Murphy, substituto provisório de Dom Avelar, requereu à 1ª Vara de Família e Sucessões o registro, arquivamento e cumprimento do testamento do primaz do Brasil.

### Controle da rádio

O advogado Kruschewsky informou ontem que dentro de um mês, no máximo, deverão estar encerrados todos os trâmites legais do ato de vontade de Dom Avelar, podendo então o inventário ser requerido pelos advogados das partes beneficiadas com o testamento, que data de 14 de maio de 1985.

No testamento, Dom Avelar Brandão esclarece que, para concretizar um antigo sonho, "qual o de assegurar um eficiente meio de comunicação a serviço do povo de Deus, a Arquidiocese de Salvador da Bahia, uma vez impossibilitada de ter a titularidade, como pessoa jurídica, de ações ou quotas de emissoras radiofônicas, similares ou congêneres, o que lhe é defeso por lei específica, obteve indiretamente o controle acionário da Rádio Excelsior da Bahia".

A Excelsior, que antes era controlada pelo empresário Wilson Meneses (também já falecido), foi adquirida em 22 de novembro de 1984 em nome de Dom Avelar, que ficou com 29 milhões de ações em seu nome pessoal. Monsenhor Gaspar Sadock da Natividade, vigário auxiliar da arquidiocese e um dos maiores amigos do cardeal, adquiriu 6,6 milhões de ações, também em seu nome pessoal; e monsenhor Manuel José Sampaio Python adquiriu em seu nome 5,9 milhões de ações.

Dom Avelar esclarece no testamento que todas as ações do testador, de monsenhor Sadock e de monsenhor Python — resultaram de recursos levantados pela Arquidiocese de Salvador e que "objetivando acautelá-las, prevenir e preservar direitos e interesses da arquidiocese", deixa, a título de legado, todas as ações da Rádio Excelsior que estejam em seu nome para o seu "efetivo e legítimo sucessor na arquidiocese, nomeado como tal pelo santo padre".

O documento de vontade do cardeal primaz do Brasil expõe, finalmente, que, pertencendo de fato as ações e bonificações ou desdobramentos decorrentes delas à arquidiocese, dispõe o testador como regra definitiva e incontrolável que, enquanto a legislação proibir a propriedade de ações e quotas por parte de entidades ou pessoas jurídicas, as ações da Rádio Excelsior, ou sua eventual sucessora, passarão via testamentária ou por outro instrumento hábil, de arcebispo para arcebispo, que a exemplo de Dom Avelar, o testador, as possuirão apenas *in nomine*, "eis que, na verdade, pertencem pleno jure à arquidiocese".

## D. Luciano defende

Do correspondente em Manaus

A desobediência civil é um instrumento que a população mais carente deve usar caso as medidas econômicas adotadas pelo governo venham a prejudicá-la". A afirmação é do secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, 57, e foi feita anteontem à noite em Manaus (AM) na abertura

da plenária pró-participação popular na Constituinte, realizada na escola de 1º e 2º graus Nossa Senhora Auxiliadora, no centro da capital amazonense.

Antecipando-se a possíveis críticas de que a Igreja estaria promovendo um "patrulhamento" junto aos constituintes, d. Luciano disse que "a participação popular e da Igreja na Constituinte não é uma reivindicação descabida". Ele insistiu que "a

## "desobediência civil"

Igreja Católica, enquanto perdurarem os trabalhos da Constituinte, será um instrumento de pressão democrática sobre os deputados e senadores, que a partir de 1º de fevereiro vão começar uma nova fase na vida deste país".

A "pressão democrática" foi discutida pela plenária —cerca de 3 mil pessoas, entre professores, líderes políticos locais, agentes pastorais e

trabalhadores—, mais particularmente quando d. Luciano começou a receber diversas perguntas sobre o tema.

No final do encontro, d. Luciano lembrou o papa João Paulo 2º, ao defender "o direito dos trabalhadores a manifestações", e disse que "a greve é um direito inalienável do trabalhador e a justiça social um parâmetro para a organização da sociedade".

**D. Eugenio Sales****Visão da Igreja a respeito da cultura**

**E**M Roma, na semana passada, realizou-se, pela quinta vez, a reunião do Conselho Internacional do Pontifício Conselho para a Cultura.

Esta expressão - Cultura - é tomada em seu sentido amplo e não no estritamente erudito. É o conjunto de valores e contravalores que caracterizam um povo, uma época, uma civilização. Em meio às divisões entre as nações, ela supera as partes em conflito. Há na Humanidade substratos que desconhecem fronteiras. Imbuí-los da Mensagem de Cristo, é fazer deles fatores de paz e concórdia, eis o desejo do Papa ao criar este organismo da Cúria Romana. Possui uma importância extraordinária frente à missão evangelizadora da Igreja.

Já o Concílio Ecumênico Vaticano II tratara do assunto em diversos documentos. Assim, em "Gaudium et Spes" (nº 53), ensina que "a palavra 'cultura' indica em geral todas as coisas, por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades de seu espírito e do seu corpo". O caminho para levar Cristo a todos os homens vem indicado no Decreto Conciliar "Ad Gentes" (nº 22): "Assim se perceberá mais claramente o processo de tornar a Fé inteligível, levando em conta a filosofia ou a sabedoria dos povos. Também se verá como é possível harmonizar os costumes, o sentido da vida e a ordem social com a moral manifestada pela Revelação divina".

João Paulo II revela seus anseios na frase que o "L'Osservatore Romano", de 18 último, utiliza como título ao noticiário sobre o nosso encontro com o Santo Padre: "Fazei amadurecer nos espíritos a urgência do encontro do Evangelho com a cultura viva". Diante da imensa e dramática distância entre a Boa Nova e a sua aceitação por grande parte da Humanidade, importa fazer compreender aos contemporâneos que ela é fonte de progresso e de benefício para todos os homens. Contudo, essa minoria, que somos nós, deverá evitar os perigos do sincretismo religioso ou a secularização da vida cristã.

O Conselho Internacional é composto de personalidades oriundas dos diversos continentes e trabalhou, com afinco, sobre uma pauta composta de doze itens. Traziam aos objetivos do Pontifício Conselho para a Cultura as contribuições das várias regiões da Terra. Punham em comum suas reflexões.

Três temas concentraram especiais esforços. O primeiro, "Os leigos e a evangelização das culturas". Evidentemente, constitui válida contribuição ao próximo Sínodo Episcopal. O segundo, "Os meios de comunicação social e as novas culturas"; o terceiro, "A escola e a universidade interpelam a Igreja".

Entre outros, na reunião do Conselho Internacional, emergiram dois assuntos de premente atualidade entre nós: a inculturação e o sincretismo religioso.

No discurso que nos dirigiu o Santo Padre, sábado, dia 17 de janeiro, insistiu no estudo desta problemática e na busca de uma solução verdadeira. Referindo-se ao trabalho em conjunto com a Comissão Teológica Internacional, afirma João Paulo II: "Vossos estudos sobre a Fé e a inculturação respondem a um pedido explícito do Sínodo Extraordinário dos Bispos e será de suma importância para a encarnação do Evangelho no coração das culturas do nosso tempo."

Realmente, propor a Mensagem salvífica e libertadora aos povos longe de fazer violência é a possibilidade de uma verdadeira promoção humana como o encontro de Cristo com as multidões. Estas considerações devem estar diante de nós ao iniciarmos a preparação do 5º Centenário da chegada da Cruz de Cristo às Américas. Este alerta tem sua razão de ser. Notam-se, aqui e ali, silêncios comprometedores e mesmo audaciosas reações contrárias a tais celebrações. Para vergonha nossa, também partem de arraiais católicos que perderam a sintonia com o pulsar do coração da Igreja, de seu Magistério. Buscam pôr em evidência as reais falhas humanas, inevitáveis em empreendimento desta envergadura, e à mentalidade da época. Assim, minimizam uma epopéia que foi trazer o Redentor aos povos indígenas de nosso Continente.

A palavra "inculturação" aparece a partir de 1977. Como vocabulário recente no âmbito eclesial, merece ser aprofundado o significado preciso do termo e sua legítima extensão no campo pastoral.

A Encíclica "Slavorum Apostoli" aborda o aspecto da encarnação do Evangelho em uma determinada civilização. O Sínodo Extraordinário sublinha duas atitudes da Igreja na matéria: incorporar tudo que há de positivo na cultura, à qual se leva Jesus Cristo, e que esse fato ultrapasse mera adaptação externa.

Semelhante tema nos conduz a um outro, o sincretismo, intimamente relacionado com o anterior.

O Documento de Puebla - Evangelização no presente e no futuro da América Latina - por três vezes nos alerta sobre esse problema, como no nº 453: "A religião do povo mostra em certos casos sinais de desgaste e deformação: aparecem substitutos aberrantes e sincretismos regressivos".

Em seu discurso ao Conselho, no dia 17 deste mês, o Papa adverte para o perigo existente: "Vós sabeis que a inculturação é necessária, mas difícil caminho para a Igreja". E exorta vivamente que "se evite toda simplificação ou precipitação que conduzirá a um sincretismo ou a uma secularização do anúncio evangélico".

**D. Eugenio Salles é cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro**

## D. Luciano condena a desobediência civil

Do Redação do **Folha**

A **Folha** errou ao publicar, em cerca de 15% dos exemplares da edição de ontem, que d. Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, declarara, em Manaus (AM), que "a desobediência civil é um instrumento que a população mais carente deve usar, caso as medidas econômicas adotadas pelo governo venham a prejudicá-la". A declaração foi publicada na primeira página e na página A-23, sob os respectivos títulos: "D. Luciano prega desobediência civil" e "D. Luciano defende desobediência civil".

Em segundo clichê (parte da tiragem do jornal que contém correções ou alterações realizadas após a conclusão do trabalho de edição), a **Folha** retificou a informação. Publicou, nas mesmas páginas e lugares, que a declaração feita fora: "as manifestações públicas e as greves pacíficas são instrumentos conquistados pela população, que os deve usar caso as medidas econômicas adotadas pelo governo venham a prejudicá-la". Publicou ainda que d. Luciano acrescentara, em referência

a declarações do presidente da Fiesp, Mario Amato, que "a desobediência civil é um caso extremo, é desaconselhável, pois gera a anarquia". Os textos retificados foram publicados com os respectivos títulos: "D. Luciano defende greves pacíficas" e "D. Luciano defende as greves pacíficas".

A primeira informação, errada, foi obtida pelo correspondente da **Folha** em Manaus, Marcio Tadeu dos Santos, junto ao repórter Sérgio Bártolo, do "Jornal do Comércio", editado naquela capital, que acompanhou a participação de d. Luciano na Plenária Pró-participação Popular na Constituinte, realizada quarta-feira à noite. A retificação foi feita com base em checagens da declaração feitas junto ao jornalista Valdo Garcia, do "Jornal do Comércio", e ao médico Marcus Barros, presidente do PT amazonense.

A **Folha** tentou ouvir ontem d. Luciano. Quando o procurou, a partir das 18h, ele estava em viagem, de Porto Alegre (RS) para São Paulo, com escala em Florianópolis (SC). Sua chegada estava prevista para as 22h.

## O fundamento do cristianismo

DOM EUGENIO SALES

Em Roma, na semana passada, realizou-se pela quinta vez a reunião do Conselho Internacional do Pontifício Conselho para a Cultura.

Esta expressão — Cultura — é tomada em seu sentido amplo e não no estritamente erudito. E o conjunto de valores e contra-valores que caracterizam um povo, uma época, uma civilização. Em meio às divisões entre as nações, ela supera as partes em conflito. Há na Humanidade substratos que desconhecem fronteiras. Imbuí-los da Mensagem de Cristo e fazer deles fatores de paz e concórdia, eis o desejo do Papa ao criar este organismo da Cúria Romana. Possui uma importância extraordinária frente à missão evangelizadora da Igreja.

Já o Concílio Ecumênico Vaticano II tratara do assunto em diversos documentos. Assim, em "Gaudium et Spes" (nº 53), ensina que "a palavra 'cultura' indica em geral todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades de seu espírito e do seu corpo". O caminho para levar Cristo a todos os homens vem indicado no Decreto Conciliar "Ad Gentes" (nº 22): "Assim se perceberá mais claramente o processo de tornar a Fé inteligível, levando em conta a filosofia ou a sabedoria dos povos. Também se verá como é possível harmonizar os costumes, o sentido da vida e a ordem social com a moral manifestada pela Revelação divina".

João Paulo II revela seus anseios na frase que o "L'Osservatore Romano" de 18 último utiliza como título ao noticiário sobre o nosso encontro com o Santo Padre: "Fazei amadurecer nos espíritos a urgência do encontro do Evangelho com a cultura viva". Diante da imensa e dramática distância entre a Boa Nova e a sua aceitação por grande parte da Humanidade, importa fazer compreender aos contemporâneos que ela é fonte de progresso e de benefício para todos os homens. Contudo, essa minoria, que somos nós, deverá evitar os perigos do sincretismo religioso ou a secularização da vida cristã.

O Conselho Internacional é composto de personalidades oriundas dos diversos continentes e trabalhou com afinco sobre uma pauta composta de doze

ítems. Traziam aos objetivos do Pontifício Conselho para a Cultura as contribuições das várias regiões da Terra. Punham em comum suas reflexões.

Três temas concentraram especiais esforços. O primeiro, "Os leigos e a evangelização das culturas". Evidentemente, constitui válida contribuição ao próximo Sinodo Episcopal. O segundo, "Os meios de comunicação social e as novas culturas"; e o terceiro, "A escola e a universidade interpe-lam a Igreja".

Entre outros, na reunião do Conselho Internacional, emergiram dois assuntos de premente atualidade entre nós: a inculturação e o sincretismo religioso.

No discurso que nos dirigiu o Santo Padre, sábado, dia 17 de janeiro, insistiu no estudo desta problemática e na busca de uma solução verdadeira. Referindo-se ao trabalho em conjunto com a Comissão Teológica Internacional, afirma João Paulo II: "Vossos estudos sobre a Fé e a inculturação respondem a um pedido explícito do Sinodo Extraordinário dos Bispos e será de suma importância para a encarnação do Evangelho no coração das culturas do nosso tempo".

Realmente, propor a Mensagem salvífica e libertadora aos povos, longe de fazer violência, é a possibilidade de uma verdadeira promoção humana, como o encontro de Cristo com as multidões. Estas considerações devem estar diante de nós ao iniciarmos a preparação do 5º Centenário da chegada da Cruz de Cristo às Américas. Este alerta tem sua razão de ser. Notam-se, aqui e ali, silêncios comprometedores e mesmo audaciosas reações contrárias a tais celebrações. Para vergonha nossa, também partem de arraiais católicos que perderam a sintonia com o pulsar do coração da Igreja, de seu Magistério. Buscam por em evidência as reais falhas humanas, inevitáveis em empreendimento desta envergadura e à mentalidade da época. Assim, minimizam uma epopéia, que foi trazer o Redentor aos povos indígenas de nosso Continente.

A palavra "inculturação" aparece a partir de 1977. Como vocábulo recente no âmbito eclesial, merece ser aprofundado o significado preciso do termo e sua

legítima extensão no campo pastoral.

A Encíclica "Slavorum Apostoli" aborda o aspecto da encarnação do Evangelho em uma determinada civilização. O Sinodo Extraordinário sublinha duas atitudes da Igreja na matéria: incorporar tudo que há de positivo na cultura, à qual se leva Jesus Cristo, e que esse fato ultrapasse mera adaptação externa.

Semelhante tema nos conduz a um outro, o sincretismo, intimamente relacionado com o anterior.

O Documento de Puebla — Evangelização no presente e no futuro da América Latina — por três vezes nos alerta sobre esse problema, como no nº 453: "A religião do povo mostra em certos casos sinais de desgaste e deformação: aparecem substitutos aberrantes e sincretismos regressivos".

Em seu discurso ao Conselho, no dia 17 deste mês, o Papa adverte para o perigo existente: "Vós sabeis que a inculturação é necessária, mas difícil caminho para a Igreja". E exorta vivamente que "se evite toda simplificação ou precipitação que conduziria a um sincretismo ou a uma secularização do anúncio evangélico".

No entanto, tenho diante dos olhos um comentário que integra um documento conclusivo de certo "Seminário sobre discriminação racial", patrocinado por organismo vinculado à entidade eclesial: "Em nosso entender, a preservação do sincretismo torna-se de fundamental importância para assegurar a unidade da Fé cristã, sem prejudicar a libertação cultural do negro". Acoberta-se à sombra da Igreja para apoiar posição oposta ao Magistério Pontifício. Confunde-se o pluralismo cultural e o respeito por tudo aquilo que é humano com o sincretismo na Fé. O fundamento do cristianismo é o reconhecimento do Salvador morto e ressuscitado como único Senhor.

Como esse exemplo, há outros no Brasil.

Entre nós, graças a Deus, há muito trigo, mas devemos ter a coragem de reconhecer a existência do joio e tratá-lo como joio e não como trigo. Este é o primeiro serviço à Verdade, à Cultura e ao bem do nosso Povo.



2411/97  
Tm

## Rio faz missa por nova Carta

Os fiéis que assistiram ontem às missas em suas paróquias fizeram orações especiais em favor da Constituinte. A pedido do Cardeal Dom Eugênio Sales, os padres realizaram horas santas e orações para "pedir a Deus que ilumine aqueles que irão elaborar a Nova Carta Magna do nosso país", como disse o Cardeal, em sua mensagem, durante a missa oficial de Arquidiocese do Rio de Janeiro, transmitida pelas televisões ontem pela manhã.

Na exortação feita durante a Santa Missa em Seu Lar, celebrada pelo Padre Lucas Caravina, foram feitos convites aos fiéis para que todos rezassem pelos valores cristãos, e como lembrou o Cardeal "por um Brasil cristão capaz de vencer os desafios que nos esperam no contexto não só nacional, mas também internacional".  
**Horas Santas**

Nas missas paroquiais, o 4º Domingo do Tempo Comum, o tema era a Bem-aventurança, e como lembrou Frei Luiz Gonzaga Costa, em sua homilia, na missa das 12h, da Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, "seria bom se o espírito da bem-aventurança norteasse todos os constituintes". Foi por esse espírito que os fiéis rezaram uma oração especial, junto com Frei Luiz.

— Rezo sempre nos finais das missas, pelo país, pelo mundo e hoje mais do que nunca oro pelos homens que estão escrevendo a nova Constituição, que ela seja pela reconstrução do Brasil — disse ao sair da missa na Igreja de Nossa Senhora da Paz, ontem pela manhã, Dona Hebe Marques, 60 anos.

Na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana, Monsenhor Abílio Ferreira da Nova, promoveu Horas Santas, que aconteceram das 14 às 16 horas. Momentos de silêncio, entremeados de orações, dirigidas por padres, leituras bíblicas e bênçãos e orações aos constituintes feitas em louvor ao Santíssimo Sacramento, foram feitas pelos fiéis que lotaram a Igreja.

7-2-80

## Dom Eugênio analisa problema da dívida

O problema da dívida internacional e o confronto entre credores e devedores foi o tema da fala do cardeal Eugênio Sales, na mensagem radiofônica "Voz do Pastor", quando ele analisou o documento de 31 páginas divulgado pelo Vaticano no dia 27 de janeiro, denominado: "Ao Serviço da Comunidade Humana - Uma Consideração Ética da Dívida Internacional", de autoria do Papa João Paulo II.

Segundo esse documento, a grave situação criada pelo endividamento de muitas nações veio mostrar um mundo fortemente marcado pela interdependência e os perigos do aproveitamento desse estado de dependência por parte dos

mais fortes, o que pede a criação de novas formas de mútua cooperação, em vista do bem comum da humanidade. Isso, evidentemente, supõe a aceitação de uma co-responsabilidade internacional, tanto no que se refere às causas, quanto aos meios para remediar os desequilíbrios financeiros entre os dois hemisférios.

O documento do Vaticano afirma que a observância de princípios éticos conduz a atitudes e decisões que visam evitar rupturas entre credores e devedores, assim como a denúncia unilateral de compromissos assumidos anteriormente. Leva a remover certas exigências que, mesmo legais, poderiam ser abusivas.

Faint, illegible table with several columns and rows of text, possibly a ledger or record book.

### Arcebispo pede a 'autodomação'

<sup>17-12-87 Bjo</sup>  
O arcebispo de Brasília, d. José Freire Falcão, afirmou ontem que a "sociedade deve ter a coragem de encarar" o problema da Aids como "consequência da decadência moral". Segundo ele, a Igreja deve defender um terceiro caminho para o controle da doença, que diz respeito à "autodomação da sexualidade", ou seja, "conter a degradação dos costumes que causou a proliferação da Aids."

D. José afirmou que não concorda com a promoção de uma campanha, em que a doença seja colocada simplesmente como um problema de

saúde pública e cujo controle implique apenas na utilização de preservativos.

O arcebispo disse que a Igreja pode ajudar um aidético por uma questão de caridade pastoral, mas, ao desenvolver uma campanha, deve observar não apenas a doença como um problema de saúde pública, mas embutir seus aspectos éticos. Segundo ele, pelo pronunciamento feito pelo ministro da Saúde, Roberto Santos, há uma preocupação, na campanha do governo, com a questão ética.



## Dom Carvalheira sofre atentado durante uma celebração na Paraíba

JOÃO PESSOA - Dois proprietários de terras e um pistoleiro tentaram acabar a bala uma missa campal que o bispo de Guarabira, dom Marcelo Pinto Carvalheira, celebrava, sábado passado na Fazenda Varelo de Cima, no município de Araruma, a 60 quilômetros desta Capital. No incidente que só segunda-feira chegou ao conhecimento da Arquidiocese da Paraíba, o agricultor José Freire de Avelar saiu ferido na cabeça, com um tiro de revólver, mas seu estado não inspira cuidados, já que a bala o atingiu apenas de raspão.

Segundo relato de dom Marcelo ao arcebispo dom José Maria Pires, os agricultores estavam acampados em terreno pertencente à Fazenda Varelo de Cima, quando um fusca amarelo estacionou em frente ao local onde se realizava a celebração da Missa. Do carro, saltaram três homens até agora não identificados, um dos quais portando um revólver e ameaçando os agricultores.

### SECRETARIA

Os posseiros que assistiam à Missa avançaram contra os agressores e um deles acabou ferido

na cabeça. Após o disparo, e armados de pedras e pedaços de pau, os camponeses agarraram o autor dos tiros e o espancaram violentamente. O fusca foi totalmente destruído pelos fiéis, enquanto os outros dois ocupantes tratavam de fugir, carregando o pistoleiro ferido.

O delegado da cidade de Araruma, Ivan Francisco de Moraes, que chegou ao local logo depois, informou à Secretaria de Segurança Pública que já instaurou inquérito para apurar o incidente e prometeu ouvir o bispo dom Marcelo, para saber dele a versão sobre tudo o que aconteceu durante a Missa campal.

Segundo informações da Comissão de Orientação dos Direitos Humanos da Diocese de Guarabira, os conflitos na Fazenda Varelo de Cima começaram há quase um ano. Lá 16 famílias ocupam uma área de 164 hectares. Os desentendimentos entre proprietários e posseiros surgiram quando o antigo dono da fazenda mandou destruir a lavoura dos agricultores, plantando em seu lugar capim que serviria para o pasto bovino.



Recife, quarta-feira, 18 de fevereiro de 1987

## Dom Marcelo é vítima de atentado

JOÃO PESSOA - Notável por suas posições na defesa dos chamados movimentos dos sem-terra, o bispo dom Marcelo Pinto Carvalheira (o segundo mais importante representante da Igreja na hierarquia eclesiástica da Paraíba), escapou ileso de um atentado a tiros, ocorrido sábado último. O fato ocorreu quando ele rezava uma missa com os trabalhadores rurais da Fazenda Varelo de Cima, na cidade de Araruma. Mais notícias na página A-12

19-1-87 FdJ

## Pastor chama Igreja de indústria da fé

O bispo Roberto Macasper, da Igreja Nova Vida, quer transformar a entidade em um grande império. Com esta afirmação, o pastor Carlos Alberto Pereira, do templo da Ilha do Governador, denunciou o aumento do dízimo imposto pelo bispo. De acordo com o pastor, o bispo exige que a contribuição dada a cada templo para a Igreja central, localizada em Botafogo, seja de 30% da renda bruta. Anteriormente era de 10%. Quanto às acusações, o bispo respondeu que "isso é um assunto interno da Igreja e eu não tenho nada a declarar", desligando o telefone.

O pastor Carlos Alberto considera isto má fé para enriquecer às custas do povo,

e denunciou que os pastores da Igreja de Botafogo têm carros do ano, como Santana e Monza, e que o bispo já viajou quatro vezes ao exterior, a última para a Escócia. "A Igreja está mudando de rumo, deixando suas preocupações religiosas para virar uma empresa, uma indústria da fé", afirmou Carlos Alberto.

O pastor Carlos Alberto declarou que a Igreja Nova Vida é proprietária da Rádio Relógio, de um estúdio de TV desativado, e além disso, tem dois terrenos na Av. das Américas, um deles avaliado em 700 milhões de cruzeiros em 85.

22/11/87-660

## Dom Avelar deixa 80% de ações de rádio para sucessor

SALVADOR — Ao ser nomeado pelo Papa, o sucessor de Dom Avelar Brandão Vilela — que morreu de câncer em dezembro passado — na Arquidiocese de Salvador herdará 80% da "Rádio Excelsior da Bahia", o único bem de valor deixado por Dom Avelar em seu testamento. O testamento do Primaz do Brasil foi divulgado ontem pelo seu substituto interino, Dom Thomas Murphy.

Dom Avelar deixou para o Cardeal que o suceder na Arquidiocese de Salvador mais de 29 milhões de ações da "Rádio Excelsior da Bahia", emissora responsável pela transmissão da maior parte dos programas da Igreja Católica em Salvador. A minuta do testamento de Dom Avelar foi elaborada em maio de 1985 pelo

advogado Gabino Kruschewsky, atual Secretário de Justiça do Estado.

Kruschewsky informou que a intenção de Dom Avelar era deixar as ações da rádio para a Arquidiocese, o que não foi possível porque a lei proíbe pessoas jurídicas de serem proprietárias de emissoras. A transferência das ações para seu sucessor, foi a forma encontrada por ele para fazer com que a rádio continue nas mãos da Igreja.

Gabino Kruschewsky disse ainda que, de acordo com a vontade de Dom Avelar, as ações da Rádio Excelsior devem sempre ser destinadas, em testamento, aos Arcebispos de Salvador até que haja uma alteração na lei que regula as empresas de rádio-difusão.

## Dom Avelar passou ao sucessor as ações que dão controle de rádio

22/11/87  
27

Salvador — O cardeal dom Avelar Brandão Vilela, que morreu há um mês vitimado por um câncer no estômago, deixou como legado para o seu "efetivo e legítimo sucessor" mais de 29 milhões de ações da Rádio Excelsior da Bahia adquiridas em seu nome pessoal. As ações garantem ao seu sucessor, futuro arcebispo primaz do Brasil — ainda não nomeado pelo Papa João Paulo II —, o controle da rádio, emissora católica AM de grande audiência no estado.

Essa é a revelação mais importante contida no testamento público deixado pelo cardeal, falecido dia 19 de dezembro, e divulgado, na capital baiana, pelo advogado Gabino Kruschewsky. O administrador arquidiocesano e bispo auxiliar de Salvador, Dom Thomas Murphy, substituto provisório de Dom Avelar, requereu à 1ª Vara de Família e Sucessões o registro, arquivamento e cumprimento do testamento do primaz do Brasil.

### Controle da rádio

O advogado Kruschewsky informou ontem que dentro de um mês, no máximo, deverão estar encerrados todos os trâmites legais do ato de vontade de Dom Avelar, podendo então o inventário ser requerido pelos advogados das partes beneficiadas com o testamento, que data de 14 de maio de 1985.

No testamento, Dom Avelar Brandão esclarece que, para concretizar um antigo sonho, "qual o de assegurar um eficiente meio de comunicação a serviço do povo de Deus, a Arquidiocese de Salvador da Bahia, uma vez impossibilitada de ter a titularidade, como pessoa jurídica, de ações ou quotas de emissoras radiofônicas, similares ou congêneres, o que lhe é defeso por lei específica, obteve indiretamente o controle acionário da Rádio Excelsior da Bahia".

A Excelsior, que antes era controlada pelo empresário Wilson Meneses (também já falecido), foi adquirida em 22 de novembro de 1984 em nome de Dom Avelar, que ficou com 29 milhões de ações em seu nome pessoal. Monsenhor Gaspar Sadock da Natividade, vigário auxiliar da arquidiocese e um dos maiores amigos do cardeal, adquiriu 6,6 milhões de ações, também em seu nome pessoal; e monsenhor Manuel José Sampaio Python adquiriu em seu nome 5,9 milhões de ações.

Dom Avelar esclarece no testamento que todas as ações do testador, de monsenhor Sadock e de monsenhor Python — resultaram de recursos levantados pela Arquidiocese de Salvador e que "objetivando acautelá-las, prevenir e preservar direitos e interesses da arquidiocese", deixa, a título de legado, todas as ações da Rádio Excelsior que estejam em seu nome para o seu "efetivo e legítimo sucessor na arquidiocese, nomeado como tal pelo santo padre".

O documento de vontade do cardeal primaz do Brasil expõe, finalmente, que, pertencendo de fato as ações e bonificações ou desdobramentos decorrentes delas à arquidiocese, dispõe o testador como regra definitiva e incontrolável que, enquanto a legislação proibir a propriedade de ações e quotas por parte de entidades ou pessoas jurídicas, as ações da Rádio Excelsior, ou sua eventual sucessora, passarão via testamentária ou por outro instrumento hábil, de arcebispo para arcebispo, que a exemplo de Dom Avelar, o testador, as possuirão apenas *in nomine*, "eis que, na verdade, pertencem *pleno jure* à arquidiocese".

# Dom Cardoso: Política

domingo, 22 de fevereiro de 1987

## é a arte

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

A-9

# do sim e do não

**Carlos Cavalcante**

- Observando o que acontece antes e depois das eleições, os acordos e as discórdias, os insultos e as reconciliações, as mudanças de Partido, os processos por calúnia e difamação que são anunciados com grande alarde e logo depois sepultados no silêncio, chegamos à conclusão de que política, entre nós, brasileiros, é a arte de ser, simultaneamente, amigo e inimigo da mesma pessoa.

A declaração não é de nenhuma liderança claudicante ou política, mas sim, de d. José Rodrigues Cardoso Sobrinho, que recebeu do Papa João Paulo II a difícil missão de substi-

tuir d. Hélder Câmara na Arquidiocese de Olinda e Recife. Pernambucano, doutor em Direito Canônico, com largo tempo de estada em Roma, d. José Rodrigues concede ao DIÁRIO a primeira entrevista para analisar o atual momento brasileiro.

Revelando sua impressão sobre o político brasileiro, diz o novo arcebispo de Olinda e Recife que "há várias imagens, vários tipos de políticos, aqui no Brasil, como em outros países. Há políticos verdadeiramente honestos e cristãos que se empenham em exercer o mandato tendo em vista, em primeiro lugar, o bem do povo. Entretanto, o que se

ouve dizer a respeito de certos políticos, o que se observa nas atitudes concretas de vários deles, causa-nos impressões bastante negativas". O arcebispo fala também sobre o aborto, a reforma agrária, a Constituinte e a participação de padres na política.

**DP - O que o senhor espera da Constituinte?**

D. José Cardoso - O que todo o Brasil espera: que nos proporcione, com a nova Constituição meios eficazes para realizar as urgentes reformas sociais para solucionar os graves problemas que afligem o nosso povo; que sejam finalmente colocadas as bases para a construção de



Dom Cardoso pede reformas

uma sociedade justa e fraterna neste País riquíssimo e paupérrimo; que os direitos fundamentais de cada cidadão - direito à vida, à saúde, à educação, inclusive religiosa, direito ao trabalho com remuneração suficiente, direito à propriedade, à segurança, à participação na vida política - deixem de ser uma palavra vazia para a grande maioria do nosso povo e se tornem realidade concreta e palpável; que sejam finalmente eliminadas da nossa vida cotidiana as injustiças gritantes que esmagam essa imensa multidão de pobres; que desapareçam, enfim, a corrupção, a impunidade, essa permissividade extremamente deletéria que se está infiltrando em todos os setores da nossa sociedade; que seja inaugurada uma nova página na história pátria, uma nova etapa marcada pela prevalência da justiça e da dignidade moral.

**DP - A Igreja pretende debater com o povo os assuntos da Constituinte?**

D. José Cardoso - Todo poder civil emana do povo. Os constituintes eleitos são mandatários do povo. Os direitos do povo não podem limitar-se apenas à participação nas eleições. Todos os cidadãos têm igualmente o direito de acompanhar os trabalhos e debates na elaboração da Constituição, exigindo dos constituintes que sejam fiéis aos compromissos assumidos em praças públicas por ocasião da campanha eleitoral. Quase todos os brasi-

leiros acreditam em Deus e em Jesus Cristo. Têm formação e cultura cristãs. Seria, por conseguinte, uma grave injustiça impor a este povo qualquer artigo constitucional que contradiga os valores morais e religiosos da mensagem evangélica. Preocupa-nos sobretudo, o perigo de ver introduzida, na nossa legislação, fundamental, a aprovação do aborto ou do divórcio.

**DP - Por que a Igreja é tão radical na condenação do aborto e do divórcio, que já são aceitos por países cultos e desenvolvidos?**

D. José Cardoso - Por que a Igreja tem o gravíssimo dever de proclamar a lei de Deus. O aborto é uma violação direta do 5º preceito do Decálogo: "Não matarás". É um homicídio qualificado. É o assassi-

nato de um ser humano inocente e indefeso. Por isso, a Igreja não somente o condena do ponto de vista moral, mas estabelece uma penalidade, a excomunhão, contra aqueles que o provocam. Também o divórcio é proibido pela lei de Deus. Diz no Evangelho: "O que Deus uniu, o homem não pode separar", falando da indissolubilidade do matrimônio. O matrimônio monogâmico e indissolúvel é o fundamento insubstituível da família. Onde não há famílias bem constituídas, abrem-se as portas a todos os desregramentos. Aí está a multidão de marginais, de menores abandonados, de meninos de rua. São pessoas que nasceram fora do matrimônio, que nunca conheceram em lar. Se nada fizermos por eles, serão os futuros marginais e criminosos. Aceitar o aborto ou o divórcio não é sinal de progresso ou desenvolvimento. Os países que o fazem estão em fase de declínio moral e cultural. Depois do aborto, a tentação será aceitar a eutanásia. Tudo isso é negação de Deus. Nestes e noutros setores da vida humana, já estamos pagando um preço altíssimo pelo menosprezo da lei divina.

**DP - O que o senhor pensa sobre a Reforma Agrária?**

D. José Cardoso - Penso que já está na hora de tirar este pesadelo da cabeça do povo brasileiro. Os observadores externos, aqueles que vivem fora do Brasil e acompanham as nossas lutas pela Reforma Agrária, não entendem este paradoxo: como é possível que, num País de dimensões continentais, haja tanta gente sem terra e tantos conflitos pela posse da terra. A realização urgente da reforma agrária, acompanhada de uma adequada política agrícola, é um dos requisitos indispensáveis para que haja paz, justiça social e consolidação democrática no nosso País.

**DP - Falando em consolidação democrática, o senhor acredita que a vitória estrondosa do PMDB nas últimas**

**eleições poderá prejudicar este processo?**

D. José Cardoso - Um dos requisitos essenciais da democracia é a pluralidade partidária. Nos regimes ditatoriais há Partido único. Os exemplos estão aí, à luz do sol: nos países dominados pela ditadura comunista, como a União Soviética e Cuba, o primeiro ato dos dominadores, logo que assumem o Poder, é suprimir a Oposição. O Partido Comunista torna-se Partido único. Quem ousar fazer oposição ao regime é punido com prisão, tortura e com a pior de todas as violências às consciências. O mesmo acontece nas ditaduras de extrema-direita. Esperamos que o nosso Brasil não penda para nenhum desses extremos. A vitória de um Partido, num regime democrático, não significa a supressão dos demais. Os Partidos democráticos que ficaram em minoria, nas eleições de novembro, têm um papel importantíssimo a desempenhar na consolidação e preservação das nossas instituições democráticas.

**DP - Por que o senhor não aceita a participação de padres na política?**

D. José Cardoso - Em primeiro lugar, é preciso distinguir o que se enende por política. Se se trata de política em sentido amplo, como atividade geral que visa ao bem comum, neste sentido a política interessa a toda a Igreja e também aos sacerdotes. A Igreja tem o dever de evangelizar todos os setores da vida humana. Sua atividade não pode ser reduzida às sacristias ou à vida pessoal e familiar. Quando, porém, se trata de política partidária, ou seja, de envolvimento num determinado Partido, então os sacerdotes e religiosos estão proibidos de envolver-se nesse tipo de política. E não se trata de uma proibição minha, mas sim de uma diretriz geral da Igreja. Entre vários documentos que se poderiam citar, recordemos o documento de Puebla, onde o assunto é tratado amplamente. Ali se diz explicitamente que a política parti-

daria é o campo próprio dos leigos, e que os sacerdotes e religiosos não devem envolver-se em política partidária porque são ministros da unidade. Portanto, é perfeitamente legítimo que na mesma paróquia, na mesma comunidade eclesial, e até na mesma assembleia litúrgica, presidida por um só pastor, haja pessoas de diversas convicções e de diversos Partidos políticos. Quando o padre se transforma em "cabo eleitoral" ou propagandista de um determinado Partido, ele está automaticamente dividindo o seu rebanho.

**DP - Não parece ao senhor que "a opção pelos pobres", solenemente proclamada em Puebla, pode levar à preferência por um determinado Partido que se identifique mais com a causa dos pobres?**

D. José Cardoso - Puebla diz que "nenhum Partido político, por mais inspirado que esteja na doutrina da Igreja, pode arrogar-se a representação de todos os fiéis". Com referência à expressão "opção preferencial pelos pobres", eu gosto de notar que a palavra "opção" não traduz bem a realidade das coisas. Opção significa escolha livre, enquanto a preferência ou predileção devida aos pobres não é objeto de escolha livre; é dever grave que onera toda consciência humana e cristã. Um exemplo banal pode ilustrar o que quero dizer: se devo dividir um bloco entre quatro pessoas, sabendo que duas delas estão fartas, enquanto as outras duas estão famintas, cometeria uma injustiça se dividisse o bolo em quatro partes iguais. A justiça natural manda dar mais a quem mais necessita: e isto não é escolha livre, não é mera "opção", é dever imprescindível. É este o empenho tradicional da Igreja, desse os seus primórdios, independentemente de contingências históricas e de Partidos ou candidaturas políticas transitórias. Este é o empenho da Igreja na América Latina e nesta nossa Arquidiocese de Olinda e Recife.

## Dom Angélico lembra as vítimas do desastre

2712187-0870

Dom Angélico Bernardino, Bispo da região de São Miguel, em seu discurso no encerramento da Assembleia da Pastoral da Terra em São Miguel estava visivelmente emocionado.

Ele começou dizendo que: "a caminhada do povo de Deus tem muitas quedas, mas não se deve desanimar e sim levantar e continuar".

Em seguida lembrou do incidente ocorrido na Prefeitura duas semanas atrás: "fomos conversar e fomos recebidos

com pancadaria e água". Neste momento todos os presentes deram uma longa vaia para a atitude do Prefeito. O Bispo então falou do objetivo da reunião cujo tema central era: "o que temos feito para organizar o povo?", e completou: "a força do povo está na união e na organização, um povo organizado arranca a terra das mãos dos poderosos e isso serve para a educação, para a saúde e para tudo."

### LUTO

O grande luto em que se encontra toda a região leste foi

o outro tema tratado por Dom Angélico. A razão é o desastre de trem ocorrido a alguns dias atrás, onde morreram mais de cinquenta pessoas inclusive duas companheiras do Movimento dos Sem-Terra. E ele apontou os culpados: "este desastre foi sem-vergonhice das autoridades que aumentam as tarifas e deixam os trens em condições muito precárias". No final uma sobrevivente do desastre se uniu a Dom Angélico e junto ao povo de São Miguel rezaram pelos seus mortos. (L.H.S.A.)

## Arquidiocese do Rio terá um novo Bispo Auxiliar

A Arquidiocese do Rio terá mais um Bispo Auxiliar a partir de amanhã, com a ordenação episcopal do Monsenhor José Carlos de Lima Vaz, um sacerdote jesuíta. Ele será ordenado às 10h, na Catedral Metropolitana, em missa solene que terá como principal celebrante o Cardeal Eugênio Sales e, como consagrantes, os arcebispos de Belo Horizonte e Goiânia, Dom Serafim Fernandes de Araújo e Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, além de outros bispos diocesanos convidados e bispos auxiliares do Rio. A missa solene também será concelebrada por sacerdotes do

clero da Arquidiocese do Rio. O Monsenhor José Carlos de Lima Vaz foi nomeado Bispo Auxiliar do Rio a 17 de dezembro do ano passado, pelo Papa João Paulo II. Mineiro de Ouro Preto, o novo Bispo Auxiliar é muito ligado ao Rio, onde exerceu, entre outras funções, o cargo de Vice-Reitor para Assuntos Comunitários da Pontifícia Universidade Católica. Licenciado em Teologia pela Universidade de Comillas, na Espanha, Monsenhor José Carlos de Lima Vaz é também bacharel em Química pela Universidade de São Paulo.

## Campanha da Fraternidade será aberta depois de amanhã

O Bispo Auxiliar Dom Karl Josef Romer, representando o Cardeal Eugênio Sales, abrirá a Campanha da Fraternidade na Arquidiocese do Rio ao celebrar, depois de amanhã, a "Santa Missa em seu lar", às 6h50m, na Rede Globo, cantada pelo Coral Magnificat. A campanha deste ano, iniciada em todo o Brasil com mensagem do Papa João Paulo II na Quarta-Feira de Cinzas, tem como

tema "Quem acolhe o menor, a Mim acolhe". Cada pároco da Arquidiocese abrirá a campanha, depois de amanhã, nas paróquias ou capelas. Durante a Quaresma, em todas as paróquias, deverá acontecer um ato público, com o objetivo de fazer uma demonstração de oração e preocupação para com o menor. Muitos desses atos serão terços vivos, com a participação de menores.

# Bispo lança desafio

Cerca de 200 menores participaram, sexta-feira, dia 6 do lançamento da Campanha da Fraternidade na Região D. Celso presidiu a missa, celebrada na Igreja da Imaculada Conceição, às 20h30.

Na homilia, D. Celso ressaltou que nesta quaresma, durante a CF, o amor fraterno ao próximo se concretiza no Menor, carente, favelado, encortiçado... abandonado. Lembrou, ainda, que a CF é um apelo à conversão que deve acontecer em três níveis. O pessoal, é o primeiro. Trata-se de aprimorar um amor pessoal que olha com carinho, escuta sem condenar, acolhe com ternura os Menores, que sempre têm algo a nos ensinar, a nos dizer.

Entretanto não basta só a conversão pessoal. A CF quer ajudar na evangelização das comunidades. É preciso, neste segundo nível, avançar além do bem que cada pessoa, individualmente, é capaz de fazer. Os menores esperam, exigem que as comunidades mudem em função deles, pois, completa D. Celso: "não há CF

só na conversão individual, se as comunidades não mudarem em função do menor é porque não copreenderam a quaresma, passou em vão a CF".

Jesus envia seus discípulos como sol, luz e fermento do mundo, por esta razão, não se pode parar na conversão da comunidade. O terceiro nível de engajamento deve ser almejado.

A CF, que neste ano vê no menor o evangelizador privilegiado, tem que sair das comunidades em direção à sociedade. É hora de converter, de mudar a sociedade e suas estruturas. Essa tarefa é difícil e somente será possível com a organização do povo. Que os menores possam ter espaços para gritar, denunciar sua situação. Com coragem e determinação é preciso se organizar para cobrar dos políticos, que em campanha, usaram os menores como plataforma, suas promessas de engajamento na causa do menor empobrecido.

Por fim D. Celso disse: o desafio está lançado. Que os padres, as religiosas, os agentes de pastoral, as comunidades, a Igreja o agarre, para através dele se converter mais profundamente à causa do Reino de Deus, pois "quem acolhe o menor, a mim acolhe", adverte Jesus Cristo.

## FIQUE SABENDO

**A Equipe de Liturgia** promoverá um curso destinado a preparar a Semana Santa, destina-se aos membros das equipes paroquiais e será dia 15 de março, das 9 às 17 horas, na Sede da Região. O lanche é comunitário.

**Plantão Vocacional** aos sábados, na Paróquia N. Sa. da Saúde, das 9h30 às 11h00 e das 16h30 às 18h.

**Brinquedos quebrados** é o nome do vídeo preparado pelo Região para facilitar as discussões em torno do tema da CF. O Lançamento será feito na Igreja São Francisco de Assis, (rua Borges Lagoa, 1209) sexta-feira, às 20h00.

**Dia 17** o presbitério se reúne das 8h30 às 11h30, na Sede da Região. O tema será Constituinte.

1313184 OSP

**Agentes de Pastoral de Favelas** se reúnem dia 22, na capela Cristo Operário, rua Vergueiro, 7290. Pedagogia e linhas de trabalho popular será a principal ocupação nesta tarde.

**O Centro Regional de Formação** inicia suas atividades deste ano sábado, dia 14, às 14h30. A Ação do Espírito no mundo e na Igreja e a Igreja Povo de Deus será o tema deste dia.

**Setor Imigrantes** Os jovens do setor promoverão um encontro, com representantes das paróquias, dia 22, das 12h00 às 18h00, o principal objetivo é discutir como deve ser o trabalho dos jovens no setor.

**Missa de Ano domingo**, dia 15 de março, 11h00, na Igreja São Vicente de Paulo, Praça Frederico Ozanam, 1, Moinho Velho. A comunidade Paroquial convida a todos, que participaram da luta para desvendar o crime dos menores Teodoro e Dirley, praticados pela ROTA, há um ano, para a missa que será celebrada na Igreja.

# D. Angélico diz que Igreja

MARCELO FAGÁ  
Da Reportagem Local

As ocupações de terra desencadeadas a partir de fevereiro passado por milhares de pessoas, que transformaram em lotes para moradia centenas de terrenos vagos da zona leste de São Paulo, colocaram as autoridades estaduais e municipais diante de um movimento respaldado e organizado pela Igreja da região de São Miguel (Leste 2). A sua frente está, há doze anos, d. Angélico Sândalo Bernardino, 53, um dos dez bispos-auxiliares da Arquidiocese de São Paulo.

D. Angélico é, possivelmente, uma das poucas pessoas que não se surpreenderam com a amplitude das ocupações. Grupos de rua, folhetos de "educação e conscientização popular" com tiragens de vinte a trinta mil exemplares, o jornal quinzenal "Grita Povo", reuniões em quintais são há anos parte do cotidiano dos católicos da região, onde vive uma população estimada em três milhões de pessoas. O denominado Movimento dos Sem-Terra é uma das oito áreas em que se divide a atuação da Pastoral da Terra da regional de São Miguel (as outras são dos moradores em cortiços, dos desapropriados, dos moradores em terrenos clandestinos, dos moradores de rua, dos mutuários do sistema habitacional, de urbanização de favelas e de reforma agrária).

Em vez de paróquias, a Igreja da região está dividida em 290 "grandes comunidades", mas conta com 81 padres, que fazem o "trabalho pastoral" com religiosas e leigos. "A Igreja não pode abdicar de ser um instrumento de conscientização para a vida em comunidade. Se o povo está ocupando terra é a Igreja que está fazendo isso", afirmou d. Angélico, que recebeu a Folha para esta entrevista, no domingo de Páscoa.

Folha — Como o senhor avalia o movimento dos sem-terra e os resultados alcançados?

D. Angélico Sândalo Bernardino — É um fato promissor, no contexto de um movimento popular que está, infelizmente, desmobilizado. A primeira grande vitória do movimento dos sem-terra, para mim, é que ele existe e a cada dia que passa vai se robustecendo. A vitória imediata foi o

compromisso solene do secretário da Habitação (Adriano Murgel Branco) de que daqui a dois meses vinte mil habitações serão construídas para atender a essa situação calamitosa do déficit habitacional da região de São Miguel e em todo o Estado.

Folha — Qual o papel da Igreja nesse movimento?

D. Angélico — Aqui na região é a Igreja basicamente, mas não exclusivamente, que está engrossando esse movimento popular. A Igreja é povo de Deus, segundo uma das definições do Concílio Vaticano 2º, e se o povo está aí se organizando, ocupando terra e lutando é a Igreja que está fazendo isso.

Folha — Neste caso também existe uma vitória da Igreja sobre instituições de organização popular, como partidos políticos?

D. Angélico — Não vejo uma vitória da Igreja nesse sentido.

Folha — Mas se considera que, aqui no caso dos sem-terra, a Igreja mostrou muito mais capacidade de organização do movimento.

D. Angélico — A Igreja não pretende em nenhum instante se sobrepor ou rivalizar-se com entidades que são absolutamente fundamentais para uma caminhada libertadora do povo. A Igreja aqui na região cumpre a sua missão: é uma Igreja batalhadora e tem demonstrado, na prática, que o seu compromisso com os pobres não é um compromisso verbal. Incentiva ao máximo os movimentos populares e muitos deles nascem da própria vitalidade da Igreja, como o movimento dos sem-terra, que em grande parte foi coordenado e levado à frente pela Igreja. Mas há outras entidades, como partidos políticos, que têm também em seus programas lutar para que o povo tenha terra. Precisamos aprender todos a dialogar, a somar forças e a não nos dividir. Costumo dizer que todos nós que temos uma sensibilidade endereçada para a construção de uma sociedade justa e fraterna devemos ser como o Solimões e o Negro: temos a vocação de formar o Amazonas. Mas é necessário que os partidos políticos, comunidades eclesiais, ou forças sindicais guardem a sua identidade e trabalhem juntos em cima de programas concretos.

Folha — Há curiosidade de se

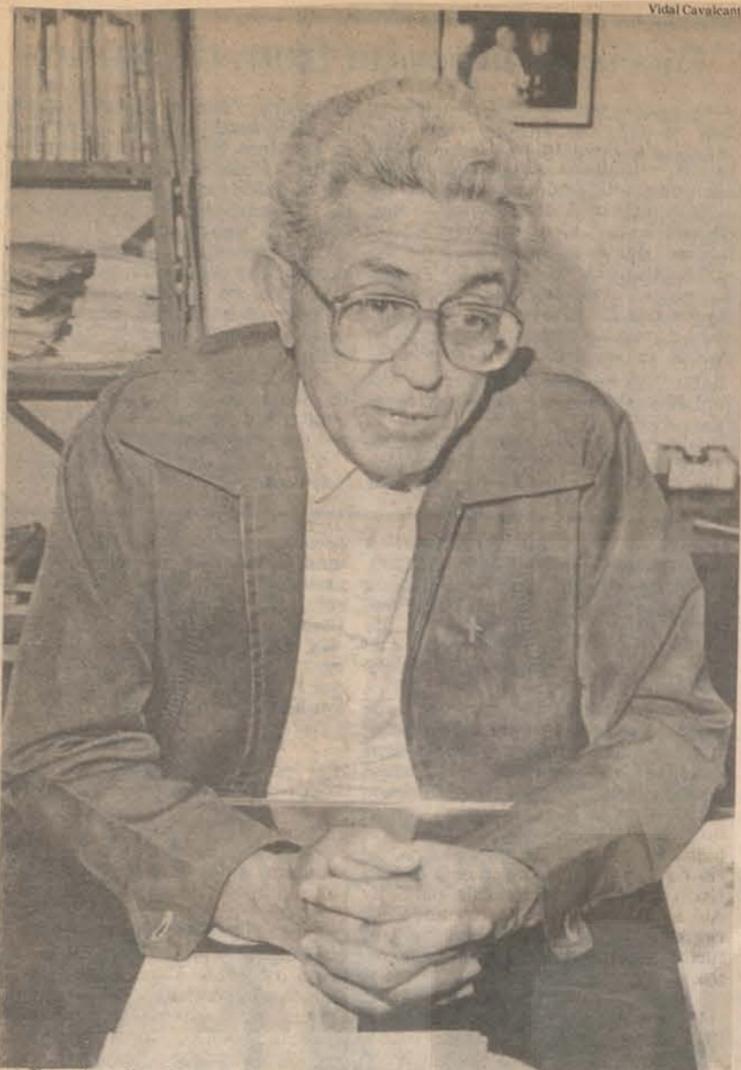
saber como, de repente, milhares de pessoas começam a ocupar terrenos, de forma organizada, que usam rojões para alertar da presença da polícia, têm assistência jurídica e estão catalogados. Como é esse trabalho?

D. Angélico — É um trabalho eletrizante, mas que não vem de agora. Eu quero me cingir à Igreja porque eu acho — sem nenhum sectarismo e até com tristeza — que a Igreja no Brasil faz o trabalho mais sério de conscientização popular, entre operários, favelados e índios, nas periferias do mundo. Onde os sofrimentos são maiores, aí se dá a presença da Igreja, conscientizadora e de união do povo. Anos a fio temos feito esse trabalho e o rio vai crescendo, vemos que devagar o povo vai se organizando. E chegou o momento em que esse povo consciente, pressionado pela brutalidade do aumento dos aluguéis, pelo escândalo de ver glebas e enormes terrenos, em plena cidade de São Paulo, em que o capim cresce, sem muros, em que há ratos, baratas e escorpiões, num verdadeiro atentado a um pai de família que não tem uma terra para colocar a sua casa; em que pressionado por uma consciência que a organização do movimento dos sem-terra lhe confere, pelo fracasso do plano Cruzado, que despertou tantas expectativas e esperanças e foi para o lixo, esse povo vendo terra sem gente aplicou um princípio da doutrina social da Igreja — uma prática: terra sem gente, gente sem terra, e começou a ocupar.

Folha — Mas espontaneamente, ou a partir de reuniões nas igrejas?

D. Angélico — Aqui houve um acoplamento. De um lado o povo faminto de terra e, de outro, terrenos com o capim crescendo. Então houve aquilo que é muito natural, a ocupação. Nós, enquanto homens de Igreja aprendemos que a propriedade particular, a respeito da qual se fala tanto, é um direito. Mas é um direito enquanto, na prática, se torna acessível a todos. Esse negócio de ficar defendendo a propriedade particular como direito de todos, quando poucos a possuem, tem que mudar. Isso é hipocrisia e farisaísmo porque a propriedade particular sem função social se torna um roubo. E o que estamos vendo aqui na região é

## coordena ação dos sem-terra



Dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo da região de São Miguel (Leste 2)

roubo, é jogada de imobiliárias, são proprietários que conservam suas terras para exploração imobiliária. Nós temos a consciência nítida de que a ocupação não é solução, e sim um método pedagógico para pressionar a sociedade, e sobretudo o governo, para que cumpra a sua obrigação. As ocupações não foram

espontâneas, são fruto de uma caminhada que eu julgo ainda inicial de conscientização.

Folha — As ocupações de terra não são uma violência?

D. Angélico — A violência que existe nesse país é que o povo não tem terra, é que o povo ganha um

Vidal Cavalcante

salário de Cz\$ 1.300,00 que é uma vergonha nacional, não tem escolas, hospitais, não tem participação efetiva. Dizem que temos uma democracia porque o povo pode votar. Mas não pode comer, não pode morar, nem plantar. Quando o povo não vota o voto caímos numa ditadura ainda maior. Mas nós vivemos numa escandalosa ditadura de poucos acima de muitos. Contra essa violência nós anunciamos uma sociedade a ser construída com justiça, com firmeza permanente, mas com a não-violência. A ocupação, por exemplo, é um gesto de não-violência. Violência cometeu a Guarda Metropolitana, violenta é a lei que possibilita à autoridade reintegrar a posse de um terreno e colocar milhares de famílias que não têm para onde ir, enquanto os terrenos continuam desocupados.

Folha — O senhor defende a resistência a uma lei?

D. Angélico — Eu como cristão tenho a felicidade de ser discípulo de alguém que disse, a respeito de uma das principais leis de sua época: "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado". Jesus Cristo afirmou isso. Então, a lei deve servir ao homem e não o homem, simplesmente, à materialidade da lei. Leis caducas, que conspiram contra o povo, se não forem modificadas, começarão a ser desrespeitadas. Eu não sou pela desobediência, porque não sou pela anarquia. Mas quero denunciar a anarquia reinante em que há leis que são aviltadas, desrespeitadas, e ninguém toma providências.

Folha — O que o senhor acha que pode acontecer se não vierem as reformas que o senhor reclama?

D. Angélico — Eu não sou apocalíptico, não vejo catástrofes pela frente. A maior catástrofe já está acontecendo, que é o povo dizimado, ao lado da inconsciência e irresponsabilidade dos que vivem no fausto. Espero que haja sensatez, que através dela possamos dar um passo à frente, que a Constituição não seja um livro mais e seja viabilizada na prática. E que nós, através de uma Constituição aberta, que contemple a vida do povo, possamos ir progredindo na caminhada de libertação do nosso povo.

FOLHA DE S. PAULO

28/14/87

## D. Luciano é eleito presidente da CNBB e reafirma 'evangelização libertadora'

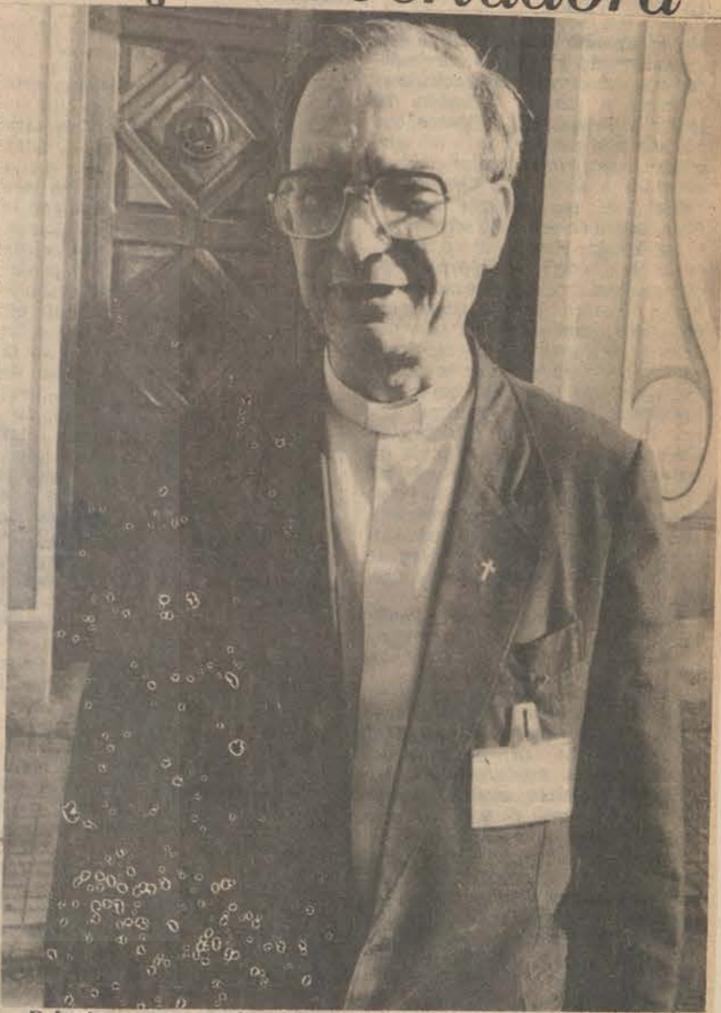
DERMI AZEVEDO  
Enviado especial a Itaiçi

O bispo-auxiliar de São Paulo, d. Luciano Pedro Mendes de Almeida, 56, colaborador da Folha, foi eleito às 15h de ontem o novo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), sucedendo a d. Ivo Lorscheiter, 59, que esteve no posto durante oito anos. Ele recebeu, em segundo escrutínio, 196 votos dos 258 bispos votantes que participam —no convento jesuíta de Itaiçi, município de Indaiatuba (99 km a noroeste de São Paulo)—, da 25ª Assembléia Geral da CNBB, tornando-se o 1º bispo-auxiliar eleito para a presidência de uma conferência episcopal no mundo católico.

A noite, os bispos votaram para escolher os novos vice-presidente e secretário-geral da CNBB, mas o resultado só será divulgado hoje. Os nomes mais cotados são os de d. Paulo Ponte para a vice-presidência, e o de d. Celso Queiroz para a secretaria geral. A CNBB é a terceira maior conferência de bispos da Igreja Católica, com 374, vindo depois da italiana, com 455, e da norte-americana, com quatrocentos bispos.

Em entrevista coletiva às 16h, em Itaiçi, logo após ser eleito, d. Luciano disse que a CNBB continuará atuando com base na linha da "evangelização libertadora", cujos fundamentos foram definidos pelos bispos da América Latina na assembléia que realizaram em 1979 na cidade mexicana de Puebla. D. Luciano afirmou que "cabe à Igreja anunciar a verdade sobre Jesus Cristo e sobre o homem". Destacou que a CNBB aprofundará seu apoio à reforma agrária e do solo urbano, aos programas de atendimento ao menor, à educação básica e à moradia para os sem-casa. Afirmou que a Igreja "lutará para modificar a sociedade, de modo que ela não marginalize o menor, já que o menor não é problema, mas o problema somos nós".

Quanto à conjuntura nacional, d. Luciano disse que "o momento é delicado e difícil, requerendo maior colaboração por parte de todos os brasileiros" e que o relacionamento entre a Igreja e o governo será marcado "pela vontade de colaboração com vistas ao serviço ao povo, em favor da construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna".



D. Luciano aparece em frente à entrada do salão onde se realizou a votação

No prévia secreta, d. Luciano, até então secretário-geral da CNBB, conseguiu 191 votos e no primeiro escrutínio obteve 168, apenas um a menos do total necessário para sua eleição com dois terços dos sufrágios. O segundo colocado na eleição para a presidência foi o arcebispo de Belo Horizonte (MG), d. Serafim Fernandes de Araújo, que obteve 113 votos na prévia (mesmo número de votos dados ao arcebispo de Uberaba, d. Benedito Ulhoa Vieira), 71 votos no primeiro escrutínio e 53 no segundo. No primeiro escrutínio, d. Benedito teve doze votos, número que baixou para cinco no segundo. O bispo de

Duque de Caxias (RJ), d. Mauro Morelli, não participou da eleição por não aceitar as normas eleitorais da CNBB e não quis participar de uma das juntas apuradoras. Na prévia secreta para a vice-presidência, realizada antes da votação, d. Paulo Ponte obteve 136 votos, seguido por d. Serafim Fernandes, com 110. Os bispos deverão eleger também os delegados da CNBB para o Sinodo dos Bispos, o novo representante da CNBB junto ao Concílio Episcopal Latino Americano —Celam—, além dos novos titulares da Comissão Episcopal de Doutrina e da Comissão Episcopal de Pastoral.

## Quem é d. Luciano Mendes de Almeida

O novo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Pedro Mendes de Almeida, nasceu no Rio de Janeiro, a 5 de outubro de 1930, filho de Cândido Mendes de Almeida e Emília Mello Vieira Mendes de Almeida. Acompanhou as atividades intelectuais e jornalísticas dos ambientes em que seu pai atuava. Fez os estudos primários no Rio de Janeiro, de 1941 a 1945, e o segundo grau em Nova Friburgo (RJ), onde também estudou filosofia de 1951 a 1953. O curso de teologia foi feito em Roma, de 1955 a 1959. Doutorou-se em filosofia na Itália, entrou na Companhia de Jesus em 5 de julho de 1947, e foi ordenado padre, em Roma, em 5 de julho de 1958. Foi nomeado bispo por Paulo 6º, em 1976, sendo ordenado para o episcopado em 2 de maio de 1976, na Catedral da Sé, pelo cardeal d. Paulo Evaristo Arns, que o escolheu como bispo auxiliar da região episcopal de Belém, bairro da zona leste paulistana. Foi, também, designado como responsável pela pastoral do menor e pelas escolas católicas da arquidiocese de São Paulo.

Colaborador da Folha, d. Luciano foi eleito, pela primeira vez como secretário-geral da CNBB, em 1979, sendo reeleito em 1983. No plano político, é definido, por seus colaboradores, como um democrata que, mesmo discordando das opiniões de seus padres e assessores, respeita-as e deixa que trabalhem com autonomia. Seu relacionamento com o governo é cordial e independente. Antes da visita presidencial ao papa, em agosto do ano passado, foi convidado para jantar com o presidente José Sarney no Palácio do Planalto. Só procura o governo em duas circunstâncias: quando algum bispo lhe telefona queixando-se da violência ou atitude de autoridades ou quando é chamado para conversar com o presidente ou algum ministro. É moderadamente progressista. Tem bom relacionamento com o papa João Paulo 2º que o respeita "pela santidade e competência". Eleito para presidir a CNBB, poderá ser transferido para alguma arquidiocese, sendo um dos nomes citados para suceder a d. Avelar Brandão Vilela, em Salvador (BA). (DA)

CED

## Dom Luciano, presidente. Sem surpresas.



novo presidente, Dom Paulo Ponte, do Maranhão, o vice e Dom Celso de Queirós o secretário geral.

Paulo VI o nomeou bispo em 1976, tendo recebido a sagração no dia 2 de maio na Catedral de São Paulo, pela imposição das mãos de Dom Paulo Evaristo Arns. Desde então ele assumiu a Região Episcopal Belém, responsabilizando-se também pela pastoral do menor e pelas escolas

católicas da arquidiocese.

Em 1979, Dom Luciano foi escolhido para ocupar o cargo de secretário geral da CNBB, tendo sido reeleito para o mesmo cargo em 1983. Agora cabe-lhe a tarefa de conduzir os destinos da CNBB nos próximos quatro anos.

O novo presidente leva para a CNBB toda uma experiência acumulada durante os oito anos em que atuou como secretário-geral da mesma. Paciente, incansável, atencioso, ele sabe conquistar a todos, como testemunham os padres, religiosos e leigos da Região Belém, onde há tantos anos ele vem pastoreando o povo de Deus.

Com simplicidade ele afirma que não leva nada de especial para a CNBB. "Apenas a vontade de servir, na certeza de que a indicação de meu nome feita agora significa, mais do que a escolha de um nome, a certeza do apoio e da colaboração de todos os demais".

Para Dom Luciano "a CNBB está aí para servir e na medida do possível, procurando acertar melhor para que o povo tenha não só a evangelização na sua dimensão religiosa, que é o mais importante, mas também tudo o que daí deriva, conforme o ensinamento do Papa, na dimensão sócio-política, econômica e cultural".

Na tarde do dia 28, foram eleitos o Vice-Presidente e o Secretário Geral. O Arcebispo de São Luís do Maranhão, Dom Paulo Eduardo Ponte, é o Vice-Presidente. Para Secretário-Geral, o episcopado elegeu Dom Antonio Celso de Queirós, bispo auxiliar de São Paulo para a Região Ipiranga.

### Preocupação social vai continuar

Para o novo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Luciano Mendes, é difícil interpretar o significado da escolha de seu nome. "Eu mesmo desejaria que fosse outro. Acho que outros mais preparados teriam levado à frente e com muito entusiasmo a CNBB. De minha parte só posso trazer um pouco de conhecimento do próprio funcionamento da CNBB e o desejo de continuar no cumprimento das diretrizes pastorais".

Dom Luciano julga importante a idéia de que quem é presidente "não é uma pessoa que tem autonomia, mas tem, digamos assim, uma missão a cumprir, que no caso é a aplicação de uma série de diretrizes pastorais, que explicitam um objetivo com seis áreas de trabalho - comunitária, missionária, catequética,

litúrgica, ecumênica e transformadora".

"Eu amo suficientemente a Igreja e a CNBB para confiar muito nos colaboradores, porque eu conheço os meus limites", diz Dom Luciano. E reafirma que a preocupação social da CNBB haverá de continuar. "O importante para nós é colaborarmos para a melhoria das condições de vida do povo brasileiro, uma melhoria espiritual, material, para que o nosso povo possa de novo cantar nas ruas, feliz por saber que a sua dignidade está sendo mais reconhecida por todos, está sendo mais promovida. E nesse ano, porque não lembrar, é a vez da criança, do menor. Que toda a Igreja e a sociedade possa se comprometer com a promoção do menor marginalizado".

Não houve surpresa. Dom Luciano Mendes de Almeida foi escolhido para ser o novo presidente da CNBB na tarde do dia 27 de março. Por volta das 16h00, visivelmente emocionado, aplaudido pelos repórteres que fazem a cobertura da Assembléia, ele entrou na sala de imprensa para sua primeira entrevista.

Foi uma eleição tranquila. Não houve chapas. Os nomes dos candidatos foram sendo escolhidos em prévias sucessivas até a eleição final que decidiu entre três nomes: Dom Luciano Mendes de Almeida, bispo auxiliar de São Paulo para a Região Belém e atual secretário geral da Conferência dos Bispos, Dom Benedito Ulhoa, bispo de Uberaba, MG, e Dom Serafim Fernandes de Araújo, arcebispo de Belo Horizonte. Dom Luciano recebeu 196 votos dos 258 bispos votantes.

Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro a 5 de outubro de 1930, sendo seus pais Cândido Mendes de Almeida e Emília Mello Vieira Mendes de Almeida. Entre 1941 e 1945 fez seus estudos primários no Rio de Janeiro e o segundo grau em Nova Friburgo. Ainda em Nova Friburgo, de 1951 a 1953, cursou filosofia. Seu curso de teologia ele fez em Roma. Desde 1947 ele já pertencia à Companhia de Jesus. Em 1958 foi ordenado padre. O Papa

## Ação da Igreja é avaliada

**Q**uais as finalidades da CNBB? Elas estão enunciadas em seus estatutos e basicamente são cinco: aprofundar a comunhão dos bispos; estudar os assuntos de interesse comum da Igreja no país, para melhor promover a ação pastoral orgânica; deliberar em matéria de sua competência; manifestar solidariedade pela Igreja Universal, através da comunhão e da colaboração com a Sé Apostólica e com as outras Conferências Episcopais; cuidar do relacionamento com os poderes públicos, a serviço do bem comum. A partir desses cinco pontos, Dom Ivo apresentou um relatório aos bispos na tarde do dia 22 de abril. Em seu relatório, Dom Ivo destacou como pontos fundamentais: a visita "ad limina" que os bispos fizeram a Roma em 1985/86; o encontro, em Roma, de 21 bispos brasileiros com o Papa e as Congregações Romanas, para o Presidente da CNBB, "um encontro inédito e fecundo"; e a carta que João Paulo II mandou aos bispos na Assembléia do ano passado, carta que repercutiu mundialmente e deverá "ajudar na fixação das novas Diretrizes por parte da presente Assembléia".

Sobre o relacionamento da CNBB com os poderes públicos, Dom Ivo prestou contas afirmando que "muitos contactos, audiências e conversações com pessoas do Governo estiveram e estão acontecendo, praticamente em todos os níveis e em todas as áreas". "A CNBB - afirmou Dom Ivo - vem procurando manter a coerência do seu discurso pastoral, de acordo com as palavras do Papa na Carta que nos enviou no ano passado". "O tema principal dos contactos têm sido as reformas de que o Povo Brasileiro necessita: a reforma agrária tratada com clareza e vigor nas Assembléias Gerais da CNBB; a Reforma do tratamento dado às Escolas particulares, confessionais ou não; a Reforma no sistema de atendimento à saúde da população; a Reforma na política indigenista; a Reforma da lei dos estrangeiros com reflexos ainda sobre os vistos de missionários. Muitas e dolorosas emergências foram também motivo de contato com autoridades, cabendo a triste primazia aos casos e situações de violência, especialmente no campo".

Como é sabido, os bispos, entre outras tarefas, deverão avaliar o plano de pastoral da Igreja no Brasil e preparar o novo plano. Este trabalho teve início também na tarde do dia 22 com uma exposição de Dom Luciano Mendes. Ele percorreu os vários programas, acentuou os passos dados, as dificuldades, as metas alcançadas. A partir desses dados os bispos estarão estudando em grupos este oitavo plano e discutindo as diretrizes que nortearão o nono plano a ser efetivado.

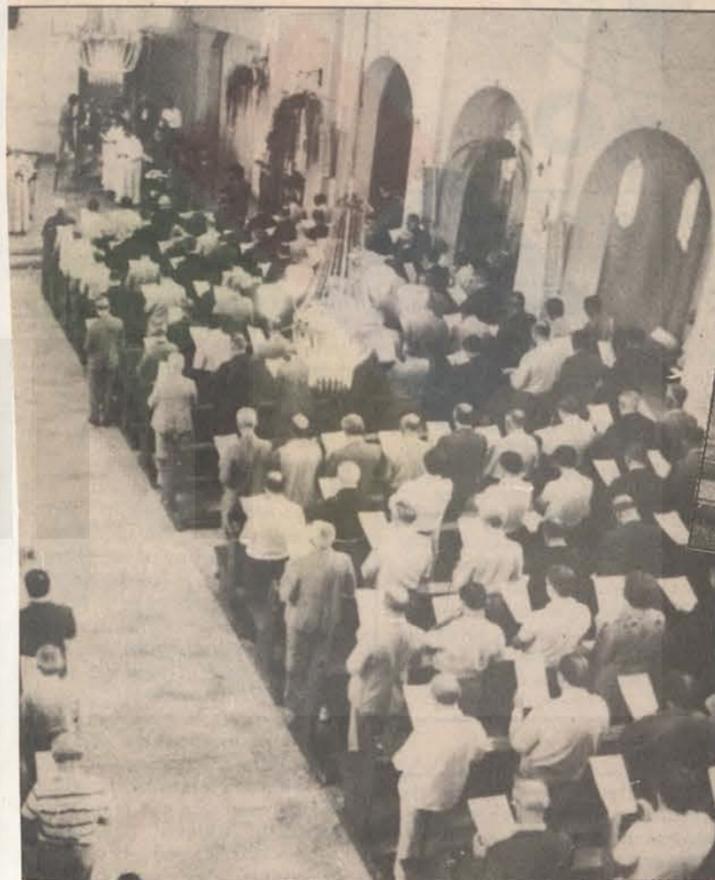
No mesmo dia teve início o estudo sobre o tema da Constituinte, tendo Dom Cândido Padim exposto o processo em evolução e o lado pastoral nele envolvido. Lembrou que a CNBB está prestando três serviços no campo da informação: um encarte no boletim semanal da CNBB; um serviço diário via telex, que alcança todos os Estados, e um programa informativo, via Rádio Aparecida, para 108 emissoras de Rádio. Além disso, informou Dom Padim, a Comissão tem provocado encontros com Constituintes para debate de temas específicos.

115  
089  
SPECIAL

Semana de 1º a 7  
de maio de 1987

Assembléia

# Para melhor servir



Dom Ivo Lorscheiter (ao centro) presidiu a CNBB durante oito anos e agora passa o cargo para Dom Luciano Mendes (à esquerda)

pedido de Jesus! Queremos praticar a ascese da unidade, para que o Povo Brasileiro creia com mais facilidade! Queremos crescer no amor à Igreja e ao seu mistério profundo! Queremos acolher e entender e tentar responder com sabedoria e coragem às ansiedades e perplexidades do Brasil nesta hora preocupante". Dos 286 bispos com direito a

voto, 250 assinaram presença na abertura dos trabalhos da Assembléia. Entre eles, os cardeais Eugênio Sales, do Rio de Janeiro, Paulo Evaristo Arns, de São Paulo, e Aloisio Lorscheider, de Fortaleza. Também presente, Dom Carlo Furno, Núncio Apostólico que expressou "admiração pelo trabalho apostólico que os Senhores Bispos vêm

desenvolvendo com sacrifício e abnegação" e repassou alguns pontos como a formação do clero, a importância da Eucaristia na formação dos seminaristas, o próximo Sínodo dos Bispos, sobre o Leigo na Igreja e o Ano Mariano, proclamado pelo Papa e que será aberto no dia 7 de junho próximo, na festa de Pentecostes.

# Mais unidos para o novo presidente da CNBB

Cido Pereira

No dia 25 de abril, sábado, os bispos brasileiros reunidos em Itaici para a 25ª Assembléia Geral da CNBB, suspenderam todas as atividades para um dia de espiritualidade, um dia dedicado à meditação e à oração. E o tema, desenvolvido por Dom Resende Costa, arcebispo de Belo Horizonte, não poderia ser mais apropriado: a ação do Espírito Santo na vida do Bispo e da Igreja.

Com uma pauta imensa de temas e decisões a serem discutidas e votadas, com a missão de escolher uma nova direção para a Conferência, os bispos brasileiros foram buscar força e iluminação no Espírito Santo, para que as decisões tomadas, as pessoas escolhidas, as ações programadas espelhassem a unidade da Igreja no Brasil e a sua fidelidade ao Cristo e aos homens de hoje.

É este, sem dúvida, o clima que está existindo nesta 25ª Assembléia Geral da CNBB. Para lá das especulações que todo encontro de bispos de nosso País suscita, salta aos olhos este desejo de levar avante a missão evangelizadora da Igreja, buscando sempre a unidade essencial na diversidade de situações que desafiam essa missão.

A Assembléia foi solenemente aberta na manhã da quarta-feira, 22 de abril, com uma celebração eucarística presidida por Dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB. Ele salientou, na homilia, a feliz coincidência da Assembléia estar se realizando



Fotos: Douglas Mansur

na oitava da Páscoa. Demorou-se no comentário da prece de despedida de Cristo, quando Ele rezou pelos apóstolos e seus sucessores: "Para que eles sejam um, assim como nós somos um". "Está aqui uma advertência", disse Dom Ivo aos bispos. "Cristo julga tão importante a nossa unidade, que a coloca no centro de sua prece de despedida! Está

aqui a indicação de uma meta. Nossa unidade deve imitar a unidade das pessoas da Santa Trindade. Está aqui uma confortante certeza: a oração de Cristo não pode ser vã". No final da homilia, Dom Ivo proclamou, em nome de todos os bispos: "Queremos sentir-nos guardados pelo Pai, de acordo com

# Dom Luciano o novo presidente da CNBB

durando uma das muitas tarefas programadas para a 25ª Assembléia Geral da CNBB, os bispos brasileiros elegeram aqueles que estarão à frente da Conferência nos próximos quatro anos. Dom Luciano Mendes de Almeida, bispo auxiliar de São Paulo e atual secretário geral da CNBB, foi eleito para o posto de presidente. Para a vice-presidência foi escolhido Dom Paulo Eduardo de Pontes, Arcebispo de São Luís do Maranhão. Dom Antônio Celso de Queirós, bispo auxiliar de São Paulo, é o novo secretário geral. No clima de muita unidade e de intenso trabalho, o episcopado brasileiro discutindo, discutindo e decidindo sobre importantes assuntos relacionados com a Igreja e com a realidade sócio-política e econômica do Brasil. Segundo afirmou Dom Ivo Lorscheiter na celebração eucarística que abriu os trabalhos da Assembléia, os bispos querem ser "guardados": "guardados pelo Pai, ser um com o único Pastor, praticar a ascese da unidade, viver no amor à Igreja e "acolher, entender e tentar responder com paciência e coragem às ansiedades e perplexidades do Brasil, nesta situação preocupante". Por sua vez, o novo presidente, Dom Luciano, afirmou que a CNBB vai continuar a colaborar para a melhoria de condições de vida do povo brasileiro, "uma melhoria espiritual e material que ele possa de novo cantar nas ruas, feliz por saber que sua dignidade está sendo mais reconhecida por todos".

039



Foto: Douglas Mansur

Dom Luciano Mendes de Almeida foi eleito para presidir a CNBB nos próximos quatro anos

## Kirchenrecht

*Anregung für PT*

### Die Aufgabe der Missionsbischöfe nach dem CIC 1983

Über die einzelnen Träger der Missionierung und ihre Aufgabe haben wir bereits gesprochen. Auch wurde der Weg für die Hinführung der Nichtgetauften zur Kirche aufgezeigt, jetzt soll noch der spezielle Auftrag, den die Diözesanbischöfe in den Missionsgebieten haben, dargestellt werden. Ihre Aktivität setzt natürlich schon eine gewisse Stabilisierung voraus und läßt über die Gegenwart hinweg in die Zukunft schauen. In can. 790 befaßt sich der CIC mit diesem Fragenkomplex. Im Recht ist hier von den Diözesanbischöfen die Rede, was zeigt, daß diese Norm primär für jene Gebiete gilt, in denen die Hierarchie bereits errichtet ist und die Kirche von Bischöfen im eigenen Namen gelenkt werden. Neben ihnen gibt es aber noch die Apostolischen Vikare und Präfekten, die im Namen des Papstes ihr Gebiet betreuen. Ein Apostolisches Vikariat oder eine Apostolische Präfektur ist nach can. 371 § 1 „ein bestimmter Teil des Gottesvolkes, der wegen besonderer Umstände noch nicht als Diözese errichtet worden ist und dessen Betreuung einem Apostolischen Vikar bzw. einem Apostolischen Präfekten anvertraut ist, der sie im Namen des Papstes zu leiten hat“. Die besonderen Umstände dürften meist darin bestehen, daß die Kirche in diesen Gebieten noch nicht fest genug eingepflanzt ist, also noch im ersten Aufbau begriffen ist. In can. 368 werden diese Gebiete auch als Teilkirchen erwähnt, aus denen die Gesamtkirche existiert. Die folgenden Normen gelten für sie nur teilweise, da hier die Diözesanbischöfe in den Missionsgebieten angesprochen werden, die heute bereits in der Überzahl sind.

1. Von den Diözesanbischöfen wird verlangt, daß sie die laufenden Aktivitäten

fördern, lenken und koordinieren. Hier wird eine im CIC ähnlich wiederkehrende Formulierung gebraucht, die den Führungsauftrag umschreibt, der den Bischöfen wie Apostolischen Vikaren und Präfekten, also den Ortsordinarien, gegeben ist. Daß sie nicht nur verwalten und bewahren sollen, sondern neue Anstöße in der Missionstätigkeit geben müssen, ist klar. Sie haben eine führende Funktion, die bei der „Kirche im Werden“ noch bedeutsamer ist als bei einer etablierten Diözese. Die Sorge für die Missionskräfte, die nicht allein gelassen werden dürfen, obliegt auch den Ortsordinarien. Die brüderliche Aufmunterung dürfte oft genug notwendig sein. Durch eine gute Koordinierung der Missionstätigkeit können Einseitigkeiten vermieden werden. Auch ist hier die Verteilung der finanziellen Mittel zu erwähnen. Soweit die Missionsstationen noch keine juristischen Personen sind, ist das Gebiet des Ordinarius Eigentümerin der Güter, und der Ortsordinarius kann die Mittel einsetzen, wo sie am dringendsten gebraucht werden.

2. Als zweite Aufgabe wird in can. 790 § 1 n. 2 genannt, daß die Bischöfe in den Missionsgebieten für „den Abschluß der erforderlichen Verträge mit den Leitern der sich der Missionsarbeit widmenden Institute“ sorgen müßten, ferner „für gute Beziehungen mit diesen Missionsinstituten zum Wohl der Mission“.

Diese Norm setzt die Kenntnis der rechtlichen Beziehungen zwischen den Ortsordinarien in den Missionsgebieten und den missionierenden Instituten oder, deutlicher, mit den Missionsorden und -gesellschaften voraus. Die Kenntnis des Werdegangs ist notwendig, da sich die Lage nach dem II. Vatikanischen Konzil verändert hat.

#### a) *Ius commissionis*

Die Aufgabe, ein bestimmtes Gebiet zu missionieren, wurde in der vorausgehenden Zeit den einzelnen Gemeinschaften anvertraut, die sich für die Missionierung zur Verfügung stellten. Es waren dies Ordensgemeinschaften oder Gesellschaften des apostolischen Lebens. Rechtlich fixiert wurde dieser Usus, obwohl er viel älter ist, durch das Dekret der S. Congr. de Propaganda Fide „Quum huic“ vom 8. Dezember 1929 (AAS 22 [1930] 111–115). Die Bestimmungen dieses Dekrets gelten auch heute noch für die 77 Apostolischen Vikariate, die 51 Präfekturen und die sechs selbständigen Missionsgebiete, nicht mehr aber für die Diözesen. Hier sollen die wichtigsten Bestimmungen wiedergegeben werden. Grundvoraussetzung ist, daß dem Missionsinstitut das Gebiet zur Missionierung in seiner Gänze übertragen wird, das die Missionierung selbst durchzuführen hat. Es kann also den Auftrag nicht weitergeben. Das Institut muß für einen großzügigen Einsatz von Personal und Mitteln sorgen. Selbstverständlich hat dabei der Apostolische Stuhl die oberste Führung, und er bestimmt auch den Missionsoberen (Apost. Vikar oder Präfekten). Normalerweise wird dieser aus den Mitgliedern des Missionsinstituts genommen. Das Institut hat dem Apost. Stuhl eine Kandidatenliste vorzulegen. Der Missionsobere hängt aber nicht vom Missionsinstitut ab, sondern vom Apost. Stuhl, dessen Auftrag er zu erfüllen hat; Mitglied des Instituts bleibt er jedoch. Seiner Leitung sind alle Missionare unterstellt, ebenso alle Mittel und Hilfsquel-

len. Bei einer Gründung neuer Werke in seinem Gebiet, für die nachher das Institut aufzukommen hat, muß der Missionsobere mit dem Oberen des Instituts Rücksprache nehmen. Das Institut kann in dem Gebiet nach den Normen des Rechts die ordenseigene Niederlassung gründen. Daß es Konflikte geben kann zwischen dem Missionsoberen und Oberen des Institutes, kann nicht bestritten werden. Dabei hat die Weisung des Missionsoberen den Vorrang, allerdings ist ein Rekurs an den Apostolischen Stuhl möglich. Der Missionsobere ernennt die Direktoren der Missionsstationen – der Institutsobere muß die Leute zur Verfügung stellen. Dabei soll ein echtes Zusammenarbeiten ermöglicht werden. Bei dieser Regelung wuchs die Kirche zur Weltkirche heran.

#### b) Ius mandati

Nach dem II. Vatikanischen Konzil kamen Bestrebungen in Gang, das bisher geltende Ius commissionis abzuschaffen und durch ein neues System zu ersetzen. Die längeren Beratungen und auch Auseinandersetzungen sollen hier nicht dargestellt werden. Als Ergebnis dieser Bemühungen beschlossen die der S. Congr. de Propaganda Fide angehörenden Kardinäle in der Sitzung vom 25. bis 28. 6. 1968 im Dekret „Relationes“ das sogenannte „Ius mandati“ (AAS 61 [1969] 281). Dies soll für die Diözesen in den Missionsgebieten gelten, nicht aber für die Apostolischen Vikariate und Präfekturen. Damit sollte zum Ausdruck kommen, daß die jungen Kirchen ihre Selbständigkeit erreichten. Unter „mandatum“ versteht man den vertragsmäßig festgelegten Auftrag, für ein Missionsinstitut in einer bestimmten Missionsdiözese zu arbeiten, und zwar entweder in allen Missionsaufgaben oder aber für einen speziellen wichtigen Bereich. Verantwortlich für die Missionierung ist der Bischof, nicht mehr das Missionsinstitut, das dem Bischof helfen soll. Die Hilfe soll aber in einem Vertrag zwischen dem Bischof und dem Missionsinstitut umschrieben werden. Dieser Vertrag ist in dem oben zitierten can. 790 § 1 n. 2 gemeint. Nur wenn dieser Vertrag ausgehandelt und vom Apostolischen Stuhl gebilligt ist, gibt die Propagandakongregation im Namen des Papstes dem Missionsinstitut den Auftrag. Durch den Vertrag sollen die Rechte des Bischofs und des Instituts sowie eine gerechtere Verteilung der Missionskräfte gesichert werden. Der Bischof muß sich daher vor dem Vertragsabschluß mit der Bischofskonferenz seines Landes besprechen, damit Einseitigkeiten vermieden werden. Über das Gespräch ist auch an die Kongregation zu berichten. Das Mandat erfolgt dann durch ein Dekret der Kongregation. Ein Exklusivrecht gibt es nicht mehr, so daß der Bischof auch andere Institute vertraglich zulassen kann. Dem Bischof bleiben so die Aufgabe, sich um Missionare zu bemühen, aber auch das volle Recht der Leitung und Koordination. Er ist „rector et centrum unitatis“ (Lenker und Mitte der Einheit). Allerdings soll die eigene Spontaneität der Missionare gewahrt bleiben.

Der Bischof soll die Institute als Mitarbeiter anerkennen. Sie haben das Recht, im Rahmen des Rechts Ordensniederlassungen zu gründen, und bewahren die rechtlich gesicherte Autonomie im eigenen Leben. Den Gläubigen soll auch die Freiheit gesichert bleiben, in die Institute einzutreten, wenn sie sich dazu angeregt

fühlen. – In der Evangelisation sollen sie ihre Kräfte und Mittel unter der Jurisdiktion der Bischöfe einsetzen, sei es für die Seelsorge oder in der Erfüllung spezieller Aufgaben.

Im Vertrag müssen die gegenseitigen Rechte und Pflichten festgelegt werden, auch die Zahl der Missionare, die vom Institut zu stellen sind. Die Normen für die Pastoral, die Liturgie und die sozialen Tätigkeiten müssen gewahrt werden. Bei den zeitlichen Gütern werden keine genaueren Bestimmungen getroffen. Eigentumsfähig sind alle juristischen Personen, also die Diözese und die Pfarrei und solche, die durch Dekret errichtet wurden; bei den Instituten sind es die Häuser und Provinzen, auch das Gesamtinstitut. Bei den Wohltaten ist primär der Wille des Gebers zu beachten, ob die Gabe für das Gebiet oder die Pfarrei gegeben wurde oder dem Institut als solchem oder dem einzelnen Missionar mit Rücksicht auf seine Person. Im letzteren Fall sind die Statuten des Instituts ausschlaggebend. Wenngleich bestimmt wurde, daß innerhalb eines Jahres diese neue Form ausgearbeitet werden sollte, muß gesagt werden, daß es heute auch Diözesen in den Missionsgebieten gibt, in denen sich die Bischöfe noch um keinen Vertrag bemüht haben.

3. In can. 790 § 2 wird dann noch gesagt, daß den Anordnungen des Bischofs alle im Gebiet weilenden Missionare, auch die Ordensleute, unterstehen. Das gilt für ihre Tätigkeit als Missionare. Privilegien einer vom Bischof unabhängigen Missionierung gibt es nicht mehr. Ordensintern haben die Missionare jedoch die in can. 586 garantierte Autonomie.

P. DDr. Paul Zepp svd

## Kirchengeschichte

„Ein Wunder hat Lateinamerika evangelisiert“

Kirchenhistoriker beleuchtet kritisch die Rolle der Kirche bei der Eroberung Lateinamerikas

Der 500. Jahrestag der Entdeckung Amerikas im Jahre 1492 wirft seine Schatten voraus. „Wir sollten mit den geplanten Festlichkeiten zu diesem Tag nichts zu tun haben. Statt zu feiern, wäre ein lautes ‚Mea culpa‘ angebrachter!“ Das erklärte der argentinische Kirchenhistoriker und Befreiungstheologe Enrique Dussel. Er hat den Auftrag, eine elfbändige „Allgemeine Geschichte der Kirche in Lateinamerika“ herauszugeben.

Ein Vorgeschmack dessen, wie der renommierte Theologe, der heute in Mexiko an der nationalen Universität Philosophie und Geschichte lehrt, seinen wissenschaftlichen Auftrag wahrzunehmen gedenkt, wird in einem Interview deutlich, das Dussel kürzlich einer argentinischen Zeitschrift gab:

„Der Eroberungszug durch Amerika, der nicht nur von Spanien, sondern von ganz Europa ausging, zerstörte ganze Völker, Kulturen, Sprachen und Religionen. Wie konnte unter solchen Umständen eine Evangelisierung stattfinden?“ So fragt Dussel, und er fährt fort: „Als Jesus seinen Aposteln auftrag, das Evangelium zu verkünden, sandte er sie als arme Menschen aus, die ein mächtiges Kaiserreich bekehren sollten. Die ersten Christen zerstörten das Römische Weltreich nicht. Vielmehr mischten sie sich unter die Ärmsten der Armen. Nur langsam, im Laufe von drei Jahrhunderten, bildeten sie kleine Basisgemeinden, die allmählich zu größeren Gemeinden anwuchsen. Es ist dem Dynamismus und der christlichen Lebensweise solcher Gemeinden zuzuschreiben, daß allmählich die Menschen, die Kultur und schließlich das ganze Kaiserreich bekehrt wurden.“ Auf die Evangelisierung des amerikanischen Kontinents bezogen, meint Dussel, man müsse sich selbst fragen, wie es überhaupt möglich wurde, daß dieser Kontinent evangelisiert wurde, und er fragt erneut: „Wie konnten Menschen ausgerechnet die Religion derjenigen annehmen, durch die sie ‚vernichtet‘ wurden? Ich glaube, behaupten zu müssen, daß das nur durch ein Wunder möglich war.“ Dieses Wunder sei dem Heiligen Geist zuzuschreiben, denn „das Benehmen der Christen und auch der Kirche als solcher ist wirklich skandalös gewesen“.

Das Jubiläumsjahr der Entdeckung Amerikas sollte deshalb seiner Meinung nach „ein Jahr der Reflexion und des Gebetes sein, eine Zeit, darüber nachzudenken, wie das Unrecht, das den amerikanischen Völkern zugefügt wurde, wiedergutmachen sei“.

Der Kirche weist Enrique Dussel in diesem Prozeß ein hohes Maß an Schuld zu. Eine Reihe Kirchenmänner nimmt er allerdings dabei aus. So den Franziskaner Franciscus Solanus und den Dominikanerbischof Bartolomé de Las Casas. Sie seien heiliggesprochen worden . . .

Für Dussel wurde Lateinamerika durch das Evangelium selbst evangelisiert. Es sei von den Armen verstanden worden, „weil sie sich die Botschaft des Herrn auf ihre eigene Weise anzueignen verstanden“. Was sich damals in Lateinamerika abspielte, beschreibt Dussel mit schonungsloser Offenheit und Eindringlichkeit: „Die Missionare predigten streng von Höllenstrafen, um die Menschen einzuschüchtern und gefügig zu machen. Dennoch hatten die Menschen keine Angst vor solchen ‚Feuer- und Schwefelpredigten‘, sondern sie waren beeindruckt vom gekreuzigten und blutbedeckten Christus, mit dem sie sich identifizierten. Sie konnten in Beziehung treten zu dieser übermenschlich großen Gestalt des Gekreuzigten, der mit Dornen gekrönt war und dessen Blut aus jeder Pore seines Leibes floß. Sie alle hatten Blut fließen sehen, denn, wenn Indianer beim Stehlen ertappt wurden, schlug man ihnen die Hand ab; wenn sie logen, riß man ihnen die Zunge heraus; wenn sie versklavt wurden, band und peitschte man sie erbarmungslos, bis ihre Körper nur noch eine blutige Masse waren.“

Diesem Volk sei Blutvergießen etwas „sehr Vertrautes gewesen“, fährt er fort. „Denn es war das Ergebnis von Ausbeutung und Zerstörung, wie sie von den Eroberern geübt wurden. Durch das alles hindurch war das Volk imstande, sich mit dem armen Christus zu identifizieren, mit dem blutenden, gekreuzigten Christus, der auf geheimnisvolle Weise etwas aussagte von dem, was sie selbst durchlebten. Deshalb glaube ich, daß sie durch das Wunder des Evangeliums evangelisiert wurden, und zwar auf eine Weise, die den Plänen der Eroberer gänzlich fremd war.“

Zur Rolle der Kirche meint Dussel, es sei unbestreitbar, daß „die damaligen kirchlichen Strukturen und Funktionen die Eroberung rechtfertigten“. Aus den geschichtlichen Ereignissen im 16. Jahrhundert in Lateinamerika gewinnt der Kirchenhistoriker Erkenntnisse darüber, was heute in Lateinamerika – speziell in seinem Heimatland Argentinien – unter Evangelisierung zu verstehen ist. Er schreibt: „Evangelisieren bedeutet, daß man den Menschen – und vor allem den Unterdrückten – das Bewußtsein gibt, nicht die Verworfenen der Geschichte zu sein, sondern vielmehr, daß sie von Gott geliebt und auserwählt sind, um Gottes Reich schon hier auf Erden vorzubereiten.“

Es werde eine Zeit kommen, sagt der Kirchenhistoriker voraus, in der der Druck auf die Menschen unerträglich anwächst . . . Dann werden die sündhaften Strukturen der Unterdrückung deutlich zutage treten. Das ist der Augenblick, wann ein rein kulturelles Christentum evangelisiert werden muß. Ein traditioneller Glaube kann verwandelt werden, wenn die Menschen zu aktiven Mitgliedern der Kirche werden, der wahren Kirche, so wie Christus sie ins Leben gerufen hat. Dussel schließt in seinem Interview mit Optimismus, wenn er sagt: „Wir leben in einer privilegierten Zeit, weil diese ungeheure Menschenmenge, die als kulturelle Katholiken herangewachsen sind, langsam und allmählich in ein Gottesvolk verwandelt wird, in jene Art Kirche, die der Herr heute braucht.“ (Miss. Dienst, OFM)

*Gott führt jeden seine eigenen Wege, einer kommt leichter und schneller zum Ziele als der andere. Was wir tun können, ist im Verhältnis zu dem, was an uns getan wird, in der Tat wenig. Aber das Wenige müssen wir tun. Das ist vor allem: beharrlich beten um den rechten Weg und dem Zug der Gnade, wenn er spürbar wird, ohne Widerstand folgen. Wer so vorgeht und geduldig ausharrt, der wird nicht sagen dürfen, daß seine Bemühungen umsonst seien. Nur darf man dem Herrn keine Frist setzen.*

(Selbsthilfe in Briefen. 1. Teil 1916 bis 1934. Edith Steins Werke, Bd. VIII)

*Eine scientia crucis (Kreuzeswissenschaft) kann man nur gewinnen, wenn man das Kreuz gründlich zu spüren bekommt. Davon war ich vom ersten Augenblick an überzeugt und habe von Herzen: Ave, Crux, spes unica! (Sei begrüßt, Kreuz, einzige Hoffnung!) gesagt.*

(Selbstbildnis in Briefen. 2. Teil 1934 bis 1942. Edith Steins Werke, Bd. IX)

## Mission und Völkerkunde

1911-1912

1913-1914

1915-1916

1917-1918

1919-1920

1921-1922

1923-1924

1925-1926

1927-1928

1929-1930

1931-1932

1933-1934

1935-1936

1937-1938

1939-1940

1941-1942

1943-1944

1945-1946

1947-1948

1949-1950

1951-1952

1953-1954

1955-1956

1957-1958

1959-1960

## D. Lucas nega ter sido nomeado <sup>4-6-78</sup> arcebispo-primaz

Da Reportagem Local

O secretário da Congregação Vaticana para os Bispos e do Colégio dos Cardeais da Igreja Católica, d. Lucas Moreira Neves, 59, disse ontem à Folha, por telefone, de sua residência no Vaticano, que "não tem fundamento" a notícia divulgada ontem, no Rio, de que teria sido nomeado como arcebispo-primaz do Brasil pelo papa João Paulo 2º —sucendendo a d. Avelar Brandão Vilela, falecido no final do ano passado, em Salvador.

"A notícia não tem qualquer fundamento e não sei localizar a sua origem", afirmou d. Lucas, que virá ao Brasil em julho para passar férias. O embaixador do Brasil junto ao Vaticano, Afonso Arinos de Melo Franco Filho, o secretário da Nunciatura Apostólica em Brasília, padre Wolfgang Brka e o subsecretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cónego Celso Pedro, também negaram a veracidade da notícia, a exemplo dos bispos das dioceses baianas de Vitória da Conquista, d. Celso José Pinto, Bonfim, d. Jairo Mattos, e Barra, d. Itamar Viana.

Em Brasília, a Secretaria Especial de Imprensa do Ministério das Relações Exteriores informou ontem, às 18h15, não haver "nada de oficial" sobre a nomeação do novo arcebispo-primaz do Brasil. Em Salvador, o telejornal "Bom dia Bahia", da TV Bahia, chegou a noticiar que o posto seria ocupado pelo presidente da CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida.

Uma das hipóteses levantadas no Rio sobre a "nomeação" de d. Lucas era a de que o papa teria decidido designá-lo para Salvador, comunicando sua decisão ao embaixador brasileiro junto ao Vaticano, o qual, por sua vez, a teria repassado ao "Jornal do Brasil". O embaixador Afonso Arinos disse, porém, à Folha, que a notícia sobre d. Lucas "foi gratuita" e que não fez nenhuma comunicação ao Itamaraty.

## Briga por lotes em RO acaba com seis mortes

Do correspondente em Porto Velho

Seis pessoas morreram e duas ficaram feridas após tiroteio ocorrido anteontem na fazenda São Felipe, no município de Pimenta Bueno (a 600 km de Porto Velho, RO), em virtude de um tiroteio entre membros do movimento dos sem-terra.

O diretor-geral da Polícia Civil do Estado, Vanderley Mosini, disse ontem que os sem-terra da linha 41 (em referência à divisão dos lotes) quiseram demarcar seus lotes com mais dois metros de fundo em relação ao estipulado, o que prejudicaria os da linha 37.

# Diocese de Lins perde o seu Pastor

257 6187  
0890

Faleceram em acidente de carro no dia 17 de junho o bispo diocesano de Lins, Dom Walter Bini, o coordenador diocesano de pastoral e vigário geral da diocese, monsenhor Geraldo Eugênio Saleme, e Terezinha de Nadai, coordenadora da diocese e do regional de Araçatuba para a catequese. Os três retornavam da reunião da Província Eclesiástica de Botucatu, realizada na cidade de Assis, no interior de São Paulo, quando ocorreu o acidente.

Dom Walter Bini, 57 anos, era paulista, e foi nomeado bis-

po diocesano de Lins em 1984. O seu brasão de armas era uma cruz atravessando chamas, com o lema "Credidimus Caritati" (Nós acreditamos na caridade), síntese de seu propósito como bispo e resumo de sua vida. Na Assembléia Geral da CNBB, em abril último, foi eleito para a CEP (Comissão Episcopal de Pastoral) da entidade, como encarregado da linha 3, Catequese, a nível nacional.

Monsenhor Geraldo Eugênio Saleme, 56 anos, foi nomeado vigário geral da diocese de Lins e vigário da Catedral de Santo

Antônio em 1978. Colaborou intensamente com o Regional Sul I da CNBB, tendo sido escolhido como representante dos coordenadores diocesanos de pastoral de São Paulo para a Comissão Executiva do Regional Sul I.

Terezinha de Nadai, 47 anos, era secretária da Paróquia Santo Antônio de Pádua, em Araçatuba, há dez anos, e foi também coordenadora da Catequese nesta Paróquia. Sua vida foi dedicada ao trabalho com os movimentos populares da região.



**Dom Walter Bini,  
um intercessor  
a mais no céu.**

## Dom Joel Ivo Catapan

Vítima de acidente automobilístico passou desta vida para outra o Pastor e pai da Igreja de Lins, Dom Walter Bini. Nasceu aos 31 de maio de 1930, e ordenado bispo a 24 de maio de 1984, dirigiu a Diocese de Lins por apenas três anos. Foi o tempo suficiente para tomar conhecimento da caminhada da Diocese e de levar adiante, também com novas iniciativas, a ampla pastoral desta Igreja.

Muito depressa conquistou a amizade de todos. Portador de alta cultura, sabia entender-se com todas as lideranças sociais e políticas. Seu espírito eclesial o fez muito logo amado por seu clero, religiosas e leigos. Mas foram os pobres que viram nele o coração de pai, capaz de os entender e animar nas lutas do dia-a-dia.

A rica personalidade humana, eclesial e pastoral de Dom Walter Bini contava com densa história. Já na sua Congrega-

ção, os milhares filhos de Dom Bosco o tinham escolhido para vice-provincial, Provincial e Conselheiro Geral. Nestes diferentes encargos, Dom Walter colhia os frutos de sua vasta formação e espírito eclesial, semeados no seu tempo de estudos e de magistério.

Nenhuma surpresa que Dom Walter, embora bispo novo, tenha caído logo nas boas graças de todo episcopado brasileiro, que viu nele o homem de Deus e da Igreja, talhado para levar adiante a catequese no Brasil, tão bem embalada por Dom Albano Cavallin, seu predecessor na CEP (Comissão Episcopal de Pastoral).

Foi esse o grande bispo que a Igreja perdeu repentinamente, às 16h00 do dia 17 último, quando voltava de Assis, após a reunião da Província Eclesiástica de Botucatu, durante a qual, contavam os bispos presentes, tinham sido numerosas e muito adequadas as várias intervenções por ele colocadas. Era do

seu feitio, nas reuniões, falar pouco, na hora oportuna. Desta vez falou bem mais. Pressentiria ele serem estas suas últimas mensagens?

Na Missa de corpo presente, rodeado de quase 20 irmãos no episcopado, entre os quais o Cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo, o Presidente e Secretário da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida e Dom Celso Queiroz, rodeado ainda de numerosos sacerdotes, religiosas e leigos, sobretudo da grande família salesiana, de grande multidão de seus diocesanos, era único o sentimento de todos. Era o sentimento de Maria ao pé da Cruz oferecendo a Deus Pai o Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, juntamente com este seu eleito, ungido com o supremo sacerdócio, como Bispo da Igreja de Deus. Um Bispo a menos na terra, um intercessor a mais no céu.

**Dom Joel Ivo Catapan é bispo  
da região episcopal Santana**

## Bispo diz que diploma não é o 'único critério'

Da Sucursal de Brasília e da Reportagem Local

Ao comentar a obrigatoriedade de diploma para o exercício de determinadas profissões, d. Afonso Felipe Gregory, 57 —sociólogo e bispo auxiliar do Rio, além de responsável pelo setor de ação social da CNBB— disse ontem que "o diploma não é o único critério para avaliar a capacidade de alguém para exercer bem uma profissão e, neste sentido, deve ser relativizado." Para o bispo de Piracicaba (SP), d. Eduardo Koalk, 60, "o diploma é bom, mas não deveria limitar o acesso ao Jornalismo das pessoas competentes que não tenham feito o curso de Comunicação Social".

O senador José Bisol (PMDB-RS) defende a garantia constitucional da liberdade do exercício das profissões. Bisol disse que sua proposta (derrotada) à Comissão de Soberania e dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher tem o objetivo de evitar o "corporativismo".

O presidente do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, Robson Moreira, 33, disse ontem que o "sindicato luta pra que a questão da regulamentação das profissões não seja objeto da Constituição, mas sim das leis ordinárias. Fizemos uma campanha nacional para pressionarmos a Constituinte nas etapas anteriores e a nossa proposta venceu".

# D. Ivo pode visitar a URSS ainda

Da Sucursal de Porto Alegre e do enviado especial a Nova Iguaçu

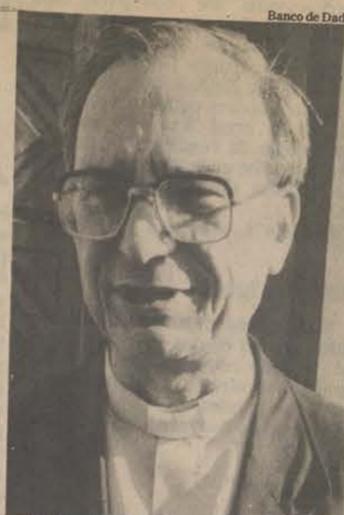
O ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e bispo de Santa Maria (RS), d. Ivo Lorscheiter, 60, disse ontem que sua ida à União Soviética, ainda este ano, "está apenas na dependência de uma decisão de Roma" (Vaticano). Ele não quis comentar as declarações do frei Leonardo Boff sobre a União Soviética. "Li a entrevista (publicada na sexta-feira pela Folha), mas como nunca estive lá prefiro não falar nada".

Ao voltar de uma viagem de quinze dias à URSS, Boff disse à Folha que lá não há tantas restrições à liberdade como é divulgado no Ocidente. Segundo ele, a URSS não é "uma sociedade militarizada, suja, desgovernada e sem liberdades religiosas e de expressão", e sim "limpa, saudável, onde em nenhum momento você se sente perseguido ou vigiado".

D. Ivo disse que se a viagem à URSS for confirmada, ele irá acompanhado de outro bispo ("talvez" d. Luciano Mendes de Almeida, atual presidente da CNBB) e mais dois assessores. A viagem estará ligada aos seiscentos anos da prática do Cristianismo na Lituânia, que se comemoram este ano, e do milênio do



D. Ivo Lorscheiter



D. Luciano, presidente da CNBB

Cristianismo em Kiev, Rússia, que se comemorará em 1988.

Ele comparou a provável viagem à União Soviética às que fez, como presidente da CNBB, a países não cristãos, como Israel e Líbano, e esquivou-se em falar sobre seu interesse pessoal quanto à visita àquele país.

D. Sérgio Mendez Arceo, 80, antigo bispo de Cuernavaca, México, e presidente do Secretariado Internacional de Solidariedade com a América Latina "D. Oscar Romero", disse ontem em Nova Iguaçu (município do Grande Rio) que esta viagem dos teólogos brasileiros "integra um

## este ano

conjunto de esforços para melhorar as relações entre as igrejas cristãs do Ocidente e a igreja ortodoxa russa, como também com o sistema socialista". Ele está em Nova Iguaçu para participar do 7.º Encontro do Secretariado "Oscar Romero", sobre o tema "A solidariedade nas práticas de libertação na América Latina". O encontro, aberto hoje, vai até o dia 20. Ele disse que esteve na URSS em 1974 e 1976.

Sobre a questão da liberdade de expressão, Arceo usou um provérbio espanhol, ("cada cual habla de la feria como le va en ella") para dizer que Boff falou de sua experiência particular, e que é preciso "comparar a sua experiência com outros testemunhos e experiências autênticas, como a que ele viveu".

O teólogo dominicano Giorgio Callegari, 50, presidente do Centro de Evangelização e Pastoral "Frei Tito de Alencar", de São Paulo, disse que "inicialmente a Revolução Russa não estava tão preocupada com a liberdade de imprensa quanto com a justiça social. Mas agora que a URSS alcançou mais justiça social que o Ocidente", ela passou a "sentir a exigência espiritual por uma maior liberdade de expressão". Segundo ele, Boff tem razão, porque "percebeu que há um fermento novo" na União Soviética.

# Vaticano anuncia que d. Lu

Da Reportagem Local, do enviado especial a Nova Iguaçu e da Redação da Folha

D. Lucas Moreira Neves, 61, é o novo arcebispo de Salvador (BA) e primaz do Brasil, ocupando o lugar deixado vago com a morte de d. Avelar Brandão Vilela, em dezembro do ano passado. O anúncio de sua nomeação foi feito simultaneamente pelo Vaticano e pela diocese de Salvador às 7h de ontem (horário de Brasília).

No anúncio da nomeação, em Salvador, o bispo auxiliar da arquidiocese, d. Thomas Murphy, discordou dos que afirmam ser d. Lucas um conservador. "Não aceito esta definição. D. Lucas é um homem equilibrado e atualizado e não vejo nenhuma razão de identificá-lo com um título tão pesado", afirmou. O novo arcebispo é colaborador próximo do papa e isso, na opinião de d. Murphy, será benéfico à Igreja da Bahia.

Em mensagem gravada ontem por telefone para a TV Aratu e dirigida à população da Bahia, o novo primaz do Brasil, que mora no Vaticano há treze anos e deverá assumir o cargo nos próximos sessenta dias, disse que vai "para a Bahia ser o que todo

bispo deve ser: um evangelizador. Minha principal intenção é anunciar a mensagem de Cristo a todos. Isso é o que pretendo fazer, levar a mensagem a todos, sem distinção ou discriminação".

## Negritude

O cardeal arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, definiu o novo arcebispo de Salvador como "um bispo que pesa muito bem as palavras e atitudes, mas sabe também agir com meios eficientes na hora certa". Em Nova Iguaçu (RJ), onde se realiza o 7º Encontro Nacional de Solidariedade, o bispo de Duque de Caxias (RJ), d. Mauro Morelli, disse ontem esperar que o novo primaz do Brasil "assuma a sua própria negritude, para promover a cidadania do povo negro", e que "colabore para o diálogo com as religiões afro-brasileiras e com a luta pela reforma agrária, pelos direitos dos índios e pela eliminação da fome".

O teólogo dominicano Carlos Alberto Libânio Christo, conhecido como frei Betto, também presente ao encontro em Nova Iguaçu, qualificou a nomeação como "interessante, porque há tempos a Bahia espera seu primeiro bispo negro".



D. Lucas Moreira Neves, nomeado ar

## Cargo não confere qu

O arcebispo de Salvador (BA) é chamado de primaz do Brasil por ter sido a capital baiana a primeira diocese a ser criada no país. Isso, no entanto, não confere ao arcebispo de Salvador qualquer "status" pastoral, embora tenha certa primazia honorífica e cerimonial no conjunto do episcopado brasileiro.

Na Conferência Nacional dos Bis-

# cas é o novo primaz do Brasil



Arcebispo de Salvador e primaz do Brasil

## alquer 'status' pastoral

pos do Brasil (CNBB), os bispos não são considerados em função dos seus títulos, mas devido ao seu trabalho pastoral.

A nomeação de d. Lucas Moreira Neves como arcebispo de Salvador e primaz do Brasil dá-lhe, agora, o direito — embora isso ainda não tenha acontecido — de ser cardeal da Igreja Católica.

## Sacerdote integra a ala Na CNBB, nomeação conservadora da Igreja é vista como remoção

Sacerdote há 37 anos, bispo desde agosto de 1967, d. Lucas Moreira Neves integra a chamada "ala conservadora" da Igreja Católica. Mineiro de São João Del Rey, é primo em segundo grau do ex-presidente Tancredo Neves e contemporâneo dos escritores Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende no colégio Santo Antônio, em São João Del Rey.

D. Lucas foi ordenado sacerdote em julho de 50, após o noviciado dominicano em São Paulo e a graduação em Teologia na Escola de Filosofia e Teologia de Saint Maximin, na França. Em 67 foi designado bispo-auxiliar de São Paulo e, em 71, nomeado membro do Conselho Pontifício para os Leigos, onde trabalhou ao lado do cardeal Karol Wojtila, futuro papa João Paulo 2º. Em 74 foi transferido para Roma, como vice-presidente do Conselho para os Leigos. Em 79 foi designado secretário da Sagrada Congregação Vaticana para os Bispos, cargo que acumulou até agora com o secretariado do Colégio dos Cardeais.

O provérbio latino "promoveatur ut removeatur" (promover para remover) está sendo utilizado por teólogos e bispos católicos brasileiros das tendências "progressista" e de "centro" para interpretar a nomeação de d. Lucas Moreira Neves para o cargo de arcebispo de Salvador (BA) e primaz do Brasil. Dentro dos procedimentos tradicionais da diplomacia da Igreja, o próximo passo de d. Lucas deveria ter sido a sua ascensão à prefeitura de uma das congregações da Cúria romana.

Na nomeação de d. Lucas, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) teve um grande peso. Sua vinda para Salvador facilita os entendimentos diretos da CNBB com o papa João Paulo 2º e com a sua assessoria. D. Lucas vinha sendo considerado em Roma como um obstáculo para um melhor relacionamento entre a conferência episcopal brasileira e o Vaticano por causa de sua estreita ligação com os setores "conservadores" da Igreja do Brasil e a nível mundial.



# D. Lucas Moreira Neves é o novo Primaz do Brasil

Dom Paulo Everisto Arns

Em mensagem da Nunciatura Apostólica no Brasil, datada do último dia 10, o Cardeal-Arcebispo de São Paulo foi notificado de que o Papa João Paulo II se dignara nomear Arcebispo de Salvador, Bahia, Dom Lucas Moreira Neves, até agora Arcebispo Titular de Vescóvio e Secretário da Sagrada Congregação do Vaticano para os Bispos. A Arquidiocese de São Paulo, que teve a honra de contar durante sete belos anos com a colaboração eficiente

do novo titular de Salvador, se congratula com a Sede Primaz do Brasil por receber um Pastor de exímia inteligência, invejável experiência e fino tato para a pastoral. A Dom Lucas Moreira Neves nossas congratulações, preces e amizade constante.

À Arquidiocese de Salvador o afeto colegial e a participação no júbilo pela nomeação do sucessor do saudoso e inesquecível Cardeal Primaz do Brasil Dom Avelar Brandão Vilela.

7/17/87



**NACIONAL**

# Papa nomeia Dom Lucas Arcebispo de Salvador

Paulo Everisto, CARDEAL ARNS

Ao Povo de Deus em São Paulo, Dom Lucas Moreira Neves, novo Arcebispo de Salvador, é figura tão conhecida e amada que não precisa de apresentação.

Recordamos alguns traços biográficos, para avaliarmos quantos benefícios essa nomeação deverá trazer para a Arquidiocese de Salvador, ainda envolto na saudade de uma das maiores

figuras de episcopado brasileiro de todos os tempos, Dom Avelar Brandão Vilela, Arcebispo Primaz, desaparecido em dezembro último.

Dom Lucas Moreira Neves nasceu em São João Del Rei, terra de Tiradentes e do Presidente Tancredo Neves, em 16 de setembro de 1925. Ingressou na Ordem dos Pregadores (Padres Dominicanos), onde fez seus estudos de Filosofia, de 1945 a 47, em São Paulo. Terminados esses estudos, foi enviado à França, para aí completar a sua formação teológica na Escola Dominicana Saint Maximin, onde foi ordenado sacerdote em 9 de julho de 1950.

Após sua volta ao Brasil, ocupou-se sobretudo da Ação Católica e da Pastoral Familiar.

De 1967 a 1974 ocupou o cargo de Bispo Auxiliar de São Paulo, responsável entre nós pela Pastoral Familiar (1967-71) e sobretudo pelas Comunicações Sociais (1971-74). Ao mesmo tempo, ocupou cargos de direção na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e na Comissão Episcopal da América Latina (Celam).

Especializado que era na Pastoral dos Leigos, foi nomeado pela Santa Sé Consultor e em seguida Vice-Presidente do Conselho para os Leigos, de 1974 a 1979. Nessa qualidade, foi convocado, por Sua Santidade o Papa Paulo VI, para Roma, onde

assumiu os mais diversos encargos, distinguindo-se sobretudo como Secretário da Sagrada Congregação para os Bispos e Secretário também do Sacro Colégio dos Cardeais.

São conhecidos e apreciados os seus escritos, entre os quais "SACERDOTES A SERVIÇO DA FAMÍLIA", "RESTAURAR A FAMÍLIA EM CRISTO", "CRÔNICAS DO REINO DE DEUS" e "A SEMENTE É A PALAVRA".

Nosso convívio com Dom Lucas Moreira Neves durante 7 anos (1967 - 1974) em época difícil da vida brasileira, nos permitiu aquilatar sua inteligência privilegiada, aliada à ampla experiência nos diversos campos da pastoral.

O fino trato e o belo costume mineiro de cultivar as amizades levaram Dom Lucas a formar o mais amplo círculo de relacionamentos entre nós e em tantas outras partes do Brasil e do exterior.

No momento em que o Santo Padre lhe coloca sobre os ombros a pesada responsabilidade de suceder a Dom Avelar Brandão Yilela no pastoreio da Arquidiocese de Salvador, pedimos a todos os cristãos que lhe ofereçam suas preces, a amizade irrestrita e o apoio constante, para que possa cumprir com a habitual eficiência, o múnus pastoral em favor de nossos queridos irmãos da Bahia.



Foto: Agência Folhas

Dom Lucas viveu 13 anos em Roma e agora é Arcebispo da Bahia

Política

19/17/87 ESR



22/04/85

D. Eugênio critica a corrupção e os desmandos brasileiros

## Arcebispo condena a decadência moral

RIO  
AGÊNCIA ESTADO

Num pronunciamento enérgico — e fugindo ao tom costumeiro de seus comentários no programa radiofônico *A Voz do Pastor* —, o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugênio Salles, disse ontem que a atual situação do Brasil "configura um quadro de profunda decadência moral". Depois de citar a violência urbana, a fome, o tráfico de drogas, a corrupção, o desemprego e a insatisfação geral, ele explicou que se continuasse enumerando fatos como esses "seria um nunca acabar".

E mais: segundo d. Eugênio, o egoísmo deixou sua marca ao levar muitos "a antepor interesses pessoais" ao bem comum. "Tem-se a impressão de se viver em grande bazar, onde se mercadeja com os recursos públicos, relegando a honra pessoal a um segundo plano." Sem citar nomes, ele lembrou: "Anunciam-se empregos disponíveis para acomodações espúrias. O número passa a ter valor decisivo na escala ética. Há

uma busca desenfreada de objetivos personalistas com recursos e habilidades nem sempre dignas. Dá a impressão de ter cada um seu preço, o que é aviltante para todos".

Na análise que fez sobre o dia-dia nacional, o cardeal do Rio chegou à conclusão de que se está diante de uma "enfermidade grave", uma doença que "corrói o íntimo da nacionalidade". Em seguida, afirmou: "Não é possível continuar nesse rumo, pois salta aos olhos a interrogação cruel — como será o nosso amanhã?" Ele mesmo respondeu, dizendo que a raiz "dessa grande chaga, que se denomina corrupção pública ou privada, está no próprio homem".

Disse também que o Brasil tem grandes reservas espirituais e morais, lembrando que o lugar dessas pessoas "não pode ser ocupado por indignos, pois um país é construído por sua elite moral". No pronunciamento, d. Eugênio criticou também o texto da Constituição. Para ele, a qualidade até agora alcançada, deixou a desejar.

É a seguinte, a íntegra do pronunciamento do cardeal:

## "Uma grave enfermidade"

Meus prezados ouvintes:

Na semana passada, recebi um angustiado apelo: um pároco havia sido marcado para morrer pelo chefe de uma quadrilha de traficantes de drogas que dominava uma favela na paróquia. Vingança pela proteção aos pobres dada pela Igreja.

No dia seguinte, sou informado de que, no momento, o perigo passara. O criminoso fora morto naquela noite pelo próprio irmão, membro do mesmo bando. Tudo isso se passou em pleno Rio de Janeiro, distante do Palácio São Joaquim cerca de quarenta e cinco minutos de ônibus.

Dias atrás, a imprensa divulgou outro episódio insólito. Das 14 até as 16 horas, em áreas vizinhas, localizadas quase no coração desta cidade, bandidos tentaram desalojar outros concorrentes na comercialização de tóxicos. Nas escaramuças foram utilizadas até metralhadoras e armas privativas do Exército. Embaixo concentrava-se a polícia, que não interferiu na guerrilha. Perguntado sobre o motivo da não-intervenção, um deles respondeu que, se o fizesse, seria acusado de ferir e matar moradores.

O mais grave é que ambos os fatos fazem parte de um quadro ainda mais sombrio, indicio do perigoso esfacelamento moral em nossa Pátria. Refiro-me à vida pública no Brasil na qual, juntamente com o comportamento particular, se alicerça todo o edifício social.

Tomemos algumas ocorrências nas últimas duas ou três semanas e amplamente noticiadas pelos meios de comunicação social.

No momento, nada mais importante como atividade cívica que a Constituinte. No entanto, emergem inquietações sobre o texto da Constituição. A qualidade alcançada até agora na sua elaboração deixa a desejar. Depositou-se grande confiança nesse instrumento fundamental e qual quer deslize acarreta prejuízos incalculáveis à Nação. Preocupa a não cabal preservação de princípios, inclusive de lei natural, indispensáveis à garantia de um futuro promissor para o Brasil.

Na área da justiça social, vemos a fome, o desemprego, a insatisfação generalizada.

Ao lado surgem, com frequência inacreditável, o já fastidioso noticiário das repetidas fraudes até em hospitais, onde o cidadão vai em busca da saúde. Aposentadorias fantasmas mostram a força de um ambiente que corrompe as pessoas.

No âmbito financeiro, a desconfiança sobre a veracidade das informações.

O intenso tráfico de entorpecentes, a jogatina, o título de benfeitor conferido a marginais enriquecidos com a exploração dessas mazelas é algo inquietante e revelador de decomposição moral, é erro na luta contra esses fatores deletérios. Contemporiza-se com o "jogo do bicho" em vez de ir às causas desses males. Sem combater a corrupção não se obterá melhoria.

Seria um nunca acabar, se continuasse a fazer alusão a fatos que denotam uma enfermidade grave. Ela corre o intimo da nacionalidade. Não é possível continuar nesse rumo, pois salta aos olhos a interrogação cruel: Como será o nosso amanhã?

A raiz dessa grande chaga que se denomina "corrupção pública ou privada" está no próprio homem. A atmosfera que se respira, inquinada por vícios, circunstâncias ocasionais criando degenerescências, facilidades que favorecem atos lesivos a outrem.

São Paulo nos admoesta que sua origem está na substituição de Deus pelo mundo, no qual o homem instilou os efeitos do pecado. Na Epístola aos Efésios (6,10-13), ele exorta: "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder (...) deveis vestir a armadura de Deus para poderdes resistir no dia mau e sair firmes de todo o combate".

Puebla (nº 494): "Os contrastes crúeis do luxo e extrema pobreza (...) agravados, ademais, pela corrupção que muitas vezes invade a vida pública e profissional, manifestam até que ponto os nossos países se encontram sob o domínio do ídolo da riqueza".

E, adiante (nn. 507 e 508): "Nos últimos anos (...) se sente o peso de crises institucionais econômicas e claros sintomas de corrupção violenta".

O Concílio Vaticano II (Gaudium et Spes n. 52) nos orienta: "Considere a autoridade civil como dever sagrado assegurar a moralidade pública".

A atual situação nacional configura um quadro de profunda decadência moral e, para remediá-la necessitamos ir às suas origens. O egoísmo deixa sua marca: leva muitos a antepor os interesses pessoais ao bem comum. Tem-se a impressão de se viver em grande bazar, onde se mercadeja com os recursos públicos relegando a honra pessoal a um segundo plano. Anunciam empregos disponíveis para acomodações espúrias. O número passa a ter valor decisivo na escala ética. O protesto da multidão decide sobre a natureza moral da reivindicação em jogo. O reconhecimento da justiça, ou não, de uma causa fica na dependência da audácia de poucos, da violência de turba. A nobreza cede espaço e é substituída por uma escória que compromete nosso futuro.

Há uma busca desenfreada de objetivos personalistas com recurso a habilidades nem sempre dignas. Dá a impressão de ter cada um seu preço, o que é aviltante para todos.

Meu intento não é acusar a quem quer seja, mas questionar o comportamento pessoal e na vida pública. Qual a contribuição, positiva ou negativa nossa, neste quadro nacional? Fácil indicar erros no próximo. Difícil descobri-los em nós.

Grandes são as reservas espirituais e morais no Brasil. Não nos faltam homens probos e dignos para a garantia da construção de uma grande Nação. O lugar deles não pode ser ocupado por indignos, pois um país é construído por sua elite moral.

Na recente visita ad limina dos bispos portugueses, o Santo Padre a 6 de julho último, traz claras indicações sobre a matéria que tratamos. Diz ele que à medida que as tendências demagógicas tentam se sobrepor ao espiritual e a questionar valores fundamentais, os cristãos devem sentir-se fortes e coesos, apoiados a chamar o erro de erro, e o pecado de pecado, "porque em contraste com o Criado e a sua criação".

# Papa nomeia Dom Lucas Arcebispo de Salvador

DSP

17-7-87

Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS

Ao Povo de Deus em São Paulo, Dom Lucas Moreira Neves, novo Arcebispo de Salvador, é figura tão conhecida e amada que não precisa de apresentação.

Recordamos alguns traços biográficos, para avaliarmos quantos benefícios essa nomeação deverá trazer para a Arquidiocese de Salvador, ainda envolta na saudade de uma das maiores

figuras de episcopado brasileiro de todos os tempos, Dom Avelar Brandão Vilela, Arcebispo Primaz, desaparecido em dezembro último.

Dom Lucas Moreira Neves nasceu em São João Del Rei, terra de Tiradentes e do Presidente Tancredo Neves, em 16 de setembro de 1925. Ingressou na Ordem dos Pregadores (Padres Dominicanos), onde fez seus estudos de Filosofia, de 1945 a 47, em São Paulo. Terminados esses estudos, foi enviado à França, para aí completar a sua formação teológica na Escola Dominicana Saint Maximin, onde foi ordenado sacerdote em 9 de julho de 1950.

Após sua volta ao Brasil, ocupou-se sobretudo da Ação Católica e da Pastoral Familiar.

De 1967 a 1974 ocupou o cargo de Bispo Auxiliar de São Paulo, responsável entre nós pela Pastoral Familiar (1967-71) e sobretudo pelas Comunicações Sociais (1971-74). Ao mesmo tempo, ocupou cargos de direção na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e na Comissão Episcopal da América Latina (Celam).

Especializado que era na Pastoral dos Leigos, foi nomeado pela Santa Sé Consultor e em seguida Vice-Presidente do Conselho para os Leigos, de 1974 a 1979. Nessa qualidade, foi convocado, por Sua Santidade o Papa Paulo VI, para Roma, onde

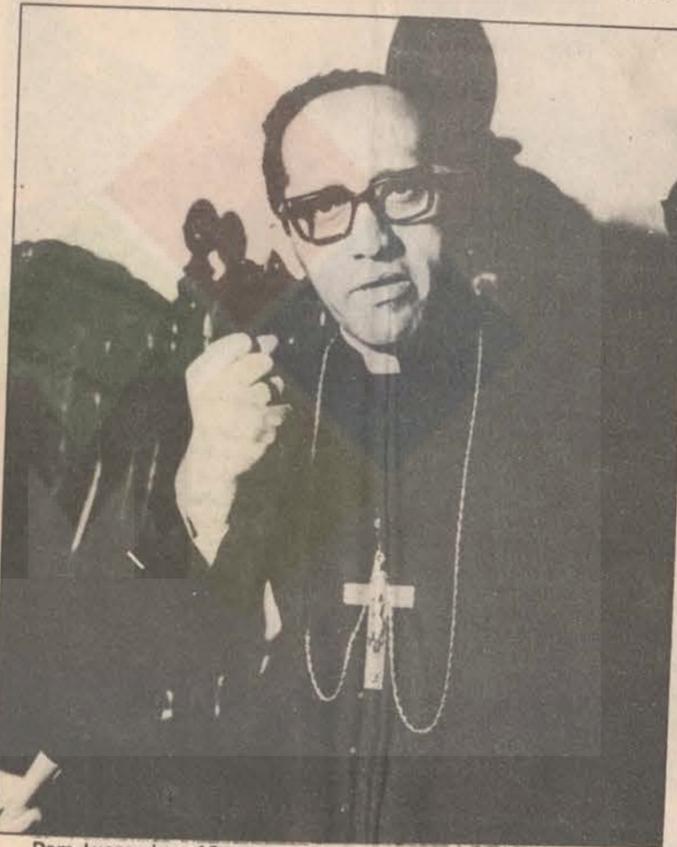


Foto: Agência Folhas

Dom Lucas viveu 13 anos em Roma e agora é Arcebispo da Bahia

assumiu os mais diversos encargos, distinguindo-se sobretudo como Secretário da Sagrada Congregação para os Bispos e Secretário também do Sacro Colégio dos Cardeais.

São conhecidos e apreciados os seus escritos, entre os quais "SACERDOTES A SERVIÇO DA FAMÍLIA", "RESTAURAR A FAMÍLIA EM CRISTO", "CRÔNICAS DO REINO DE DEUS" e "A SEMENTE É A PALAVRA".

Nosso convívio com Dom Lucas Moreira Neves durante 7 anos (1967 - 1974) em época difícil da vida brasileira, nos permitiu aquilatar sua inteligência privilegiada, aliada à ampla experiência nos diversos campos da pastoral.

O fino trato e o belo costume mineiro de cultivar as amizades levaram Dom Lucas a formar o mais amplo círculo de relacionamentos entre nós e em tantas outras partes do Brasil e do exterior.

No momento em que o Santo Padre lhe coloca sobre os ombros a pesada responsabilidade de suceder a Dom Avelar Brandão Vilela no pastoreio da Arquidiocese de Salvador, pedimos a todos os cristãos que lhe ofereçam suas preces, a amizade irrestrita e o apoio constante, para que possa cumprir com a habitual eficiência, o múnus pastoral em favor de nosso queridos irmãos da Bahia.

LOCAL

24/7 17 840

# Leigos se reúnem em São Paulo para preparar o Sínodo dos bispos

## JOC realiza congresso de jovens trabalhadores

A JOC (Juventude Operária Católica) realizará entre os dias 4 e 7 de setembro a etapa final do 4º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores, no ginásio Professor José Liberato (antigo ginásio Independência), no município de Osasco, em São Paulo. O Congresso é realizado em etapas, a nível de cidade, estados e regiões, sendo a última de caráter nacional.

Os grandes problemas que afetam a juventude trabalhadora no

Brasil serão discutidos. Os principais objetivos do Congresso são a descoberta da realidade em que vivem os jovens trabalhadores; a análise e denúncia pública desta realidade (traçando compromisso de ação na busca de soluções das causas desta situação) e a tentativa de levar os jovens a assumir o seu papel como parte integrante da classe operária, se somando com o conjunto do movimento operário na luta pela construção de uma sociedade alternativa.

Mas a proposta majoritária entre a coordenação nacional da Anampos é de que seja criada uma entidade que articule os movimentos populares, a partidária e aberta a todos os movimentos, independentemente de que tenha a hegemonia, como afirma Devanir. "Será uma entidade realmente democrática e aberta à participação de todos os movimentos populares".

Cerca de 600 militantes deverão participar do Encontro

Nacional da Anampos. Cada município escolherá representantes de cada movimento específico ou entidade, devendo ser feita a homologação dos nomes nos encontros estaduais. A Anampos, integrada hoje por militantes do PT, PDT e também do PMDB, não é uma entidade, mas apenas uma articulação de pessoas, que defendem propostas comuns de articulação junto aos movimentos populares, como esclareceu o representante da coordenação.

Neste ano acontecerá o Sínodo dos Bispos sobre a "Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo". Este Sínodo vem provocando, desde sua convocação, uma reflexão sobre a presença dos leigos, seu lugar na Igreja e sua ação na sociedade. E, como não poderia deixar de ser, o Sínodo está acontecendo entre nós.

Num processo de preparação para o Sínodo, o Conselho Nacional de Leigos considerou importante realizar um Encontro Nacional de Leigos, em que serão elaboradas propostas a serem encaminhadas ao Sínodo pelos bispos brasileiros que dele participarão. O Encontro acontecerá nos dias 7, 8 e 9 de agosto, em São Paulo, no Centro Mariápolis. O tema será: Leigos, presença, compromisso, participação: Igreja e mundo.

O Encontro será um momento de intercâmbio de experiências e de inquietações, na busca de assumir cada vez mais a caminhada da Igreja no Brasil. A Missão de anunciar Jesus Cristo e trabalhar para a construção do Reino de Deus vai também fazendo acontecer a nova sociedade. Esse assumir supõe um laicato organizado e participativo. Daí o encontro reforçar a necessidade cada vez maior dos leigos se organizarem.

#### Objetivos

São três os principais objetivos deste Encontro Nacional de Leigos:

- preparar propostas para o Sínodo dos Bispos e para a Igreja do Brasil.
- reforçar a articulação dos leigos do Brasil.

- celebrar a caminhada e presença do leigo na Igreja e como Igreja na sociedade.

Participarão do encontro: um representante por diocese, dois por equipe regional de articulação dos leigos ou conselho regionais de leigos, seis de CEBs por região da CNBB, seis por movimento e pastoral pertencentes ao Conselho Nacional de Lei-

gos, seis teólogos leigos.

Para que o encontro seja expressão de Igreja, estarão presentes como convidados o Cardeal Eduardo Pironio, presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, os bispos da Presidência da CNBB, os bispos brasileiros, delegados ao Sínodo, representantes da CRB, do CNC e de vários organismos presentes na caminhada de Igreja.

#### Encerramento

Participarão pelas dioceses apenas um representante de cada uma, o que já dá um número elevado de pessoas. Tentando atender os cristãos das paróquias e comunidades, o Conselho Nacional de Leigos resolveu fazer o encerramento do encontro, não em Mariápolis, mas na Catedral da Sé, dia nove de agosto, domingo, às 15h00.

## Bispos farão desagravo a Dom Luciano

BRASÍLIA — Os 26 bispos integrantes do Conselho Permanente da CNBB divulgarão hoje ou amanhã uma nota de desagravo ao Presidente da entidade, D. Luciano Mendes de Almeida, em virtude do episódio ocorrido com o Ministro da Justiça, Paulo Brossard, durante audiência na última terça-feira. Na nota, eles deixarão claro que, ao defender os índios, D. Luciano defende a causa da Igreja.

O Conselho Permanente da CNBB fará também uma referência às denúncias do jornal "O Estado de S. Paulo" contra o Conselho Indigenista Missionário (Cimi). A proibição da permanência de missionários do Cimi nessas áreas, determinada pelo Presidente da Funai, Romero Jucá Filho, também está causando indignação em muitos bispos. D. Moacyr Grechi, Bispo de Rio Branco (AC), chegou a afirmar que se isso acontecer em sua região, "só sairá preso". Para ele, neste caso "se faz necessária uma desobediência, para não se trair a missão da Igreja junto aos ín-

dios".

— A Igreja está numa situação de impasse. Consta que é impossível continuar trabalhando à mercê do arbítrio da Funai e, ao mesmo tempo, tem convicção de que não pode simplesmente renunciar ao seu trabalho — disse D. Moacyr., ressaltando, porém, que esse impasse com o Governo, a exemplo de outros que já ocorreram, será superado.

D. Moacyr e o Bispo de Imperatriz (MA), D. Afonso Gregori, conhecidos por suas declarações contundentes, foram os escolhidos pelo Conselho Permanente para falar à imprensa ontem, juntamente com o Bispo de Rio do Sul (SC), D. Tito Buss.

Durante a audiência, o Ministro não se limitou a gritar com o Presidente da CNBB. Ele também recusou todos os documentos que o Bispo havia levado, inclusive um dossiê sobre os documentos que orientaram as reportagens do "Estado de S. Paulo" e que, segundo a CNBB, comprovam a "falsidade e a montagem da notícia". Ao devolver os papéis, Brossard dis-

se: "Tenho coisa mais importantes a fazer".

D. Luciano fez um relato da audiência em reunião priv<sup>3</sup>. Ao devolver os papéis, Brossard disse: "Tenho coisa mais importantes a fazer".

D. Luciano fez um relato da audiência em reunião privativa dos bispos, ainda na noite de terça-feira. E ontem pela manhã repetiu as informações no plenário do Conselho Permanente, do qual participam, além dos bispos, 60 assessores. Isto, segundo fontes da entidade, mostra a gravidade da situação, uma vez que, normalmente, esse tipo de comunicação seria feita exclusivamente aos bispos.

Segundo D. Moacyr Grechi, o Presidente da CNBB tem agido neste episódio sobre o Cimi em nome de todos os bispos. Por isso, espera que o Presidente Sarney, ou outro membro do Governo, se manifeste sobre o incidente com o Ministro Brossard. Se isto não acontecer, ressaltou, significará que o Ministro não agiu em nome próprio.

## Bispos do Ceará 27-8-88 osp manifestam-se sobre seca

Os dez bispos das dioceses católicas cearenses lançaram um manifesto sobre a situação de miséria no Estado, agravada pela seca, responsável pela perda da maior parte das lavouras. No comunicado os bispos comentam o programa do governo para a seca, assim como as propostas dos trabalhadores rurais ao governo sobre a questão.

No manifesto os bispos dizem que "a concepção" do programa coincide com as aspirações dos agricultores. "Esses novos critérios poderão superar os vícios de programas passados, que se constituíram em fonte de corrupções e beneficiaram os grandes proprietários", afirmam.

Além da confiança nas metas do programa, os bispos do Ceará esperam ver incluídas no programa do governo "as propostas apresentadas pelos trabalhadores rurais e que são respaldadas por nós", que são "a participação dos trabalhadores orga-

nizados no levantamento das obras comunitárias e alistamento; um salário mínimo para uma pessoa em cada três que houver família; alimentos a preço de custo e o resto do salário em dinheiro a cada quinze dias; a construção de obras de que as comunidades precisam e que permaneçam a serviço das mesmas quando a seca passar".

O momento por que passa o Estado do Ceará, segundo os bispos, "exige que nossos agricultores sejam atendidos naquilo que é mais fundamental para eles, sua subsistência e o respeito à sua dignidade e às suas aspirações. Reprovamos as arbitrariedades e agressividades da ação policial contra os agricultores quando se mobilizam em busca de alimentos e trabalho. Como pastores, que devem conhecer seu povo e zelar pela sua vida, vamos acompanhar, atentamente, a execução do novo programa", concluem.



Foto: Nair Benedito/F4

A seca é mais um problema político do que de água

## *Novo primaz chega ao Rio mas não discute política*

Da Sucursal do Rio e  
do Banco de Dados

O novo primaz do Brasil, d. Lucas Moreira Neves, chegou ontem à noite ao Rio de Janeiro, depois de uma estadia de treze anos fora do país. Recepcionado pelo cardeal do Rio, d. Eugênio Sales, o novo primaz disse que preferia não fazer comentários a respeito de política nacional ou internacional. Ele apenas afirmou que estudará cuidadosamente a questão da reforma agrária. D. Lucas pareceu se sentir bem melhor quando indagado sobre questões religiosas e a proliferação das Igrejas Evangélicas.

Hoje às 12h, d. Lucas vai para sua cidade natal, São João del Rey, em Minas Gerais, e depois visita Aparecida do Norte (SP). Ele chega a Salvador no próximo dia 26, quando assume a condição de primaz do Brasil.

D. Lucas nasceu em 16 de setembro de 1925. É primo do falecido presidente Tancredo Neves. Estudou no Seminário de Mariana (MG).

Retornando ao Brasil, trabalhou em São Paulo como instrutor de noviços e assistente da Juventude Estudantil Católica (JEC). Após uma carreira de rápida ascensão na hierarquia da Igreja, foi nomeado, a 11 de janeiro de 1973, pelo papa Paulo 6º, único membro latino-americano da recém-criada Pontifícia Comissão da Família, mudando-se para o Vaticano em 1974. Em 18 de outubro de 1979, foi promovido a secretário da Congregação para os Bispos e em novembro do mesmo ano também (cumulativamente) secretário do Sacro Colégio dos Cardeais. Em 15 de julho último foi nomeado arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, em substituição a dom Avelar Brandão Vilela.

*Posse do primaz  
do Brasil terá  
missa campal*

Da Sucursal de Salvador

A presença dos principais representantes do clero brasileiro — “progressistas” e “conservadores” — e uma missa campal, concelebrada por sessenta bispos, marcarão a posse do novo primaz do Brasil, d. Lucas Moreira Neves. A Arquidiocese de Salvador (BA), se prepara para o evento desde a morte de d. Avelar Brandão Vilela, em dezembro do ano passado.

D. Lucas, que chegou na noite da última segunda-feira ao Brasil, será empossado como arcebispo-primaz no próximo dia 27. Chegará a Salvador (BA) na véspera, se hospedando no Centro de Treinamento de Líderes, na praia de Itapuã. D. Lucas será empossado na Catedral Basílica, em cerimônia fechada, e irá para a missa campal já com seu novo título. O novo arcebispo-primaz comandará 97 paróquias da Arquidiocese de Salvador.

2579.107-440

## D. Luciano critica discussão sobre sistema de governo

O presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), d. Luciano Mendes de Almeida, disse ontem que lamenta que a escolha do regime de governo pelo Congresso constituinte "consagre tanto tempo e tanto papel" quando o povo está exigindo reformas urgentes". Ele afirmou que qualquer que seja o regime adotado, presidencialismo ou parlamentarismo, se assumido "por pessoas competentes e respeitadoras da democracia podem, com as respectivas limitações, serem úteis historicamente ao país".

Ele afirmou que mais importante do que a definição do regime de governo é a necessidade de um programa integrado de habitação, alimentação, atendimento de saúde e educação. D. Luciano disse que é fundamental também que haja uma revisão do sistema de trabalho e salário, diminuindo a diferença entre o maior e o menor salário. Entretanto, observou que para a Igreja as reformas agrária e urbana são questões mais relevantes.

### Cimi

O presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e bispo do Xingu (MT), d. Erwin Krautler, qualificou ontem de "genocida, etnocida e indigno da consciência cívica e cristã do povo" o capítulo que trata da questão indígena, no novo substitutivo do deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM), relator da Comissão de Sistematização. Ele constatou que os dispositivos pré-constitucionais "casam a cidadania dos índios brasileiros" por considerá-los "absolutamente incapazes".

## Lucas toma posse como novo



D. Lucas, sagrado o novo primaz do Brasil, chega a Salvador (BA)

### primaz do Brasil

Da Sucursal de Salvador

Acompanhado pelo governador da Bahia, Waldir Pires, e pelo prefeito da cidade, Mario Kertesz, dom Lucas Moreira Neves, 61, enfrentou, pacientemente, uma longa fila de cumprimentos, ao chegar ontem a Salvador (BA). Ao longo de 55 minutos, dom Lucas, que desembarcou às 10h30 sob o forte calor baiano, cumprimentou uma a uma as autoridades civis e eclesásticas presentes e acenou aos populares no aeroporto Dois de Julho. Hoje, às 16h, dom Lucas será empossado como arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, em missa solene a ser concelebrada por 55 bispos.

Dizendo-se emocionado "mas não surpreso" com a calorosa acolhida, dom Lucas hospedou-se no Centro de Treinamento de Líderes, um velho e isolado casarão à beira da praia de Itapoã, distante 30 km do centro. De lá, ele sairá direto para a catedral basílica para receber o cargo de primaz do Brasil, por designação do papa João Paulo 2º.

#### Solenidade

O clero baiano, que vem organizando a solenidade de posse há dois

meses, já confirmou a presença dos cardeais Eugenio Sales, Paulo Evaristo Arns e Vicente Scherer. Virão ainda, dentre outras autoridades da Igreja Católica, o prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos do Vaticano, dom Bernardo Gantim e o nuncio apostólico do Brasil, dom Carlo Furno.

O presidente José Sarney cancelou sua presença, mas sua mulher, Marly, virá representá-lo. Sua chegada está prevista para o início da tarde de hoje. Dom Lucas Moreira Neves é o 24º arcebispo eleito e o 3º prelado a tomar posse no governo da Sé Primacial do Brasil.

D. Lucas Moreira Neves é também o primeiro arcebispo da ordem dominicana a alcançar essa menção eclesástica, desde 1551, quando o papa Julio 3º criou a primeira diocese do Brasil, na cidade do Salvador (antiga capital brasileira), elevada a arquidiocese em 1676, pelo papa Inocêncio 11.

Moderado, dom Lucas, da ordem dominicana, mineiro, vem substituir dom Avelar Brandão Vilela, alagoano que chefiou a Igreja Católica na Bahia de 71 a 86 e faleceu no ano passado.

## D. Lucas, um conciliador

Da Reportagem Local

O gosto pela conciliação, tanto nas questões políticas, quanto diante dos problemas internos da Igreja, é a principal característica de d. Lucas Moreira Neves, 62, mineiro de São João del Rei e parente em segundo grau do ex-presidente Tancredo Neves, que toma posse neste sábado, em Salvador (BA) como novo arcebispo primaz do Brasil. Sucederá a um outro bispo marcadamente conciliador, o cardeal Avelar Brandão Vilela, que morreu em dezembro do ano passado. Todo arcebispo de Salvador é chamado de primaz do Brasil por ter sido a capital baiana a sede da primeira diocese católica brasileira. Sem qualquer status pastoral superior aos demais bispos, o arcebispo primaz tem, contudo, uma certa primazia honorífica e cerimonial no conjunto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

D. Lucas não aceita ser qualificado como "progressista" ou "conservador", como tem afirmado nas entrevistas dadas após a sua nomeação para a arquidiocese de Salvador, em 15 de julho último, por decreto do papa João Paulo 2º. Ele considera esses qualificativos como "inadequados" para a definição da postura política e pastoral dos bispos. A estreita ligação de d. Lucas Moreira Neves com grupos teológicos de orientação conservadora — como o "Communio", ao qual também estão ligados os cardeais Joseph Ratzinger

e d. Eugênio de Araújo Sales, arcebispo do Rio de Janeiro — levou, contudo, a um pedido de um grupo de bispos brasileiros ao cardeal Bernardin Gantin (enviado especial do papa à assembleia geral da CNBB, em abril do ano passado), para que ajudasse a remover d. Lucas da secretaria-geral da Congregação Vaticana para os Bispos, onde d. Bernardin é titular.

A atuação de d. Lucas nessa função (diretamente ligada à escolha de bispos católicos para dioceses e arquidioceses em todo o mundo) vinha sendo considerada, por setores influentes do episcopado brasileiro, de orientação centrista e "progressista" — com peso, inclusive, na CNBB — como "negativa" para um melhor relacionamento entre a direção da Igreja Católica no Brasil e a direção central no Vaticano. Por isso, uma das primeiras expressões citadas informalmente, na Igreja do Brasil, para explicar a transferência de d. Lucas da Cúria Romana para Salvador foi a frase latina "promoveatur ut removeatur" ("promover para remover"). Depois de ter chegado ao segundo escalão da cúpula da Igreja, ocupando um cargo equivalente ao de vice-ministro, o passo seguinte de d. Lucas, na carreira eclesiástica, deveria ser o de ministro, ou seja, a designação, como prefeito, para uma das congregações (ministérios) da Cúria Romana.

Mesmo que essa hipótese seja verdadeira, d. Lucas mantém um papel e um prestígio considerável no Vaticano. Tem uma estreita amizade com o papa João Paulo 2º — para o qual pregou retiros no Palácio Apostólico — e é secretário do Colégio dos Cardeais, o que lhe garante, automaticamente, o cardinalato, no lugar do cardeal que for eleito para suceder o atual papa. No entanto, o chapéu cardinalício virá logo para d. Lucas, pelo fato de ter sido nomeado como primaz do Brasil, como ocorreu com os seus antecessores.

### Amigo de Sarney

O novo arcebispo primaz do Brasil é um dos maiores amigos do presidente José Sarney. Em julho do ano passado, foi o principal articulador dos contatos de com o papa João Paulo 2º, tendo, inclusive, recebido o presidente em seu apartamento, no Vaticano. Continuará, sendo, deste modo, um importante interlocutor nas relações Igreja-Estado no Brasil. Em termos pastorais, d. Lucas está preparando-se para assumir a principal arquidiocese negra do mundo, o que exigirá, de sua parte, uma grande disponibilidade para dialogar com as expressões religiosas afro-brasileiras.

### Origem modesta

D. Lucas tem origem modesta. Nasceu em 16 de setembro de 1925, em São João del Rei (MG), filho do alfaiate Telêmaco Victor Neves, primo do ex-presidente Tancredo Neves e da empregada doméstica negra Margarida Moreira Neves, que o criou. Fez os estudos básicos em São João del Rei e Mariana (MG), Filosofia em São Paulo e Teologia na Escola Teológica Dominicana de Saint-Maximin, França, de 1947 a 1951, onde também foi ordenado padre em 9 de julho de 1950. Antes de ser bispo, foi assistente eclesiástico da Juventude Estudantil Católica (JEC) em 1952 e 1953, tendo, também, assessorado a Juventude Universitária Católica (JUC) e o Movimento Familiar Cristão (MFC). Indicado para o episcopado pelo ex-arcebispo de São Paulo, d. Agnelo Rossi, foi ordenado bispo em 26 de agosto de 1967, passando a atuar, até 1974, como auxiliar da arquidiocese paulistana, onde era responsável, entre outras tarefas, pelo atendimento aos jornalistas. Uma de suas últimas atividades em São Paulo, a pedido de d. Paulo Evaristo Arns, foi a de visitar presos políticos no antigo Departamento de Ordem Política e Social (Dops).

Na CNBB, d. Lucas foi responsável pelo Departamento de Leigos (1968-1971), membro da Comissão Episcopal de Pastoral, respondendo pelas áreas de ação social e meios de comunicação, além de presidente da Cáritas brasileira (1971-1974). No Vaticano, foi consultor e vice-presidente do Conselho Pontifício para os Leigos (1974-1979), membro do Comitê para a Família (1972-1976), consultor da Comissão Pontifícia para a América Latina e integrante do secretariado do Sinodo dos Bispos, além de ter atuado nas Comissões Pontifícias Justiça e Paz, de Migrações e Turismo. Em 1979, participou — por nomeação de João Paulo 2º — da conferência episcopal latino-americana em Puebla, México.

# Novo Arcebispo Primaz toma posse em Salvador

O novo Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves, tomou posse na Arquidiocese de Salvador (BA) no último domingo. Centenas de pessoas se reuniram na praça Municipal da cidade com as presenças de ministros de Estado, cardeais, bispos e autoridades locais. Dom Lucas Moreira Neves, parente em segundo grau do presidente Tan-

credo Neves, assume o lugar de Dom Avelar Brandão Vilela, falecido em dezembro do ano passado.

O novo Arcebispo de Salvador é mineiro de São João Del Rei e até ser indicado para a função servia na secretaria-geral da Congregação Vaticana para os Bispos, em Roma, cujo titular é o cardeal Bernardin Gantin. Após sua chegada a Salvador, na manhã de sábado

concedeu entrevista coletiva à imprensa onde alertou para a responsabilidade dos constituintes e para a necessidade de uma reforma agrária acompanhada de "apoio técnico e de preparação das pessoas que passarão a ocupar a terra". Dom Lucas assume a mais antiga diocese do Brasil, criada em 1551, e daí o título de Arcebispo Primaz do Brasil.



Foto: Agência Folhas

Dom Lucas deixa o Vaticano para se fixar em Salvador

# Dom Lucas toma posse em Salvador

Foto: Agência Folhas



Dom Lucas sucedeu a Dom Avelar como Primatez do Brasil

NACIONAL

2/10/87 BFP

O Brasil já tem um novo arcebispo primaz: é dom Lucas Moreira Neves, 61 anos, que tomou posse no último domingo como Arcebispo de Salvador (BA), em missa solene concelebrada por 55 bispos. A posse aconteceu exatamente às 16 horas, com as presenças do cardeal Bernardin Gantin, prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos do Vaticano e representante do Papa João Paulo II, dos cardeais arcebispos de São Paulo e do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Eugênio Sales e Dom Vicente Scherer. O presidente José Sarney foi representado por sua mulher, Marly Sarney.

Dom Lucas toma posse como arcebispo primaz do Brasil porque sua Arquidiocese, a de Salvador, é a mais antiga do Brasil, fundada em 1551. Em 1676 a Diocese foi elevada à condição de arquidiocese. Mais de mil pessoas acompanharam a soleni-

dade de posse, que durou cerca de 45 minutos e foi aberta à imprensa, autoridades e pessoas credenciadas. Três ministros de Estado - Abreu Sodré, das Relações Exteriores, Antonio Carlos Magalhães, das Comunicações e Roberto Santos, da Saúde - também presenciaram a cerimônia, além do governador da Bahia, Waldir Pires e do prefeito de Salvador, Mário Kertesz. Depois da solenidade de posse, na Catedral de Salvador, foi celebrada uma missa campal na praça Municipal de Salvador.

Dom Lucas Moreira Neves, acompanhado de uma comitiva de quarenta pessoas, desembarcou em Salvador na manhã de sábado, onde foi recepcionado por milhares de pessoas no aeroporto Dois de Julho. O novo arcebispo de Salvador se emocionou com a recepção do povo mas disse não estar surpreso porque já conhecia a hospitalidade baiana, reforçada pelo som do

Hino ao Senhor do Bonfim, tocado pela banda de música da Aeronáutica.

Ainda no sábado, já no período da tarde, Dom Lucas concedeu entrevista coletiva à imprensa no Centro de Treinamento de Líderes, em Itapoã. Nesta entrevista, rejeitou a qualificação de "conservador" e defendeu uma das mais importantes reivindicações não só do povo baiano mas de todo o Brasil: a reforma agrária.

Dom Lucas comentou também a união de elementos religiosos diferentes, e "sincretismo religioso", afirmando que esta característica do povo baiano é "resultado da combinação da cultura de nossos escravos, do desenvolvimento das práticas religiosas dos primeiros habitantes e de seus descendentes, do aspecto folclórico e finalmente da palavra de Cristo trazida pela Igreja".

O novo arcebispo de Salvador

acredita também que a reforma agrária tem que vir acompanhada "de apoio técnico e de preparação das pessoas que passarão a ocupar a terra", e atribuiu à Constituinte a responsabilidade de ter "sensibilidade ética para atender as justas reivindicações da sociedade". Caso isto não aconteça, advertiu, "a Constituição não terá nenhuma validade".

Uma revelação importante foi feita por Dom Lucas na publicação da homilia que seria lida na missa de posse, na praça Municipal: Dom Avelar Brandão Vilela, seu antecessor, falecido em dezembro passado, pediu a Dom Lucas que permitisse a apresentação de seu nome ao Vaticano para ocupar seu lugar. O pedido foi feito ao novo arcebispo através de um cartão manuscrito, datado de 8 de julho de 1980. Na época Dom Lucas rejeitou a sugestão de Dom Avelar.

## Mineiro e primo de Tancredo

Primeiro arcebispo dominicano a alcançar esta menção eclesiástica desde 1551, dom Lucas Moreira Neves, 61 anos, é mineiro de São João Del Rei e parente em segundo grau do presidente Tancredo de Almeida Neves. Até tomar posse na arquidiocese de Salvador, dom Lucas servia na Secretaria-Geral da Congregação Vaticana para os Bispos onde o cardeal Bernardin Gantin é o titular. A Congregação Vaticana para os Bispos escolhe os bispos para as dioceses e arquidioceses de todo o mundo. No caso de Salvador, a diocese foi criada em 1551 (a primeira do Brasil) pelo papa Julio III. O papa Inocêncio II a levaria à condição de arquidiocese em 1676. Nesta época Salvador era a capital brasileira.

Nascido a 16 de setembro de 1925, Lucas Moreira Neves é filho de alfaiate Telêmaco Victor Neves, primo do presidente Tan-

credo Neves, e da empregada doméstica Margarida Moreira Neves. Depois de estudar em São João Del Rei e Mariana, veio para São Paulo cursar Filosofia. Na Escola Teológica Dominicana de Saint-Maxim (França) estudou Teologia de 1947 a 1951. Em 1950 foi ordenado padre.

A indicação para o bispado viria por intermédio do ex-arcebispo de São Paulo, dom Agnelo Rossi, em 1967, e até 1974 foi auxiliar na Arquidiocese de São Paulo. Antes de seguir para o Vaticano, dom Lucas foi indicado por dom Paulo Evaristo Arns para visitar presos políticos no Departamento de Ordem Política e Social, o Dops.

De 1968 a 1971 dom Lucas Moreira Neves foi responsável pelo Departamento de Leigos da CNBB e membro da Comissão Episcopal de Pastoral, além de presidente da Cáritas Brasileira, de 71 a 74. Em seguida, já no Va-

ticano, foi consultor e vice-presidente do Conselho Pontifício para os Leigos (até 79), membro do Comitê para a Família (de 72 a 76), consultor da Comissão Pontifícia para a América Latina e integrante do Secretariado do Sinodo dos Bispos. Participou da Conferência Episcopal Latino-americana, em Puebla (México), em 79, por nomeação do papa João Paulo II.

As classificações de "progressista" ou "conservador" não

agradam a dom Lucas, amigo pessoal do presidente José Sarney. Ele acha estas classificações "inadequadas". Dom Lucas acredita que a Igreja tem experiência e capacidade para enfrentar vários problemas, entre eles o da educação, um dos mais graves. Paradoxalmente, em sua arquidiocese várias escolas mantidas por religiosos estão ameaçadas de fechar as portas por falta de padres e freiras para mantê-las.

### Marcos importantes na passagem por São Paulo

Augusto Cesar Pereira

A atividade pastoral de Dom Lucas Moreira Neves como Bispo Auxiliar de São Paulo marcou aspectos de importância fundamental. Dom Lucas teve sensibilidade para o papel dos leigos na Igreja. Hoje, esse papel dos leigos está sendo objeto de um sínodo mundial.

Um aspecto, a família. A família e suas questões internas de convivência, educação dos filhos, natalidade e paternidade responsável, dificuldades financeiras de sustento e emprego. Mais longe, porém. Não só a família em seu pequeno mundo, mas a família relacionada com outras famílias. O intercâmbio de famílias, com suas experiências de vida e ajuda mútua. E, sob o ponto de vista missionário, a família evangelizadora tanto no seu interior - "igreja doméstica" - mas a família evangelizadora das famílias. Uma pastoral da família muito abrangente.

Outro aspecto significativo e pioneiro da atividade pastoral de Dom Lucas na Arquidiocese de São Paulo, também com os leigos, a questão dos meios de comunicação social. Atente-se bem, no entanto, que não se trata dos meios como meios apenas, mas uma atitude pastoral com as pessoas que trabalham nos meios de comunicação social. Atitude pastoral com as pessoas profissionais atuantes dentro dos meios de comunicação social. Uma pastoral com os comunicadores.

Iniciando sua nova missão em Salvador, Dom Lucas, reafirma a convicção de valorizar o leigo não como um auxiliar na grande missão evangelizadora, mas o leigo cristão autêntico evangelizador.

## A licitude do assalariamento 6/10/87 mj

D. Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

**L**eu num documento de 55 pastoralistas em busca de uma teoria capaz de servir de inspiração para a elaboração de um projeto histórico transformador da sociedade: "A teoria elaborada por Marx é a que vem, até o momento, respondendo às questões do nosso tempo", com insistência particular nesta novidade: "Marx descobre que todo salário é injusto. O trabalhador é sempre expropriado do fruto do seu trabalho" (cf. *Cadernos Pastoralistas* Fortaleza, Nº 68, p. 21).

Nossos 55 pastoralistas foram procurar inspiração na doutrina social de Karl Marx e não na de sua Igreja, que para eles deveria ser mãe e mestra. Influenciados por aquela fonte, sustentam esta tese: "Todo salário é injusto". A questão não é a do salário justo, tema que tem sido objeto de muito debate e deve continuar a ser discutido, pois o salário é de fato entre nós excessivamente baixo. A questão gira em torno do próprio sistema salarial: é legítimo e moralmente lícito que alguém ofereça sua capacidade de trabalho a fim de receber em troca um salário? Pode haver assalariados?

Como vivemos num mundo de assalariados, a pergunta dá a impressão de ser disparatada. Mas como o assalariamento é um dos elementos constitutivos essenciais do sistema econômico capitalista e já que boa parte de nossos pastoralistas é declaradamente anticapitalista, a questão não é tão despropositada para eles. Sustentar a licitude do assalariamento seria uma forma de legitimar o sistema capitalista. Pois bem, a legitimidade do salário é suposta em todas as Encíclicas sociais, desde a *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII. O mero fato de se discutir sobre o salário "justo", supõe a licitude do sistema salarial. Em 1891, na *Rerum Novarum* sustentava o Papa contra o utopismo socialista que o capital e o trabalho são exigências da própria natureza do processo de produção: "Não pode haver capital sem trabalho, nem trabalho sem capital", foi sua famosa sentença. Quarenta anos depois, na *Quadragesimo Anno* o Papa Pio XI tornou a insistir nesta junção entre capital e trabalho numa empresa comum, já que, dizia, "um sem o outro nada podem produzir".

Pouco adiante, no tópico n. 64, Pio XI condenava explicitamente a tese defendida pelos nossos pastoralistas, afirmando: "Os que dizem ser de sua natureza injusto o contrato de compra e venda do trabalho, e pretendem substituí-lo por um contrato de sociedade, dizem um absurdo e caluniam malignamente o nosso predecessor, que, na Encíclica *Rerum Novarum* não só admite a legitimidade do salário, mas se difunde em regulá-lo segundo as leis da justiça".

Não a legitimidade do assalariamento, mas sua equidade era a questão. Lembra então Pio XI esta norma de Leão XIII: "Para determinar equitativamente o salário, devem ter-se em

vista várias considerações"; e conclui: "com estas palavras, confuta (Leão XIII) a leviandade dos que pensam resolver facilmente tão momentoso problema empregando uma única medida e essa disparatada. Erram certamente os que receiam enunciar este princípio que tanto vale o trabalho e tanto deve importar, quanto é o valor dos seus frutos; e que por isso, na locação do próprio trabalho, tem o operário o direito de exigir por ele tudo o que produzir. Asserção infundada, como basta a demonstrá-lo o que acima dissemos ao tratar de relação entre capital e trabalho".

Na *Laborem exercens* de 1981, o Papa João Paulo II bate na mesma tecla: "Não se podem separar o capital do trabalho e de maneira nenhuma se pode contrapor o trabalho ao capital e o capital ao trabalho e, menos ainda, se podem contrapor uns aos outros os homens concretos que estão por detrás destes conceitos" (n. 13).

Aliás, sem a suposição da licitude do salário seriam inconsistentes todos os discursos sobre a justa remuneração do trabalho prestado. Idêntica presunção deve ser admitida nos numerosos textos bíblicos que falam do salário, como quando, por exemplo, a Epístola de São Tiago se dirige aos ricos nestes termos: "Lembrai-vos de que o salário, do qual privastes os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e os gritos dos ceifadores chegaram aos ouvidos do Senhor" (5,4). Quando aos israelitas era mandado: "não oprimirás um assalariado" (Dt 24,14), se presume que seja legítimo haver assalariados. É evidente também que a parábola de Jesus sobre o salário dos operários (Mt 20,1-16) supõe sua licitude.

Não aceitando a descoberta de Marx ("todo salário é injusto"), que entusiasmou nossos 55 pastoralistas, afirma-se não apenas a legitimidade do salário, mas também a remuneração justa de trabalho realizado, de acordo com este ideal resumido pelo Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes*, 67: "O trabalho deve ser remunerado de tal modo que se ofereça ao homem a possibilidade de manter dignamente sua vida e a dos seus, sob o aspecto material, social, cultural e espiritual, considerando-se a tarefa e a produção de cada um, assim como as condições da empresa e o bem comum". Para não voltar aos abusos do capitalismo liberal e economicista, deve-se reconhecer sempre que a pessoa do trabalhador é princípio, sujeito e fim da atividade laboriosa e afirmar a prioridade do trabalho sobre o capital. "Este princípio, explica João Paulo II na *Laborem exercens* n. 12, diz respeito diretamente ao próprio processo de produção, relativamente ao qual o trabalho é sempre uma causa eficiente primária, enquanto o capital, sendo o conjunto dos meios de produção, permanece apenas um instrumento ou causa instrumental".

D. Boaventura Kloppenburg, O.F.M., Bispo de Novo Hamburgo, RS; é doutor em Teologia e membro da Comissão Internacional de Teologia da Santa Sé.

241 10187  
FHP

## D. Luciano se reúne com o papa em Roma

Da Reportagem Local

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, viajou ontem a Roma para participar de uma reunião preparatória do sínodo mundial dos bispos de 1990, sobre a formação sacerdotal. Durante sua estada de uma semana em Roma, d. Luciano terá um encontro com o papa João Paulo 2º.

Nesta audiência, D. Luciano vai sugerir ao papa, em nome do episcopado brasileiro, que seja realizada no Brasil a beatificação da religiosa Amábile Visintainer (madre Paulina).

D. Luciano apresentará também ao pontífice um resumo das deliberações da 27ª Assembléia Geral da CNBB, encerrada na última sexta-feira, em Itaici.

# D. Luciano ataca o CSN e

MARCELO XAVIER DE MENDONÇA

Repórter da Sucursal de Brasília

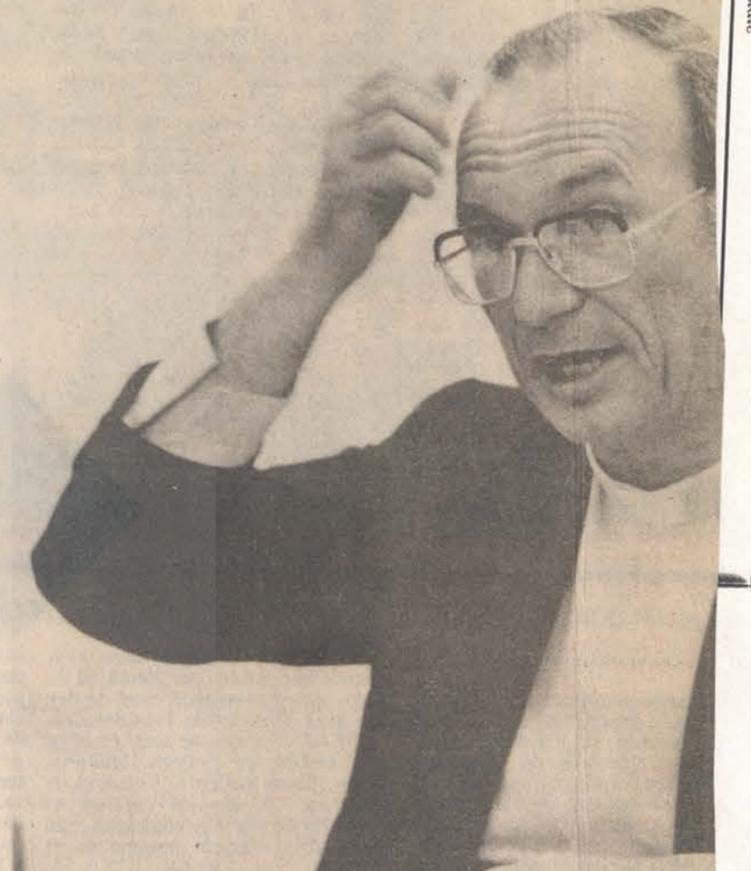
O Conselho de Segurança Nacional (CSN) "exerce atribuições que não lhe são devidas, e que pareciam superadas, porque recordam tempos de autoritarismo e arbitrariedade". A afirmação é do presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, ao comentar a publicação de reportagens na Folha sobre doze estudos sigilosos que a Secretaria Geral do CSN produziu, com ataques à atuação da Igreja Católica no Brasil.

Em entrevista exclusiva, na manhã de quinta-feira, d. Luciano, 57, disse não saber "a que atribuir a remessa" dos documentos (cujas cópias foram obtidas com exclusividade pela Folha, que revelou sua existência no último sábado) à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito que investiga a atuação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) numa suposta conspiração internacional destinada a limitar a soberania do Estado sobre as áreas indígenas da Amazônia.

Na última quarta-feira, acompanhado pelo secretário-geral da CNBB, d. Celso Queiroz, d. Luciano pediu (e teve) uma audiência com o presidente José Sarney para reclamar do envio dos estudos à CPMI. "O CSN pelo visto endossa esse material, pois o ofereceu sem a devida análise e juízo crítico", disse o bispo, que havia afirmado antontem que não sabia a autoria do documento e ter pedido a Sarney para averiguar a sua "procedência". D. Luciano considera "inadmissível" que o CSN "não tivesse a capacidade de verificar a improcedência das acusações e a precariedade das análises" que os estudos contêm.

A entrevista começou às 8h30, na sede da CNBB em Brasília, e continuou no carro que levou d. Luciano ao aeroporto, onde embarcou às 10h30 com destino a Campo Grande (MS), para uma palestra. Antes, ele ainda falou rapidamente a um grupo de cursilistas que realizavam um encontro no Centro de Convenções da capital, e quase perdeu o avião. A seguir, os trechos mais importantes da entrevista:

Folha — A Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional considera a atuação da Igreja —destacando a CNBB e o Cimi— um possível risco para a soberania brasileira, no trato da questão indígena. Os documentos falam do perigo de "esfacelamento do território nacional". Como o sr. reage a essa acusação?



D. Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, dá entrevista à Folha

D. Luciano Mendes de Almeida — Devo afirmar com clareza que, em nenhum momento, a CNBB e o Cimi tiveram dúvida a respeito da soberania nacional. Trata-se apenas de entender, numa dimensão cultural, a conveniência de que as populações indígenas tenham asseguradas as condições de sobrevivência e de identidade da própria cultura, dentro da mesma cidadania nacional. Em nenhum momento foi aventada a hipótese de seccionar o território nacional.

Folha — Os documentos produzidos pela SG/CSN dão muita atenção à atuação de religiosos estrangeiros. Na visão da SG/CSN, as atividades desses religiosos muitas vezes contrariam os "objetivos nacionais". São relacionados, inclusive, 118 religiosos que estariam violando a Lei

dos Estrangeiros, recomendando a instauração de inquéritos para uma eventual expulsão do país.

**"Não podemos aceitar a abertura das terras indígenas ao lucro"**

D. Luciano — Para nós cristãos, não há estrangeiros. Há irmãos que se dedicam a outros irmãos, e com sacrifício grande da própria vida.

Folha — E quanto à relação dos religiosos que estariam violando a Lei dos Estrangeiros?

D. Luciano — Essa relação existe, mas não oferece critério de escolha, torna-se até, digamos, não só superficial, porque infundada, mas até

diz que órgão é autoritário

CEED



Moacira Martins

na sede da entidade, em Brasília

mesmo acintosa na sua suposição, porque acusa bispos e missionários de uma ação contrária ao Estado.

Folha — E a respeito de a atuação desses religiosos prejudicar os "objetivos nacionais"?

D. Luciano — Essa referência coloca de modo explícito a questão da Lei de Segurança Nacional, com os conhecidos objetivos nacionais. A pergunta que cabe nesse momento é a de saber qual é o tipo de Estado e de regime político no qual nós estamos vivendo. Enquanto — até se apregoa — desejamos que o Brasil tenha ingresado num período de intensa democratização. Dentro dessa perspectiva, não vemos como seja possível defender a figura de um Estado autoritário, que tem tudo em suas mãos, e dispõe da vida dos seus cidadãos, sem assegura-

rar a devida liberdade e participação.

Folha — A que o sr. atribui, então, que um organismo militar vinculado à Presidência da República produza documentos com esse teor?

D. Luciano — Confesso que eu mesmo gostaria de fazer essa pergunta. No momento em que todos acompanhamos os trabalhos da Constituinte, possa ser publicado por um jornal de grande divulgação que o CSN exerce atribuições que não lhe são devidas e que pareciam superadas, porque recordam tempos de autoritarismo e arbitrariedade.

Folha — O sr. foi ontem (4/11) ao Palácio do Planalto reclamar ao presidente Sarney que a SG/CSN tenha produzido esses documentos. O que exatamente o sr. pediu ao presidente?

D. Luciano — Depois de conhecermos a reportagem publicada pela Folha de S. Paulo e seus elementos, achamos de nosso dever requisitar uma audiência ao presidente da lica, para apresentarmos o nosso desapontamento pelo fato de que esse conjunto de documentos foi oficialmente encaminhado à Comissão Parlamentar de Inquérito que apura os fatos relativos aos documentos publicados pelo "O Estado de S. Paulo", documentos cuja falsidade já tivemos ocasião de nos pronunciar muitas vezes. Eu não podia deixar de apresentar ao presidente o nosso desapontamento diante da matéria. Nosso desencanto nasce do fato desse material ter sido encaminhado aos membros da Comissão Parlamentar de Inquérito com o aval atual da SG/CSN. A pergunta é: o que significa a remessa desse material? O CSN pelo visto endossa esse material, pois o ofereceu sem a devida análise e juízo crítico.

Folha — Os documentos mostram que existe um incômodo dentro do governo com relação à atuação da Igreja. Eles falam da "ingerência da Igreja nos negócios do Estado" e propõem a criação de um grupo interministerial, composto pelo SNI, SG/CSN e Itamaraty para controlar as atividades da Igreja e o ingresso de recursos do exterior para suas atividades.

D. Luciano — Não atribuo essa documentação ao governo, e sim apenas a pessoas dentro desse governo que gostaríamos que pudessem se manifestar, para que recebessem de um modo mais atencioso de nossa parte, e mais completo, respostas às acusações feitas e às dúvidas levantadas. Em segundo lugar, não acredito na criação de uma comissão de acompanhamento das atividades da Igreja, porque ela só poderia nascer

de um ato presidencial e muito me admiraria que o presidente da República, que tem tido muitas oportunidades de acompanhar de perto a atuação da Igreja, tomasse essa decisão.

Folha — O sr. considera, então, que a produção desses estudos revela uma divisão dentro do governo?

D. Luciano — Revela um estágio inicial que reflete, por enquanto, a produção de material por pessoas cuja identidade não foi manifesta, e acho que não são nem do conhecimento da Presidência, pelo que detectamos na audiência ontem realizada, nem chegaram ainda à análise por parte dos órgãos governamentais a quem interessa esse posicionamento.

### "Não vemos como seria possível defender um Estado autoritário"

Folha — O que o sr. tem a dizer sobre o ataque ao tratamento dado pela Igreja à questão indígena?

D. Luciano — Precisamos nos irmanar numa intenção clara de favorecer a sobrevivência e o desenvolvimento amplo das atuais populações indígenas. Não podemos aceitar que as terras indígenas sejam abertas sem mais a interesses econômicos que têm por intenção não o bem-estar nacional, mas o favorecimento e a obtenção de lucros para grupos econômicos. Se um dia se tornar indispensável a exploração de algum minério existente apenas em áreas indígenas, é claro que a natureza e a motivação do bem comum justificariam uma atuação nas terras indígenas.

Folha — A Igreja mudou sua posição em relação ao Projeto Calha Norte? Quando o projeto foi divulgado sofreu uma oposição muito grande da CNBB.

D. Luciano — A Igreja tem interesse na paz social e na defesa dessa paz através também do estabelecimento de um bom sistema de defesa de fronteiras e de um constante serviço de vigilância, para evitar toda e qualquer injustiça que possa ser cometida, através do comércio de tóxicos ou da entrada ilícita de pessoas no país, ou comércio ilícito. É necessário que no julgamento da posição da Igreja sobre o tema, se faça a distinção entre o sistema de fronteira e o respeito e promoção das populações indígenas.

Leia a coluna de d. Luciano Mendes de Almeida na pág. A-2 sobre os documentos da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional.

## Dom José Cardoso

O arcebispo dom José Cardoso Sobrinho negou ontem a possibilidade de nova crise na Regional Nordeste II da CNBB, com a divulgação através da imprensa de uma carta assinada por religiosos na qual lhe são feitas diversas críticas. Segundo ele, tratou-se de um documento antigo, que foi lido e discutido entre os bispos na reunião privativa acontecida em outubro passado. E que foi comentado na última sexta-feira em um artigo de dom Luciano Duarte, arcebispo de Aracaju divulgado no Jornal do Brasil, em sua defesa.

Dom José disse ainda que o documento foi-lhe enviado e divulgado na reunião privativa que se realizou em Caruaru, e onde, em carta aos bispos, as pastorais pediram um segundo encontro. E uma prova de que não há crise é a reunião, que acontece nos próximos dias cinco e seis de dezembro no seminário de Olinda, com a presença de todas as pastorais

e os 20 bispos da Regional. "Por isso, não vejo nenhuma atmosfera de confronto", salientou.

Os religiosos que se encontravam ontem na Ação Católica Operária e no Instituto de Teologia do Recife, afirmaram todavia que a carta de que tratou dom Luciano Duarte no artigo em defesa a dom José, mesmo que tenha sido lida durante a reunião, foi enviada por 75 padres da Conferência dos religiosos do Brasil, e enviada diretamente à presidência do Regional. E a mesma, provavelmente, faz parte de uma série de documentos enviados a dom José que foram repassados ao bispo de Aracaju, e este aos pouquinhos vem comentando-os em seus artigos. Mesmo assim, a notícia de crise na Igreja assustou diversos setores do Regional, que também trataram de negá-la.

### COMISSÃO

Dom José Cardoso, que viaja na próxima terça-feira a

## nega crise na Igreja

São Paulo, onde participará da cerimônia de sagração dos novos bispos auxiliares, João Evangelista Martins e Hilário Moser aproveitou para esclarecer sua posição em relação à Comissão de Justiça e Paz. Com a proibição aos padres de se envolverem politicamente, a cientista social Alexandrina Sobreira alertou recentemente para o perigo que corria a instituição criada por dom Hélder "para ser o braço político da Igreja".

Dom José acrescentou que desde sua chegada ao Recife como arcebispo, deu total apoio às atividades da Comissão quanto à defesa dos direitos humanos e assessoria jurídica às comunidades carentes. Mas ressaltou que a suspensão dada ao padre de Camarajibe, Luiz Carlos Marques, por ter se envolvido politicamente, trata-se de um outro assunto. "Se um sacerdote assume determinado partido, ele divide

o rebanho. E preciso maturidade para entender que os fiéis têm liberdade de opções e por isso, precisa evitar o envolvimento político-partidário", disse. Quanto ao padre Luiz Carlos, o arcebispo salientou que casos de suspensão, como o dele, encerram-se com arrependimento ou retratação da pessoa punida, lembrando que não se trata de nada pessoal, e sim de norma estabelecida pela legislação eclesiástica.

Outro ponto polêmico, refere-se à missa que antes era celebrada aos domingos pela Rede Globo. Apesar de afirmações de que dom José havia vetado alegando conotações políticas sobre a crise acontecida anteriormente no regional, o arcebispo reafirmou que o motivo da celebração vir agora retransmitida do Rio ocorre por problemas técnicos da Rede Globo, por conta do período eleitoral.

CED

FOLHA DE S. PAULO

20/12/82

## D. Eugênio traz imagem de Fátima para revalorizar a devoção católica

Da Sucursal do Rio

A Arquidiocese do Rio pretende reunir hoje, no estádio do Maracanã, cerca de 150 mil católicos para as comemorações do Ano Mariano, do cinquentenário da organização da Confederação Nacional das Congregações Marianas e dos 70 anos das aparições de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal. É a mais espetacular iniciativa do cardeal-arcebispo do Rio, d. Eugênio Sales, no terreno onde a Igreja Católica mais vem perdendo forças, o da devoção popular. Há quinze dias todas as emissoras de TV e jornais cariocas veiculam um anúncio da Arquidiocese — "Vá ter a sua visão", referência às aparições de Fátima — com a programação, que começará às 13h e terminará às 18h.

A programação prevê dois shows: Roberto Carlos canta suas músicas de inspiração religiosa (como "Jesus Cristo" e "Ele está para chegar") e, em seguida, 950 atores, bailarinas e figurantes farão uma representação do nascimento de Cristo, o auto de Natal. Cecil Thiré será São José, Angela Vieira, Nossa Senhora, e Stepan Necessian o chefe dos pastores. Mas a grande estrela da festa é uma pequena imagem de 1,10 m, 11 quilos — a réplica da estátua de Nossa Senhora de Fátima trazida de Portugal, nesta sexta-feira, pessoalmente, por d. Eugênio Sales. Do Rio, a imagem percorrerá, durante dois meses, outras 40 cidades de dez Estados (mais o Distrito Federal) onde vivem mais de 26 milhões de pessoas.

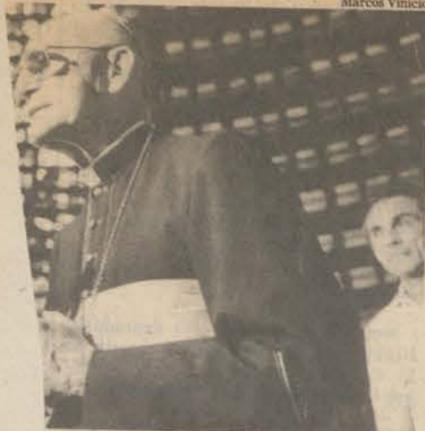
Pioneiro, na década de 60, quando era bispo de Natal (RN), em uma série de medidas pastorais que mais tarde foram consideradas "progressistas" — e hoje identificado como a principal liderança do segmento "conservador" da Igreja na América Latina —, d. Eugênio, o organizador da peregrinação da imagem de



O cardeal d. Eugênio Sales, que promo-

Fátima pelo país, demonstra mais uma vez sua disposição de associar a Igreja às práticas devocionais — como procissões, rezas, atos religiosos públicos. O cardeal faz parte da hierarquia eclesiástica que co-responsabiliza o clero "progressista" (identificado com a Teologia da Libertação), que prioriza a ação social e política em detrimento da religiosa, pela diminuição do fervor católico e pelo crescimento das seitas e religiões que tocam através do místico, da fé e do sobrenatural.

O programa no Maracanã e a peregrinação da imagem pelo país são partes, portanto, de uma mesma estratégia de revalorização do sagrado dentro da Igreja e de reanimação do culto de Maria: às 13h15, a Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros executa o hino "Queremos Deus, com Maria, Mãe do Redentor"; às 13h45, os católicos saúdam o padroeiro do Rio, São Sebastião; às 14h, 50 atores de um grupo de teatro de uma paróquia de Copacabana (zona sul) e 1.425 crianças alunas das aulas dominicais de catecismo pu-



veiu a vinda da imagem de N.S. de Fátima

xam a recitação do terço (a terça parte do rosário, ou seja, cinco dezenas de ave-marias e cinco padre-nossos); às 15h entram as imagens do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora de Fátima e as bandeiras dos Congregados Marianos; em seguida, Roberto Carlos canta; depois vem o auto de Natal e, por fim, a missa solene, a leitura de mensagem do papa João Paulo 2º e a cerimônia de despedida à imagem.

Do Rio, a imagem de Fátima viajará por outras quarenta cidades, começando por Brasília e terminando por Florianópolis (SC). O roteiro, organizado pela Arquidiocese do Rio a partir de pedidos feitos por bispos e cardeais e em entendimento com a diocese de Leiria (130 km ao norte de Lisboa, onde se localiza a Cova da Iria, local das aparições de Nossa Senhora para três pastores em maio de 1917), inclui desde grandes capitais, como São Paulo, Rio e Brasília, até pequenas cidades do interior, como Campanha e Cambuquira, no sul de Minas. Cada diocese organizará as festas de celebração em homenagem à visita da imagem.

No Rio, a organização e a divulgação da festa podem ser comparadas às das grandes produções do "show business". As chamadas nas cinco estações de TV (Globo, Manchete, Educativa, Bandeirantes e TV S) começaram há quinze dias. Só a Globo veiculou ao longo deste tempo pelo menos quatro chamadas por dia. Todas as emissoras de rádio AM e FM estão anunciando o ato desde o dia 11. Os jornais cariocas, há quinze dias. Todo este espaço foi cedido gratuitamente.

A Editora Paulinas, católica, e o "Jornal dos Sports" imprimiram, também gratuitamente, 450 mil panfletos que foram distribuídos nas 226 paróquias. O cartaz de propaganda foi criado pela agência Norton (que produziu, também sem custos, os "spots" de rádio) e impresso em tiragem de 20 mil pelo "Jornal do Brasil". Outras empresas cariocas e a comunidade portuguesa também se cotizaram para outras despesas como bandeirinhas e roupas. A Prefeitura do Rio participa através da Rioarte, que financia a realização do Auto de Natal.

Tantos recursos só são possíveis graças à força de d. Eugênio no Rio e sua importância na Igreja brasileira. Ele pode ser considerado um dos precursores da utilização dos meios de comunicação na evangelização pelos projetos que desenvolveu em Natal até 1964 — antes, portanto, do fim do Concílio Vaticano 2º. Hoje, no Rio, ele tem dois programas dominicais nas TVs (Globo, às 6h50, e Educativa, às 10h), o artigo semanal "A Voz do pastor" é reproduzido aos sábados por todos os jornais cariocas e por seis emissoras de rádio. A cerimônia no Maracanã será transmitida ao vivo, a partir das 15h, em cadeia nacional (Sistema Nacional de Radiofusão Educativa, do Ministério da Educação), e para o Rio por três emissoras de rádio locais. (Marcelo Beraba)

## D. Lucas: "Trabalho será de paciência e presença"



Arquivo D

Dom Lucas diz que terá trabalho de paciência

BRASILIA — "Será inicialmente um trabalho de paciência e presença, de lucidez e de coragem". Assim resumiu sua próxima tarefa religiosa o recém-eleito arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, esta semana em Roma em entrevista. A certeza de que sua nova missão não será fácil acompanha o religioso, mineiro de São João Del Rey, há 13 anos em Roma, desde o momento em que foi formado de sua escolha para arcebispo Primaz do Brasil. Agitado, sem ser nervoso, dom Lucas resumiu suas primeiras emoções em uma única frase: "Uma separação dolorosa, e ao mesmo tempo uma alegria que não tem preço".

Do ponto de vista humano, segundo dom Lucas Neves, a dor vem pela saída de Roma, onde estava "profundamente inserido, quer na Cúria, com a amizade profunda dos superiores, quer no tecido da cidade, onde aprofundei laços com párocos, famílias, leigos", explica. Sob o mesmo ângulo também nasce a alegria "a alegria de voltar as minhas raízes brasileiras, ao convívio próximo da minha família, isso não tem preço".

O lado pessoal, as emoções bipartidas, cedem lugar rapidamente as implicações religiosas, políticas e sociais da nova tarefa. Dom Lucas Moreira Neves fala

Magros mas não frágeis, como indicam as frases seguintes: "Há uma última palavra, a que predomina: confiança. Na providência divina que me chama, o Espírito Santo, que me guiará, no nosso Senhor do Bonfim, em nossa Senhora da Conceição da Praia, nos grandes auxiliares que vou encontrar lá, no bispo dom Tomás, nos sacerdotes e nos leigos".

— O Brasil lhe assusta, lhe preocupa?

A pergunta é respondida imediatamente, com firmeza. "Sei que o Brasil caminhou muito, como Nação e como Igreja, não sou ingênuo de pensar que tudo parou. Mas não me sinto estrangeiro", afirma o novo primaz do Brasil, que nesses

13 anos manteve-se informado dos acontecimentos brasileiros através de viagens anuais, de férias, recebendo visitas de religiosos, em Roma, e com o noticiário, nem sempre farto, sobre as coisas da terra.

Ele sabe, por exemplo, que o Brasil "vive uma realidade difícil, no econômico e no social", mas pensa que, na base, existe uma crise ainda pior, que não é apenas brasileira. "É uma crise moral, de valores, ética também. Esta é grave e agrava as outras", afirma o arcebispo, que quer fazer de sua nova tarefa "um trabalho de bispo, ministro religioso, educador da fé, pastor. Levo um juízo sobre as coisas, mas volto desejoso de ver, julgar e agir, como nos tempos da ação católica".

Nesse quadro, ele não evita conversar sobre a Igreja brasileira apresentando ao público nacional como dividida entre conservadores e progressistas. "Sou também homem de imprensa e penso que os meios de comunicação poderiam prestar um grande serviço, à sociedade e à Igreja, se não insistissem nessa imagem. São etiquetas que não convêm e não funcionam. Toda etiqueta é morta, toda catalogação e unânime. Tenho certeza de que nossos bispos não se reconhecem nessa etiquetas", afirma dom Lucas.

Ele discorre sobre o tema, destaca o papel dos bispos: "Ele deve ser conservador dos valores inalienáveis da Igreja, que não devem ser sacrificados. Se o foram devem ser recuperados". Ao mesmo tempo, o bispo deve ser também progressista. Capaz, segundo dom Lucas, de "entender as novas linguagens do povo, seu sofrimento e ajudá-lo em momentos de sua história". E arremata: "A moderação não pode ser aquela de alguém que não diz nada, que não caminha".

Em meio a uma chuva de telefonemas, que lhe obriga a exercitar os vários idiomas que conhece e fala, dom Lucas Neves revela uma alegria especial: o telefonema que recebeu do presidente da República, José Sarney para cumprimentá-lo. O presidente disse que quer assistir à posse de dom Lucas, marcada, inicialmente, para o próximo dia 27 de setembro na capital baiana.



Dom Lucas lamenta crise moral no País

29-12-80 Sr. DdP

## Dom Lucas considera que crise de valor moral é relevante

SALVADOR - "A crise política, econômica e social que o Brasil enfrenta tem sua origem na crise de valores morais, que se manifesta através da dissolução dos costumes, na desesperada corrida ao prazer e no apego aos próprios interesses, antes que a solidariedade". A afirmação é do arcebispo-primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, feita, ontem, nesta Capital, ressaltando que, "infelizmente, essa crise não é privilégio nosso. Ela é mundial".

"É uma das chagas mais putridas da nossa civilização" - continuou o arcebispo, depois de se referir às drogas e à "indústria" da pornografia. Uma das demonstrações mais claras dessa crise, na sua opinião, "é o fato de que enquanto a civilização defende a vida humana contra a tortura e o assassinato, ela mesma fala de aborto e eutanásia, que são outras formas de morte".

"O que há de paradoxo em tudo isso, diz dom Lucas, é que a crise acontece justamente numa época de maior bem-estar e opulência financeira", que ele não situa em segmentos específicos da sociedade, mas define como um fator generalizado. "É o sonho

atual: quem tem, tem, que não tem deseja. Essa opulência é que produz a desordem na escala de valores da sociedade: são as condições materiais, determinando a desordem na escala de valores morais".

"Há uma civilização da morte em curso", reclamou dom Lucas, dizendo-se espantado com a naturalidade com que o mundo moderno fala em aborto, eutanásia e suicídio. Nessa civilização "estigmatizada", ele acha que cabe à Igreja "a proclamação vigorosa e clara dos valores morais e espirituais, e ela procura estar a altura dessa missão".

Ele não acredita que, por estar hoje mais próxima de problemas conjunturais e até materiais, a Igreja se descredencie para o desempenho da sua missão. "Ela também tem uma palavra a dizer ao corpo social, político e cultural" - declarou o arcebispo, acrescentando que a dimensão moral está presente em todas as coisas: "Não se trata de confirmá-la à sacristia ou ao âmbito religioso. Há uma dimensão moral e ética também na política, na economia, na ecologia, na educação, enfim, em todas as coisas".

CEED

IM

Bibliothek  
78 246  
Institut für Brasilienkunde  
METTINGEN

Institut für Brasilienkunde

